

FARIAS BRITO

1939

DE JONATHAS SERRANO

- EVANGELIARIO (poesia) — Ed. esg. 1907.
CORÇÃO (poesia) — Ed. esg. 1913.
CONTRA A CORRENTE (crônicas) — Ed. esg. 1914.
A MONTANHA DO CRISTO (poesia) — 1931.
JULIO MARIA (ensaio) — Menção honrosa da Academia Brasileira — Ed. esg. 1924.
HOMENS E IDEIAS (ensaios) — Ed. Briguiet. 1931.
LUDOVICO (romance) — Menção honrosa da Academia Brasileira — 1932.
DEUS O QUER (discursos e conferências) — 1934.
O CHALE E OUTROS CONTOS — 1938.
ESTA VIDA QUE PASSA (poesia) — 1938.

PARA PUBLICAR

- DO MEU DIARIO.
LETRAS CONTEMPORANEAS.
LETRAS CATOLICAS.
DISCURSOS E CONFERENCIAS.
O CINEMA E A VIDA.
CARTAS A MEU FILHO.

JONATHAS SERRANO

FARIAS BRITO

O HOMEM E A OBRA

(Edição ilustrada)



COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto Alegre

1939

AO CEARÁ

terra de sol

gleba requeimada e fecunda

esplendidamente iluminada pelos clarões do Espírito

Na impossibilidade de fazer uma enumeração completa e exata de quantos nos auxiliaram generosamente na elaboração d'êste volume, e querendo fugir à injustiça de alguma omissão — embora involuntária —, aqui exaramos a nossa imperecível gratidão a todos e a cada um: parentes, amigos, colegas, discípulos, contemporâneos, admiradores.

INDICE DOS CAPITULOS

NOTA INICIAL	XIII
PREFACIO	1
I — São Benedito	11
II — Primeiros estudos	23
III — Recife	29
IV — O Promotor	39
V — Os Cantos Modernos	49
VI — A sercia politica	62
VII — Um coração de filósofo	83
VIII — A Finalidade do Mundo	101
LX — A Filosofia Moderna	122
X — Belém	136
XI — Júlio Maria	150
XII — Evolução e Relatividade	162
XIII — A Verdade como regra das ações.....	174
XIV — Um concurso de lógica	184
XV — A base fisica do espirito	201
XVI — O Mundo Interior	213
XVII — Jackson	225

XVIII —	Um panfletto	243
XIX —	Ultimos dias	254
XX —	A imortalidade	270
	Cronologia	278
	Obras de Farias Brito	281
	Anexos	285
	Bibliografia	313

INDICE DAS ILUSTRAÇÕES

I — Farias Brito (fotografia segundo o quadro de Jordão de Oliveira)	4
II — A casa em que nasceu Farias Brito.....	20
III — D. Ana Bastos, primeira esposa de Farias Brito	84
IV — A segunda esposa de Farias Brito, D. Ananélia Alves	100
V — Farias Brito e sua segunda esposa.....	116
VI — Farias Brito no Pará em 1905.....	148
VII — Júlio Maria	164
VIII — Faculdade de Direito do Pará (colação de grau)	180
IX — Casa em que residia Farias Brito quando fez o concurso de Lógica em 1909.....	196
X — Jackson de Figueiredo	228
XI — Raymundo de Farias Brito (no Rio, após o concurso)	244
XII-XIII — O túmulo de Farias Brito (antes e depois de emendada a data de 1864) . . .	260
XIV — Grupo tirado na matriz de São Cristóvão . . .	276
XV — Grupo tirado junto ao túmulo de Farias Brito.	276

PREFACIO

“Se a popularidade fôsse a medida exata do valor dos indivíduos, muito mal colocados haveriam de ficar alguns dos mais dignos representantes da espécie humana. E de modo particular os filósofos. A certos privilegiados do favor público e que se exibem no palco, ou mais freqüentemente hoje, na tela sonora, ou mesmo a profissionais de exercicios violentos, a Fama os corôa e lhes espalha o nome aclamado aos quatro ângulos do mundo. Quem os não conhece? E’ só abrir gazetas ou revistas: lá estão em retratos, anedotas, minúcias de traços pessoais, quiçá de excentricidades ou absurdos. E se lhes disputam, como relíquias, fotografias e autógrafos.

Filósofos... Quem os conhece e admira, fóra de um reduzido círculo de eruditos ou diletantes, se não fôr excepcionalmente, por motivo quasi sempre fútil, passageiro, mero capricho da inconstante Moda?

Filósofos... O próprio sentido pejorativo que o vocábulo veio a ter no falar colloquial deixa entre-

ver o que se pensa do valor prático e da significação real das doutrinas filosóficas.

Filósofos... Num mundo de movimento febricitante, de crescente dinamismo, de silvos e de rangidos, de guinchos e de explosões, de treinos e de testes, de campeonatos e de *records* — que logar e que tempo ainda podem porventura sobrar para a meditação e para o exame dos graves problemas metafísicos?

É, apesar de tudo, e por mais paradoxal que se afigure, o nome de um estudioso desses problemas o que ora aqui nos congrega, nesta hora de elevação espiritual (*). O nome daquele que é considerado por excelência o *filósofo brasileiro*.

Antes de recordar convosco a sua vida de homem de pensamento, não posso deixar de redizer, qual homenagem inicial, estas palavras suas, escritas em 1909, já agora confirmadas em relação ao seu próprio caso, palavras que dão logo a feição mais característica do seu alto e nobre espírito:

“Não há injúria, por mais violenta e brutal, que possa matar o que está destinado a viver, nas mesmas condições que não há elogio que possa dar vida ao que está morto, ou sequer dar aparência de mérito ao que é nulo. Pode, é certo, a mentira

(*) Conferência realizada pelo autor deste volume a 23 de Novembro de 1937, no salão do Instituto de Música do Rio de Janeiro, na Série dos Grandes Mortos, promovida pelo Ministério da Educação.

muitas vezes vencer e acontece, não raro, que o erro domina como verdade. Mas esse domínio é sempre transitório porque as vitórias do erro, como as conquistas realizadas pelas manobras do crime, são sempre acidentais e efêmeras, e é sempre à verdade que cabe, depois de tudo, a vitória definitiva”.

Aí temos, no seu traço mais típico, o retrato moral desse homem que vamos acompanhar, na sua trajetória humana, de berço a túmulo. O egrégio pensador, glória das mais legítimas da nossa cultura, viveu, lutou, sofreu, por vezes amargamente, na aspereza da penúria, no isolamento e na incompreensão, mas sempre qual indefectível, abnegado e impávido paladino da Verdade, onde quer que a julgasse vislumbrar, fôsse ela qual fôsse, mas desde que como tal se lhe antolhasse. Essa atitude intelectual de Farias Brito, tão rara, merece toda a nossa comovida admiração e o nosso aplauso entusiástico, embora tenhamos que divergir em pontos fundamentais da sua doutrina filosófica.

No último dos seus volumes publicados, aquele que nos dá o seu pensamento já em plena maturidade, encontramos ainda, nas primeiras como nas derradeiras páginas, a mesma constante profissão de fé na Verdade. A par da profundidade da análise filosófica, a emoção do genuíno homem de caráter, do poeta — digâmo-lo assim — na mais alta, mais nobre e mais bela das acepções do vocábulo.

O mestre que deu a um dos seus livros por título A VERDADE COMO REGRA DAS AÇÕES — apesar de todos os revêses, de todas as desilusões, de todas as injustiças — nunca, um só instante, sentiu o frio da indiferença ou o desejo covarde de evadir-se do batalhão sagrado, na pugna incruenta pela defesa dos direitos do Espírito.

“A Verdade é o nosso dever supremo. Sejamos sempre verdadeiros: eis o princípio de toda lei e a condição de toda a nossa moralidade. Mas para que sejamos verdadeiros, devemos reconhecer em todos os que se apresentam como órgãos de uma consciência o mesmo ser, o mesmo princípio que nos anima, a mesma essência eterna, e respeitar nêles o que queremos seja respeitado em nós. Isto quer dizer: devemos ser solidários uns com os outros e solidários no todo”.

No princípio dêste mesmo volume do *Mundo Interior*, Farias Brito sublinha que “a Verdade não pode ser triste nem má”. E na carta escrita a Jackson de Figueiredo em 30 de Setembro de 1915 e publicada a 12 de Novembro do mesmo ano pelas colunas do *Paiz*, classificando-se a si próprio, numa ironia amarga, de *visionário*, de *cavalheiro andante das idéias*, — e lembrando que não pretendêra, com a sua obra, o aplauso dos grandes e dos poderosos, mas antes a dedicára à multidão anônima e em particular aos que sofrem (e daí o seu maior esforço em escrever com clareza, em linguagem sim-

ples, acessível a todos) — Farias Brito repete o seu amor à Verdade e a sua confiança indestrutível: "Penso que à Verdade está necessariamente destinada a Vitória".

E' à luz dessa fé sincera e robusta no valor do Espírito, é ao calor dêsse afeto superiormente humano que evocaremos a vida e a obra de Raimundo de Farias Brito". (*)

A idéia de escrever sobre a vida e a obra de Farias Brito nasceu em nossa mente há muito, desde que estudamos a personalidade de Júlio Maria, em livro hoje esgotado e que Jackson nos pedira para a sua coleção Eduardo Prado, do Centro D. Vital. Nem pareça que entre o pensador da *Finalidade do Mundo* e o eloqüente apóstolo redentorista nada houvesse de comum. Em 1902, quando Júlio Maria realizava em Belém do Pará as suas conferências apologético-sociais de tamanha repercussão nos meios cultos do país, foi precisamente Farias Brito, chegado havia pouco do Ceará, e sem nenhuma convicção religiosa dogmática (êle próprio o declarou então) quem saiu a campo em defesa do sacerdote católico violentamente atacado por Gomes de Castro, positivista.

Vinhamos, de há muito, lendo e anotando a obra do egrégio pensador. Sem nenhum preconceito, aliás, de exaltação ou ataque sistemático. E é fácil verificá-lo, pela maneira com que distingui-

(*) Conf. cit.

mos, no capítulo III do precitado ensaio sôbre Júlio Maria, em que sentido se poderia ou não considerar *Farias Brito um filósofo*.

Desde logo verificámos haver dúvidas e contradições quanto a certas datas e outras minúcias da vida do eminente defensor da causa espiritualista. E nos melhores autores que dêle se teem occupado.

Resolvemos pesquisar as causas de tais divergências e incertezas.

Estamos infelizmente em uma época em que se procura romancear a história para torná-la menos árida ao leitor comum, apressado e superficial. Grande êrro e grave prejuízo para a verdadeira cultura. Não contestamos que seja bom negócio, às vezes, de editores. E até de autores pouco escrupulosos ou sem formação técnica ou erudita. O leitor come gato por lebre e gosta. E pede mais... O cinema ainda agrava o mal e nos dá as fantasias pseudo-históricas, a Cecil De Mille. Pobre Clio, desamparada e fóra da moda!

A verdade é que Gaston Boissier não precisou de falsear a história para escrever livros admiráveis e sedutores, como *Cicéron et ses amis*. Nem tampouco o inimitável Lenôtre. Dir-se-á que são poucos. *Et pour cause...*

Se o nosso propósito tivesse sido apenas tratar das idéias filosóficas de Farias Brito, teria sido possível fazer um livro sem sair do Rio de Janeiro. Era até mais cômodo ficar em nosso gabinete, cer-

cado de volumes, revistas e jornais. O que porém pretendíamos supunha, exigia outros meios. Desejávamos traçar, esboçar ao menos, uma biografia completa e *honest*a (sublinhamos o qualificativo) do homem que viveu as suas idéias e fez da Verdade a regra das suas ações. Dai a necessidade imperiosa de ir aos logares em que êle exercêra a sua atividade, desde o Ceará, onde nasceu, até o Pará, onde compôs alguns dos volumes porventura mais representativos da sua vasta obra de pensador independente.

Partimos portanto, dispostos a *ver e ouvir*. E tivemos de certo modo o prêmio dêste esforço. A beleza da longínqua Ibiapaba não mais se apagará da nossa lembrança. Estivemos na casa em que nasceu Farias Brito, no próprio quarto em que êle abriu os olhos à luz, àquela Luz que tem especial relêvo nas suas páginas de filósofo-poeta. Entramos na igreja em que foi batizado. Conversamos parentes e amigos que lá o conheceram. Recolhemos depoimentos pessoais preciosos, e que já daqui a pouco não se lograria mais obter. A vida humana é tão breve! A memória dos contemporâneos tão precária! Cartas que se rasgam, papeis que se atiram, sem pensar, ao fogo devorador. Farias Brito morreu apenas há vinte e dois anos e já se realizaram várias destas hipóteses. Nós mesmos o soubemos, no Ceará e alhures. Ainda não se compreende bem no Brasil o valor do manuscrito.

Graças a Deus alguma coisa foi possível salvar e trazer. Os pontos controvertidos foram definitivamente apurados, como se verá adiante. Mas independentemente dos resultados da pesquisa, teria valido a pena ir ao Norte do país, ao Ceará, ao Pará e a todos os pontos por onde andou o filósofo do *Mundo Interior*. Já o temos repetido e ainda uma vez o rediremos: “Todo brasileiro de certa responsabilidade deveria conhecer o Norte e o Sul, o litoral e o *Hinterland*. Compreender para melhor estimar. Nada equivale à visão direta. O conhecimento exato requer observação. São freqüentes os erros de apreciação *a priori* e à distância. O próprio Estado Novo deve facilitar as excursões culturais. Reclamam-nas interesses de toda ordem: econômicos, morais e superiormente políticos — no sentido mais nobre do vocábulo. A coesão nacional perfaz-se pela melhor compreensão e conhecimento recíproco”.

A vida de Farias Brito... Ele mesmo a julgava sem a mínima vaidade. “Devo observar que minha vida é extremamente simples. Nada tenho de notável. Sou verdadeiramente o que se pode chamar um homem sem história, porque nunca se passaram comigo coisas extraordinárias. Nunca ocupei posição saliente. Nunca exerci nem pretendi exercer influência ou domínio sobre quem quer que

seja. Nunca alcancei em coisa alguma vitórias ruidosas". (*)

Humilde Farias Brito! Nem por isso deixou de ter discípulos, amigos fieis e, cada vez mais, admiradores sinceros. Bom, no sentido mais exato do termo, humilde como se fôra um cristão, — êle que não chegou a optar decisivamente entre budismo e cristianismo — indiferente à popularidade, Farias Brito constitue, na galeria dos nossos Grandes Mortos, certamente e sem a mínima hipérbole, uma das figuras de maior beleza moral. Dêle se pode afirmar que viveu as suas idéias. A harmonia entre o pensador e o homem é impressionante. Sabemos que infelizmente nem sempre foi, nem é assim, mesmo entre filósofos.

Não o quis em seu grêmio a Academia. Nem temos o direito de lhe perguntar, nem tem ela a obrigação de nos dizer quais as razões das suas preferências, por vezes inesperadas. Mas podemos todos reconhecer, sem azedume, que pode haver, e realmente há, vários caminhos para a Imortalidade, sem escalas obrigatórias.

J. S.

(*) *O momento mais feliz da minha vida* — manuscrito publicado póstumo n'A ORDEM, ano XI, n. 14, Abril de 1931, pag. 198-200. Citamos pelo próprio original autó-grafo, que devemos à gentileza da Família.

I

SÃO BENEDITO

Em S. Benedito, obscuro povoado da serra de Ibiapaba, aos 24 de Julho de 1862 (1), abriu os olhos à luz aquele que deveria ser, por excelência, mais tarde, no Brasil, o seu filósofo e o seu poeta. Poeta e filósofo enamorado da Luz, nascido na Terra de Sol, no esplên-

(1) A DATA DO NASCIMENTO DE FARIAS BRITO:

Jackson de Figueiredo, no seu opúsculo *Algumas Reflexões sobre a Filosofia de Farias Brito*, logo nas primeiras linhas dá breve noticia biográfica do illustre pensador. Textualmente: "Raimundo Farias Brito nasceu a 24 de Julho de 1864 em São Benedito, vila obscura do Ceará, na serra de Ibiapaba". Há, nestas tres linhas, dois enganos. Releva porém observar que Jackson reproduziu erros de Rocha Pombo. O trecho citado pertence de fato a uma pequena biografia da autoria daquele historiografo. Curioso todavia que não tivesse havido quem reparasse em tais enganos, um dos quais até hoje se repete como coisa liquida e certa em quasi todos que se occupam da vida de Farias Brito.

O primeiro desses enganos consistiu em omitir no nome do filósofo a particula *de*, que elle sempre usou ao assinar por extenso qualquer trabalho. O outro engano provoca maior surpresa. Rocha Pombo, além de historiografo, habi-

dor ardente e ofuscante de uma natureza tropical, não surpreende que Farias Brito, desde

tuado portanto a lidar com datas e a discutí-las e verificá-las a exatidão, foi amigo de Farias Brito e dos que o animaram com os seus aplausos. Em carta a Jackson, de Setembro de 1915, o próprio Farias cita Rocha Pombo em primeiro lugar entre aqueles que compreenderam e estimularam a sua obra. E mais é de extranhar ainda o caso de Jackson, ligado a Farias Brito por laços de estreita afeição e até de afinidade (a esposa de Jackson sendo, como se sabe, irmã da segunda esposa do filósofo). Ora tanto Rocha Pombo quanto Jackson dão 1864 para data do nascimento de Farias Brito. Assim o tem repetido artigos e compêndios, assim o diz a *Enciclopédia e Dicionário internacional*, ed. W. M. Jackson, assim o regista Leonel Franca na sua excelente *História da Filosofia*. (Já não se compreende porque é que Barbedette na sua *Histoire de la Philosophie*, 7^e éd., Paris, pag. 537, aumenta dois anos na data da morte de Farias e a cita como sendo 1919, apoiado em Leonel Franca, que dá certo 1917...).

A revista *Brazileia*, em seu número de Agosto de 1917, dando os traços biográficos de Farias Brito, escritos por êle mesmo a pedido de Jackson, leva a confusão do leitor ao auge, com este trecho, em que o eminente pensador parece falar em pessoa: "Nasci em São Benedito, cidade na serra de Ibiapaba, no Ceará, a 30 de Julho de 1864".

Além do erro já apontado quanto ao ano, outro ainda mais incompreensível relativo ao dia: 30 em vez de 24.

Por sua vez a *Revista da Academia Cearense*, de que Farias Brito era sócio efetivo e orador oficial, no tomo XI, de 1906, pag. 181, ao publicar a biografia do seu ilustre membro fundador, em verbete do *Pequeno Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, pelo Barão de Studart, dá o ano de 1863 como o do nascimento de Farias Brito. Este mesmo ano de 1863 é citado por Sílvio Júlio, no seu volume *Terra e Povo do Ceará* (pag. 103) e por Veiga Cabral na sua conhecida *Corografia* ao tratar de cearenses ilustres.

Consultamos, à vista dessas contradições, o arquivo do Colégio Pedro II. Que data teria indicado o próprio Farias Brito ao se inscrever em 1909 para o concurso de Lógica?...

o seu primeiro volume da *Finalidade do Mundo* (1894-1895), glorifique a Luz — “a mais alta,

Nova surpresa: nos documentos que examinámos aparecia terceira data: 1862. Fácil de compreender agora o nosso empenho em deslindar o caso.

Graças às informações gentilmente prestadas pela distinta filha mais velha do grande brasileiro, pudemos desde logo fixar o dia do seu aniversário: 24 e não 30 de Julho. O artigo da *Brazileia* estava portanto errado. Restava a questão de ano: 1862, 1863 ou 1864? A carta de Bacharel, que Farias Brito só fez tirar em 1894 (êle se formára em 1884 na Faculdade de Direito do Recife) dá como data do nascimento 24 de Julho de 1864; mas também é possível ler 1862, porque o algarismo final está meio apagado e mal traçado, podendo ser interpretado como um 2 e não um 4.

Resolvemos portanto tirar a prova decisiva: ir ao Ceará consultar o próprio termo do livro de assentamento dos batizados dos anos de 1862, 1863 e 1864 em São Benedito. Nêsse ínterim, ainda graças à boa vontade da Exma. Srna. D. Filomena de Farias Brito Pontes de Miranda, recebemos uma certidão tirada em Sobral e por ela já se podia concluir que a data certa era mesmo a que o filósofo indicára por ocasião do mencionado concurso de Lógica: 1862. Tínhamos entretanto deliberado ir ao Norte e partimos em Janeiro de 1938. A 10 de Fevereiro, em Sobral, conseguimos ler, no livro de assentamentos de batismos de 1861 a 1869, existente no arquivo da Câmara Eclesiástica, o texto decisivo. Por êle se estabelece, sem mais possibilidade de controvérsia, que Raimundo de Farias Brito nasceu em São Benedito a 24 de Julho de 1862 (mil oitocentos e sessenta e dois), conforme declarára ao se inscrever em concurso no Colégio Pedro II.

Para que melhor se avalie quanto era hesitante e contraditória a opinião até de parentes do ilustre filho do Ceará, basta dizer que, por ocasião da nossa passagem por Fortaleza, foi concedida uma entrevista à *Razão* (número de 14 de Fevereiro de 1938), na qual o entrevistado, parente de Farias Brito, ainda atribuía a data de 1863 ao nascimento do autor da *Finalidade do Mundo* e, o que é mais surpreendente, dava-lhe por berço Viçosa e não São Benedito. Tive-

a mais bela, a mais divina de todas as realidades". E que a divinize, em verdadeiro culto

mos ensejo de mostrar ao entrevistado o seu engano, exibindo-lhe a certidão de batismo de Farias Brito, que já tínhamos em nosso poder.

SECRETARIA DO BISPADO
SOBRAL

CERTIDÃO

Certifico, a requerimento de Thomaz de Paula / Vianna, que ás fls. 64 do Livro de assentos de / Baptismos de Viçosa, de 1869, está lançado / o seguinte termo: "Aos tres de 10bro. de 1862, na / Capella de S. Benedito, filial a esta Matriz de / N. S. d'Assumpção de Va. Vça. o Rdo. Coadjutor / João Chrisostomo baptizou e deu os Santos Oleos / a Raim. do, brneo, nascido a 24 de Julho deste / anno, filho leg.imo de Marcolino José de Britto e / de Eugenia Alves Ferr.^a, padr.^o seus avós maternos Joaquim Pedro da Cruz e sua m.r Izabel / Rodrigues de Farias, desta freg.a. Para constar / mandou fazer este lançam.to que assigna. O Vigr. / J. Bevilaqua" Era o que se continha em dito / assento que bem e fielmente, *verbo ad verbum*, / transcrevi do referido livro a que me reporto. / Dou fé. Sobral, 2 de Dezembro de 1937. Antonio Ferreira Porto, Escrivão da Camara Ecclesiastica.

(Com a importancia das custas — 37\$500 — exarada em baixo da folha, com a rubrica do escrivão. Com o carimbo da Secretaria do Bispado de Sobral, Ceará).

Eis o termo do casamento dos pais de Farias Brito, o qual devemos à gentileza do Exmo. Snr. Bispo de Sobral, D. José Tupinambá da Frota:

Aos 27 de 8bro de mil oitocentos sessenta e um, na Capella de São Benedito filial desta Matriz de N. S. d'Assumpção de Va. Vça. o Rdo. Coadjutor João Crisostomo d'Oliv.ra Fre. depois de feitas todas as dilig.as do Estylo, e de licença do Rdo. Vigr.ro administrou o Sacram.to do matrimonio aos contrahentes Marcolino José de Brito, f.o leg.mo

de adoração: "Eu digo: Deus é o que há de mais claro e visível na natureza: Deus é a luz" (2). E vinte anos mais tarde, no último dos seus livros publicados, (3) quasi ao findar o derradeiro capítulo: "Deus é a luz. Mas a luz e toda a luz, a luz externa e a luz interior, identificada numa só e mesma unidade, envolvendo todo o ser e toda a realidade". (4)

Nestor Victor sublinha a circunstância de haver Farias Brito nascido no Ceará, que "pela fatalidade das suas condições meteorológicas e geológicas (. . . .) pode ser considerado como a nossa Judéia, quero dizer como terra eleita entre todas as nossas terras para simbolizar o padecimento, para personificar o martírio". (5) E observa que "é curioso

de Fidelis José Brito e de Silvana Theodora da S.a, ambos fallecidos, com Eugenia Alves Ferr.a, f.a leg.ma de Joaquim Pedro da Cruz e de Isabel Rodrigues de Farias: o nub.e é nat.al da freg.a de Sobral, e a nub. é nat.al da freg.a da Serra dos Cocos, e ambos moradores nesta, de V. Viçosa; e lhes dou as bençãos pelo Rit. Rom.per.te as test.as Cap.m Paulo Marques d'Assumpção, e o Cap.m Ant.o Joaq.m da S.a Carapeta, casados e desta freg.a; p.a constar mandej fazer este lançam.to que assigno. O Vig.ro J. Bevilacqua." (Liv. de Viçosa, 1850-1864, fl. 171.)

(2) *Finalidade do Mundo*, I vol. pag. 324 (Fortaleza, Tip. Universal, 1894).

(3) *O Mundo Interior*, Rio de Janeiro, Tip. da Revista dos Tribunais, 1914.

(4) Op. cit., pag. 462.

(5) Nestor Victor, *Farias Brito*, pag. 45. (1917, Revista dos Tribunais, Rio de Janeiro).

ver-se como são dois cearenses que acabaram a expressão suprema da nossa doçura". Lembra, ao lado do de Farias Brito, o exemplo de Alencar. (6)

Dentro do que se pode chamar (mas sem a imprecisão das frases feitas e repetidas a cada momento) "a realidade brasileira", o Nordestino, e de modo especial o Cearense constitue um exemplar de traços bem marcados e inconfundíveis. Protótipo de tenacidade, "...na dor mais acerba, o flagelado nú, sedento e faminto, não desespera nem desanima, e suas palavras espantam, pois se retorcem em conformações dignas de um santo". Quem o escreveu assistiu à sêca de 1919. E não oculta o seu entusiasmo pelos rijos e provados sertanejos que "pobres e feridos, não blasfe-

(6) Eis o trecho na íntegra: "E' curioso ver-se como são dois cearenses que acham a expressão suprema da nossa doçura. Um é José de Alencar na criação dos seus tipos verdadeiramente populares, — Ceci, Peri, mais Iracema; na escolha do seu vocabulário, que sabe a frutas resinosas, mas doces como favos, da zona equatorial; no emprêgo das suas imagens, que lembram os nossos altos céus luminosos e a perspectiva das nossas distâncias, cujo fundo são as serras azues; na música da sua frase, que recorda a sonoridade das nossas florestas, a suavidade do cicio das nossas brisas. O outro, ao lado de Alencar, é Farias Brito, antes de tudo pelo exemplo da sua vida, vida sem pose, sem atitudes, inteiramente comum pelo seu lado exterior, mas até quasi incrível nos seus sacrifícios obscuros, inspirados pelo amor, pela compaixão, pela tolerância, pela modestia, pela humildade". (*Op. cit.*, pag. 45-46).

mam e acham que cumprem um alto e enigmático desígnio de Deus". (7)

Quem percorre as zonas do interior cearense não logra reprimir o seu pasmo ante o espetáculo daquelas vastas extensões iluminadas e ressecadas por um sol implacável. Aqui e ali, por entre os carnaubais intrépidos, de bastes agressivas, e a vegetação sequiosa e bracejante na angústia de ramos esfolhados, o joazeiro se ergue em copas repletas, de um verde robusto e carregado, a desafiar o sol, tanto mais resistente quanto mais árida a gleba estorricada, — símbolo magnífico do homem que não se dobra à inelencência do seu destino.

E a terra requeimada e martir desabrocha, feraz e opulenta, para a messe do Espírito; Aleucar, Araripe Junior, Capistrano, Franklin Távora, José Albano, Juvenal Galeno, dentre os maiores e que já tiveram a sagração da morte.

Dêles, e dentre os maiores dêles, o humilde filho da humilíssima São Benedito, a criança nascida naquele 24 de Julho de 1862, Raimundo, herdeiro legítimo da pobreza honrada de Marcolino José de Brito e de Eugênia Alves Ferreira, batizado aos 3 de Outubro do mesmo ano, na capela da povoação, consagrada ao padroei-

(7) Silvio Julio, *Terra e Povo do Ceará*, pag. 12. (1935, Ed. R. Carvalho e Comp., Rio de Janeiro).

ro da localidade e filial da matriz de Nossa Senhora de Vila Viçosa.

Tenho aqui diante dos olhos, ao escrever estas linhas, a fotografia do modesto prédio de rez do chão, de fachada rente à rua, com uma tôsea porta entre janelas de venezianas das mais simples. Tenho mais viva ainda, na tela da memória, a imagem da casa feliz, no seu estado atual, como a vi ao chegar, após dias de viagem fatigante, varando sertão e serra, para a emoção inefável de pisar o solo da Ibiapaba. Quem poderia haver previsto, naqueles dias de 1862, de pobreza honesta mas penosa, que a casinhola distante e obscura chamaria mais tarde a atenção dos filhos de metrópoles febricitantes e orgulhosas dos seus arranha-céus?

De Fortaleza a Sobral, a estrada oferece hoje ao viajante a possibilidade de um percurso rápido e fácil, em mais de duzentos quilômetros. Construída pelos flagelados de 1929, sob a direção de técnicos, merece figurar entre as melhores do Nordeste. Muitos dos seus trechos deparam retas tentadoras: uma se estende por quatorze quilômetros: quem, de posse de um bom carro, vence o desejo de experimentar os noventa à hora?

Mas depois de Sobral...

Não obstante o máu estado das estradas, o olhar se delicia com a beleza do cenário: aqui

um açude, mais adiante um extenso carnaubal, lá ao longe os eimos de uma serra, a de Uruburetama talvez, ou a de Meruoca. não ainda porém a cubiçada Ibiapaba.

Víramos já, ao luar, na véspera, o açude da Forquilha. Víamos agora, pela manhã, rumo a Ipú, o de Jaibara. Em Cariré, o espetáculo da feira local: tipos de sertanejos de chapéu de couro ou de palha de abas largas, pele tostada, em muitos ainda visível a herança indígena nos traços físicos. Na inocência paradisíaca de um nudismo integral espontâneo (explicável pelo clima e pela escassez de recursos) vimos a brincar, em sítios das proximidades da grande serra, legítimo curumís, cuja tez faria inveja aos fanáticos das nossas praias de verão e cujos cabelos denunciavam bem a remota ascendência tabajara.

Na feira, os colecionadores de curiosidades brasileiras poderiam comprar algumas das mais características do sertão nordestino. Vendem-se *mocós* — sacos de couro de bezerro; *caronas* ou bolsas de pele de porco; *urús*, sacos de palha de carnaúba, a modo de surrão. Vendem-se chapéus de couro de bode ou de veado. Duram indefinidamente e custam apenas 35\$000. Vendem-se perús e dos mais gordos, a quilo. . .

Chegamos a Ipú ao meio-dia. Penso no que deve ser esta travessia em ônibus, com mau tempo. Penso no que deveria ter sido quando Farias Brito a teve de fazer, na sua infância sem recursos. E recuando ainda mais no passado longínquo, evoco as quasi ineríveis jornadas de Antônio Vieira, as suas caminhadas apostólicas, que o trouxeram do Maranhão pelo sertão cearense até a Ibiapaba, a pregar ao gentio a palavra evangélica. (8)

Nas proximidades de Ipú o caminho torna-se mais difícil e incômodo, mesmo dispondo-se de um bom carro para estradas de interior. (9) Contrastam fortemente os aspectos com o que proporciona a capital cearense, cada vez mais próspera. (10) Aqui o viajante deve saber privar-se do conforto e gozar dos encantos da natureza, sem impaciências inoportunas e aliás inúteis. O dinamismo quasi mórbido dos grandes centros ainda aqui não

(8) Cf. Basílio de Magalhães, *Expansão Geográfica do Brasil Colonial* 2.^a ed. pag. 186-187. (S. Paulo, Comp. Editora Nacional, 1935).

(9) Aqui deixamos exarado o nosso sincero reconhecimento ao Snr. Interventor Dr. Menezes Pimentel e ao Snr. Prefeito de Fortaleza Dr. R. de Alencar Araripe, graças a quem pudemos viajar até a Ibiapaba em excelentes condições de transporte.

(10) O progresso de Fortaleza, de 1930 para cá, é de veras surpreendente. Com a realização das obras do porto, certo ainda mais rápido será o surto da bela capital cearense.

chegou. A vida parece passar em câmara lenta, mais sadia e quiçá mais ditosa. Calma e silêncio, à noite. Rádio e cinema ainda não lograram destruir a paz destas serras e dêstes vales.

Ameaçadora, na sua vertente cearense, de escarpas abruptas, "a estância da terra alta", dominada outrora pelos intrépidos Tabajaras, ergue os seus alcantis majestosos numa extensão de mais de duzentos quilômetros, atingindo na parte setentrional a altitude de 1000 metros. (11)

O clima surpreende o viajante que atravessou a zona de sertão castigada pelo sol. A temperatura agora lembra Petrópolis ou Friburgo. À noite, em Ibiapina, e principalmente pela madrugada, a rêde nos pareceu bastante fresca, senão fria demais...

A zona das Matas apresenta copados cafézais, que às vezes excedem trinta palmos de altura (12), por entre frondosos mulungús, que lhes estendem a rama protetora. E a estrada corre, convidativa e amena, ladeada de altas mangueiras, abacateiros, laranjeiras, ba-

(11) Sobre a serra vale consultar o *Dicionário Histórico e Geográfico da Ibiapaba* de Pedro Ferreira, passim (e especialmente pag. 55-62) Ed. Ramos & Pouchain, Fortaleza, 1935.

(12) *Op. cit.*

bassús. E em profusão, aqui e além, gramíneas, musáceas, cereais. Vendo-a, a sêca se afigura um paradoxo. Mas a zona do Carrasco, ou Macambira, de dias quentes e noites mui frias, só possui vegetação enfezada, quasi exclusivamente arbustiva. No solo arenoso o cacto, de aspeto agressivo, domina sem competidor. É a zona do *xique-xique*. (13)

São Benedito fica em plena Ibiapaba, a mais de 900 metros de altitude, "entre coxins de verdura salpicados lindamente de bastos e alegres arvoredos". (14) Que emoção a da chegada! No canto da praça da Matriz com a rua 15 de Novembro, a habitação que teve a sorte de ser o bêrço de um grande espírito. (15) E o próprio quarto onde Raimundo pela primeira vez chorou, pagando tributo à vida. E a matriz em que foi batizado. E a praça, e a rua, que palmilhou, pequenino e pobre. E o ar puro, que lhe deu alento. E a luz, cuja beleza o enlevou até à morte...

(13) Há mesmo uma localidade com este nome no município de São Benedito (Pedro Ferreira, *op. cit.*, 292). O xique-xique nas épocas de sêca serve de forragem ao gado faminto.

(14) Pedro Ferreira, *op. cit.*, 131.

(15) A casa em que nasceu Farias Brito, rua 15 de Novembro esquina da praça da Matriz (sem número), pertence agora ao advogado Sr. Paulo Banhos, a quem somos gratos pela gentileza com que nos acolheu e facilitou as nossas pesquisas.

II

PRIMEIROS ESTUDOS

Tinha Raimundo apenas tres anos quando a sua familia se passou para o Ipú, onde ficou residindo num sítio a cinco leguas de distancia, chamado Alagoinha. Aí residiam parentes de D. Eugênia. (16)

Em 1870, a convite de um amigo, regressou Marcolino José de Brito a Sobral, onde nascera. (17) Queria trabalhar. Queria principalmente cuidar da educação do filho, que já andava pelos seus oito anos. (18) “Meu pai (escreveu mais tarde o grande cearense) meu pai só tinha um intuito na vida: educar-me” (19). Admirável preocupação, essa, de Marcolino José de Brito, pobre caboclo sobra-

(16) Raimundo Nonato de Brito — *Biographia do Dr. Raimundo de Farias Brito* — Pão de Assucar-Ceará (Maio de 1905) — pag. 3.

(17) *Op. cit.*

(18) *Brazílea*, número de Agosto de 1917, pag. 397.

(19) *Brazílea*, n. *cit.*

lense, que jámais poderia ter imaginado aonde chegaria aquele filho do seu afeto, em quem concentrava todos os seus cuidados.

Em Sobral Mareolino ia tirando poucos recursos de uma pequena quitanda de frutas (20). Em Sobral ainda, fez Raimundo os seus primeiros estudos. Guiou-o neles D. Laureana Bravo, a *Dedé*, como lhe chamavam em casa. Ouvimos *in loco* a evocação dessa primeira mestra de Farias Brito por alguém que a conheceu e nô-la descreveu, de cabeção, almofada nos joelhos, severa e atenta ao bem do discípulo amado, pobre mestra obscura de um luminoso espírito, destinada todavia a participar de um reflexo da glória daquele a quem iniciara nas letras primárias. Não a esqueceu o discípulo amado e agradecido. Em um Diário Íntimo, com meticuloso carinho, registalle a data da morte, ocorrida em Belém do Pará, em 1907. Nem omite — minúcia expressiva — o número da sepultura no cemitério de Santa Isabel (21).

(20) Notas fornecidas pelo Snr. Bispo de Sobral.

(21) Eis o trecho a que aludimos: "A tia Laureana Maria Bravo, a Dedé, faleceu no dia 3 de Março de 1907, em Belém do Pará. Sepultou-se no cemitério de Santa Isabel. Sepultura n. 38372." *Album de Família*, cuja consulta devemos à bondosa solicitude de D. Mena (isto é a Exma. Srna. D. Filomena de Farias Brito Pontes de Miranda, filha mais velha do ilustre filósofo).

Foram também seus mestres em Sobral Emiliano Pessoa e Francisco de Sampaio.

A propósito de Euclides, frisou Venancio Filho o papel relevante e quasi sempre ignorado ou esquecido dos professores abnegados, perdidos na multidão anônima, e que são afinal os obreiros de uma construção lenta e difícil, qual a da educação do Brasil (22). Por sua vez, em conferência realizada em Setembro de 1921, em sessão solene da Sociedade Brasileira de Ciências, no Silogeu, estudou Inácio Amaral a personalidade de Raja Gabaglia, o inesquecível mestre que dirigiu o Pedro II em 1913 e 1914, onde regeu a cátedra de matemática. Ainda que nascido em terra fluminense, Engênio de Barros Raja Gabaglia, aos dez anos, órfão de pai, frequentou em Sobral a escola dirigida por Andrade Pessoa. A influência desse mestre foi grande e sensível, "e foi pelo seu próprio discípulo sempre reconhecida, até os últimos tempos da sua vida, todas as vezes que se entretinha a evocar reminiscências de sua primeira infância e a analisar os fatores da sua formação moral e intele-

(22) Conf. sobre Euclides da Cunha, na série dos Nossos Grandes Mortos, em Nov. 1937.

ctual (23). Andrade Pessoa, para estimular os seus alunos, empregava o recurso de os dividir em duas falanges, que se desafiavam em pugnas literárias e científicas. Gregos e Troianos lutavam sob a direção de chefes de escol. O critério de seleção era só e só o da capacidade. Dois deles deveriam mais tarde encontrar-se aqui no Rio, em prélio mais renhido, em famoso concurso de lógica. Um era Raja Gabaglia; o outro, Farias Brito (24).

A 4 de Dezembro de 1874, prestou Raimundo os seus primeiros exames, sendo aprovado plenamente. Matriculado no Ginásio Sobralense, sob a direção do professor Francisco Pedro de Sampaio, em 1876 alcança dis-

(23) Ignacio Amaral, *conf. cit.*

Emiliano Frederico de Andrade Pessoa nasceu a 27 de Setembro de 1836, na cidade de Sobral e faleceu a 2 de Dezembro de 1910 no Rio de Janeiro. Professor régio em Sobral, por concurso realizado em Fortaleza, cargo em que se jubilou em mil oitocentos e oitenta e tantos, passando a exercer o magistério particular, ensinando humanidades durante toda a vida, em Sobral, em Fortaleza (1893 a 1899) e no Rio de Janeiro. Latinista emérito. Casado com D. Maria Adelaide da Frota Pessoa (1842-1936), que exerceu o magistério primário particular durante 75 anos, tendo falecido no Rio aos 94 anos. Pai de José Getúlio da Frota Pessoa, do Padre Pedro Emiliano da Frota Pessoa (falecido na Baía em 1930) e de mais cinco filhas, quasi todas professoras. Frota Pessoa, a quem agradecemos as notas que bondosamente nos forneceu sobre o seu ilustre progenitor, é nome assaz conhecido na imprensa e nos meios educacionais do Rio e dos Estados.

(24) *Ib.*

tinção em francês, latim e matemática e firma a sua reputação de estudante inteligente e aplicado. No teatrinho Apolo, por mais de uma vez, em papeis de certa dificuldade, logra arrancar aplausos do público de Sobral.

Mas em fins desse mesmo ano, Marcolino José de Brito se vê obrigado a regressar à Alagoinha. Aí os surpreende a terrível sêca de 77. Marcolino perdeu tudo quanto possuía, vendo-se literalmente na miséria (25).

Compellido a emigrar para Fortaleza no ano seguinte, 1878, a sua penosa viagem foi para Raimundo, ainda adolescente, uma rude provação. O futuro crítico de Kant e de Augusto Comte chegou à capital cearense como simples flagelado, vestindo pobres roupas de algodão, calçando alpercatas de couro e puxando um burrico carregado de velhas malas (26).

Em Fortaleza matriculou-se, em Maio de 1879, no Liceu Cearense, como oviinte, por já estarem fechadas as matrículas. Ainda assim, ao findar o ano tirava seis preparatórios e em 1880 concluía com brilho os seus estudos secundários no Liceu (27). Estudava e ensina-

(25) Raymundo Nonato de Brito, *op. cit.*, pag. 4; *Brazileia*, n. cit.; *A Razão*, n. de 14 de Fev. de 1938, pag. 3 (Fortaleza).

(26) *A Razão*, n. cit.

(27) Já era, ao que parece, dotado de palavra fácil e persuasiva, pois em uma festa promovida no gabinete de

va. Recebia das suas aulas de matemática uma remuneração exígua, mas que ajudava um pouco as despesas do seu próprio curso. Os pais trabalhavam, como bons cearenses, e Marcolino, já o sabemos, só visava um objetivo: educar o filho. Quanto a D. Eugênia, veremos em breve o seu heroísmo de mãe.

Tinha agora Raimundo 18 anos. Concluiu os preparatórios necessários para a matrícula em cursos superiores. O sonho de seus dedicados pais, o seu próprio sonho de estudante paupérrimo, ia-se converter em realidade. Mudou-se toda a família para Pernambuco e em princípios de 1881 Raimundo de Farias Brito se matriculava na tradicional Faculdade de Direito do Recife. Estavam já muito longe, no tempo e no espaço, e sobretudo na distância vencida pelo esforço moral, os dias obscuros de São Benedito e de Alagoinha.

leitura o Presidente José Julio (de Albuquerque Barros), depois de ouvi-lo discursar, abraçou-o, dizendo que nele via uma das glórias futuras da pátria. Expressões proféticas. (Cf. Raimundo Nonato de Brito, *op. cit.*, pag. 5).

III

RECIFE

Para acudir às despesas que a mudança da família acarretava, não hesitou D. Eugênia em desfazer-se das últimas pequeninas jóias de ouro que ainda lhe restavam na sua extrema pobreza. Na auréola que hoje nimba a frente do pensador austero e admirável são por ventura os mais límpidos os reflexos desse modesto ouro materno.

No Recife, para manter-se a si e aos seus, Marcelino José de Brito procurou emprego, por ínfimo que fosse. Não tardou muito a oportunidade: havendo chegado em Janeiro de 1881, pouco depois vagava o cargo de porteiro do Ginásio Pernambucano e o Regedor interino desse estabelecimento provincial, o Padre Dr. João Augusto da Frota, cearense, nomeou o pai de Raimundo para as funções obscuras, não porém desprezíveis, que asseguravam a manutenção do lar predestinado. D.

Eugênia dedicou-se a fornecer pensões a estudantes e até a ocupar-se do engomado de alguns deles, que eram de Sobral (28). O irmão de Raimundo, João Marcolino de Brito, trabalhava em uma charutaria, auxiliando também a família (29).

A natural inclinação de Farias Brito para a matemática levou-o a lecionar a matéria em alguns colégios no Recife, como já o fizera em Fortaleza (30). Por falta de recursos pecuniários desistira de seguir para o Rio, afim de fazer o seu curso na Escola Politécnica (31).

Desde 1854, funcionava a Faculdade de Direito no velho prédio da rua do Hospício

(28) Para essas minúcias: *A Razão*, n. cit.; *Brazileia*, Agosto de 1917; *Notas manuscritas* dadas ao autor deste volume pelo Snr. Desembargador Alvaro de Alencar, que foi colega de Liceu e de Academia do grande pensador cearense; *Notas* enviadas pelo Snr. Bispo de Sobral, D. José Tupinambá da Frota. Aqui exaramos a nossa profunda gratidão por essas preciosas contribuições.

(29) *Notas cit.* O Snr. Desembargador Alencar escreve sobre Marcolino José de Brito: "...era um homem muito inteligente e de reconhecida probidade".

(30) Tivemos ensejo de interrogar, aqui no Rio e quando da nossa viagem ao Norte em Belém e em Fortaleza, alguns ex-discípulos de Farias Brito. Todos são unânimes em elogiar a competência e dedicação do mestre.

(31) Eis as próprias palavras das *Notas* do Des. Alencar: "Demonstrou como estudante grande aptidão para o estudo da matemática, e não seguiu para o Rio de Janeiro para matricular-se na Escola Politécnica à falta de recursos pecuniários".

onde se conservou até 1882. A princípio, como é sabido, a Faculdade estivera em Olinda. Farias Brito teve ensejo de assistir, durante o seu curso, à nova mudança para o prédio da Praça então chamada Pedro II, hoje Dezesete, no bairro de Santo Antônio. Nesse último permaneceu até 1912 (32).

A reforma de 1854, devida a Couto Ferraz, dera novos estatutos aos cursos jurídicos. Encerradas as aulas em Olinda, transferida a Faculdade para o Recife, já aí em Novembro se realizaram os atos e exames de preparatórios (33). Em 1879, pelo Dec. 7.247 de 19 de Abril, foi instituído o ensino livre, isto é, abolida a obrigatoriedade da frequência dos alunos e admitida a prestação de exames por pessoas não matriculadas, sendo os mesmos exames feitos por matérias (34).

O ambiente do Recife, na época em que Farias Brito aí fez os seus estudos jurídicos, já não era o dos primeiros tempos da Faculdade, na velha Olinda, qual o descreveu Carvalho Moreira, o futuro Barão de Penedo (35).

(32) Clovis Bevilacqua, *História da Faculdade do Direito do Recife*, Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1927. (2 vols.).

(33) Clovis Bevilacqua, *op. cit.*, I.^o vol. pag. 108.

(34) *Op. cit.*, pag. 229.

(35) "É certo que o futuro Barão de Penedo fez o seu curso de 1834 a 1839, tendo começado em Olinda e terminado

A princípio a vida dos estudantes era “completamente escolástica”, o que se compreende sem dificuldades, atendendo a que a antiga cidade contava população reduzida e dispunha de poucos recursos. Distrações, a bem dizer, não as havia. Os moradores se conheciam e os estudantes viviam a-parte, em *repúblicas*, organizadas quasi sempre entre comprovincianos. O maior contingente vinha da Baía. Olinda parecia uma espécie de pequena Coimbra, tendo mesmo várias das características do velho centro universitário lusitano nos costumes, nos ditos, nas denominações dadas aos calouros e veteranos (36). Faltavam apenas o gorro e a batina. Estudava-se com real proveito, os exames exigiam cuidados e a frequência obrigatória concorria para a seriedade do curso. As *troças* não raro se convertiam em verdadeiro tumulto, com algazarras diurnas e noturnas, quebrando o silêncio da vetusta cidade.

Com a passagem da Faculdade para o Recife (1854) o espírito de corporação se afrou-

em São Paulo. Quando se matriculou na Faculdade jurídica do Norte, já contava ela sete anos de existência; mas não devemos supor que nesse curto espaço de tempo se tenha alterado a fisionomia geral dos costumes académicos”. *Op. cit.*, 1.º vol. pag. 439-440.

(36) O primeiro-anista era *novato*; mais tarde *catouro*; o segundo-anista, *futrica*; o do terceiro ano, *pé de banco*; o do quarto, *quartáu*; o do quinto, *bacharel*.

xou um pouco, mas sem desaparecer de todo. Só depois de 1879, com o ensino livre, foi que as *repúblicas* se tornaram mais raras, o que aliás Clovis Bevilacqua julga ter sido prejudicial em parte aos interesses dos rapazes. “Incorporaram-se os estudantes na sociedade, mas com desvantagem para o desenvolvimento intelectual dos moços, não sómente por falta de emulação, como ainda porque, reunidos, palestrando, discutindo, os espíritos adquiriam amplitude e agilidade e até os menos diligentes, por esse meio, recebiam, ainda que numa fraca repercussão, as idéias gerais dominantes no meio” (37).

Clovis dá o seu testemunho pessoal quanto ao período de 1878 a 1882, em que cursou a Faculdade, época essa correspondente, nos últimos anos, ao princípio do curso de Farias Brito, que foi de 1881 a 1884. “As designações de *calouros*, *futricas*, etc., tinham curso apenas na esfera da vida acadêmica. Nas relações com a sociedade civil, com as famílias que frequentavam, no comércio, em toda a parte que não fosse a Academia ou casa de acadêmicos, o estudante desde o primeiro ano recebia o tratamento de *doutor* e gozava de incontestável prestígio, como pessoa pertencente a

(37) *Op. cit.* pag. 446-447 do 1.º vol.

uma casta aristocrática: a aristocracia da inteligência e do saber, que, por não ter base real, nem por isso deixava de exercer influência no meio social. Além dos exercícios escolares, lições, sabatinas e dissertações, eram ocupações intelectuais dos moços as revistas, os jornais de efêmera duração, as sociedades literárias, os clubes políticos, os panfletos de crítica, os livros de verso" (38).

A maioria era idealista e republicana. Veremos que Farias Brito não fugiu à regra.

De acordo com a reforma de 1879, o curso de direito abrangia duas secções: a de ciências jurídicas e a de ciências sociais. Estudava-se na primeira direito natural, direito romano, direito constitucional, direito eclesiástico, direi-

(38) A vida nas *repúblicas* corria sem conforto, vida boêmia, apertando-se os escassos recursos da mesada nos últimos dias de cada mês. Um ou outro episódio romântico, que não raro se resolvia em casamento. Em algumas *repúblicas* a alegria se manifestava em cantos, música de violão, jogos de espírito, farças etc. "Odilon Nestor descobre nas *repúblicas* dos estudantes brasileiros uma sobrevivência das *pequenas repúblicas* da Renascença, formadas pelos privilégios universitários, que tornavam os estudantes de então verdadeiras potências nos centros onde se aglomeravam (*Rev. Acadêmica*, vol XXXII, pag. 304-305). As nossas *repúblicas*, prefiro acreditar, eram conseqüências necessárias da própria situação dos moços, que, afastados de sua famílias, se agrupavam para alcançar o que isolados não obteriam: habitação e sustento. E, fóra do círculo familiar, do freio conterrâneo, tomavam maior liberdade do que se continuassem naquele meio." Clovis Bevilacqua, *op. cit.* 1.º vol. Pag. 447-448 (com a nota).

to civil, direito criminal, direito comercial, medicina legal e teoria e prática do processo. A segunda secção incluía direito natural, direito público universal, direito constitucional, direito eclesiástico, direito das gentes, direito administrativo, diplomacia e história dos tratados, ciência da administração, higiene pública e economia política. As vagas de catedrático eram providas por concurso. Podiam concorrer não só os substitutos, mas ainda bachareis e doutores estranhos ao corpo docente.

Em 1880 entrou como substituto José Joaquim Seabra, que fez parte das bancas examinadoras de Farias Brito em 1881 e 1882 (39). Nesse último ano Tobias Barreto obteve o primeiro lugar em concurso para substituto, por unanimidade. Foi também um dos examinadores de Farias Brito no 2.º e 3.º ano do seu curso.

Na *Memória Histórica* referente ao ano de 1883 Tobias tem frases bastante severas: "O grau de desenvolvimento das doutrinas do curso, é duro e friste dizê-lo, mas é verdade, — não esteve na altura que era para desejar. Não comento, limito-me a estabelecer o fato, seja

(39) Em 1886 passou a catedrático. "A República afastou-o da Faculdade para entregá-lo à política. Foi deputado, senador, ministro, governador do seu Estado." *Op. cit.* pag. 232.

qual fôr a causa dele". Não achava o mestre sergipano que o mal estivesse na liberdade, nem mesmo no abuso dela: atribuía-o à "híbrida junção, que parece às vezes estabelecer-se nesta Faculdade, da liberdade extrema com o extremo obscurantismo" (40).

Em 1884 faleceu o lente João Tomé da Silva, que examinara Farias Brito no 1.º ano. Jubilou-se João José Ferreira de Aguiar, que fizera parte da mesa do 3.º ano. Entraram João Vieira, para criminal, e José Higinio, para administrativo. Por ambos foi também Farias Brito examinado (41).

A 19 de Novembro de 1884 colou grau o jovem cearense. Ganhara um ano, tendo pres-

(40) Clovis lembra o incidente desagradável ocorrido com um bacharel que, ao assomar à tribuna para agradecer o grau que lhe era conferido, declarou que "não tinha de agradecer, pois nada havia aprendido, desde a filosofia soriânica até às póstilas sebetas e recheadas de carolice, sucedendo aos que saíam graduados levar quináu de qualquer oficial de justiça." Foi-lhe retido por tres meses o diploma. *Op. cit.* pag. 249.-250.

(41) Eis o histórico escolar de Farias Brito na Faculdade de Direito do Recife, segundo os dados que pessoalmente ali procuramos em Março de 1938 e nos foram ministrados com rapidez e boa vontade que temos aqui sincero prazer em registrar. "1.º ano — Matriculou-se sob o num. 4, em 3 de Março de 1881. Fez exame em 5 de Novembro do mesmo ano e foi aprovado simplesmente. Banca examinadora: Drs. João Tomé da Silva, José Higinio Duarte Pereira, José Joaquim Scabra. 2.º ano — Matriculou-se sob o n. 42 em 8 de Março de 1882. Fez exame em 11 de Novembro do mesmo ano e foi aprovado plenamente. Banca exa-

fado exames do 3.^o ano em Novembro de 1883 e logo em Março de 1884 os do 4.^o. Formaram-se na mesma ocasião cento e quarenta bachareis. Alguns merecem especial referências: Fausto Cardoso, Homero Batista, Sousa Bandeira, Coelho Lisboa... Foram seus contemporâneos de turmas, de 1881 a 1884, Artur Orlando, Carvalho de Mendonça, Hosannah de Oliveira, Urbano Santos, Afonso Cláudio, Viveiros de Castro e Martins Junior (42).

A influência de Tobias, máxime depois do seu concurso de 1882, caracteriza o ambiente mental no período que Farias Brito viveu no

minadora: Drs. Graciliano de Paula Batista, Tobias Barreto de Menezes e Jacé Joaquim Scabra. 3.^o ano — Matriculou-se sob o num. 47 em Março de 1883. Fez exame em 3 de Novembro do mesmo ano e foi aprovado plenamente. Banca examinadora: Drs. Joaquim Correia de Araujo e Tobias Barreto de Menezes e Cons. João José Ferreira de Aguiar. 4.^o ano — Usou da permissão legal e inscreveu-se para exames, que prestou em 11 de Março. Foi aprovado plenamente. Banca examinadora: Drs. João Vieira de Araujo, Joaquim Albuquerque Barros Guimarães e Francisco Pinto Pessoa. 5.^o ano — Matriculou-se sob o num. 82 em 15 de Março de 1884. Fez exame em 19 de Novembro do mesmo ano e foi aprovado plenamente. Banca examinadora: Drs. José Capistrano Bandeira de Melo, Joaquim Albuquerque de Barros Guimarães e José Joaquim Tavares Belfort. Colou grau em 19 de Novembro de 1884. Por essas notas se vê o erro do autor da entrevista dada à *Razão*, de Fortaleza, em que a data da formatura de Farias Brito está citada como 1886.

(42) Clovis incide no engano de Studart e dá 1863 como ano do nascimento de Farias Brito: *op. cit.* pag. 267, n. 459, do 1.^o vol. Já sabemos que a data exata é 1862 (Cf. a nota ao cap. 1.^o deste nosso volume.)

Recife. Veremos no decorrer de todo este volume que o jovem cearense não se deixou empolgar nem pelo monismo materialista, nem pelo positivismo de Comte, nem pelo evolucionismo de Spencer. Preocupa-o sempre o problema filosófico; mas ainda não tem doutrina definitiva própria bem assentada. Estuda com afincado e afirma um dos seus colegas de curso que Farias Brito “foi sempre considerado um dos mais distintos acadêmicos” (43). Luta então pela causa abolicionista e, ainda na Faculdade, redige com Alvaro de Alencar e J. C. Linhares de Albuquerque o *Iracema*, cuja finalidade é a defesa da libertação dos escravos em Pernambuco.

Concluídos os exames, colado o grau, não se demora Farias Brito no Recife: em companhia da família regressa ao Ceará (44).

(43) *Notas manuscritas* do Des. Alvaro de Alencar.

(44) *Brazileia*, num. cit. Raimundo Nonato de Brito, *op. cit.* pag. 5. Farias Brito só tirou a sua carta de Bacharel em 21 de Julho de 1894, sendo Diretor da Faculdade o Dr. João Vieira de Araujo. Ao escrever estas palavras temos diante dos olhos a própria carta, gentilmente cedida para esta verificação pela Exma. Família do filósofo brasileiro.

IV

O PROMOTOR

Estava Farias Brito no seu Ceará. Para servir a Justiça, para defender a Verdade, acusando culpados, reclamando punição para o crime. Promotor em Viçosa e depois em Aquiraz (45), vai nesses quatro anos (1885-1889) repartir a sua atividade entre a labuta pela vitória do direito e o exercício abnegado do magistério, segundo o modelo so-crático. Diz um dos seus biógrafos, textualmente:

"... distinguu-se não só no magistério público de sua profissão (mas também) como educador da mocidade, sem perceber remuneração alguma". (46)

Farias Brito fôra nomeado para a promotoria de Viçosa ainda quando estava no Recife,

(45) *Brazileia*, n. de Agosto de 1917, pag. 398. — *A Razão*, n. cit. de 14 de Fev. de 1938.

(46) Raimundo Nonato de Brito, *op. cit.* pag. 7.

a concluir o curso. Era então presidente do Ceará Carlos Honório Benedito Ottoni (47).

Quando de passagem pela cidade em que Farias Brito exerceu a promotoria em 1885, tivemos ensejo de verificar, no cartório local, o que ainda restava em 1838 daquela época e nos poderia orientar quanto á atuação do futuro filósofo no domínio restrito da sua primeira função pública. Ficamos sabendo, entre outras minúcias, que Farias Brito prestou o seu juramento perante o juiz municipal, a 30 de Janeiro de 1885, comprometendo-se a bem e fielmente servir o cargo de curador geral dos órfãos do termo de Viçosa. Aprendemos também, e não sem surpresa, ao consultar esses documentos autênticos e até hoje inéditos, que Farias Brito a princípio escrevia sempre o seu último sobrenome com a dental geminada (48). De 1889 em diante já o grafa-

(47) Carlos Honório Benedito Ottoni foi o 46.º presidente de provincia do Ceará e tomou posse a 12 de Julho de 1884. Succedeu-lhe o bacharel Sinval Odorico de Moura, que assumiu o govêrno a 19 de Fevereiro de 1885. Cf. João Brigido, *Ceará (Homens e Fatos)* Rio de Janeiro, 1910, pag. 507.

(48) Eis a certidão: Francisco Caldas da Silveira, Tabelião do Publico, Judicial e Notas, Escrivão do Crime, Jury, Execuções Criminaes, Civil, Orphãos, Ausentes e Provedoria; official do Registro de Titulos e Documentos e do Registro de Immoveis do Termo de Viçosa, Comarca de Granja, do Estado do Ceará, por serventia vitaliciu etc. Certifico, pela faculdade que me é conferida por lei, a requerimento verbal do Doutor Jonathas Serrano, que, dando

va com um -t- singelo (49). E assinava de várias formas, sem preocupação de invariabilidade: ora por extenso — Raymundo de Farias Britto —, ora apenas R. Farias Brito,

busca em meu cartorio e revendo o livro numero um, de termos de juramento perante o Doutor Juiz Municipal deste termo de Viçosa, nelle ás folhas tres, encontrei o termo de juramento seguinte:

“Termo de juramento e posse que presta o Senhor Doutor Promotor Publico da Comarca, Raymundo de Farias Britto do cargo de Curador dos Orphãos deste termo.

Aos trinta dias do mez de Janeiro de mil oitocentos e oitenta e cinco, nesta cidade da Viçosa, Comarca da Provincia do Ceará, e casa de residencia do Senhor Doutor Juiz Municipal José Patricio de Castro Natalense, onde fui vindo, eu, Escrivão de seu cargo, e sendo presente o Senhor Doutor Promotor Publico desta Comarca Raymundo de Farias Britto, pelo mesmo Juiz lhe foi deferido o juramento aos Santos Evangelhos em hum livro delles, em que poz sua mão direita e lhe encarregou que bem e fielmente servisse o cargo de Curador Geral dos Orphãos deste Termo; e sendo por elle accito o compromisso, digo juramento, assim prometteu cumprir e assignou com o dito Juiz. Eu, João Febronio Freire de Bezerril, Escrivão, o escrevi. (assignado) Castro Natalense. Raymundo de Farias Britto.” Era o que continha em dito termo de juramento que para aqui, bem fielmente trasladei do proprio original existente em meu poder e cartorio, ao qual me reporto e dou fé. Viçosa, 9 de Fevereiro de 1938. O Escrivão do Cível, Francisco Caldas Silveira. (Devidamente selado, com os carimbos do cartorio. Custas: *Nihil*).

(49) Prova-o o volume dos *Cantos Modernos*, que é desse ano de 1889: na folha de rosto o nome do autor está está escrito com um t apenas (Brito). Prova-o melhor uma carta inédita de 20 de Março de 1889, em que, ainda Secretário de Caio Prado, e escrevendo em papel com as armas da provincia e destinado a correspondencia, assina o nome desta forma: R. Farias Brito (com um só t). A carta é dirigida

contra expressa disposição da lei, afastar certo número de jurados *que não convinham*. A atitude de Farias Brito, opondo-se enérgicamente aos manejos tendentes à absolvição do criminoso, irritou o juiz.

No dia do julgamento o tribunal estava repleto do que Viçosa possuía de mais importante, para assistirem à acusação do réu, — Silvino de Tal.

Feita a leitura do libelo, após as interrogações do estilo, o promotor entrou a fazer o exame do processo. A acusação foi veemente, fundada no depoimento das testemunhas. Pedindo, ao terminar, a condenação do acusado, Farias Brito acentuou: “A lei deve-se cumprir, o crime deve ser punido”. O assassino foi condenado a onze anos de prisão com trabalhos.

Nasceu desse primeiro embate a indisposição do promotor com o seu juiz. Farias Brito solicitou a sua remoção de Viçosa. Atendido no seu desejo transferiu-se para Aquiraz, onde ia ter melhores oportunidades.

Antes, porém, de partir, pôde ver que era justamente apreciado em Viçosa. Aí, de fato, não fôra apenas um simples promotor: dedicára-se também ao ensino, como já dissemos, sem ambição de lucros, num raro exemplo de amor à cultura do povo.

contra expressa disposição da lei, afastar certo número de jurados *que não convinham*. A atitude de Farias Brito, opondo-se enérgicamente aos manejos tendentes à absolvição do criminoso, irritou o juiz.

No dia do julgamento o tribunal estava repleto do que Viçosa possuía de mais importante, para assistirem à acusação do réu, — Silvino de Tal.

Feita a leitura do libelo, após as interrogações do estilo, o promotor entrou a fazer o exame do processo. A acusação foi veemente, fundada no depoimento das testemunhas. Pedindo, ao terminar, a condenação do acusado, Farias Brito acentuou: "A lei deve-se cumprir, o crime deve ser punido". O assassino foi condenado a onze anos de prisão com trabalhos.

Nasceu desse primeiro embate a indisposição do promotor com o seu juiz. Farias Brito solicitou a sua remoção de Viçosa. Atendido no seu desejo transferiu-se para Aquiraz, onde ia ter melhores oportunidades.

Antes, porém, de partir, pôde ver que era justamente apreciado em Viçosa. Aí, de fato, não fôra apenas um simples promotor: dedicára-se também ao ensino, como já dissemos, sem ambição de lucros, num raro exemplo de amor à cultura do povo.

Acompanharam-no, ao deixar Viçosa, umas quarenta pessoas. De passagem para a nova comarca, inaugurou o gabinete de leitura Ipuense, proferindo eloquente discurso, que lhe valeu uma entusiástica manifestação (51).

Em Aquiraz demonstrou Farias Brito o mesmo ardor na defesa da Verdade e da Justiça.

Na *Quinzena*, revista do Club Literário de Fortaleza, em 1887, encontramos, em número de Dezembro, um artigo de Farias Brito sobre o suicídio e por êle podemos facilmente verificar que o jovem promotor é mais filósofo que jurista. O artigo foi motivado, ao que parece, pela profunda impressão resultante do suicídio do cearense Dr. José Facó, que não tinha crenças religiosas. Observa Farias Brito: "...Em condições normais só há duas espécies possíveis de suicídio: — o suicídio do homem sem religião e o suicídio do homem de bem que por condições excepcionais se tornou criminoso" (52).

Farias Brito não admite que alguém se queira evadir da existência sem que haja razão muito forte, isto é, sem sofrimento. Textualmente: "O suicídio é a mais elevada mani-

(51) Raimundo Nonato de Brito, *op. cit.* pag. 7.

(52) Nessa época ainda escrevo o nome com *ff* (Brito).

festação do desespero, o mais alto grito de dor". Inadmissível, portanto, o suicídio sem sofrimento.

Concluindo o artigo, Farias Brito mostra que o trabalho é "uma força conciente e regeneradora". Daí é que vem a verdadeira fonte da felicidade. "A fórmula da moderna civilização deve portanto ser esta: *trabalhem*. Tal é a única medida de salvação contra a influência perniciosa do pessimismo" (53).

Relativamente ao crime, é curioso saber qual a opinião do jovem promotor. Acha Farias Brito que o criminoso obra sempre em virtude de causas fatais, quer seja originariamente mau, quer seja levado ao crime por influência do meio. Como se vê, nessa época ainda se achava o futuro filósofo sob o influxo das idéias que no Recife devia ter ouvido e lido no seu curso jurídico. A doutrina do criminoso nato, a irresistibilidade do meio am-

(53) *A Quinzena*, n. de 15 de Dezembro de 1887. Nesta revista do Club Literário de Fortaleza escreveram, além de Farias Brito, também Justiniano de Scirpa, Rodolfo Teófilo, Guilherme Studart, Antônio Sales e Juvenal Galeno. No n. II, de 15 de Junho de 1887, Studart explica a origem asiática de *jungada*. No de 18 de Julho, Farias Brito estuda a alma "reduzida a um problema de matemática". Mostra-se entusiasmado por Herbart e por Fechner, mas contesta a teoria da psicologia matemática. Publica, nessa época, algumas das poesias que vão formar o volume dos *Cantos Modernos*, por exemplo *Luz e Sombra* (n. de 15 de Outubro de 1887; *Os dois Vultos* (2 de Dezembro do mesmo ano).

biente, a morte das religiões reveladas etc. etc. No seu nobre espírito devia então travar-se uma luta: de um lado o seu profundo amor à Verdade e à Justiça, demonstrado, sem hiatos nem vacilações, em toda a sua vida, no Ceará, no Pará, no Rio de Janeiro. De outro lado, a tristeza de verificar que o homem de bem pode ser levado ao crime, em condições excepcionais. (Mas aqui, como não via o ilogismo: que é afinal "um homem de bem", se não há livre arbítrio e as influências atávicas e mesológicas são fatais?) (54).

Farias Brito, que já não tem fé sobrenatural, vê todavia na religião uma profilaxia para o suicídio. Como não crê, procura uma finalidade para a existência humana, uma fórmula para a moderna civilização. Nobremente, e como bom cearense, julga encontrá-la no trabalho. "A fórmula da moderna civilização deve portanto ser esta: trabalhemos". Utopia generosa, dir-se-á. Mas, sem contestação possível, reveladora de um alto espírito.

Todo esse período em que Farias Brito exerceu as funções de promotor em Viçosa e em Aquiraz corresponde ao crepúsculo do Império. A abolição e a república entusiasman os moços. Veremos que o próprio Farias Bri-

(54) *A Quinzena*, n. de 18 de Janeiro de 1888.

to não logrou fugir à sedução desses dois ideais. No capítulo seguinte, a propósito do seu primeiro e único volume de poesias, com maior oportunidade o diremos. Baste-nos aqui lembrar que o Ceará, desde 25 de Março de 1884, libertára os últimos escravos existentes no território da província. Começara a 1.º de Janeiro de 1883 o movimento, com a libertação em massa dos 116 cativos do município do Acarape. A 25 de Março do mesmo ano, succedia outro tanto em Baturité e Icó. A 24 de Maio, em Fortaleza e Viçosa. Já na véspera o mesmo havia ocorrido em Aquiraz. A 3 de Junho em Soure. A 8 de Julho, em Pedra Branca. A 4 de Outubro, em Canindé; a 11 em Ibiapina. A 27 de Dezembro, em S. Mateus.

O ano de 1884 viu libertações sucessivas em massa desde Janeiro (Santa Quitéria, Sobral, Aracati, União) até Março, quando, como já lembramos, se extinguiu de todo a escravidão na província. Ainda em 18 de Janeiro, Russas; a 24 de Março, Missão Velha. E a 25 — a vitória completa do ideal abolicionista, quatro anos antes do 13 de Maio (55).

Dias antes dessa última data áurea, a 21 de Abril de 1888, tomava posse do governo de

Ceará o Dr. Antônio Caio da Silva Prado, 51.º presidente da província. Visitando Aquiraz (56), teve eusejo de ouvir um discurso do promotor Farias Brito. Foi o bastante para aquilatar o valor do homem. Convidou-o para Secretário do Governo. Era a primeira sedução perigosa da sereia política.

(56) Aquiraz, outrora florescente, está agora em lamentável decadência. Aí fomos, em princípios de 1938, à procura de dados sôbre o seu promotor de 1889. Conversamos com testemunhas presenciais do discurso que valen a Farias Brito o honroso convite de Caio Prado. Em Aquiraz repousam os restos de João Marcolino de Brito, irmão de Raimundo, o qual aí commerciou e foi vereador, havendo aí também falecido. Dele escreveu Farias Brito: "Era o tipo da lealdade e da dedicação", *Brazilca*, n. de Agosto de 1917, pag 378.

OS CANTOS MODERNOS

O governo de Caio Prado durou apenas um ano. Mais rigorosamente: de 21 de Abril de 1888, dia da sua posse, a 25 de Maio de 1889, data do seu falecimento. Foi um período de curta duração, já no crepúsculo do Império e quando o ideal abolicionista se traduzia na grande vitória moral de 13 de Maio. Vimos no capítulo anterior como o Ceará tomára a deanteira na obra emancipadora, havendo apagado, desde 25 de Março de 1884, e em todo o seu território, a nódoa infamante do cativoiro.

Compreende-se, ao evocar tais datas, porque o primeiro livro de Farias Brito, os *Cantos Modernos*, — versos da sua juventude —, tem por assunto da primeira das suas tres partes o anseio de todos os espíritos generosos da época: a extinção do nefando instituto. *Cantos da Liberdade*: o título já bastaria; mas há

ainda uma explicação interparentética: *Emanipulação servil do Ceará*. E a página falsa que traz o título dessa primeira parte inclue, como exergo ou epígrafe, esta observação de von Ibering: "Para chegar a formular esta idéia — o homem é livre — foi preciso desenvolver mais esforços que para saber que a terra se move em torno do sol". Pensaria talvez, ao escrevê-la, Farias Brito que o próprio Aristóteles, na sua admirável *Política*, defendera, com argumentos especiosos, a necessidade da escravidão. Quem ousaria hoje repeti-lo? São passados mais de vinte séculos. *Et encore...*

As poesias que formam o volumezinho dos *Cantos Modernos* foram em geral escritas antes de 88, quando Farias Brito era simples promotor ou ainda estudante no Recife. Muitas delas saíram em revistas, como a *Quinzena*, a que já nos referimos em páginas precedentes. Explica-nos o autor, no primeiro volume da sua obra filosófica, o motivo determinante de tais versos. "...foram escritos em um tempo em que estive perto de quatro anos no interior, como promotor público, a princípio na comarca de Viçosa, depois na comarca de Aquiraz, no Ceará. O povo com quem então convivia era hospitaleiro e bom: a vida calma e tranquila; e eu, não podendo estudar porque não tinha livros, nem tendo em que ocupar-me, por-

que eram a esse tempo limitadíssimos os meus trabalhos no fôro, cuchia o tempo a fazer versos, cousa aliás para que nunca tive vocação, nem geito, porque bem sei que no verso o que mais importa é a forma, e foi sempre tendência minha considerar secundárias as questões de forma, sendo que o que deve prevalecer é a idéia, isto é o elemento substancial e fundamental. Também mais de uma pessoa a quem tenho oferecido os tais versos me tem feito sentir que o que ali sobressai é a preocupação filosófica. Outros afirmam: a introdução vale mais que todo o livro”.

Depois dessa explicação llana e de rara sinceridade, Farias Brito ainda acrescenta, com um senso admiravel de justiça e sem o mínimo vislumbre de vaidade literária: “Daí a dedução natural a tirar é que os versos nada valem. É o que penso; mas tudo isso se explica pelo fato de que a filosofia foi sempre a paixão de minha vida. E se no pequeno livro a que dei o título de *Cantos Modernos* existe algum valor, penso eu que consiste unicamente no fato de que neles já está, se bem que muito imperceptivelmente, a idéia fundamental que faz o objeto do presente trabalho”. Farias Brito aqui se refere ao seu estudo sobre a *Finalidade do Mundo*, cuja primeira parte, assunto desse volume inicial, trata da *filosofia como*

atividade permanente do espírito humano. E conclue a nota que estamos citando: “Esta idéia me domina, esta idéia me absorve todo inteiro, a tal ponto que não há cousa alguma em minha vida, nem pensamento, nem ação, que não venha dela” (57).

Após haver lido uma página como essa, facilimo se torna a qualquer crítico apreciar sem injustiça o relativo mérito do volumezinho dos *Cantos Modernos*. De fato o que nele há de notavel é a introdução, em que Farias Brito discute a tese seguinte: “A Poesia ainda tem razão de ser?” São vinte páginas de um filósofo, não apenas de um poeta estreatante. Tanto isso é verdade que essa introdução foi aproveitada por Farias Brito, em sua quasi totalidade e sem alterar o essencial, para um capítulo do 1.º volume da *Finalidade do mundo* (58).

Já em 1889 o futuro filósofo do *Mundo Interior* transparece no poeta, aliás sem bri-

(57) *Finalidade do Mundo*, 1.º vol. pag. 101-102. (Fortaleza, 1894-1895).

(58) E' o cap. VIII (Filosofia e Poesia) pags. 99-106. O próprio Farias Brito explica que se aproveitou da introdução do volume dos *Cantos Modernos*. “Para tornar mais completo e mais claro o meu pensamento, cumpre submeter a um exame mais detalhado e profundo esta questão da poesia em suas relações com a filosofia, tratando de indagar qual vem a ser o papel da poesia no conjunto das cousas. Para isto não preciso de outra cousa senão de reproduzir

lho, dos *Cantos Modernos*. E pode-se dizer que Farias Brito foi um mau versificador, se ligarmos importância à técnica do verso, rima, ritmo, e outros recursos verbais; mas não podemos, sem grave parcialidade, desconhecer-lhe a inspiração, o entusiasmo, o surto idealista, com que foi até a morte genuíno poeta, não em verso, mas na prosa, e na prosa mais transcendente, ao debater os mais altos problemas metafísicos. Veremos isso ao percorrer o seu primeiro volume da *Finalidade do Mundo*. No último capítulo, em que o Autor expõe o seu conceito de religião, — religião naturalista, — e afirma que *Deus é a Luz*, não se logra distinguir se quem escreve é o filósofo ou o poeta. Certo, mais este do que aquele, embora o mesmo volume exponha o ponto de vista de Farias Brito quanto às relações da filosofia com a poesia. Sem aceitar as idéias de Ribot, admite contudo que há muita analogia entre as construções filosóficas e as mais altas expressões da poesia. Chega mesmo a escrever: "...se a poesia é, como se sabe, a expressão mais completa do sentimento do be-

aqui, com as indispensáveis modificações, o que já em outra parte escrevi em desenvolvimento à tese proposta na seguinte pergunta: a poesia ainda tem razão de ser?" E, em nota: "O escrito a que me refiro vem como introdução a um livro de versos que publiquei, em 1889, no Rio de Janeiro, sob o título de *Cantos Modernos*". *Op. cit.* pag. 101.

lo, acontece que a filosofia é o que há de mais belo no mundo (59). Sócrates certamente não discordaria, nem Platão, nem o altíssimo Poeta, que afinal era também um filósofo (60).

Sejamos porém absolutamente imparciais; sigamos o exemplo de Farias Brito, para quem a Verdade constituía a regra mesma das ações; digamos, sem eufemismos nem reticências: os versos que formam esse volumezinho de 1889 não tem valor literário, nem permitem considerarmos o seu autor como poeta no sentido comum do termo (61). Podem coexis-

(59) *Op. cit.* 100.

(60) A quem acaso estranhasse o citar-se Dante ao lado de São Tomaz, como poeta-filósofo, seria oportuno lembrar os capítulos VII, VIII, IX, X e XI do 2.º vol. da *Storia della Filosofia de Augusto Conti* (não confundir com Augusto Comte) Roma, 1900.

(61) Em artigo da *Gazeta*, de Fortaleza, a 17 de Fevereiro de 1938, escreveu LEOTA (pseudônimo de Leonardo Mota) que "...se me fosse dado interferir ...eu sugeriria ao biógrafo e analista se detivesse o menos possível no capítulo *Farias Brito, o poeta*". E cita algumas das composições em verso do ilustre cearense, acompanhando-as de comentários severos, mas justos. E, referindo-se a quem escreve esta nota, manifestou o seu desejo de que "passe como gato por brasas sobre as veleidades poéticas de Farias Brito". E conclue: "Contrariamente, êle prestará um desserviço à glória de quem Agripino Grieco proclamou" o cérebro maior, como receptividade e capacidade de interpretação que a filosofia já produziu no Brasil. "Não temos os receios de Leota: a glória de Farias Brito assenta em sólidos alicerces; as suas produções em verso, por êle próprio julgadas sem vaidade, e com o devido bom senso, em nada influem no valor da sua obra filosófica.

tir, e a História nos fornece exemplos significativos, posto que raros, podem harmonizar-se na mesma individualidade o poeta e o filósofo. E não o esqueceu o pensador da *Finalidade do Mundo* ao tratar no capítulo *Filosofia e Poesia* das opiniões discordantes de Vaucherot e de Ribot. Vaucherot combate a idéia de que os filósofos são poetas que erraram a sua profissão. Ribot mostra-se neste sentido dominado por uma convicção que toca aos limites do entusiasmo. É assim que chega a estranhar que ainda não tenha sido presentida esta verdade, que só é um paradoxo para os que não passam além das aparências. “Eis aqui os motivos da sua convicção: “. . . a não ser que se trate de um desses espíritos grosseiros que nada concebem além da mais vulgar realidade, se se procura alguma coisa através dos fatos ou além dos fatos, entra-se logo num mundo ideal. O poeta o concebe à imagem do nosso, porém mais harmonioso e mais belo. Nele há movimento, há vida e nele contempla o poeta “formas visíveis e palpáveis, concretas, vivas, mais reais para ele que a própria realidade”. Para o filósofo a coisa não é inteiramente a mesma. Mas o mundo ideal é em todo o caso para ele a “região das verdades abstratas, das leis, das fórmulas, acessível somente ao espírito puro, o domínio misterioso do impalpável e do

invisível, onde reinam os primeiros princípios de todas as cousas". Ambos creadores à sua maneira: um porque sabe manejar as cores, as palavras, as formas pitorescas que dão às idéias o vestimento e a vida; outro porque acredita ter apreendido as fontes ocultas que fazem mover-se o mundo, as fórmulas fecundas que traduzem as leis do universo e de onde se escapa, como de uma fonte indefectível, a onda dos fenômenos. Daí, conclue Ribot, estas construções filosóficas, que se assemelham a grandes poemas. Daí o fato de que de ordinário a metafísica e a alta poesia se tocam, se confundem algumas vezes, como no *Paraizo de Dante*" (62).

Farias Brito julga "profundamente elevadas" (*sic*) todas essas idéias; mas — observa — "não se segue daí que sejam rigorosamente verdadeiras. Há certamente muita analogia entre a filosofia e a poesia; ambas nascem das mesmas fontes ocultas do espírito; e demais, se a poesia é, como se sabe, a expressão mais completa do sentimento do belo, acontece que a filosofia é o que há de mais belo no mundo". Depois dessa afirmação em que Farias Brito confessa a grande paixão da sua vida, os pe-

(62) Ribot, *Psicologia Inglesa contemporânea*, introd. IV. Farias Brito, *Finalid.* 1.º, pag. 1.

ríodos seguintes mostram que o poeta se absorve no filósofo: “Mas a filosofia vem de mais longe; prende-se a elementos mais profundos na natureza e, debaixo de certo ponto de vista, compreende tudo, inclusive a poesia. É certo que a poesia se estende também a todas as manifestações da natureza, e assim interpretada compreende tudo, inclusive a filosofia. Mas a extensão da poesia tem caráter diverso da extensão da filosofia. A poesia é apenas uma espécie de contemplação estética; a filosofia é o princípio mesmo da atividade do espírito; é, por assim dizer, a árvore de que nasce, como um fruto, a ciência (63); é a consciência refletindo a natureza; é, numa palavra, a operação fundamental do pensamento” (64).

Já nessa época (1893-1894) Farias Brito considerava a filosofia como “atividade permanente do espírito humano”; tal o título da 2.^a parte da *Finalidade do Mundo*; já se fir-

(63) A idéia é de Descartes, que no seus *Principes de la Philosophie*, deu como um esboço da divisão geral das ciências: “Toda a filosofia é como uma árvore, cujas raízes são a metafísica, o tronco, a física, e os ramos que saem desse tronco todas as outras ciências, redutíveis a tres principais, a saber: a Medicina, a Mecânica e a Moral”. Observa Fonsegrive que “A comparação de Descartes é sempre verdadeira: as verdades metafísicas são raízes da árvore da ciência...” cit. por Grasset, *Les Limites de la Biologie*, pag. 147 (Paris 1907).

(64) Farias Brito, *op. cit.* pag. 100-101.

mou definitivamente como estudioso dos problemas metafísicos; já deixou para sempre as veleidades poéticas. Mas em 1889 mesmo, ao publicar os *Cantos Modernos*, já premeditava a sua obra filosófica. Fácilmo o demonstrá-lo: a introdução do volumezinho de versos constitui uma análise filosófica da própria razão de ser da poesia, análise que, como dissemos, foi em grande parte reproduzida no capítulo *Filosofia e Poesia* do 1.º volume da *Finalidade do Mundo*. E, em nota dessa introdução, Farias Brito expõe o seu conceito de poesia e declara: "Pode parecer estranho o fim que damos à filosofia. É nossa convicção que o fim prático da filosofia é a moral, isto é, o esforço pelo bem na sociedade. Sobre esta idéia, *que havemos de desenvolver um dia*" — (o grifo é nosso) — "temos diversos escritos..." (65). Vê-se bem, portanto, que no fraco verzejador dos *Cantos Modernos* se prenuncia o robusto pensador da *Filosofia do Espírito*.

Mais tarde, na relação dos seus trabalhos publicados, nunca Farias Brito se preocupou

(65) *Cantos Modernos*, pag. 24, nota. Veja-se o seu alto idealismo: "Em uma palavra: o fim da ciência é a verdade; o fim da filosofia é o bem; o fim da poesia é o belo. E é de uma fusão admirável destas tres grandes manifestações de espírito que ha de nascer o princípio da regeneração do futuro". E, pouco adiante: "O grau da moralidade está na razão inversa do sacrificio das convicções a conveniências". pag. 25, nota.

com o volumezinho de 1889. Mas não se pode contestar que a introdução revelava já o filósofo, a discutir um tema que também foi versado por outro filósofo e poeta — Guyau —, se a poesia ainda tem razão de ser (66). E a resposta de Farias Brito era de filósofo e de poeta, no significado mais nobre do tempo: "...Em face do espetáculo doloroso da vida, vendo por toda a parte o mesmo quadro invariável da luta e do sofrimento, em todos os seres da natureza, o homem, em virtude de tendências que tem a mesma origem nas profundezas do ser, é levado a ocultar na harmonia do todo as imperfeições parciais, elevando-se assim à compreensão de uma regeneração e confundindo em um só fim os destinos da humanidade e do mundo e em uma só idéia o bem e o belo. Tal é o resultado do espírito poético do homem, tal é o domínio da poesia" (67).

A parte lírica do livro, escassa e fraquíssima, está entre a inicial, consagrada ao ideal abolicionista, e a última, que se ocupa de temas gerais. A nota social merece mais atenção e aqui e ali se deparam imagens felizes, por entre a pobreza de rimas e de inspiração

(66) Guyau discute a questão no seu volume *Les Problèmes de L'Esthétique contemporaine*.

(67) *Cantos Modernos*, pag. 24.

original. A jaugada cearense aparece num pequenino poema cheio de emoção:

*foste da liberdade a página dourada,
branca filha do mar...*

Mas o que predomina é o pensamento generoso da fraternidade:

*Marchemos para a luz, marchemos para
[o amor].*

E, num otimismo de apóstolo:

Viver é caminhar para a extinção do mal.

Pela nota final do volume se vê que Farias Brito exultou com o advento do novo regime. Ele o diz nestas palavras: “As poesias *Liberdade e Visão do Futuro* na terceira parte deste livro foram escritas muito antes da gloriosa revolução de 15 de Novembro; mas eu, por uma notável coincidência, que eu mesmo admiro e não compreendo, tive a felicidade inaudita de elevar-me à previsão do grande acontecimento, em virtude do qual foi realizada, dentro de poucas horas, sem reação e sem sangue, a libertação política da pátria logo em seguida à sua libertação social pela emancipação dos escravos” (68).

(68) *Ib.*, pag. 133.

Farias Brito contava então 27 anos. O entusiasmo sincero e um pouco ingenuo haveria de ser, não diremos extinto, mas reduzido a proporções mais exatas, com a experiência dos homens e das coisas.

VI

A SEREIA POLITICA

A rápida passagem de Farias Brito pelo cenário da política do Ceará ocorreu no crepúsculo do Império e na aurora da República. O simples registro do fato já nos ensina alguma coisa. Republicano e abolicionista (vimos no capítulo precedente, e o volume dos *Cantos Modernos* o afirma, em nota final explícita e que não dá margem a controvérsia), Farias Brito fôra convidado em Aquiraz pelo Presidente Caio Prado para secretário do governo em virtude dos seus dotes intelectuais, patenteados no discurso famoso, e da sua rija têmpera moral, de que dera testemunho entre outros Antônio Bezerra de Menezes. Filósofo nato, por assim dizer, desde a adolescência preocupado com os problemas do espírito, já se vê que Farias Brito não poderia nunca vir a ser *um político*, no sentido comum do termo. Da família espiritual de Sócrates, (é o nome

evocado logo na primeira linha do primeiro dos volumes da *Finalidade do Mundo*) — o pensador cearense não lograria jámais pensar, agir, nem sequer sentir ou ressentir, senão *filosoficamente*. Toda a sua vida o ia, aliás comprovar. Promotor, advogado, secretário de governo, professor, candidato a concurso, jornalista, polemista, até panfletário um breve instante (em 1916), em todos os postos e em todas as suas atitudes se revela sempre, ou se trai, o filósofo sincero, na elevação dos pontos de vista, na generalidade dos conceitos, na própria fraqueza humana (porque não dizê-lo?) dos recursos ordinários, tão acessíveis aos profissionais do sofisma e que Farias Brito não só não emprega, mas até se diria que os parece ignorar.

Política, para ele, só poderia entender-se no alto sentido em que, ainda simples colaborador de jornaisinhos de província, já a integra no conjunto das manifestações do nosso *eu*.

Ouçamo-lo: “As duas manifestações fundamentais do espírito humano na marcha geral da sociedade são a política e a filosofia. A política dá em resultado o direito; a filosofia dá em resultado a moral; e o direito e a moral

são as duas alavancas, os dois eixos centrais do grande mecanismo social" (69).

Este alto idealismo levaria naturalmente Farias Brito a desejar influir para que de fato a política desse em resultado o direito. E o seu entusiasmo pelo 13 de Maio e pelo 15 de Novembro facilmente se explica desse ângulo. A morte prematura de Caio Prado não dera ensejo a que no seu governo se realizassem grandes reformas, suposto que ele fosse capaz de as haver empreendido (70).

(69) Cf. nota da pag. 24 dos *Cantos Modernos*; pag. 40 do vol. I da *Finalidade do Mundo*.

(70) Não se nos afigura fácil julgar o que poderia ter sido o seu governo, na hipótese de não haver sobrevivido a sua morte, atribuída a febre amarela e até hoje mal explicada, se admitirmos como verdade o que nos ensina a ciência quanto ao contágio daquele terrível morbo. Graças à gentileza do Dr. José Lino da Justa, da Academia Cearense de Letras, podemos ler em um recorte do "*Diário de Notícias*, de São Salvador, daquela época, o manifesto em que vários intelectuais e estudantes da colônia cearense na Baía protestavam, em data de 21 de Agosto de 1889, contra a idéia de uma estátua a Caio Prado em Fortaleza. Eis alguns trechos do protesto, do qual aliás se conclue que Caio Prado não fôra objeto de ódio político. "(Caio Prado)... a cuja memória nós, os abaixo assinados, somos os primeiros a consagrar as homenagens do devido reconhecimento..." "...não conquistou direito a que se lhe erga uma estátua na praça pública". Pensavam os sinatários do protesto que estátuas só são devidas aos heróis... Ora "nenhum traço descomunal assinala a passagem do honrado paulista pela administração do Ceará". Reconhecem todavia que "em compensação teve a suprema ventura de realizar esta grande aspiração do amor — *ser amado também*. E amado de um povo". (Reconheciam que ele "amava ardentemente o

Proclamado o novo regime, que Farias Brito julgara antever nas suas poesias *Liberdade e Visão do futuro*, lógico seria que o entusiasmo o impelisse a querer colaborar na reconstrução da pátria. Essa imagem tão seduçã tem o seu lugar. O próprio Farias Brito, ao explicar em nota final do volume dos *Cantos Modernos*, o seu modo de encarar o 15 de Novembro, assim se exprime "Na *Visão do futuro* eu descrevo um templo em ruínas e lamentando a dolorosa incerteza e as contingências cruéis da natureza humana, vejo sair de

Ceará"). Sugeriam um monumento "na tristonha cidade dos mortos" ou gravar-se-lhe "a imagem querida nos salões nobres dos edificios públicos onde se exercera mais fecundamente a sua atividade".

J. Brígido, no volume já citado relativo aos homens e fatos mais notáveis da história do Ceará, regista pouquíssimos acontecimentos no período compreendido entre 21 de Abril de 1888 e 25 de Maio de 1889. Deles quasi nada se pode inferir quanto à própria administração de Caio Prado. O primeiro fato não pertence à história da então provincia: é a grande vitória nacional de 13 de Maio de 1888. (O Ceará entretanto já se antecipara e tivera a primazia na emancipação total dos seus escravos desde 25 de Março de 1884). As datas do anno de 1889 são as seguintes, que copiamos com os comentários do mesmo J. Brígido:

2 de Janeiro — Contrato do Governo Imperial para a abertura de poços artesianos no Ceará, tentativa que falhou pela má escolha dos logares e despesas inúteis e excessivas, que gastaram as forças da Empresa.

24 de Janeiro — Comêço dos trabalhos de prolongamento da Estrada de Ferro de Sobral, de Sobral para Ipú.

1 de Fevereiro — Decreto creando uma Escola Militar no Ceará, instituição nociva à paz pública, a qual veio a desaparecer em meio de maldições."

dentro do templo um grupo de mancebos entoando um canto ao futuro. (...) O templo em ruínas era o velho edifício monárquico incompatível com as aspirações nacionais e condenado pelo espírito da História. O grupo de mancebos era a mocidade brasileira tão brilhantemente representada pelos heróicos oficiais do exército e armada nacional, bem como pelos propagadores das idéias republicanas, revolucionários de 15 de Novembro que, levantando-se por cima dos destroços do antigo regimen, deram o braço ao povo e proclamaram a república". (71)

Voltando a Fortaleza, Farias Brito, ainda sob a influência desse idealismo sincero, quasi ingênuo, toma parte ativa no pleito de Agosto de 1890, para a representação do Ceará no Congresso Constituinte. Figurou o seu nome na chapa organizada pelo chefe político Conselheiro Rodrigues Junior para a deputação

Desse período possuímos uma carta de Farias Brito, dirigida ao primo Felix Cândido (hoje Desembargador e a quem devemos a gentileza de não-la haver oferecido, entre outras). É datada de 20 de Março de 1889. Diz em um dos seus trechos: "É lastimável, profundamente lastimável, o estado da provincia. Estão desaparecendo todas as esperanças de inverno e incontestavelmente a sêca será horrosa. O Presidente está ciente de tudo e vai providenciar, mas de momento não se pode tomar uma resolução quando todas as localidades reclamam e todos os pontos da provincia estão ameaçados do mesmo mal."

(71) *Cantos Modernos*, pag. 133.

federal. (72) “Malgrado o pleito, escreve um seu biógrafo, perseguida a opposição, esteve foragido por alguns dias, sendo sua residência vigiada e até mesmo corrida pela policia”. (73)

Como a experiencia deveria ter sido amarga ao nobre espirito do filosofo, que pouco antes havia exultado com a esperanca de uma completa regeneração dos costumes politicos!

Desiludido (mas não definitivamente), consagra-se à sua profissão de advogado, para a qual possuia, entre outros, o dote da eloquência, por vezes empolgante, irresistivel, a serviço de uma cultura firme e de um caráter sem jaça. Dispunha, além disso, de notável facilidade de falar de improviso. (74)

Mas a sercia politica de novo o seduz. A 28 de Abril de 1891 assumia o governo do Ceará o general de divisão José Clarindo de Queiroz. Para seu secretario escolheu Farias Brito, que aceitou o convite. A segunda experiencia ia ser mais rude que a primeira.

(72) Raimundo Nonato de Brito, *op. cit.* pag. 9.

(73) *Ib.*

(74) Farias Brito, de estatura baixa, magro, franzino, aspecto doentio, causava surpresa a quantos o ouviam falar pela primeira vez, tal a sua facilidade de expressão. Na pontinha dos pés, o olhar brilhante, a voz forte, com um vigor e nitidez impressionantes, dominava o auditorio. Recolhemos, unânime, esse testemunho, de vários que o ouviram, no Ceará, em Belém e até aqui no Rio.

A situação política do país durante o Governo Provisório e logo após a promulgação da carta de 24 de Fevereiro desmentia as previsões de poético otimismo do jovem autor dos *Cantos Modernos*. Deodoro e os seus companheiros já não se entendiam. Entre os ministros existia, em meados de 1890, lamentável e perigosa irritação. A 27 de Setembro Deodoro e Benjamin tiveram sério atrito na sala dos despachos do Itamarati. Não fosse a intervenção dos amigos e o incidente poderia ter chegado a proporções das mais graves. Deodoro, logo depois, levado para uma sala próxima, sofria os efeitos da sua exaltação: era um cardíaco e tinha o organismo combalido. Benjamin também, que durante o deplorável incidente aparentára a energia calma de um filósofo, sentiu ao deixar o Itamarati mais se lhe agravarem os sintomas do mal que dentro em poucos meses o levaria, antes ainda de Deodoro.

O governo constitucional (consequente a 24 de Fevereiro e à eleição de Deodoro e Floriano à presidência e a vice-presidência), desde o início vinha perturbado pelas paixões. O modo frio por que o fundador da República fôra recebido pelo Congresso, no dia mesmo da sua eleição — 25 de Fevereiro de 1891 — em contraste com as aclamações a Floriano,

demonstravam o quanto as rivalidades dividiam os companheiros de 15 de Novembro. Já se podia prever o que seria a presidência de um militar valente, mas não diplomata hábil, nem sequer político habituado às tangentes. O conflito entre o Executivo e Legislativo não demoraria.

A 15 de Julho abria o Congresso a sua primeira sessão ordinária. A 3 de Novembro julgava Deodoro que o poderia dissolver. Em vinte dias os elementos reacionários conseguiram, não obstante o estado de sítio no Distrito Federal e em Niterói, concertar a resistência.

Enfermo, abatido, fisicamente e no ânimo também, Deodoro não tentou sequer manter a ditadura. Foi relativamente fácil restabelecer o governo constitucional. A 23 de Novembro o Marechal passava a presidência a Floriano.

Este, no dia mesmo do Contragolpe, julgava preferível não empregar meios violentos de reação, uma vez afastada a ditadura. O testemunho do Barão de Lucena, recolhido por Tobias Monteiro, merece registro. "Agora que triunfamos, haja toda a moderação; nada de excessos". (75)

(75) Tobias Monteiro, *Pesquisas e Depoimentos para a História*, pag. 364. Eis o tópico: "Quisemos saber que impressão deixou então Floriano ao Sr. Lucena: se lhe pa-

Mas viriam fatalmente os excessos. Resultam da própria essência das reações políticas. A psicologia, se não os justifica, pelo menos os explica.

Como os vários governadores, na sua quasi totalidade, houvessem aderido à ditadura de Deodoro, Floriano muito naturalmente começou por uma derrubada geral. (76) Ora o General de divisão José Clarindo de Queiroz fôra nomeado por Deodoro e aderira ao golpe de 3 de Novembro. E' certo que Clarindo tinha sido, a 7 de Maio de 1891, eleito para governador do Ceará pelo respectivo Congresso. E' certo ainda tambem que a 16 de Junho fôra promulgada pelo Congresso respectivo, a primeira Constituição do Ceará. (77) Não é menos certo, porém, que, a 12 de Janeiro de 1892, um novo Congresso promulgou nova Constituição para o Estado. (78)

recia penalizado da situação de Deodoro — ou se ao contrário parecia receber a herança como um justo triunfo. Acha o Sr. Lucena que era difícil ou quasi impossível surpreender-lhe no semblante inalterável o que porventura sentisse. Lembra-se apenas que, estando quasi a seu lado quando o general Argollo dele se aproximou, o ouviu dizer baixinho: "Agora que triunfamos, haja toda a moderação; nada de excessos."

(76) São quasi as expressões de Galanti, na sua *História do Brasil*, vol. V, pag. 179.

(77) J. Brígido, *op. cit.* pag. 510.

(78) *Op. cit.* pag. 511.

Sabe-se que Floriano, ao assumir o governo em consequência do contragolpe de 23 de Novembro, convocou imediatamente o Congresso Federal para uma sessão extraordinária (13 de Dezembro de 1891 a 22 de Janeiro de 1892). Todos os atos de Floriano foram aprovados... Até a deposição dos governadores, que se afigurava necessária, dada a urgência de fortalecer o poder federal e facilitar a pronta intervenção do chefe do Executivo.

Clarindo, entretanto, conservou-se no seu posto até meados de Fevereiro de 1892. No seu manifesto de 8 de Março desse mesmo ano, datado já no Rio de Janeiro, vinte dias após a sua violenta deposição, ele nos diz o motivo da sua resistência. "Na grande crise por que passa atualmente a Nação Brasileira, quando sob pretexto de restabelecer-se a Constituição Federal, promove-se a anarquia em todos os Estados, desviando-se a força armada do papel a que é destinada para implantar o despotismo em todo o país, e derramar o sangue do povo, entendi que era meu dever defender o Ceará, constituido em Estado autônomo, a cujos destinos me achava ligado pelo mais solene compromisso. Assim procedendo, não obedeci somente às inspirações da consciência, mas também e principalmente às imposições

da vontade popular. Livrementemente eleito para o cargo de governador por um Congresso em minha ausência, que, tendo presentes 23 deputados, elegem-me por 22 votos, fui sempre apoiado pela grande maioria do Estado.

Com a maioria governei e com ela caí, se porventura é cair deante da força, da violência efetiva e descomunal, com evidente impossibilidade de levar por diante a resistência. Posso afirmar ao país, e o faço com grande satisfação, que o povo cearense, identificado comigo, não cedeu por fraqueza, mas unicamente porque as circunstâncias tornaram a nossa vitória impossível. Ao lado daquele povo heróico, lutei durante treze horas, quasi sem armas nem munições, apanhado de surpresa, opondo resistência a metralhadoras e canhões, colocados em posições inacessíveis aos nossos poucos meios de defesa.

Cedi, mas comigo terminou no Ceará o domínio da lei, e em tempo algum se poderá dizer que fui indiferente aos destinos da minha terra natal". (79)

(79) O manifesto, cuja redação trói a pena de Farias Brito, merece lido na íntegra. Raimundo Nonato de Brito (*op. cit.* pag. 9) diz claramente: "Com a deposição do General Clarindo redigiu o manifesto apresentado ao país, prendendo a atenção pública como uma peça de inexcusável valor." Descontada a hipérbole, não há negar que o do-

A deposição do governo do Ceará se deu na madrugada de 17 de Fevereiro de 1892,

cumento constitue peça notável para exame imparcial dos fatos. Ei-lo na íntegra:

Só agora, vinte dias depois do monstruoso atentado que me depôs do cargo de governador do Ceará, é que posso me desobrigar do dever de dirigir o meu manifesto à nação. O estado precário de minha saúde, rudemente abalada naquela peleja, desigual, a que só por acaso (1) sobrevivi, foi o motivo principal dessa demora aliás conveniente, para que as minhas palavras não pareçam ressentir-se da comoção do momento, e antes terem o cunho da prudência e firmeza que em verdade nunca perdi.

Na grande crise por que passa atualmente a Nação Brasileira, quando, sob pretexto de restabelecer-se a Constituição Federal, promove-se a anarquia em todos os Estados, desviando-se a força armada do papel a que é destinada, para implantar o despotismo em todo o país e derramar o sangue do povo, entendi que era meu dever defender o Ceará, constituído em Estado autônomo, a cujos destinos me achava ligado pelo mais solene compromisso.

Assim procedendo, não obedeci somente às inspirações da consciência, mas também e principalmente às imposições da vontade popular. Livremente eleito para o cargo de governador por um congresso, constituído na minha ausencia, que, tendo presentes 23 deputados, elegeu-me por 22 votos, fui sempre apoiado pela grande maioria do Estado.

Com a maioria governei e com ela caí, se porventura é cair — ceder deante da força, da violência efetiva e descomunal, com evidente impossibilidade de levar por deante a resistência.

Posso afirmar ao país, e o faço com grande satisfação, — que o povo cearense, identificado comigo, não cedeu por fraqueza, mas unicamente

(1) Seria mais próprio dizer por Providência Divina, porque as famílias cearenses passaram a noite a dirigir ao céu fervorosas súplicas. (N. da R.).

após uma noite inteira de combate, em que pereceram 13 pessoas. Às cinco da manhã o

por que as circunstâncias tornaram a nossa vitória impossível.

Ao lado daquele povo heróico, lutei durante treze horas, quasi sem armas nem munições, apanhado de surpresa, opondo resistênciã a metralhadoras e canhões, collocados em posições inacessíveis aos nossos poucos meios de defesa.

Cedi, mas tempo algum se poderá dizer que fui indifferente aos destinos da minha terra natal.

Enquanto tive forças, lutei, e só reconheci-me vencido quando o palácio do governo ameaçava desabar por cima do povo, arrombadas as paredes a balas de artilharia.

Era impossível vencer. O Ceará, abandonado e pequeno, não podia deixar de ser esmagado pelo poder da Federação.

A convicção da santidade da nossa causa nos deu forças, mas haviamos de ceder ante o poder onipotente do absolutismo.

E poderá o Governo Federal negar a sua intervenção no atentado de que fomos vítimas?

O 11.º batalhão, que era uma garantia da tranquillidade pública, teve de retirar-se para a cidade de Maranguape, a 29 quilômetros da capital, sob pretexto de ali acampar e fazer exercícios, por ordem do comandante do 2.º distrito e em obediência a instruções do ministro interino da guerra, contra-almirante Custódio José de Melo, não obstante as ponderações que fiz em telegrama ao vice-presidente da República, prevenindo-o dos boatos alarmantes que corriam e das ameaças de deposição que me eram dirigidas. E, apenas retira-se o batalhão, começa a revolta, pondo-se em ordem de batalha toda a força federal restante. *E' o próprio* comandante da guarnição que põe em movimento a escola militar, com praças do batalhão que ficaram no quartel e pessoal dos navios de guerra surtos no porto, desembarcando préviamente metralhadoras e

Governador, na impossibilidade absoluta de prolongar a resistência, passou o governo ao

mais preparativos de guerra, e fazendo assentar, em pontos convenientes, quatro canhões raiados da fortaleza, que com as munições foram prestar-me o auxílio que me é garantido pela Constituição, e em tempo o requisitar, sem deixar de fazê-lo ao Comandante da guarnição e ao 11.º batalhão, quando este ia partir para Maranguape.

Mas como podia ser de outro modo, se lhe estava reservada a missão de forçar a minha retirada do governo?

O governo federal ordenou e a força obedeceu: eis tudo.

Mas neste caso fosse sincero e franco o Poder Federal: assumisse abertamente a ditadura e não nos visse falar em nome da legalidade, garantindo mesmo todo o apóio e confiança ao Governador do Ceará.

Eu creio nos homens eminentes do país, e acreditei a princípio nas palavras com que se apresentou à Nação o Sr. Vice-Presidente no manifesto que publicou ao assumir a suprema direção da República.

Nada devia recar de homens que acabavam de sair vitoriosos de uma revolução que foi feita em nome da lei, quando a minha causa devia ser a deles. Entendi não ser de meu dever contrariar o ato de dissolução do Congresso Federal, porque as minhas atribuições eram limitadas ao Estado, e com a conuata reservada que adotei, supunha evitar perturbações lamentáveis.

Não havia de minha parte intenções menos dignas, nem es meus telegramas foram devidamente apreciados: aguardava os acontecimentos sem recorrer a meios irritantes, convencido entretanto da gravidade da situação em que entrava o país.

A solução foi rápida; e logo pelo triunfo da revolução de 23 de Novembro foi saudado em toda a Nação o restabelecimento da legalidade. Supôs resolvida a questão; e vendo pelo próprio Sr. Vice-

comandante da guarnição, tenente-coronel José Freire Bezerril Fontenelle. A 18 assu-

Presidente da República ser qualificada como patriótica a renúncia do benemérito Sr. Marechal Deodoro da Fonseca, entendi que a revolução triunfante havia sido uma revolução de boa-fé. Lutar é de fato a mais nobre das aspirações e eu nada tinha a opor contra aqueles que se apresentavam em nome da legalidade.

Fui acusado de incoerente e comigo os outros governadores.

Questão de princípios — disseram.

Protesto (1) para monopolizar o governo em todos os Estados — tive de reconhecer. Com profunda máguia convenci-me de que a revolução se fizera, não por amor do direito, mas por amor do poder. Desde então não tive mais ilusões.

Quis deixar desde logo o governo; mas a população cearense, em sua quasi totalidade, incluindo tudo o que o Ceará possui de mais distincto, impôs-me o dever de lutar pelas instituições. Ceder era abandonar o Estado à anarquia e à desordem. Eu não devia atender somente aos meus interesses, aos meus cômodos; era sacrificio que só eu mesmo sei aquilatar devidamente, mas devia obedecer aos ditames da opinião.

Nunca me alterei. Calmo, imperturbável pela convicção de que defendia uma causa sagrada, nunca exerci uma vingança, nunca fiz uma perseguição. Si alguma vez me afastei da legalidade e da honestidade administrativa, que o digam os meus próprios opositores: da giita palavrosa e apaixonada que tem levantado contra mim, não se destaca uma só acusação séria, ou argumentação de ato meu menos regular ou menos reto. Promovi ou presidi a primeira e talvez única eleição verdadeiramente livre da República: a do Senado estadual. Reorganizei a magistratura, reduzindo 34 comarcas a 18, e não se levantou uma queixa, não se fez uma censura.

(1) *Sic.* Deve ser, evidentemente, pretexto. (Nota de J. B.)

miu o governo o major Benjamin Liberato Barroso, antigo vice-governador. A 12 de

Fui severíssimo exator das rendas públicas, não infringindo jamais as disposições orçamentárias, nem mesmo para despesas com a defesa do governo legal contra a revolta das forças federais. Apesar da exiguidade das rendas do Estado, e das dificuldades insuperáveis da administração, deixei saldos no tesouro superiores a cem contos de réis. Procurei com incessante esforço prover a todos os ramos do serviço público e diz-me a consciência que promovi a prosperidade do Ceará.

Entretanto já começou, e vai longe no caminho da demolição, a reação do pequeno grupo que ali representa a anarquia. Era um grupo limitadíssimo, de exaltados; mas a força que lhes dava o governo federal era tanta que eles chegaram a contar como segura a minha deposição nas diversas tentativas que fizeram. Eu não nutria mais ilusões: conhecia perfeitamente a direção que haviam de tomar os negócios. O que se passava pelos outros Estados, o que ocorria diariamente no Ceará, as transferências de oficiais meus amigos, sendo substituídos por desafetos, a chegada de emissários e por fim um telegrama do chefe do Estado — convidando-me para uma comissão militar nesta capital, — tudo isto era bastante eloquente para que me pudesse enganar.

Se não deixei logo o governo, foi porque entendo que não se pode transigir com os princípios que são o fundamento da sociedade. Eu tinha a obrigação de defender a autonomia do Estado, como havia prometido; e desde que estavam de meu lado a lei, o direito e a opinião, entendi que não devia ceder senão em presença de ataque irresistível de força.

O princípio da legitimidade ficou salvo. Não fui convencido, mas vencido. Não capitulei, nem negocieei a paz; fui derrotado pela força bruta. O crime, embora vencedor no momento, não oblitera o direito, que é imperecível.

Julho, em um terceiro congresso convocado para tal fim, eram eleitos, respectivamente.

Coube o despotismo à vitória material (2).

Mas o triunfo moral, que só a lei e a maioria do Estado podem dar, coube-nos a nós, representantes da verdadeira legalidade.

Se a República é o governo da lei e da maioria, pode-se dizer que no Ceará calu a república — para começar o domínio da força.

A cada um a responsabilidade de seus atos; quanto a mim, tenho a consciência limpa e tranquila. Creio bem que a palavra simples e desprezenciosa que ora dirijo à Nação, não será estéril, porque falo em nome da justiça ofendida.

Cedi, mas cedi lutando até ao limite do possível, e é belo lutar pelo direito até a última extremidade. Pela primeira vez tive orgulho: e, se os agressores da noite de 16 do mês último acreditam que me retirei abatido, se iludem. Eu saí com o coração engrandecido pelo exemplo de um povo heróico, que sabe morrer para dar vida aos seus direitos.

Supuseram talvez que nas ruínas do palácio do governo ficava sepultada a alma do povo cearense. Enganam-se: o povo não morre. A mocidade aprenderá nesse exemplo a melhor orientar-se na defesa das instituições.

Era inacreditável que se chegasse ao inaudito arrojado de bombardear o palácio do governo e a capital do Estado em nome da falsa legalidade contra a legalidade real. Mas tivemos de ver, bem ao vivo, como se joga com a vida dos homens e como se afronta os brios do povo.

Eram 5 horas da tarde de 16 de Fevereiro findo, quando o Major reformado Manoel Bezerra intimou-me pelo telefone (!) a deixar o governo e ainda não tinha eu concluído a resposta quando ouviu-se o primeiro tiro de canhão! E a população da capital assistiu com espanto e terror ao tiroteio medonho, que prolongou-se desde 5 horas da tarde

(2) Deve ser: coube ao despotismo a vitória material. (td.)

para a presidência e a vice-presidência do Estado, o tenente-coronel Bezerril e o bacharel Antônio Pinto Nogueira Acioly, assumindo este último desde logo o governo. Na mesma data se promulgava a segunda constituição efetiva do Ceará. A posse do presidente Bezerril só se deu a 27 de Agosto. (80)

Transcreveremos aqui, para completar este registo sêco e inexpressivo de datas e nomes, uma página do próprio Farias Brito, em

de 16 até 6 horas da manhã de 17. Tive de retirar minha família alta noite para uma casa vizinha, por entre o estrondo do canhão e da metralha, quando já ameaçavam desabar as paredes do palácio e os moveis eram resolvidos pelas balas.

Foi uma cena medonha. E porque todo esse terror? Porque o Governo Federal entendeu que o Ceará não devia escapar à anarquia que invade e convulsiona o povo. Fez uma revolução, em nome da legalidade, para restaurar a Constituição Federal e por ordem ou com evidente consenso do Governo da União rasgaram-se as Constituições dos Estados.

A revolução durou vinte dias: promove-se a ruptura de vinte constituições e o assassinato em massa do povo em tres longos meses. E' a lógica do despotismo.

Reagi na medida de minhas fôrças contra o monstruoso atentado e retirei-me com a consciência tranquilla, apelando para o patriotismo da imprensa e para a justiça dos meus compatriotas.

Ainda seu, de direito, o governador do Ceará.
Rio de Janeiro, 8 de Março de 1892.

JOSÉ CLARINDO DE QUEIROZ

que descreve a deposição de Clarindo. Publicou-a no *Norte* uma semana apenas depois do ataque ao palacio do Govêrno e da violenta retirada do governador. (81)

“Seis horas da manhã de 17 de Fevereiro. Tinha sido levantada a bandeira branca e já se haviam dispensado por ordem do general José Clarindo os combatentes do povo, isto é, daqueles que não vacilaram em fazer o sacrificio da vida para defesa da autonomia do Estado. Um grupo de alunos armados de carabina tomara conta do palacio bombardeado. O General contemplava impassível e mudo aquele quadro de destruição. Seu olhar tinha aquela serenidade augusta que impõe-se ao respeito mesmo dos facinoras. Ninguém falava: reinava profundo silêncio. Em torno paredes arrombadas; pelo chão objetos dispersos misturados com pedaços de granadas; por toda parte sinal de sangue.

Um amigo cujo nome é justo mencionar e que entrara naquele momento, o Dr. José Lino da Justa, segredou-me ao ouvido: “Nunca vi coisa alguma que me impressionasse deste modo: o General está com a farda coberta de

(81) O artigo tem por título *O General José Clarindo* e está assinado *Farias Brito*. O governador deposto faleceu no Rio de Janeiro a 28 de Dezembro de 1893.

pó e sua face parece que ainda goteja o suor da luta”.

Em um quarto vizinho, Guimarães (82) moribundo ao lado de cadáveres ensanguentados, respondia a alguém que se atrevia a acusá-lo: “Cumpri o meu dever”.

Pelas ruas pessoas que olhavam ainda tomadas de terror; paredes feridas pelas balas; cadáveres sobre as calçadas; soluços e imprecações. Na praça a estátua de Tibúrcio, que caíra de pé e que estava como que ajuda a repelir a metralha e o canhão. E eu lembrei-me destas palavras de Brutus na batalha de Phelipes (*sic*), de Brutus, o último dos republicanos de Roma, e veio-me à imaginação a figura soberana de Tobias Barreto, quando do alto da sua cadeira proclamava: “O direito é a fôrça”.

Mas uma velha crença, cujas verdades fundamentais permanecem inalteráveis no fundo de todas as doutrinas, faz da sociedade e do mundo um resultado permanente da luta entre dois princípios que reinam sobre o pensamento, a palavra e as ações, servindo de base a todas as operações da evolução universal, um que leva para a luz e outro que leva para as trevas. Da oposição entre esses dois princípios

(82) Uma das vítimas do ataque ao palácio do governo.

eternos nascem, segundo o Avesta, o ser e o não-ser, o princípio e o fim, a vida e a morte. Um reflete-se na realidade do visível e serve de inspiração ao trabalho que edifica, à poesia que renova, à caridade que consola. Outro reflete-se na consciência do mal e perturbando a serenidade inalterável do poema universal, cujas estrofes são feitas com mundos e cujas folhas são a imensidade do espaço, transforma-se em tirania que persegue, em despotismo que ameaça e em ódio que fulmina. E esta velha crença estabelecendo que é do conflito interminável que se agita entre esses dois princípios eternos que resulta a harmonia universal, proclama que a justiça é a verdade.

“O direito é a força, diz Tobias Barreto, em nome da ciência. O direito é a verdade, diz a tradição da humanidade, em nome do coração. De que lado está a razão? Apelemos para o tempo. Por enquanto é cedo ainda para julgar, porque o processo da formação do direito é muito mais lento do que se supõe”.

VII

UM CORAÇÃO DE FILOSOFO

A sercia política, felizmente, não logrou seduzir de modo irresistivel o pensador cearense. Mesmo durante o período em que servia a causa pública, na presidência do General Clarindo, Farias Brito não abandonára os seus livros. Em Setembro de 1891 defendeu tese e se submeteu às provas de arguição e preleção exigidas por lei afim de ser provido na cadeira de História Geral do Liceu do Ceará, que interinamente regia desde 4 de Julho do mesmo anno (83). Foi por essa ocasião que escreveu

(83) Eis o documento extraído do arquivo do Liceu do Ceará: "Termo de compromisso extraído do livro n. 340 (Anos de 1882 a 1903). Em 4 de Julho de 1891. Termo de juramento que presta o Bacharel Raimundo de Farias Brito para o cargo de professor interino da cadeira de História Geral do Liceu. Aos quatro dias do mez de Junho de 1891, nesta secretaria da Instrução Pública, perante o Inspector Geral da Instrução Pública, Dr. Francisco Fernandes Vieira, compareceu o Bacharel Raimundo de Farias Brito, afim de prestar juramento e tomar posse do cargo de professor interino da cadeira de História Geral do Liceu. Deferido o

uma pequena monografia sobre os Fenícios e Hebreus (84). Com a mudança do cenário em

juramento do estilo, lavrou-se este termo, que vai assinado pelo mesmo Snr. Inspector Geral e o juramento. Eu Marcos Apolonio da Silva, secretário, subscrevi. Francisco Fernandes Vieira. Raimundo de Farias Brito.

Relativamente ao concurso: "Termo de exame de História Geral, extraído do livro de Inscrições n. 257, ano de 1892. Aos trinta dias do mez de Setembro de 1891, (mil oitocentos e noventa e um), na sala dos atos do Liceu do Ceará, no meio dia, reunidos, sob a presidência do Snr. Inspector Geral da Instrução Pública Dr. Francisco Fernandes Vieira, em Congregação os professores do mesmo estabelecimento — Dr. Justino Domingues da Silva, Honorio Moreira de Carvalho, Dr. João Augusto da Frota, Raimundo Leopoldo Coelho de Arruda, Dr. Virgilio Augusto de Moraes, Dr. Helvecio da Silva Monte e Dr. Paulino Nogueira Borges da Fonseca, afin de, em conformidade com o art. 14 do Regulamento de 23 de Junho de 1891, julgar as provas exhibidas no concurso a que se procedeu nos dias 28 e 29 do corrente para provimento da cadeira de História Geral, pelos dois candidatos inscritos, Farmacêutico João Francisco Sampaio e o Dr. Raimundo de Farias Brito, aprovou o seguinte parecer da comissão examinadora: A comissão examinadora, depois de haver apreciado as provas dadas pelos candidatos do concurso da cadeira de História Geral do Liceu, Srs. Farmacêutico João Francisco Sampaio e o Bacharel Raimundo de Farias Brito, é de parecer que as tres provas apresentadas por ambos os candidatos, a saber: tese, arguição e preleção, na conformidade do Regulamento expedido a 23 de Junho do corrente ano, merecem igual aprovação — e conclue propondo a classificação dos respectivos candidatos em igualdade de condições; visto como unanimemente reconheceu boas as tres provas. Sala do Liceu do Ceará, 29 de Setembro de 1891. O Director Francisco Fernandes Vieira, Paulino Nogueira Borges da Fonseca, Virgilio Augusto de Moraes e Helvecio da Silva Monte. A aprovação da Congregação, quanto ao julgamento das provas dos candidatos, foi por unanimidade de votos e quanto à classificação dos mesmos foi por maioria de votos, obtendo o candidato Farias Brito dois votos favoráveis. A Congregação examinando todos os

Fevereiro de 1892, ficava de novo no ostracismo e desta vez para sempre quanto a cargos de natureza propriamente política. Ia agora, mais livre de compromissos e de perigosas ambições, entregar-se todo à grande e quasi única paixão de sua vida: a filosofia.

E' de fato nesse triênio 1892-1895 que elabora, redige e publica o primeiro dos volumes da *Finalidade do Mundo* (85). Daí por diante,

papéis referentes ao concurso, julgou-os de acôrdo com as disposições do citado Regulamento de 23 de Junho. E de tudo, para constar, lavrou-se este termo, que vai assinado pela Congregação, digo e portanto conclue apresentando os dois candidatos para o preenchimento da cadeira, por maioria de votos para constar lavrou-se este termo que vai assinado, digo e portanto conclue apresentando por maioria de votos os dois candidatos à escolha do Governador. E para constar lavrou-se este termo que vai assinado pela Congregação. Eu, Marcos Apolonio da Silva, secretario, escrevi. O Director Francisco Fernandes Vieira. Paulino Nogueira Borges Fonseca. Justino Domingues da Silva. Virgilio Augusto de Moraes. Raimundo Leopoldo Coelho de Arruda. Helvecio Monte. Padre João Augusto da Frota. Honorio Moreira de Carvalho".

(84) *Pequena História. Ligeiro apanhado sobre os Phenícios e Hebreus*. 1891. Tip. do Cearense n. 88 rua Formosa, 66 págs. Farias Brito foi nomeado, assim como o seu competidor. Mas sobreveio a deposição de Clarindo e a mudança de cenário político. Mais tarde o presidente Nogueira Accioly (1896) nomeou Raimundo de Farias Brito para a cadeira de grego do Liceu; depois permutaram de cadeiras Farias Brito e Gracho Cardoso, que estava então com a de História. Em 1902, porém, Farias Brito deixava o Ceará para sempre, indo para Belém do Pará, onde ficaria até 1909.

(85) Antes de publicar o 1.º vol. da *Finalidade do Mundo*, que é de 1894-1895, Farias Brito escreveu grande

até à morte, não mais se afastará dessa diretriz, embora o pensamento amadureça e adquira cada vez mais uma feição pessoal e inconfundível. Ve-lo-emos melhor noutro ca-

número de artigos em revistas e jornais, além das poesias reunidas, como sabemos, no livrinho intitulado *Cantos Modernos* (Rio. 1889). Na *Revista do Instituto do Ceará*, durante o ano de 1892, saíram estudos seus (2.º, 3.º e 4.º trimestres). Farias Brito foi um dos fundadores e por muito tempo o orador da Academia Cearense, em cuja *Revista* (n. 1.º — 1896) publicou um trabalho sobre o Dr. Tomaz Pompeu, na série *Homens do Ceará*; nessa mesma série, no ano seguinte (1897), se ocupa da personalidade do Dr. Guilherme Studart. Entre a publicação do 1.º e do 2.º volume da *Finalidade do Mundo*, na *Revista da Academia Cearense* tratou da filosofia de Malebranche (1898). Já então os assuntos filosóficos o absorviam completamente. Mas não desdenhava a literatura e animava os que lhe pediam uma palavra de estímulo. Em 1895 escreveu o prefácio do livro *Diferentes*, de Quintino Cunha, (Tip. Universal, Fortaleza). Dêsse prefácio vale transcrever alguns conceitos assaz expressivos do seu modo de encarar as letras e a função do escritor. "... Outra qualidade descubro agora em seus contos que é talvez a nota característica de sua mentalidade; é que odeia o crime e condenando-o de modo implacável parece dar como fim à literatura e às artes defender o lado bom do coração humano ou mais precisamente fazer a apoteose da virtude". E Farias Brito não hesita em declarar: "Esta tendência é boa e eu a noto bem pronunciada em seus escritos". *Amor ao bem, ódio ao crime*, — eis uma fórmula que me parece poderá ser muito fecunda no gênero de literatura em que penso mais poderá se distinguir o jovem poeta dos *Diferentes* e dos *Versos de cores*: o romance social". Não deixa de apontar com sinceridade os defeitos do livro; mas dá conselhos em linguagem simples e cordial, sem assumir ares de mestre. É digna de citação a parte final do prefácio, na qual se refere à influência de Guerra Junqueiro. "Trabalhe sem descanso, estudando muito e sempre tudo o que pode interessar a um espírito sério e valente: escreva e escreva sem cessar, cultivando o romance; mas não esque-

pítulo. Importa todavia registá-lo desde já, pois aqui começa aquela segunda e definitiva fase da sua existência que o ergueu, da humilde obscuridade de advogado ou promotor provinciano, da amarga desilusão de homem público impossibilitado de realizar as suas nobres

ça uma observação que vou fazer-lhe aqui e que há de lhe parecer talvez extravagante: evite a influência de Guerra Junqueiro, de quem me parece que lhe vieram alguns conceitos um tanto exagerados, que por isto mesmo que são exagerados não podem ser a expressão da verdade. Considere a natureza como em verdade ela é e não somente sob o ponto de vista mais obscuro e menos compatível com as aspirações mais elevadas do espirito humano. Seja claro e conciso e sobretudo seja sempre verdadeiro; mas para isto é preciso que não seja nunca nem exagerado nem intolerante. O escritor verdadeiramente animado do amor da verdade e do sentimento do bem, não se entrega nunca às explosões violentas da paixão desordenada; pelo contrário mostra-se em tudo compassivo e benevolente não menos quando combate o crime do que quando defende a virtude: reflete com fidelidade e amor o que lhe vai pela alma, fala a todos com tolerância e bondade e, como a virtude mesma, é sempre sereno". Nesse prefácio, datado de setembro de 1895, em Fortaleza, está retratado o próprio Farias Brito como escritor: a não ser porventura a concisão, que nem sempre em seus trabalhos se encontra fielmente observada, pois lhe preferia (e com razão) a clareza. Mas a bondade, a tolerância, a serenidade mesmo no ardor das discussões, ainda quando atacado asperamente, e sobretudo o amor apaixonado da verdade, isso já se acha nesse prefácio, como num documento de alto valor psicológico, recomendado e praticado em termos significativos. Repare-se a insistência com que aparece a palavra *verdade*: dez anos depois, no Pará, Farias Brito entitularia a um dos seus livros *A Verdade* como regra das ações. Era a sua paixão: e a filosofia era para êle a pesquisa da verdade integral. Com razão, no seu túmulo, está recordada esta sua nobre e constante homenagem à verdade, que foi a norma invariável dos seus atos.

aspirações sociais, ao plano mais sereno e mais fecundo em resultados duradouros de mestre de austeras verdades, de crítico e juiz severo de erros dominantes no ambiente intelectual da época e de autor de uma obra que, não obstante incompleta e passível de contestação, constitue um monumento invejável de cultura e de beleza moral. (86)

Essa beleza moral que a obra toda do filósofo revela, nós a iremos agora observar na vida mesma do homem privado, filho, esposo, pai, amigo, através das páginas inéditas de um diário íntimo, confirmadas pelo testemunho de quem com ele privou no processo do seu lar pobre, mas feliz.

A 2 de Dezembro de 1893, na igreja do Coração de Jesús, em Fortaleza, Monsenhor Xisto Albano celebrava o casamento de Raimundo de Farias Brito com Ana Augusta Bastos, filha do comerciante João Bastos, da mesma cidade. Lcio, ao escrever esta página, o próprio *Album de Família*, como o intitulou o filósofo, e sinto bem, no carinho de cada uma

(86) "Outro mérito do pensador brasileiro que não queremos deixar na sombra é a independência de espirito com que soube elevar-se acima de muitos preconceitos da filosofia moderna e reagir desassombadamente contra certas tendências a que, com mais ou menos inconsciência, se enfeudaram não poucos pensadores de valor". Leonel Franca, *Noções de História da Filosofia*, 2.^a ed. pag. 273.

dessas notas que não eram destinadas à publicidade, o coração palpitante de afeto, ora registrando alegrias puras, ora (e é o mais frequente) dando expansão, numa ternura quasi ingênua, à saudade que o punge.

Em 1895 nascia o primogênito, que teve o nome paterno e foi, na verdade, um filho de muitas dores. Viveu apenas dez meses incompletos. O amor de Farias Brito por êsse primogênito roubado tão depressa ao seu afeto, constitue uma das primeiras revelações dêsse diário íntimo. Com que delicadeza de coração paterno o filósofo — no ano mesmo da publicação do seu livro sobre a filosofia considerada como atividade permanente do espírito humano — se compraz em guardar a lembrança daquele triste 8 de Dezembro, antes da hora fatal, tres da madrugada. “Mesmo na noite em que morreu, disse papai e mamãe”. “E esta minúcia expressiva, para medida do seu afeto: “mamãe foi então pela primeira e última vez”. Nem se diga que são episódios sem maior alcance. Essa finura de afeto é riqueza de humanidade e explica outros aspetos, porventura mais impressionantes, da sua personalidade moral.

Em 1897 o lar se enriqueceu de novo com a bênção de uma filha, em Janeiro; mas em

Junho a Ceifeira impiedosa roubava-lhe a sua Nanoca, a metade do seu coração.

Já conhecemos um pouco do seu carinho paterno: vamos agora avaliar o que era o seu querer bem, ao percorrer as páginas do Diário relativas à data de 11 de Junho de 1897. "Após longos meses de atroz sofrimento, faleceu a minha inditosa Nanoca, pelas 6 horas da manhã"... Recorda então os derradeiros dias da esposa e usa desta expressão familiar, que resume dores e resignação: "Morreu como uma santa". Desce a pormenores que comovem pela simplicidade e pelo que revelam de amor sincero e agradecido, lembrando-se de que a enferma, ainda nos seus momentos de maior padecer, não se descuidava de quanto sucedia em casa, "observava tudo o que se passava, fazia a todo instante recomendações sobre o que dizia respeito às nossas pequenas coisas domésticas..." E numa confissão dolorida, como quem reconhece não haver talvez avaliado toda a extensão daquela virtude: "Só então pude verdadeiramente compreender quanto era digna e boa". É a recordação daquela certeza prévia do irremediável. "Eu sabia que ela tinha de morrer, pois não me podia iludir sobre a gravidade de sua moléstia e supunha por isto que havia de assistir sem abalo à grande crise; mas é só agora, depois

que ela já não existe, que compreendo quanto ela me era necessária”.

A obsessão do seu longo padecer inspira-lhe frases de uma expressiva singeleza que comove: “Recordo-me de suas mais insignificantes palavras, de seus mais triviais movimentos, de sua voz que era já por último apenas um sôpro quasi imperceptível, de seu olhar que já não tinha mais vida; vejo-a tossindo e gemendo...” E esta admirável síntese de saudade: “Sinto-a dentro de mim com a sua magreza, com os seus sofrimentos”.

E o filósofo que nessa data (1897) já publicou o seu primeiro volume da *Finalidade do Mundo* e deve estar já a escrever talvez o segundo, que é de 1899; o pensador sem fé sobrenatural, emancipado do êrro materialista, mas enleado no eipual do espinozismo; e contudo, lá no mais profundo do seu eu, cearense nascido num ambiente de piedade simples, de confiança filial na bondade divina, — num suspiro provindo certamente do coração, dirige-se Àquele que não pode ser apenas uma abstração metafísica, fria, insensível: — “Como ela era digna de piedade, meu Deus! E como é triste esta vida!” Vê-se bem que ao escrever essas páginas íntimas jámais supusera Farias Brito que um dia pudessem vir a ser divulgadas. Há tanta sinceridade, tamanha

despreocupação de forma que ao percorrê-las sentimos que nelas ficou o próprio eu do filósofo, sem os artifícios da composição. Quem não saiba apreciar essa linguagem do afeto sem adorno, passe adiante e não abra o Diário: fôra profanar o que o sentimento possui de mais delicado. Quem entretanto compreende a formosura dessas afeições, não lerá impassível tais páginas. Para êsses é que as transcrevemos.

“Só teve coração para amar; só teve vida para sofrer. (...) Depois que ela exalou o seu último suspiro, ... ficou imóvel e fria, sem nunca mais gemer, sem nunca mais tossir, com aquele mesmo ar resignado e triste, com aquela mesma expressão de bondade que lhe era tão natural. E eu, vendo-a assim imóvel e gelada, mas também já sem nenhuma angústia, já sem nenhum sofrimento, pensei comigo mesmo, no desespero de que me achava possuído: Como deve ser boa a morte! Como é invejável aquele supremo repouso”. Essa idéia da morte é aliás a verdade fundamental que Farias Brito preferia, desde o seu volume de 1895. A sua primeira frase repete a de Sócrates: *Filosofar é aprender a morrer*.

Mais talvez que a morte da primeira esposa, impressionou a Farias Brito a do velho pai, aquele Marcolino José de Brito de quem

escreveu mais tarde, já quando no Rio, conhecido e admirado:” “Meu pai só tinha um intuito na vida: educar-me”. (87) Deu-se essa morte em 1901, ano que Farias Brito, no Diário que estamos seguindo, assim qualifica: “Foi para mim o ano de 1901 um ano excepcional: foi aquele em que tomei deliberações mais importantes; foi aquele em que experimentei emoções mais terríveis e mais profundas; foi o ano em que morreu meu pai”.

Marcolino José de Brito faleceu a 16 de Agosto, com 71 anos de idade. Ao registá-lo, escreveu o filho extremoso: “... meu velho pai, aquele que fôra no mundo o meu melhor amigo, aquele que tinha em mim toda a sua esperança e todo o seu amor, e o único que seria capaz de dar por mim a própria vida”.

Passados quatro anos da morte dêsse pai muito amado, quando Farias Brito já estava no Pará, na fase porventura mais próspera da sua carreira de professor e de advogado, ao publicar o seu terceiro volume da *Finalidade do Mundo*, o que se ocupa de evolução e relatividade, e é um dos mais importantes dos seus trabalhos críticos (88), dedica-o à memória de Marcolino José de Brito em expressivas

(87) *Brazílica*, n. de Agosto de 1917 pag. 397.

(88) Ele próprio assim o considerava e com razão, pensamos nós.

e comovedoras palavras. “E’ de joelhos, meu Pai, que faço à vossa memória para mim sagrada, o oferecimento deste livro. Possa este fato servir como prova da sinceridade de meu pensamento, pois eu não vos poderia oferecer senão o que há de mais digno e mais alto em tudo o que me seja possível aspirar e produzir”. (89) E nesse mesmo volume se lê (90): “Meu pai me deixou por seu exemplo o caráter; por seu amor, a convicção de que a vida não é sem justificação e mesmo por sua morte, poderosa influência exerceu sobre o curso de minhas idéias”. E a seguir transcreve um largo trecho do que escrevera em seu Diário íntimo.

E’ curioso que Farias Brito acreditasse em pressentimentos. Ele próprio nos diz que teve certeza antecipada do falecimento de Marcolino José de Brito. E, o que mais ainda nos causa surpresa, que tal pressentimento resultasse de um sonho estranho, repetido e impressionante. Eis as palavras do Diário: “Tres meses antes mais ou menos eu havia resolvido fazer uma viagem à Europa em com-

(89) *Finalidade do Mundo*, Estudos de filosofia e teologia naturalista. — Terceira parte: “O Mundo como atividade intelectual”. — E. Tavares Cardoso e Livraria Universal, Pará 1905. Pag. III.

(90) *Op. cit.*, pag. 84.

panhia de meu sogro e amigo o Sr. João da Costa Bastos. A viagem fôra resolvida um pouco precipitadamente e era precisamente uma viagem de recreio". A propôsta dessa projetada ida à Europa, Farias Brito faz observações que nos revelam a simplicidade extrema do seu viver e ainda mais põem em relevo as difficuldades que deveria ter encontrado para levar adiante a sua grande obra filosófica, naquela época e naquele ambiente. "Se bem que fôsse muito natural passear, havia contudo no fato certa gravidade, pois não só ia me separar da família, por alguns meses, como demais iria, de certo modo, gastar inutilmente algumas economias que com muito custo conseguira fazer. Tudo isto devia pesar no meu espírito e no espírito dos meus, devendo-se notar que para a vida simples que levamos uma deliberação de tal ordem não deixava de ter grande importância". A viagem foi porém aprovada e Farias Brito partiu para Pernambuco, de onde seguiria com o sogro para a Europa. Conta-nos o Diário que Marcolino José de Brito não só aprovára a idéia da viagem mas até animára o filho a partir. Contudo (diz Farias Brito) eu notava que êle o fazia com frieza e assim como vi que ficou mui constrangido quando a viagem ficou definitivamente resolvida. No dia da partida

quandô eu me despedia dos meus, estava meu pai tão abatido, tão profundamente triste, que se fôsse possível eu teria desmanchado a viagem, tal foi a magua que senti. “E mais adiante esta confissão de sinceridade absoluta e surpreendente”: Ia o vapor perdendo a cidade de vista e eu não pensava em minha filha, não pensava em minha mãe: só levava um pensamento: meu Pai”.

Chegados a Recife, o sogro de Farias Brito desistiu da ida à Europa. Sentia-se fraco e deliberou voltar. Não nos diz Farias Brito até que ponto êle próprio teria influido na decisão. Parece que a idéia lhe agradou, pois usa do advérbio *felizmente*. Mas em todo caso desceu até o Rio. “Ao despedir-me de meu sogro, quando tomava o paquete para o Ceará, chorei: pensava em meu pai”.

À vista dessas transcrições não poderá o leitor agora acbar exagerada a nossa afirmativa de que Farias Brito sentiu de modo excepcional a perda dêsse pai tão querido e que tanto queria a êsse filho extremoso. Mas contemos o episódio dos sonhos. Quatro ou cinco dias depois de haver chegado ao Rio, Farias Brito sonhou que o pai dera uma queda grave e perdera os sentidos. “... via-o estendido no chão, deitando-me o mais triste olhar de piedade e sofrimento”. E’ interessante que

Farias Brito contasse o sonho a algumas pessoas, dizendo estar impressionado e com vontade de voltar para o Ceará. “Dissuadiram-me disto, considerando que aquilo nada significava, que o sonho é coisa vã, que tudo provinha da preocupação em que estava, ausente da família e que devia esquecer”. Mas o sonho repetiu-se: agora o pai lhe parecia agonizante. “Destá vez não falei mais a ninguém: preparei as minhas malas e voltei no primeiro vapor”. (91)

Durante a viagem (conta-nos o Diário) Farias Brito fez a seguinte prece: “Meu Deus, conservai meu pai; e, se êle deve morrer, se êle tem de morrer, fazei que viva ao menos até que eu chegue: que eu o veja ainda e possa assistir aos seus últimos momentos”. (92)

Não acompanharemos o Diário linha a linha: fôra longo demais para os limites dêste capítulo; mas o registo minucioso dêstes derradeiros dias de vida do pai, Farias Brito o escreve com um carinho de creança, êle o filósofo que criticava Kant e percebia as subtilidades do monismo de Spinoza.

(91) E' comovente esta minúcia de uma ternura de creança: “A bordo vinha sempre pensando em meu Pai”.

(92) Note-se que Farias Brito age como um verdadeiro crente: admite a existência de um Deus pessoal, que ouve e pode atender as nossas súplicas.

Marcolino José de Brito ainda vivia quando o filho chegou a Fortaleza; mas a grave pneumonia que o atacára em idade já avançada, septuagenário, embora não lhe tirasse logo a vida, profundamente lhe abalára o organismo. Farias Brito já o encontrára de pé, dado por bom pelo médico e naturalmente a chegada do filho em muito deveria ter concorrido para levantar-lhe um pouco as fôrças. Mas não tardou a queda deste illusório restabelecimento: em breve a dispnéia se tornou tão forte que foi preciso chamar de novo o médico. “Foi só então que eu vim a saber qual a moléstia de meu Pai: uma lesão no coração trazendo como consequência uma pneumonia passiva”. Os padecimentos do ancião foram dia a dia se agravando e a dispnéia se tornou intolerável. Houve a idéia de se reunir uma junta médica afim de examinar melhor o caso. A sentença confirmava o diagnóstico anterior: lesão cardíaca e consequente pneumonia passiva. O caso era dado como perdido: “Fiquei então certo de que meu Pai ia morrer. E conformado, agradeçi a Deus ter atendido a minha prece (93), permitindo-me que assistisse aos seus últimos momentos”.

(93) Esta conformação e este agradecimento são de um espírito cristão e é de notar que Farias Brito registre o fato no seu Diário com a simplicidade de um perfeito discípulo do Evangelho.

Marcolino por sua vez estava conciente da gravidade do mal e “dizia constantemente que ia morrer, acrescentando que esperava a morte sem medo e sem impaciência”. Mas os padecimentos se acentuavam cada vez mais e já agora o enfermo não lograva dormir: passava as noites em crueis sofrimentos com a crescente dispnéia.

“Dias antes da crise fatal, minha mãe se lembrou de lhe perguntar se queria confessar-se. Ele aceitou com transporte essa idéia e até extranhou que já não lh’o tivessem lembrado. Era já tarde: mas um Padre foi chamado, confessando-se meu Pai à meia-noite do dia 14 de Agosto. Não sei como possa explicar a impressão que experimentei quando ouvi as exclamações que proferia meu Pai no momento em que o padre se aproximava de seu leito de dor. E foi por entre estas exclamações, no meio de uma prece contínua, que a confissão foi feita”. Dois dias depois falecia Marcolino José de Brito.

O Diário conta minuciosamente cada uma das pequeninas e comovedoras cenas d’esses dois derradeiros dias: a despedida do enfêrmo, que na sua penúltima noite se ergueu do leito e sentado numa cadeira ao pé do altar que fôra armado no quarto, rezou o officio da Virgem e chamou todas as pessoas de casa, fazendo a

cada qual as recomendações que julgava necessárias, “pedindo a uns perdão, dando a outros conselhos, a todos consolando e animando”. (94)

Por quasi vinte páginas do Diário se estende o relato circunstanciado e impressionante da agonia dêsse Pai privilegiado, que teve tal filho para lhe narrar a morte edificante. Guardaremos aqui apenas uma palavra dêsse moribundo humilde, pobre caboclo sobralense e, todavia, não apenas pai do maior pensador do seu país, mas êle próprio tambem, na sua obscuridade, grande pela dignidade do pensamento. Ao sentir que estava iminente o instante supremo, observou com tranquilidade cristã: — “Aproxima-se o momento da verdade”.

(94) Foi nessa ocasião que Farias Brito pediu ao pai que aprovasse a idéia de seu segundo casamento. Farias Brito enviuvára, como sabemos, em 1897. Ouçanto-lo: “Foi nesta ocasião que eu falei a meu Pai, pela última vez, sobre o que nos era mais íntimo, fazendo-lhe os meus últimos pedidos, ouvindo as suas últimas recomendações. Foi então que pedi o seu consentimento para meu casamento. Ele me disse: — Dou, meu filho; dou de todo o meu coração. Não é do seu gosto? Pois é tambem do meu”. Poucos exemplos haverá, em vida de filósofos, a êste comparáveis.

VIII

A FINALIDADE DO MUNDO

O primeiro volume da obra filosófica de Farias Brito saiu a lume em Fortaleza, no ano de 1895 (95). Tem por título *Finalidade do Mundo*. Na linha imediata, na folha de rosto, há um parêntesis explicativo: *Estudos de filosofia e teleologia naturalista* (96). Após

(95) Há um desacordo de datas entre a que está na folha de rosto do volume — 1894 — e a da capa da brochura — 1895. Explica-se o fato: a impressão começou em 1894, mas a publicação só se realizou em princípios de 1895. Farias Brito, já desde o volume seguinte, de 1899, também em Fortaleza, até o *Mundo interior*, publicado no Rio em 1914, sempre se referiu a este primeiro trabalho atribuindo-lhe a data de 1895.

(96) A expressão *Teleologia naturalista* deu margem a críticas, por implicar uma contradição. “Se o naturalismo combate e reputa irremediavelmente perdida, com o geocentrismo e antropocentrismo, a finalidade ou concepção teleológica da natureza, não é fácil compreender como Farias Brito deu como subtítulo a sua obra *Estudos de teleologia naturalista*. A contradição é clara”. Augusto Meira, no *In Memoriam*, publicado no Pará em 1917 sob os auspícios do Sr. Dr. Lauro Sodré, então governador do Estado. (Tip. do Instituto Lauro Sodré), pag. 17-18. Farias Brito sofrera,

uma introdução de mais de vinte páginas (97), começa propriamente a primeira parte (que forma aliás todo o volume) sob o título: "A filosofia como atividade permanente do espírito humano". São dezenove capítulos, com cerca de trezentas páginas.

A frase inicial da introdução é de Sócrates: "Filosofar é aprender a morrer" (98). Ao mesmo Sócrates chama Farias Brito "o

evidentemente, a influência de Hartmann, que procurou provar não serem contraditórias as idéias de mecanismo e teleologia ao fazer o balanço do que havia de verdade e erro no darwinismo. Silvio Romero achava essa página de Hartmann uma das mais profundas que já foram escritas por mão de homem... E depois de transcrevê-la: "Esta doutrina é a mesma a que demos, em outro livro nosso, o nome de *teleo-mecanismo*, que é realmente o que existe no mundo". (*Ensaio de Filosofia do Direito*, 2.^a ed. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1908, pag. 89). Sempre categórico, o mestre sergipano. Farias Brito era mais prudente nas afirmações. A crítica todavia subsiste e atinge a própria página de Hartmann, subtil mas que repugna à razão.

(97) Pag. 7-29.

(98) Entre a folha de rosto e a introdução, à maneira de epígrafe de todo o volume, há um trecho de Large, tirado da sua *História do Materialismo*, vol. II, parte IV, cap. IV. Ei-lo: "Quando uma era nova deve começar e uma era antiga desaparecer, é preciso que duas grandes coisas se combinem: uma idéia moral capaz de inflamar o mundo e uma direção social bastante poderosa para elevar de um grau considerável as massas oprimidas. Isso não se opera com frio entendimento, com sistemas artificiais. A vitória sobre o egoísmo que quebra e isola, e sobre o gelo dos corações que mata, não será alcançada senão por um grande ideal que aparecerá como um "extrangeiro vindo do outro mundo", o qual exigindo o impossível, fará sair a realidade fora de seus eixos".

mais puro dos pensadores antigos”. Sublinha depois o quanto somos incoerentes: “Vivemos todos como se fôssemos imortais. Entretanto a morte é a única solução verdadeira do problema da vida”. (99) Por mais de uma vez cita Schopenhauer, cujos argumentos pessimistas são resumidos de acôrdo com a sistematização que deles fez Hartmann. (100)

No terceiro capítulo da introdução, Farias Brito parece inscrever-se entre os pessimistas. “. . . Se estudarmos a sociedade no que ela tem de falso em suas grandezas, illusório em suas promessas, no que tem de doloroso em tudo; se observarmos a miséria sob todas as suas formas; se penetrarmos nos hospitais, nas prisões, nos lazaretos; se atendermos às queixas de todos aqueles que sofrem, veremos que essa doutrina não é nem exagerada nem falsa, e até podemos dizer que o quadro de Schopenhauer fica ainda muito pálido quando comparado aos horrores da realidade”. (101)

E em fortes antíteses insiste no mesmo tema: “A vida é o que há de mais grandioso na natureza visível: a vida é uma ilusão per-

(99) Cf. o que observámos a respeito dessa idéia da morte em Farias Brito a propósito do falecimento do primogênito, da primeira esposa e do velho pai. (cap. IX desta obra)

(100) Pag. 11-12.

(101) Pag. 13.

manente. A vida é a suprema manifestação da potência creadora e artística da natureza: a vida é o desespero e a morte. A vida é tudo: a vida é nada”.

Pensava então Farias Brito que da morte de Sócrates poderíamos tirar “para êsse graves problemas uma luz admirável”. E recordava as palavras com que o mestre de Platão se dirigiu ao tribunal que o condenou.

No capítulo seguinte explica o autor que era preciso relembrar a doutrina socrática após haver citado Schopenhauer e Hartmann, para dar uma idéia do espírito que presidiu à concepção do seu livro. (102) Ficam assim em face uma da outra duas doutrinas opostas: uma que, partindo da consideração do sofrimento, afirma que a vida é uma desgraça irremediável e leva à moral do desespero, sustentando que a finalidade é o nada; outra que, reconhecendo a existência da dor como um fato universal, ensina-nos em todo o caso a ser fortes, colocando na resignação o princípio da sabedoria e sustentando que a morte pode ser e deve ser explicada como uma libertação”.

Farias Brito não oculta a sua preferência pela segunda. “E’ verdade que Sócrates não oferece nenhuma teoria sobre os destinos da

morte, não resolve nem poderia resolver o problema da felicidade. Mas formulando a alternativa de que com a morte tudo se acaba ou ao contrário com ela tudo começa, deduz que em qualquer destas hipóteses não se pode afirmar que a morte seja um mal. Nada dá como certo, nada resolve, reconhecendo que só se pode conhecer a vida até o momento da morte, tudo escapando daí por diante aos nossos processos de investigação. Mas quando põe em dúvida que a vida seja preferível à morte, e faz entrever a creença de que é com a morte que começa o verdadeiro problema da vida, levanta por assim dizer uma ponta do véu, fazendo brilhar um raio de luz na profundeza do abismo”.

Todavia para Farias Brito, nessa época, a immortalidade ainda não se apresentava como coisa demonstrável. “Depois da morte — nada. Pelo menos nada se pode conhecer e o mais que se pode fazer são conjecturas mais ou menos razoáveis. (103) Viver é sentir e a poeira não sente. O que resta pois do ser vivo depois da morte? Pergunta milhões de vezes renovada e nunca respondida”. (104)

Farias Brito reconhece que em certo sentido a morte não é um aniquilamento total,

(103) Ib.

(104) Pag. 16-17.

nem mesmo do organismo. “A parte propriamente corporea do nosso organismo é indestrutível, como o demonstram a física e a química e não se aniquila, não desaparece com a morte. Mas a parte psíquica, o que é feito dela?” Alega a impossibilidade, pelo menos atual, para a psicologia, de formular uma hipótese quanto ao que se torna após a morte a parte espiritual do homem. “Não há ciência do espírito, não se conhece ainda a lei reguladora da ação, sendo grande o esforço com que trabalham pensadores eminentes para subordiná-la às mesmas leis reguladoras do movimento, tentando em vão explicar os fenômenos de consciência em função da matéria e da força. Há porém um abismo entre os fenômenos mecânicos e os fenômenos de consciência: mecanismo e consciência são princípios irreduzíveis”. (105)

A preocupação moral avulta aos olhos de Farias Brito, já desde este primeiro volume. “O que é verdade é que no meio da dúvida profunda que nos domina, no meio da incerteza geral que nos rodeia, só uma coisa dá força: a virtude. E’ o que não é necessário provar porque sente-se, e para mostrá-lo nada mais é preciso do que apelar para a consciência de

cada um". E depois dessas palavras, em que se percebem claramente as influências não apenas socráticas mas também kantianas, Farias Brito escreve estas outras, que na sua nobreza e formosura moral são de certo modo um resumo da sua própria vida, por elas norteadas até a morte. "Primeiramente tudo é claro para as consciências limpas. Depois nada excede a coragem que dá a convicção do cumprimento do dever, pelo que o justo nada teme. A virtude traz o equilíbrio e a fôrça, o vigor e a serenidade: é a inteira consciência de si mesmo, a harmonia subjetiva, a luz no mundo moral. Por isto mesmo é forte o justo, por isto mesmo é inalterável o homem que segue o caminho do dever: e até, debaixo de certo ponto de vista, pode-se dizer que não está sujeito ao sofrimento, porque mesmo quando o despotismo o abate, mesmo quando o esmaga a tirania, está bem porque sente que nada poderá destruir a independência de sua alma". (106).

A página porém porventura mais significativa de toda a obra de Farias Brito, que prosseguiu durante vinte anos sem desfalecimento — de 1894, data da folha de rosto d'este

(106) Pag. -8. Como não pensar em Horácio? (Od, III, 3, 8: *Justum et tenacem propositi virum...*)

volume que estamos analisando, até 1914, ano em que foi publicado o *Mundo Interior* —, a página em que está bem nítida a elevada finalidade do seu estudo, ei-la aqui, nas palavras originais, simples e sinceras:

“É fácil agora fazer sentir qual o intuito dêste livro. O homem com todas as suas dúvidas e sofrimentos, a sociedade com todas as suas aspirações e trabalhos, os governos em luta com as revoluções, as religiões em luta contra a anarquia, nada tem segurança, nada tem estabilidade; e a vida da humanidade em geral pode ser reduzida a esta única fórmula: incerteza e fragilidade. Entretanto considerando as coisas por outra face, tudo é ao mesmo tempo vaidade, ilusão, orgulho. Não há porém dificuldade em mostrar de que lado está a aparência e de que lado está a realidade. Pois bem: considerando a dolorosa contingência a que estão sujeitas todas as nossas condições existenciais, quanto há de ilusório em todas as nossas aspirações, a quanta desgraça estamos sujeitos todos nós que vivemos, condenados irremediavelmente à morte: considerando o nada de todas as grandezas humanas, quero indagar da significação real desta natureza imensa que nos cerca, quero indagar que relação tem a minha existência com a existência universal, quero, numa palavra, interrogar os

segredos da consciência de modo a explicar a cada um a necessidade em que está de compreender o papel que representa no mundo. Tudo passa, tudo se aniquila. Pois bem: eu quero saber se do que passa e se aniquila alguma coisa fica, em virtude da qual se possa ter amor ao que já não existe ou deixará de existir; se do que passa e aniquila alguma coisa fica que não há de passar nem aniquilar-se: quero estudar esta ciência incomparável de que falava Sócrates; quero ensinar aos que padecem como é que se pode esperar com serenidade o desenlace da morte; quero dirigir aos pequenos e humildes palavras de conforto (107); quero levantar contra os tiranos a espada da justiça; quero, em uma palavra, mostrar para

(107) Esta preocupação de ser entendido pelos pequenos e humildes explica o porque Farias Brito timbra sempre em ser claro, evitando o estilo empolado, os termos difíceis e os raciocínios sibilinos. Neste particular a sua obra é quasi única em nosso meio. Além desta explicação que aqui nos dá (pag. 21), ainda o declara em seu livro de 1912, *A Base Física do Espírito*, pag. 72-73: "Devo, antes de qualquer outra coisa, prevenir que meu trabalho, absolutamente, não tem esta significação (a de construir um sistema). Não faço obra d'arte; mas, como já disse, obra de consciência: o que quer dizer que não tenho em vista um ideal estético, mas precisamente, o interesse da verdade, sendo que o ideal que me impulsiona é a ordem moral. Não é pois aos artistas, não é pois aos poetas que me dirijo, por mais que me pareça elevada a esfera em que giram suas nobres aspirações; mas aos que padecem da anarquia a que se acha reduzido o mundo moderno, aos que sofrem e aos que temem sêde de justiça... E' assim que faço questão sistemá-

todos que antes de tudo e acima de tudo existe a lei moral, e que é sómente para quem se põe fóra desta mesma lei que a vida termina". (108)

Eis aí o homem; eis aí a obra. O homem no que êle teve de mais original, e mais nobre como pensador independente, numa época em que dominavam outras correntes, outras escolas, outras modas intelectuais. A obra, no que ela possui de mais digno do nosso respeito, não obstante as suas falhas, o seu otimismo por vezes ingênuo, toda impregnada de alto idealismo construtor, dirigida aos pequenos, aos mal aquinhoados no banquete da existência, e escrita com uma sinceridade, uma simplicidade e ao mesmo tempo uma finura de análise que a extremam de qualquer outra na produção nacional. (109)

tica de evitar toda a nebulosidade, como todo o misticismo. E até devo observar que, sob o ponto de vista da forma e do método, a minha única preocupação é falar claro". E na carta a Jackson, escrita em 1915, ainda repete que "Não é aos sábios, não é aos filósofos que dedico o meu trabalho mas, antes, à multidão anônima, em particular aos que sofrem. Por isto mesmo consiste o meu maior esforço em escrever com clareza, em linguagem simples, acessível a todos (Jackson de Figueiredo, *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, pag. 215).

(108) *Finalidade do Mundo*, 1.º vol. pag. 21-22.

(109) Leone! Franca o considera "o mais original dos nossos pensadores". (Em seu livro *Noções de História da Filosofia*, 2.ª ed. pag. 262) E acrescenta: "Pela primeira vez, neste resumo histórico que vimos fazendo da evolução filosófica no Brasil, encontramos um homem que, com

Conhecido o fim visado por Farias Brito neste primeiro volume, a que se iam seguir até a morte mais outros, sempre em prossecução do objetivo já exposto nesta introdução, não nos será difícil fazer uma idéa do que pensava o filósofo acerca da própria filosofia. Esta é, desde o título dado à primeira parte da obra, parte que forma todo êste volume, considerada como *atividade permanente do espirito humano*. Em dezenove capítulos se estudam as relações entre a Moral e a Filosofia, entre o Direito e a Moral, entre a Filosofia e a Ciência e ainda as relações existentes entre a Filosofia e a Poesia, a Teologia e a Religião. Investiga-se qual o objeto da filosofia. Confrontam-se Metafísica e Positivismo. Discute-se a possibilidade de uma Metafísica Naturalista. E, depois de um penúltimo capítulo de crítica geral, o derradeiro é destinado a dar uma idéa da Religião Naturalista e é neste que se encontram as páginas famosas em que Deus é definido como sendo a própria luz.

Farias Brito, ao entrar propriamente no estudo a que se propõe, logo de início reconhece a sua extensão e dificuldade. "As duas

dadeiro autor, com incansável perseverança e admirável dedicação, sustentado apenas pelo estímulo de um ideal alevantado, se tenha consagrado, durante quasi toda a vida ao estudo da filosofia e ao desenvolvimento orgânico e sistemático de uma doutrina."

manifestações fundamentais do espírito humano na marcha geral da sociedade são a política e a filosofia. A política dá em resultado o direito; a filosofia dá em resultado a moral; e o direito e a moral são as duas alavancas, os dois eixos centrais do grande mecanismo social. Assim quem tivesse em vista apresentar o plano de uma concepção geral da sociedade, deveria abraçar, em seu conjunto, não sómente a ação da política, mas também a ação da filosofia, estudando, de um lado, o corpo social propriamente dito, isto é, a máquina; e, de outro lado, as produções do espírito, isto é, a força motora dessa máquina. Mas neste estudo, que para seu inteiro desenvolvimento demandaria não sómente um conhecimento completo do homem, mas também um conhecimento completo da natureza, o que mais importaria esclarecer e precisar era isto: a questão política, isto é o problema do direito, e a questão filosófica, isto é o problema da moral". (110)

O fim principal portanto das investigações filosóficas é o mais humano e prático: a moral. Vê-se bem que para Farias Brito não era a filosofia mera especulação teórica, sem significação para a conduta do indivíduo. Ao con-

trário: discípulo fiel de Sócrates, nela via aquela mestra da vida que ensina ao homem a razão de ser da morte.

Para Farias Brito a moral "é o conjunto dos princípios pelos quais deve o homem regular sua conduta". Pode porém o homem agir ou de acôrdo com a sua convicção, ou apenas de acordo com as suas conveniências. "Às vezes succede que as nossas convicções coincidem com as nossas conveniências. Neste caso o homem é feliz, mas não tem grande mérito; falta aquilo que constitue o verdadeiro merecimento: a luta, o esforço individual". (111)

Farias Brito aceita como regra de ação que "devemos procurar proceder sempre e em todas as coisas de conformidade com as nossas convicções" (112). Mas as convicções variam e estamos sujeitos a todo momento ao êrro; como encontrar elementos para convicções verdadeiras? Na filosofia. "Daí a idéia que defendo: a moral é o fim da filosofia. "Reconhece logo que a idéia não é nova: "Já Sócrates

(111) Pag. 34.

(112) Pag. 35. Em nota o autor declara: "Esta doutrina será desenvolvida em lugar apropriado quando fôr ocasião de expor a teoria da ação, no segundo volume". De fato o segundo volume foi consagrado à filosofia moderna e no Pará, em 1905, foi que Farias Brito, no seu livro *A Verdade como regra das ações*, veio a cumprir a promessa feita.

fazia da filosofia um sistema de moral” (113). E, em grau maior ou menor, “todos os sistemas filosóficos, mesmo os mais opostos, se esforçam de estabelecer sobre base sólidas os princípios da moral” (114). Todavia os discípulos de Sócrates alargaram o campo da filosofia, estendendo-a a todos os ramos do conhecimento humano, elevando-a a uma concepção geral do universo; “mas em resultado deram mais vigor e mais força à moral soocrática”. (115)

Para Farias Brito “Aristóteles foi mais um sábio do que um filósofo”. E explica porque assim diz: “grande físico e sobretudo grande naturalista, abraçou em seu vasto espírito a totalidade dos conhecimentos humanos, ao tempo em que viveu”. Aceita a crítica de Lefèvre em sua *Filosofia* e também a de Lange, quanto ao método aristotélico, parecendo entretanto não ter aprofundado em estudo pessoal a obra do Estagirita. Acha porém que foi “um grande homem, o maior da antiguidade grega” (116).

“De qualquer modo, porém, que compreendamos as coisas, seja qual fôr a escola filosófica que tenhamos de adotar, o que não se po-

(113) Pag. 35.

(114) Pag. 37.

(115) Ib.

(116) Pag. 36.

derá contestar é que todas as concepções do universo, do passado como da época contemporânea, materialista ou estóica, dualista ou monista, todas elas se propõem a um mesmo fim — a moral (117).

Além dessa idéia fundamental, que nos facilita compreender toda a obra de Farias Brito — a finalidade moral da filosofia, êste primeiro volume já contém os pontos capitais que sem repouso, durante vinte anos, o filósofo procurou desenvolver, esclarecer, corrigir aqui e ali, sem que, em rigor os abandonasse: as relações entre a filosofia e as ciências, a crítica do positivismo e do materialismo em geral, o criticismo de Kant, a defesa do espiritualismo, mas de um ponto de vista meramente naturalista, a defesa da poesia e da religião no terreno do idealismo, a identificação enfim de Deus com a própria luz.

Das outras questões ainda teremos ensejo de tratar ao percorrer os volumes seguinte de *Finalidade do Mundo* e da *Filosofia do Espírito*. Aqui nos deteremos só um momento para explicar, de acordo com o que nos refere o próprio Farias Brito, como foi êle levado a essa idéia de Deus. É o assunto do último capítulo do volume, o mais pessoal, o mais inte-

ressante porventura para um leitor que deseje conhecer melhor êsse espírito curioso da nossa história intelectual. O título dêsse capítulo é *Religião naturalista* e vem logo após o que se intitula *Crítica geral*, no qual o autor compara a obra da filosofia moderna a um vasto incêndio que tudo inflama e devora; e de modo particular insiste na negação de Deus por parte de todos os sistemas, mesmo aqueles que parecem admitir ainda uma sombra de divindade. "Foi destruído o Deus sôbrenatural e invisível, mas nada foi concebido em condições de substituí-lo e servir de princípio de explicação para a existência universal. Mesmo Spinoza não pode prevalecer (118). É certo que êste illustre pensador foi um pouco mais longe que os outros, identificando a ordem divina com a ordem da natureza; mas em resultado o Deus que concebe é um Deus mecânico e morto, redutível a uma simples fórmula geométrica e percebido através de concepções abstratas e estêreis" (119). Nenhuma dessas con-

(118) É sabido que Spinoza foi um dos autores que tiveram maior influência sobre o pensamento de Farias Brito nos primeiros tempos. Ainda no seu segundo volume, em 1899, confessava o pensador careense: "... se há filosofia a que meu pensamento se prenda, é exatamente a de Spinoza". *Finalidade do Mundo*, II vol. *A Filosofia Moderna*, pag. 264.

(119) *Finalidade do Mundo*, I vol. pag. 275. Vê-se, pela crítica feita às várias tentativas naturalistas de des-

cepções abstratas e estéreis satisfaz a Farias Brito. Repele também, pela mesma razão, a doutrina de Burnouf, que define Deus como a lei reguladora do cosmos: "Lei é apenas uma concepção abstrata da ordem dos fenômenos, e não uma realidade concreta" (120). De onde é fácil inferir que para Farias Brito Deus deveria ser uma realidade concreta, não porém material.

Ao passo que outros, na sua época, e o próprio Silvío Romero, por exemplo, aceitavam mais ou menos o ponto de vista de Kant e de Spencer, isto é, a impossibilidade de resolver o problema fundamental da causa primeira (incognoscível, isto é, inacessível ao conhecimento do homem), Farias Brito acha que "Não há nada que possa ser considerado como inacessível ao conhecimento (121). É iro-

truição do conceito teológico segundo o que Farias Brito chama "a velha teologia ortodoxa", que ele não se satisfazia com a idéia de um Deus "mecânico e morto".

(120) Pag. 277. "Não compreendo, nem sei como se possa compreender o que vem a ser este Deus mudo e invisível, impotente e sem alma. Spinoza ao menos dava a Deus extensão e poder; Burnouf tira-lhe o pensamento e a vida". Pag. 278.

(121) Pag. 282. "E' pouco o que se conhece, mas não tem limites o que pode ser conhecido, sendo que, se é ilimitada por um lado a natureza, é também ilimitada por outro lado a capacidade do espirito". O trecho, assaz expressivo, nos mostra porque Farias Brito não podia admitir o criticismo de Kant, nem a atitude positivista deante do problema do conhecimento.

niza: “Em verdade o *incognoscível* de Spenser, a *coisa em si* de Kant, a *vontade* de Schopenhauer e o *inconciente* de Hartmann e quaisquer outras concepções análogas, não são senão uma reprodução e cópia do Deus desconhecido dos teólogos”. E acrescenta: “A esta estranha concepção prefiro a própria teologia ou então a negação absoluta e decisiva de Buehner” (122).

A crítica da filosofia moderna é severa e peremptória: “Nada é pois mais obscuro que a filosofia moderna, cuja última palavra é, como se vê, uma palavra de mistério”. Mas não se segue daí que Farias Brito aceite o ponto de vista cristão. Para êle, nessa fase da sua obra, ainda a teologia se afigurava também inaceitável nos seus mistérios. O fim do capítulo, bastante fraco aliás como argumentação, tenta dar um resumo da doutrina católica relativa a Deus: sente-se que aí o filósofo pisa um terreno que não examinou minuciosamente.

O derradeiro capítulo expõe o ponto de vista original de Farias Brito quanto ao problema de Deus. E conta em que condições lhe veio a idéia de identificar Deus e a luz. É uma exposição longa demais para ser aqui reproduzida: ocupa sete páginas do volu-

me (123). Vale lê-la na íntegra. Demonstra o alto idealismo, o fundo poético, a tendência religiosa de Farias Brito. Nem cause surpresa que tudo viesse afinal de um sonho (124). Vimos noutro capítulo que Farias Brito se impressionava com os sonhos que tinha (125). “Este sonho deu corpo a uma idéia de que eu até então tivera apenas vago presentimento, mas que já existia em meu espírito” (126). Farias Brito passara todo o dia (1.º de Janeiro de 1892, em Fortaleza) lendo obras sobre assuntos teológicos, especialmente o livro de Gratry — *La connaissance de Dieu*. Apesar de considerá-lo “um trabalho de velha teologia”, Farias Brito o qualifica de “livro precioso” e “escrito em linguagem clara e concisa, notável pela erudição e por uma certa largueza de vistas”. Além de Gratry, releu sobre o problema de Deus os capítulos de Platão, Aristóteles, Santo Agostinho e Leibnitz (127). Adormecendo, pareceu-lhe estar a discutir com alguém que não lograva ver, porque o local em que se achavam era escuro, mas de palavra fácil e inspirada e de lógica

(123) Pag. 291-298.

(124) O próprio Farias Brito compreendia que se tratava “apenas de um sonho”. Pag. 292.

(125) No cap. *Um coração de filósofo*.

(126) Pag. 293.

(127) Pag. 295.

dominadora. E ao concluir Farias Brito, após longo debate, que era vão todo esforço no sentido de provar a existência de Deus, aquela voz que saía das trevas lhe disse: “Enganai-vos: Deus existe e pode ser conhecido. Há na natureza mesma alguma coisa que o traduz e revela. Observai e vereis”. Calou-se a voz e depois de um silêncio pareceu ao filósofo que uma música estranha ia aumentando até se tornar uma grande orquestra. E chegou a ser algo de tão ruidoso e forte que parecia uma confusão de sons desordenados. Isto não traduz Deus. Há confusão e desordem. “Mas exatamente neste momento brilhou uma luz como se caísse do alto. Não era luz sobrenatural, mas luz física, como se um raio do sol ou do luar passasse através de uma vidraça. Não obstante foi como se um raio de luz estelar desprendendo-se do vácuo terminasse por iluminá-lo e enchê-lo; e eu, sentindo renascer o mundo diante daquela luz que rasgava a noite universal, experimentei o mesmo efeito que porventura experimentaria se o universo fôsse criado de novo. E a voz que partia das trevas repercutiu no fundo de minha consciência: Deus é a luz” (128).

(128) Pag. 298. Escrevendo, em 1915, quando ainda não tinha um conhecimento perfeito do dogma, que depois estudou e aceitou como católico integral, Jackson dizia de Farias Brito, ao lhe expor e comentar a definição de Deus: “

Farias Brito afinal não é um católico romano, mas está entre muitos que se julgaram bons católicos. Ele não está mais distante do Catolicismo do que Zorzi, por exemplo, para quem Deus e a luz eram uma mesma coisa. Jackson da obra de Zorzi devia só ter conhecido o que está no dicionário de Franck, que êle cita na página seguinte, aliás de modo ligeiramente inexato quanto ao título completo do livro. (Cf. *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, pag. 184-185). O *Dictionnaire des Sciences Philosophiques* de Ad. Franck, Paris, Hachette, 1885, dá uma notícia sobre Zorzi na pag. 1795, 2.^a col. Este franciscano, nascido em Veneza em 1460, e falecido em 1540, passou a vida a ensinar e a escrever. A sua obra principal é intitulada *Francisci Georgi Veneti, minoritanae familiae, de Harmonia mundi totius cantica tria*, in-f.^o, Veneza, 1525; Paris, 1541-1546. Obra desordenada e confusa, em que o autor, assaz erudito mas sem espirito crítico, mescla doutrinas neo-platônicas, neo-pitagóricas e até rabinicas e cabalísticas. Manifesta desprezo pelo raciocínio silogístico. A verdade é a luz de que o Verbo divino é o foco eterno. O livro foi posto no *Index* e mais tarde autorizado, feitas as correções necessárias. Não cremos que Farias Brito haja conhecido o livro de Zorzi, rarissimo hoje, senão mesmo inacessível para o leitor comum. Assim pensa também o Pe. Franca, a quem ouvimos a respeito. A obra de Zorzi não figura na biblioteca de Farias Brito, adquirida pelo Governo e recolhida ao Colégio Pedro II: dela fizemos tirar a relação completa, que possuímos. Em carta com que nos distinguiu, respondendo à nossa consulta, escreveu o Pe. Leonel Franca: "Se não há dados positivos (indicações de Farias, existência do livro na sua biblioteca, ou coisa semelhante) que indiqueu alguma influência do Jorge Veneto sobre o Farias Brasileiro, não me inclinaria a affirmá-la. O autor é muito obscuro para que suas idéias tivessem chegado por via direta até o nosso professor do Pedro II. A doutrina, porém, de que a luz explica todo o universo creado e mesmo se identifica com Deus, esta é muito antiga. Há uma verdadeira história da que Bäumker chama "metafísica da luz". Na idade média *Witelo* e *Guilherme de Moerbeke*, tradutor das obras de Aristóteles, expuseram-na amplamente". (Bäumker, Cf. *WITelo, Beiträge zur Geschichte der Philosophie*, Bd. III, 2 pp. 357-514).

IX

A FILOSOFIA MODERNA

O segundo volume da obra filosófica de Farias Brito tem a data de 1899. Saiu à luz, como o primeiro, em Fortaleza (129). Título e subtítulo se conservam: "*Finalidade do Mundo*". (Estudos de filosofia e teleologia naturalista). O assunto especial deste volume, que abrange a segunda parte da série projetada, é a *Filosofia Moderna* (130). Em curto prefácio nos explica o autor as ligeiras modificações por que passou o plano primitivo da obra (131).

(129) O filósofo, que se casara (1893) pouco antes de publicar o primeiro volume da sua obra (1894-1895), já agora havia perdido o primogênito do casal (1895) e a própria esposa (1897).

(130) A primeira parte, que forma o volume anterior, estuda "A filosofia como atividade permanente do espírito humano".

(131) "Dai para cá passou o plano primitivo do trabalho por uma ligeira modificação, ficando a obra reduzida a tres partes na seguinte ordem:

“Eis as questões da primeira e segunda parte:

Primeira: O que é a filosofia?

Segunda: O que fez o pensamento humano pela filosofia na época que em geral se supõe ter sido a mais fecunda em civilização e cultura, isto é, durante o curso da história moderna?

É evidente que uma questão se prende necessariamente à outra, sendo que uma vez estabelecido o que é a filosofia em geral, o que cumpria logo em seguida era verificar o que por ela se tem feito. Daí a necessidade que havia de submeter a exame as produções mais notáveis, fazendo uma como espécie de inventário da filosofia moderna. E Farias Brito conclue: “Tal é precisamente o objeto desta segunda parte”.

Mas imediatamente, e ainda no prefácio que estamos acompanhando, o autor declara:

Primeira parte: A Filosofia como atividade permanente do espírito humano.

Segunda parte: A Filosofia Moderna.

Terceira parte: Teoria da finalidade ou concepção teleológica do mundo.

Como se vê pela simples disposição da matéria, obedece o trabalho a uma ordem lógica e necessária, sendo que cada uma de suas partes tem por objeto uma questão distinta, mas estão todas elas tão intimamente ligadas que cada uma pode ser considerada como a consequência imediata da precedente, e todas não formam senão aspectos diferentes de uma só e mesma questão fundamental”. (Prefácio)

“... Como, ao que se vê pelo desenvolvimento histórico do pensamento, quasi de todo negativo é presentemente o resultado das idéias, porquanto o que hão feito os maiores espíritos desde a Renascença até nossos dias não tem sido senão promover a dissolução das crenças tradicionais da humanidade, outra questão surge: — como reconstruir o futuro? — É ao exame desta questão que se destina a terceira parte desta obra” (132).

No plano geral, esta segunda parte deveria abranger tres livros, correspondentes aos tres grandes sistemas que enchem os tempos modernos, segundo o modo de ver do autor: a filosofia dogmática, a filosofia da associação e a filosofia crítica. “Sucedeu, porém, que o estudo sobre a filosofia crítica chegou a tomar proporções muito vastas. Por isto julguei conveniente excluí-lo deste volume, para constituir a matéria de uma obra distinta, que será publicada em tempo oportuno. Resta, pois, para completar a minha obra unicamente a

(132) Ainda aqui, como no primeiro volume, a preocupação do autor é construtiva e de ordem moral. Não empreende o balanço da filosofia moderna apenas como simples crítico ou erudito, saboreando um prazer intelectual sem maior significação. Isto explica porventura o menor esforço do filósofo quanto ao exame minucioso da filosofia antiga e medieval, em que, no juízo severo mas justo de Leonel Franca, “seus conhecimentos... são muito deficientes”. (*Noções de História da Filosofia*, 2.^a ed. pag. 272-273).

terceira parte sobre a teoria da finalidade. Não me é porém ainda possível fixar a época em que poderá ser dada à publicidade" (133).

Moderadamente acrescenta, ao findar êsse prefácio: "Agitando tão graves problemas, é desnecessário observar que tão sómente me li-mito a levantar questões e sugerir idéias. Seria loucura se eu tivesse a pretensão de querer dar a solução definitiva sobre assuntos de tão elevada importância e que por tanto tempo, mas sempre sem resultado positivo, tem sido objeto das contínuas cogitações de tantos e tão valiosos pensadores".

Antes dos tres livros em que se subdivide esta segunda parte, e em que são estudadas a filosofia dogmática, a da associação e a filosofia crítica (esta última porém, já sabemos, re-

(133) De fato só em 1905, e já em Belém, no Pará, pôde Farias Brito publicar o terceiro volume da *Finalidade do Mundo*, sob o título "O Mundo como atividade intelectual". Veremos no capítulo próprio que ainda assim o assunto não ficou esgotado, pois só foi tratado no que se refere ao exame da Evolução e Relatividade. Dada a sua preocupação dominante de clareza, e o desejo de ser compreendido por todos, especialistas ou leigos na matéria, e os seus hábitos de professor, com larga prática do magistério oral, não admira que a exposição de Farias Brito se ressinta quasi sempre de certa prolixidade, com repetições frequentes e até às vezes digressões, o que aumentou consideravelmente as proporções da sua obra. Publicados aliás os vários volumes com intervalos grandes, naturalmente o plano primitivo se havia de modificar aqui e ali, e até alguns títulos e ordem das partes projetadas se teriam de alterar sob múltiplas influências.

servada para outro volume) Farias Brito, em uma introdução de dois capítulos, examina a crise moderna e as tentativas de solução propostas por Augusto Comte, Spencer e Marx. E desde as páginas iniciais insiste na importância do problema de Deus. E essas páginas são como que a sequência e o desenvolvimento das que, no final do primeiro volume, havia consagrado à identificação de Deus com a Luz.

“Em vez de ser uma coisa tão estranha e tão inacessível ao homem, pelo contrário Deus é o que está mais perto de nós e mais diretamente influe sobre os todos os fatos da vida. Podemos mesmo dizer que êle nos cerca por todos os lados, que é dentro dele que todos vivemos e agimos, que êle é o que mais intensamente sentimos, mais claramente conhecemos, se bem que só possa ser conhecido em seus acidentes superficiais. Ou mais precisamente e para concluir com as mesmas palavras com que concluí a primeira parte desta obra: — Deus é o que há de mais claro e visível na natureza: Deus é a luz” (134).

(134) Pag. 13. Cf. *Mundo Interior*, pag. 462-465. Escritas com intervalo de quinze anos, essas páginas do segundo e sexto volumes da obra filosófica de Farias Brito demonstram uma preocupação de coerência notável e digna de respeito. Sentindo o que havia de sutil (e, do ponto de vista da *filosofia perene da Humanidade*) de perigoso como pun-

Problema de Deus e problema da alma: duas questões fundamentais na opinião do pensador cearense. E não o diz com reticências, mas explicitamente: "Há pois um princípio último que tudo explica, uma verdade suprema que tudo ilumina: esta verdade é o Deus vivo e real que mantém em equilíbrio o mecanismo do mundo (135). Mas para conhecê-lo não é necessário recorrer a processos estranhos à ordem da natureza: pelo contrário é observando a natureza que conhecemos Deus, é na natureza mesma que Deus se revela (136). E a al-

teísmo, ainda que espiritualizado — ou, como lhe chamou Leonel Franca — de *pan-psiquismo* na sua doutrina, Farias Brito se esforça por nos querer provar que só podemos conhecer Deus nas suas manifestações: objetiva, a luz; subjetiva, a consciência. Teoria bela e sedutora, de filósofo-poeta, mas que não logra fugir à dificuldade fundamental: ó ou não pessoal é-se Deus? é ou não distinto do próprio cósmos? tem ou não vontade? pode ou não escutar-nos e atender-nos? Curioso que das notas do seu diário íntimo se pode inferir que Farias Brito admitia a prece e que Deus as escuta às vezes, atendendo aos nossos desejos (Veja o capítulo *Um coração de filósofo*). Assim no caso da enfermidade do velho pai, em Fortaleza, estando o filho ainda no Rio. Ao chegar lá, Farias Brito *agradeco* a Deus o ter prolongado a vida de Marcolino José de Brito, e o ter ouvido a sua oração... Curiosa e angustiante essa como que contra-dição do filósofo panteísta, a querer dar expressão inteligível a um conceito que afinal não se coaduna com a sua irresistível certeza interior de que há um Poder capaz de nos ouvir e atender...

(135) Notem-se os qualificativos *vivo e real* e ainda a maneira de dizer "que mantém em equilíbrio etc."

(136) A prova da existência de Deus tirada da consideração do Universo (causalidade, ordem etc.), acessível à

ma? A alma é a consciência, isto é a face interna da luz, uma revelação subjetiva da divindade, do mesmo modo que a natureza com todas as suas evoluções e mecanismos não é senão a sua revelação exterior”.

E Farias Brito conclue: “Vê-se assim que o problema de Deus e o problema da alma não são propriamente duas questões distintas, mas apenas duas faces de uma só e mesma questão” (137).

Não permitem as proporções nem a natureza dêste nosso ensaio uma discussão pormenorizada do conceito de Farias Brito, ao identificar Deus e a luz. Queremos sómente que fique ao leitor a impressão da importância que tinha aos olhos do filósofo êste problema fundamental, de que alguns nem cogitam e outros supõem resolver com ironias ou negações sumárias. Farias Brito, antes que qualquer outra coisa, põe em evidência que “negar Deus é negar a razão no mundo” (138). E por ue-

razão natural, independente de revelação, constitue assunto elementar de qualquer compêndio de apologética. Onde Farias Brito se afasta da doutrina cristã é na confusão de Deus com o cosmos. Pelo menos o seu pensamento nunca ficou bem claro nesse ponto nem se emancipou da influência perturbadora de Spinoza.

(137) Pag. 13.

(138) A importância dessa afirmação na filosofia de Farias Brito não passou despercebida ao Pe. Franca (*Op. cit.* pag. 267). Esta outra ainda é porventura mais categó-

gá-lo é que justamente vemos a que resultados tem chegado o homem contemporâneo". Em primeiro lugar, debaixo de uma certa aparência de desenvolvimento e cultura, em realidade domina por toda a parte a injustiça". E Farias invoca o testemunho de Garófalo na *Superstição socialista* e o de Gumplowicz no seu *Grundriss der Soziologie*". O primeiro condenando a tendência revolucionária dos socialistas, que só reconhecem como meio de salvação a destruição da ordem estabelecida, aconselha a todos a prudência, apelando para a moral religiosa. O segundo, desesperando de toda e qualquer regeneração, pois tudo o que succede resulta da natureza mesma das coisas, e como tal não podia ser de outra forma, só encontra possibilidade de consôlo para nossas desgraças e sofrimentos irremediáveis na resignação. E Farias Brito, pensando com certeza no seu próprio caso pessoal, acrescenta: "... e

rica: ... Augusto Comte não quis ou não pôde compreender o mundo senão como produto puramente mecânico, quando aliás o que é intuitivo, o que é natural é que o mundo, como tudo o que existe, só pode existir e ser compreendido, como obra da razão. "Pag. 40-41. E na pag. 43: "Com efeito, se o mundo é simplesmente uma máquina; se no mundo tudo se explica mecanicamente e o homem, de seu lado, obedecendo aos mesmos princípios, não é senão igualmente uma máquina que de todo se desfaz com a morte, o que é lógico, o que é racional, e que cada um viva o mais e o melhor que fôr possível, sem cogitar de outra coisa, a não ser de seu próprio interesse."

os que apelam para a autoridade dos princípios são tidos na conta de sonhadores... E, como ninguém tem confiança na sinceridade dos homens, e cada um já não quer ou não pode contar senão consigo mesmo na luta contra o destino ou contra a fatalidade" daí vem "a prostração dos espíritos mais puros, o desalento das almas mais delicadas, ao mesmo tempo que o egoísmo chega a tomar proporções assombrosas, elevando o interesse à categoria de princípio soberano da moral" (139).

Não é preciso transcrever mais para que se veja quanto na filosofia do pensador patricio continua a avultar a ética. E na crítica às doutrinas de Comte, Spencer e Marx, o que lhe parece decisivo a favor de uma doutrina é a sua capacidade de resolver o problema do destino humano". E não trepida em escrever e repetir: "O meu ponto de vista é: a questão social deve ser resolvida religiosamente, em nome de uma idéia. Uma grande idéia, um grande princípio moral" (140). E onde encontrá-lo? "A resposta só pode ser esta: na filosofia" (141). E Farias Brito acrescenta: "Foi o que eu compreendi: e foi porque esta compreensão terminou por se transformar em con-

(139) Pag. 16-17.

(140) Pag. 53-54-E já antes, várias vezes: pag. 46, 47 e 48.

(141) Pag. 54.

vicção profunda e insuperável, que tomei a resolução de escrever esta obra, concorrendo assim tambem com a minha pequenina pedra para a construção do edificio do futuro" (142).

Farias Brito julga com bastante severidade a obra de Comte: a sua ditadura científica "é apenas o sonho de um visionário" Quanto à religião da Humanidade, "deve-se considerar como definitivamente julgada". Nem acha Farias Brito que possa tal doutrina pôr termo à anarquia mental: "pelo contrário a anarquia seria cada vez mais profunda se a religião positivista fôsse de natureza a poder influir sobre os destinos da humanidade. A inanidade desta chamada religião prova-se pelo isolamento a que ficou reduzida: e, se se quer, não obstante, uma prova material do absurdo que a caracteriza, basta considerar a influência detestável que chegou a exercer sobre o nosso país, após o estabelecimento da República (143). Tambem para a teoria naturalista de Spencer não tem Farias Brito meias palavras: "não passa de mera especulação filosófica no intuito de explicar a sociedade como um

(142) *Ib.*

(143) Cf. no primeiro volume as páginas (23-24) em que Farias Brito se externa com indignação contra a suspensão do ensino oficial da filosofia, após o estabelecimento do regimen republicano. Vê-se que, muito antes do incidente de 1902 em Belém (polêmica Farias Brito-Gomes de Castro) já o filósofo cearense combatia o positivismo.

organismo em analogia com o organismo individual" (144). Reconhece porém que no sistema de Spencer o indivíduo não é sacrificado à coletividade, como acontece nas escolas socialistas. Pelo contrário: o que resulta do conjunto das suas idéias é que a sociedade é organizada unicamente em benefício do indivíduo. Zomba todavia das pretensões da sociologia e aqui se sente ainda a influência da crítica de Tobias, aliás citado (145).

O socialismo coletivista de Marx é apreciado logo depois. E Farias Brito reconhece que, embora justo muitas vezes na critica da organização das sociedades atuais, o socialismo não possui o elemento reconstrutor, um ideal poderoso e fecundo, capaz de fazer, por sua influência renovadora, de toda a humanidade um só corpo. "O socialismo moderno,

(144) Pag. 23.

(145) Pag. 27. Cf. este trecho com o que no *Mundo Interior* (pag. 41) Farias Brito chama *psicologia coletiva* ou *superorgânica*: é a ciência que tem por objeto estudar as manifestações da atividade psíquica na esfera da consciência coletiva. Entram aí a moral, o direito, a ciência das finanças, da administração, do comércio, da política, a história em todas as suas modalidades, a história da humanidade, a história da civilização, das religiões, da arte, das ciências, etc.; a etnografia, a paleontologia, a linguística; numa palavra todas as ciências de ordem social e moral". A inclusão da paleontologia é difícil de justificar. Farias Brito não aceita a sociologia como ciência e nesse ponto também não variou o seu pensamento.

não há dúvida, é francamente materialista. A sua concepção fundamental é mesmo a concepção materialista da história. Ora, nos termos do materialismo só há um princípio logicamente concebível em condições de poder ser apresentado como critério das ações: é o interesse". E Farias Brito mostra que isso leva ao *Homo homini lupus* (146). Para êle falta ao socialismo materialista um grande princípio que possa mover os homens: "Eis porque, de doutrina regeneradora que devia ser, logo se transforma o socialismo em sistema organizado de luta pela comida. Ora, luta pela comida é luta de animais. Homens só lutam, ou pelo menos só devem lutar, por idéias" (147).

Está bem claro portanto o espírito dêste volume nesta introdução que acompanhamos com especial atenção nos tópicos mais significativos. O resto do livro é consagrado à história e à crítica dos principais sistemas da filosofia moderna dogmática e associacionista.

Impossível tentar sequer um resumo dessas páginas, porventura as mais representativas dos méritos do nosso patricio como historiador da filosofia. "Imparcial, exato, claro" chama-lhe Leonel Franca, ainda que reco-

(146) Pag. 43.

(147) Pag. 48.

nbeça que às vezes é “demasiado profuso” (148). O empirismo baconiano, o sensualismo de Locke, o idealismo de Berkeley, o cepticismo de Hume, o racionalismo cartesiano, o dogmatismo de Spinoza — o seu predileto — (149), as teorias associacionistas de Bain, Stuart Mill e Herbert Spencer, tudo aí está exposto com absoluta fidelidade e ao alcance do leitor não especialista. Ao terminar o estudo sobre Spinoza, é que Farias Brito deixa indicado o seu ponto de vista, ao que entende com: o problema da finalidade. A esta pergunta: para que existe a natureza, acha que “a resposta é: para o conhecimento” (150). E daí deduz as leis da conduta. “Antes de qualquer outra coisa, duas são as regras fundamentais da moral: primeira: conhece-te a ti mesmo; segunda: conhece a natureza”. Nas páginas precedentes ainda uma vez insistiu o filósofo na identificação de Deus com a luz (151). Concluindo, assim se exprime:

(148) Op. cit. pag. 273.

(149) E' Farias Brito mesmo quem o diz: “Foi em Spinoza que encontrei mais sólido apoio, e, se há alguma filosofia a que meu pensamento se prenda, é exatamente a de Spinoza” (pag. 264).

(150) Pag. 267. E na seguinte: “o conhecimento é a finalidade do mundo”.

(151) Neste trecho o panteísmo parece inevitável: “Há pois a luz, há a natureza e há a consciência. São os três momentos da natureza divina. A luz é Deus em sua essên-

“Quanto ao mais, tudo se desenvolve por dedução necessária e é de si mesmo evidente, sendo que, se se considera nossa peregrinação neste mundo como uma viagem eterna e se pergunta: para onde vamos? - A resposta é: para o conhecimento; ou em outros termos: para a verdade, ou melhor, para Deus; ou ainda, e em síntese: para a luz. *Ad lucem*” (152).

cia; a natureza é Deus representado; a consciência é Deus percebido. Pode-se dizer: a luz representando-se, é a natureza; a natureza sendo percebida, é a consciência; ou mais precisamente o conhecimento. Deste modo a luz é o princípio; a natureza é o meio; o conhecimento é o fim” pag. 267.
(152) Pag. 268.

BELEM

Os sete anos que Farias Brito viveu no Pará foram dos mais fecundos e prósperos da sua trabalhosa existência. Aí elaborou e publicou dois volumes dos mais dignos de atenção na sua obra de filósofo: o que contém a terceira parte da *Finalidade do Mundo*, sob o título *O Mundo como atividade intelectual* (Belém, 1905) e, no mesmo ano, *A Verdade como regra das ações*, ensaio de filosofia moral como introdução ao estudo do direito. Deles trataremos mais adiante. O primeiro desses dois volumes é dedicado à memória de Marcolino José de Brito, o pai a quem tanto amara Farias Brito; o segundo ao Governador do Estado e à Faculdade de Direito do Pará, "homenagem de reconhecimento e respeitosa dedicação".

Fecundos, sem dúvida, êsses anos em que ensinava, advogava e gozava as alegrias puras

do lar, que refizera pouco antes de deixar o Ceará (153). Farias Brito, assim como em Aquiraz, com um simples discurso, logo revelara a sagacidade de Caio Prado o seu excepcional valor, em breve, no Pará, se impunha à estima e admiração do governador Augusto Montenegro (154). Os testemunhos pessoais que recolhemos, passados já quasi trinta anos da sua partida para o Rio, afim de disputar a cadeira de lógica do Colégio Pedro II, são unânimes no louvor e na saudade. Farias Brito (são expressões de ex-discipulo seu na Faculdade de Direito do Pará) (155) “desde a pri-

(153) Farias Brito casou-se civil e religiosamente em Fortaleza, a 29 de Setembro de 1901. A certidão do registro civil declara que o ato se effectuou na residência de João Baptista Lopes, rua Formosa 214, às 9 horas, presente o Juiz de Direito de casamentos, Dr. João Firmino Dantas Ribeiro. Foram testemunhas Dr. Alvaro Teixeira de Sousa Mendes, João Baptista Lopes, D. Francisca Alves Lopes e D. Margarida Preciosa Lopes. A nubente, Ananêlia Alves, filha legítima de Triunfão Francisco Alves e Maria dos Anjos Alves, era natural de Guaramiranga e tinha 19 anos. Farias Brito contava então 39 anos.

(154) Em carta datada de 21 de Fevereiro de 1938, escrevia-nos o Dr. Remígio Fernandes, advogado e ex-aluno de Farias Brito em Belém: “Farias Brito teve toda a merecida admiração do Dr. Augusto Montenegro, governador do Estado, cujo talento e valia este descobriu logo no immortal autor do Mundo Interior. “Como se vê, a dedicatória do volume *A Verdade como regra das ações* era um justo preito de sincera gratidão.

(155) O Dr. Antonino Mello, advogado em Belém, a quem pessoalmente ouvimos e nos deu por escrito as suas impressões.

meira aula” despertava nos alunos “simpatia e veneração”.

Em Belém nasceram tres das suas filhas do segundo matrimônio, duas das quais naquela casa da estrada 22 de Junho, “junto ao canto da rua Boaventura da Silva”, conforme regista o *Diario Intimo*, e que ainda existia quando lá fomos em peregrinação de biógrafo, em 1938 (156). Vida e morte, inseparaveis sempre, deram naturalmente o seu tributo. Lá

(156) E’ interessante que na mesma página dêsse diário intimo em que regista as suas alegrias de pai, logo após a sua profunda mágua de filho estremoso, Farias Brito transcreve os dois versetos do Evangelho de S. Mateus, cap. XIX, 16 e 17: “E eis que, chegando-se a êle, um lhe disse: Bom Mestre que obras boas devo eu fazer para alcançar a vida eterna? *Et ecce unus accedens, ait illi: Magister bone, quid bonè faciam ut habeam vitam aeternam?*” E Jesús lhe respondeu: Por que perguntas tú o que é bom? Bom só Deus o é. Porém se tu queres entrar na vida, guarda os mandamentos. *Qui dixit ei: Quid me interrogas de bono? Unus est bonus, Deus. Si autem vis ad vitam ingredi, serva mandata.* E esta nota curiosíssima: Eu que consiste a condenação dos máus. Veja-se o Evangelho de S. João, cap. III, ns. 19, 20, 21. O ‘recho não tem nenhum comentário explicativo; mas verificando a citação, fácil é descobrir a razão da escolha de Farias Brito: os versetos de S. João dizem que a luz veio ao mundo e os homens preferiram as trevas, pois as obras deles eram más; e todo aquele que obra mal odeia a luz; mas o que procede segundo a verdade, *venit ad lucem, ut manifestentur opera ejus, quia in Deo facta sunt.* Esta idéia de que Deus é a luz devia impressionar o filósofo, embora êle próprio devesse compreender toda a diferença entre o sentido cristão de texto evangélico e a sua concepção pessoal, mais ou menos panteista, no seu sistema pampsiquista, fortemente influenciado por Spinoza.

ficou, no Cemitério de Santa Isabel, a tia Laureana, a Dedê, falecida em 1907, aquela que em Sobral iniciára o pequenino Raimundo no mistério das primeiras letras (157).

Ainda em Belém, foi nomeado Farias Brito, pouco depois de sua chegada, terceiro promotor público da capital. Mas a sua atividade no fôro, quer acusando, quer defendendo, foi no Pará muito restrita e inferior à que exercera em seu estado natal. E a razão é óbvia: cada vez mais o absorvia a preocupação filosófica da sua obra, já agora rica de quatro volumes notáveis e cujo plano tomava proporções verdadeiramente grandiosas para o nosso meio (158).

Um litígio em que funcionou como advogado levou-o até o Acre, em 1902; mas adoeceu, não resistindo ao clima e teve de regressar. E pode-se afirmar que os sete anos de 1902 a

(157) "A tia Laureana Maria Bravo, a Dêdê, faleceu no dia 3 de Março de 1907, em Belém do Pará. Sepultou-se no cemitério de Santa Isabel. Sepultura n. 38.372". Tais as expressões textuais do Diário íntimo. Lá estivemos, em nossa visita aos sítios em que viveu Farias Brito; mas não logramos encontrar o túmulo humilde, acaso recolhidos já os restos ao ossário geral.

(158) Veja-se o plano traçado pelo próprio Farias Brito no prefácio do volume *A verdade como regra das ações*. Com o tempo ele o foi ampliando (como se vê já no volume *A base física do espírito*, Rio, 1912 e no *Mundo Interior*, 1914) e a morte o surpreendeu antes que ele o pudesse plenamente realizar.

1909 valem sobretudo, senão exclusivamente, pela sua atividade no campo da filisofia, escrevendo os seus dois volumes já lembrados, ensinando na Faculdade de Direito e acompanhando o movimento filosófico estrangeiro, graças ao conhecimento das principais linguas vivas e clássicas (159).

Algumas cartas que possuímos dêsse período provam que não se desinteressava dos acontecimentos políticos do seu Ceará. Mas felizmente a sereia não logrou mais seduzí-lo como outrora e deixou-o inteiro à sua grande paixão confessada. E a Filosofia o havia de levar aonde jamais o teria conduzido um mandato efêmero: à propria immortalidade.

Eis alguns trechos de cartas suas dessa época, nos quais o seu idealismo otimista se manifesta como sempre em forma serena e simples. A 20 de Fevereiro de 1904: "Coronel João Brígido. A posição que o Coronel tomou no Ceará, expondo-se a toda sorte de danos e perigos é realmente uma coisa admirável. Poucos saberão julgar do valor moral desse ato que o Ceará só mais tarde apreciará devidamente. Eu sinto, já não digo entusias-

(159) Farias Brito lia com desembaraço francês, espanhol, italiano, latim, inglês, alemão e em Fortaleza foi professor de grego, tendo sido examinador da matéria em concurso, do que temos testemunho escrito, gentilmente dado a pedido nosso pelo Dr. Graeco Cardoso.

mo, mas orgulho por vê-lo tão digno e tão nobre, retemperando essa terra, tão decaída; com o exemplo da mais heroica dedicação à causa dos que sofrem, dando, aos 74 anos, o mais bello exemplo de vigor e energia moral. Mas também pode ficar certo de uma coisa: êste movimento triunfa. Eu vejo ao lado do Coronel tudo o que o Ceará tem de mais puro; e o que aí se passa é uma coisa nova e estranha que há de exercer influênciã não sómente sobre o Estado, mas sobre o País inteiro. Eu penso que o Senador Accioly não manterá a sua candidatura até o fim; e êle será um louco se, nas condições a que se acham reduzidas as coisas, preferir o logar de presidente do Estado ao de Senador que ocupa da República. Seja porê m como fôr, eu penso que a luta deve ser decisiva e intransigente. O Ceará tem necessidade de uma mudança radical. É o caso de dizer: ou tudo mudo ou tudo está perdido. Mas felizmente a mudança é inevitável, porque chegou o momento em que o desenlace vem pela força mesma das circunstâncias”.

Vê-se logo que não é o tom do político profissional, preocupado com as pequeninas intrigas e combinações de que deve resultar o êxito do plano urdido com habilidade. É o pensador atraído pelas abstrações e generalidades humanas, olhando sempre o lado moral das

coisas e sem o dom maquiavélico das concessões oportunistas e das rasteiras inesperadas.

Ainda nos revela essa carta que no Pará o movimento não despertou entusiasmo na colônia cearense. Apesar do tom geral otimista, Farias Brito reconhece a *fricza* (é o termo empregado) de alguns membros da colônia. E diz: "Isto pouco nos podia prejudicar. Mas pessoas altamente influentes no Pará não gostaram do nosso movimento. Não é que desconheçam e deixem de condenar a monstruosidade do que aí se fez a 3 de Janeiro (160). Mas havia, apesar disto, uma certa atenção para com o governo do Dr. Pedro Borges. Era uma questão de amizade particular ou talvez uma espécie de consideração oficial para com o estado vizinho e irmão: o que aliás devemos agradecer". Farias Brito procura explicar assim porque a imprensa não lhes dera o apoio desejado. "Devido a isto não tivemos do nosso lado, francamente, a imprensa. Eu dispunha da *Provincia*, que sempre me cedeu generosamente as suas colunas; mas sabia que a discussão sobre o Ceará precisava de ser muito

(160) "1904. 3 de Janeiro. Morticínio e ferimentos na praia pelo corpo de polícia, sendo mortos sete indivíduos do povo e feridos cerca de quarenta, sob o pretexto de se oporem ao embarque dos sorteados para o serviço da marinha de guerra pelo capitão-tenente Luiz Lopes da Cruz". J. Brígido, *op. cit.*, pag. 515.

conveniente e não me foi possível assim fazer tudo o que o meu coração pedia. Cheguei a pensar em crear um jornal, tal era a revolta que me ia na alma. Mas não foi necessário, porque, fôsse como fôsse, a verdade se tornou conhecida e a opinião está formada". O exame dessas cartas, no seu estilo e no seu espírito, constitue preciosa confirmação do que já sabíamos da sinceridade e da constante preocupação de justiça e de verdade que caracterizam Farias Brito; como também revelam a sua incompatibilidade com a política de acordos e concessões. O que o leva a elogiar o manifesto dos que apoiam o movimento contrário ao Senador Accioly? "Li o manifesto. Gostei muito. Vê-se que é uma obra de sinceridade e de verdade. É também por isto mesmo uma peça nova e extranha nesta época de corrupção e misérias. Creio na vitória. Aquela semana há de produzir fruto".

Sabe-se que nas eleições de Abril para presidente do Estado saiu vitorioso o Senador Accioly que a 12 de Julho tomava posse. Sabe-se ainda também que foi reeleito em 1908 e afinal deposto em 1912. O idealismo de Farias Brito muito se enganára em suas previsões otimistas. . .

Os desgostos e desilusões, porém, já agora não logriam mais afastá-lo da sua verdadei-

ra vocação. A filosofia o empolgava e tudo o mais não tinha a seus olhos significação maior do que a resultante da apreciação filosófica. Não admira o seu relativo descaso das formas tabeliôas, das tricas de fôro e do respeito supersticioso à rotina, característico dos que nasceram já com alma de solicitador ou de escrivão.

Farias Brito foi nomeado 3.º promotor público da capital do Estado do Pará a 15 de Janeiro de 1903 e prestou afirmação, assumindo o cargo, no dia seguinte. Há no arquivo da Repartição Criminal de Belém 108 denúncias dadas por êle. Examinados os processos, nada se encontra que mereça especial referência. "Denúncias em regra lacônicas, omissas às vezes quanto à arma empregada pelo criminoso, não revelam o gênio filosófico que as redigiu (161). Não se encontra nos arrazoados e nas promoções nenhuma citação de criminalistas nacionais ou estrangeiros. É evidente que para Farias Brito a promotoria nada podia ter de interessante. A 28 de Janeiro de 1905 era atendido o seu pedido de exoneração.

O advogado, em Belém, foi mais feliz. Ainda assim, conforme observa um seu antigo

(161) Notas que nos foram fornecidas pelo Dr. Adalberto Rainero Maroja, juiz substituto criminal em Belém, em Fevereiro de 1938.

aluno da Faculdade de Direito e seu grande admirador, "limitava-se a escrever as razões e assinar as peças dos autos. O mais fazia-o o seu solicitador amigo, já morto, Melo Filho (162). Outro dos seus ex-alunos, hoje advogado também, militante no fôro da capital paraense, escreveu, em resposta a perguntas nossas: "Durante a minha jornada acadêmica, frequentando o *forum* de Belém, então movimentadíssimo, conheci também Farias Brito como advogado, com escritório à rua João Alfredo, associado ao solicitador Antônio de Melo Filho, cujos trabalhos o mestre, sem ler, assinava, tal a confiança que depositava no seu auxiliar. faltava-lhe, entretanto, peudor para a vida de causidico: exercia-a sem a preocupação dos profissionais, senão quasi sem interesse, apenas condescendendo em dar a sua assinatura e o prestígio do seu nome aos trabalhos da lavra do seu auxiliar, numa época em que a advocatura era uma das mais rendosas e confortáveis profissões na Amazônia. É que o seu espírito, pairando continuamente na estratosfera da filosofia, não suportava o ambiente de paixões subalternas das galerias forenses. . . ." (163).

(162) Antônio de Melo Filho, em quem Farias Brito confiava de maneira absoluta.

(163) São expressões do Dr. Antonino de Mello, a quem nos referimos na nota 156.

Como professor, os testemunhos são unânimes, quer no Pará, quer no Ceará desde os seus primeiros ensaios no curso de humanidades, quer enfim aqui no Rio, no Pedro II, após o memorável concurso de lógica: Farias Brito sempre conseguiu a simpatia e a admiração duradoura dos seus discípulos. Recolhemos pessoalmente grande cópia desses testemunhos, orais e escritos. Diremos aqui só o que interessa a sua atuação como lente da Faculdade de Direito de Belém, através da palavra repassada de saudade e de respeito de um dos seus alunos de 1904.

“As nossas aulas eram dadas no salão central da frente do edifício da Faculdade, com janelas para a praça Barão do Rio Branco, antigo Largo da Trindade. Farias Brito, como professor substituto, lecionava Filosofia do Direito, com assiduidade e pontualidade admirável. Subindo à tribuna, sempre cercado da simpatia e veneração que desde a primeira aula despertou em seus discípulos, dissertava sobre o ponto do dia, do seu programa, em exposição clara, linguagem simples e extraordinária erudição, prendendo, durante a hora inteira, a atenção dos estudantes e não raro também a dos transeuntes, que em frente, na via pública, paravam, enlevados, a ouvi-lo, quiçá tocados pelo contraste do seu apoucado físico

com o vôo altaneiro do seu saber. Catecúmenos do direito, nós, os seus alunos, sorvíamos com indizível prazer espiritual as suas sábias lições, encantados pela sensação surpreendente do nosso primeiro contacto com a sociologia, cujos maravilhosos contornos o mestre, através da sua explanação filosófica, nos deixava entrever.

Menos para demonstrar preocupação pelas lições do que para gáudio da nossa vaidade intelectual de moços, estimulada pela admiração que nos causava o seu grande poder mental, senão ainda por simples ousadia semelhante à de pássaros ímplies que quisessem voar, buscávamos digerir, nas bibliotecas do Estado e dos amigos que as possuíam e nas livrarias, estas aliás pobres na matéria, as doutrinas dos filósofos cujas escolas o mestre criticava. Sem a devida noção do tempo e do espaço, perdíamos-nos, diariamente, no labirinto de todas as escolas filosóficas, afastados do caráter limitado da aludida cadeira do curso jurídico, e mergulhávamos a nossa inteligência, ávida de ciência, em Çakya-Muni, Zoroastro, Confúcio, Mêncio, Tales, Diógenes de Apolônia, Heráclito, Anaxágoras, Demócrito, Pitágoras, Filolau, Parmênides, Empédocles, Gorgias, Protágoras, Sócrates, Xenofonte, Platão, Aristóteles, Pirron, Epicuro, Zenon, Cleanto, Lucrécio,

Cícero, Sêneca, Epicteto, Marco Aurélio, Plotino, Santo Agostinho, Erígenas, Santo Tomaz, Gerson, Bruno, Bacon, Hobbes, Descartes, Pascal, Bossuet, Malebranche, Spinoza, Leibniz, Fichte, Kant, Locke, Hume e outros que a nossa sofreguidão ia descobrindo, onde quer que houvesse livros que a nossa vista lo-grasse divisar. Empanzinhados de presunção, mais do que de ciência, comparecíamos às aulas, e aguardávamos a primeira oportunidade para opôr às fulgentes explicações do querido professor as nossas atrevidas objeções. Farias Brito, porém, inalteravelmente bondoso, respondia com paciência a todas as nossas objeções, gozando, com um significativo sorriso, a confusão em que nos deixava, quando, por falta de argumentos da nossa parte, nos reduzia ao silêncio para o resto da aula. Terminada a dissertação, descia da tribuna e vinha, paternalmente, palestrar com os estudantes, ocasião em que o cercavam acadêmicos de todas as séries. Era, incontestavelmente, o mais popular dos professores” (164).

Outro ex-aluno assim se exprime: “Quantos conheceram Farias Brito, além de o admirarem pela sua insuperável cultura filosófica, tornavam-se amigos. A sua educação era

aprimorada. Humilde e calmo, êle ouvia as discussões, risonho, e, quando intervinha, era para pacificar as divergências inconvenientes... Mas, se alguém divergisse da sua doutrina, Farias Brito, sem alterar-se, educadíssimo, convertia-se num orador fluentíssimo e desdobra o assunto desde as origens”.

Tal era, já nessa época, em Belém, o professor. Não surpreenderá portanto o seu triunfo, aqui no Rio, em 1909, no reuvido prêmio para a cátedra de lógica do Pedro II.

XI

JÚLIO MARIA

Sabe-se que a prgação de Júlio Maria foi excepcional em nossa história pelo seu caracter e pela sua extensão. Por todo o vasto ambito da pátria vibrou a palavra eloquente e intrépida, annunciando a Verdade e combatendo o erro. Excetuados Goiaz e Mato Grosso, ouviram-na, escutaram-na todos os Estados do Brasil. De 1892 a 1894 prga em várias localidades de Minas. Ainda em 94 ei-lo a realizar a sua primeira prgação na capital paulista, que lhe valeu estrondosa manifestação da mocidade acadêmica. 1896 marea a excursão apostólica pelos Estados do Sul — Paraná, Santa Catarina, Rio Grande. No ano seguinte iniciava no Rio de Janeiro a longa série das *Conferências da Assunção*, que se extendia até 1901 e teria a mais impressionante repercussão nos meios cultos do país. De 1901 a 1903 foram visitados os Estados do Nor-

te (165). Interessa-nos particularmente, agora, a sua prégação no Pará, em 1902.

O programa das conferências abrangia duas séries: a primeira — Jesus-Cristo e a crítica científica — e a segunda — A Igreja e a civilização moderna. Eram ao todo 15, das quais oito na primeira série (166). Rea-

(165) Cf. o nosso ensaio JULIO MARIA, pag. 43-56 (Ed. do Centro D. Vital, Col. Eduardo Prado, Rio, 1924).

(166) Eis as teses das duas séries:

Primeira série: *Jesus Cristo e a Crítica Científica*

- I — Jesus Cristo e o seu lugar na História.
- II — " " e a sua doutrina.
- III — " " e a suprema afirmativa da sua personalidade.
- IV — Jesus Cristo e os motivos da incredulidade na sua divindade.
- V — Jesus Cristo, o positivismo e a noção de Deus.
- VI — " " o positivismo e a noção de humanidade.
- VII — Jesus Cristo, o positivismo e a religião.
- VIII — " " a vida cristã e o ateísmo prático.

Segunda série: *A Igreja e a Civilização Moderna.*

- I — Da suposta incompatibilidade da Igreja com o progresso da Humanidade.
- II — Da suposta incompatibilidade da Igreja com a democracia e a liberdade política.
- III — Da suposta incompatibilidade da Igreja com o desenvolvimento da razão humana.
- IV — Da suposta crueldade da Igreja ensinando a eternidade das penas.
- V — Da suposta tirania da Igreja exigindo a confissão sacramental.
- VI — Do suposto absurdo da Igreja prescrevendo a comunhão eucarística.
- VII — A crise moderna, o protestantismo, o socialismo e a renovação social pela Igreja.

lizaram-se na igreja de Sant'Ana, em Belém, à noite, e constituíram um verdadeiro acontecimento nos meios mais distintos da capital paráense. Eis o que se pode ler na *Provincia do Pará* de 2 de Julho daquele ano:

“Seleto, o auditório encheu o templo de Sant'Ana, desde o vasto portal à capela-mór e a larga onda humana subiu até ao côro e extravasou-se pelo adro e pela sacristia. Muito antes das 7 horas da noite as cercanias da igreja apresentavam um aspeto formosíssimo com a animação dada pelo movimento de famílias e cavalheiros, chegando em carruagens, a bonde e a pé” (167).

A primeira conferência teve por tema — Jesus-Cristo e o seu logar na História —. Está publicada na íntegra na *Provincia do Pará* de 2 de Julho de 1902, tendo sido estenografada por um dos representantes da mesma folha (168).

A crítica do positivismo, feita por Júlio Maria na V, VI e VII conferências, provocou

(167) *Provincia do Pará*, n. de 2 de Julho de 1902.

(168) A Comissão encarregada de dirigir as conferências se compunha dos Srs. Dr. Samuel da Gama Costa Mac Dowell, Dr. Passos de Miranda, Dr. Antônio Leite Chermont, Augusto La Rocque e outros. As conferências se realizavam às 7 horas da noite e duravam até às 8.15. Foram interrompidas em Setembro e reconeçaram em Outubro. A primeira está publicada na “*Provincia do Pará*” de 2 de Julho de 1902. A 11 e 19 de Agosto saíram os artigos do Major Go-

um ataque violento e inesperado. A 11 de Agosto o Major Gomes de Castro saiu com um artigo pela precitada gazeta paraiense, mostrando desde o título o quanto estava irritado com a prégação do intrépido e eloquente missionário. *O Positivismo e as vãs diatribes do padre Julio Maria*: tal era o tom do ataque. Citemos apenas as primeiras linhas e já será fácil avaliar o resto: "Em que pese à doentia vaidade do meu compatriota o Sr. Padre Julio Maria, e à ingenua credencia dos que o tomam por um portento de vasto e profundo saber, é forçoso afirmar publicamente que a sua pretensa e pretenciosa conferência sobre o aspeto filosófico da obra genial de A. Comte foi apenas um monstruoso acervo de levianas falsidades, grosseiros sofismas, desrespeitosos doestos e clamorosas contradições". O artigo ocupa seis colunas compactas da primeira página e é todo um mixto de ataques ao prégador católico e de louvores incondicionais ao positivismo. Mais umas amostras do estilo: "Não sendo o positivismo um mero diletantismo ao sabor da pedanteria ociosa e frívola, leiga ou fradesca..." "...tenho, como todo positivista

nes de Castro e n 13, 15 e 17 os tres primeiros de Farias Brito em defesa de Julio Maria. A primeira conferência foi estenografada por um representante da "*Provincia do Pará*". O primeiro artigo de Farias Brito saiu com a assipatura errada: FARIA (sem o S final) Brito.

o iniludível dever de semear os fecundos tesouros de miúba crença no círculo inteiro das relações quaisquer — pessoais, domésticas, cívicas e até internacionais” (?). Refere-se às conferências com desprezo: “. . . teses espalhafatosas, críticas superficiais e imorais de todos os poderes imagináveis, Júlio Marias ou não. . .” Reconhece, apesar de tudo, que Júlio Maria chamára de — alta mentalidade — a de Augusto Comte.

Farias Brito chegara ao Pará nesse ano de 1902. A morte do pai, em 1901, e os desgostos políticos haviam-no feito deixar o seu Ceará. Já publicára os dois primeiros volumes da *Finalidade do Mundo*, em 1895 e 1899. Não era um crente, nem jánuais chegou a professar um credo bem definido, embora ao morrer, em 1917, já estivesse muito perto do cristianismo integral, isto é, do catolicismo. Pois bem: ao ler o artigo de Gomes de Castro, Farias Brito ficou indignado e correu em defesa do sacerdote agredido com tal violência.

Foi a 13 de Agosto que saiu o primeiro artigo de Farias Brito, aliás com a assinatura em . . . suprimido, por lapso de revisão, o -s-final de sobrenome. Mas já do segundo artigo em diante o erro não reaparece. A maneira p . . . que Farias Brito entrou na polémica é admirável de elevação moral e de habilidade

dialética. Diz, logo de início, que esperára o artigo de Gomes de Castro com vivo interesse. “Ando à procura da verdade”. Declara, imediatamente, que o título do artigo lhe causára estranheza. E, feita a leitura, teve uma completa desilusão. “Vi que não o animava (isto é, ao major) o amor da verdade”.

A insuspeição de Farias Brito é de veras notável. Sem ser crente, faz o elogio de Júlio Maria, em termos de rara elevação moral. “Sou, no conflito, espectador imparcial e julgo sem preconceitos. Não enxergo indivíduos nem me fascinam palavras. . . Não venho pois aqui a campo para defender os princípios professados pelo sr. dr. Júlio Maria, fique isto bem acentuado. Mas, lendo o artigo do sr. major Gomes de Castro, causou-me verdadeiro constrangimento a aspereza de sua linguagem. Não compreendo como se pudesse tratar daquele modo ao ilustre sacerdote, que já hoje todo o país conhece e venera. É um homem que amadureceu nos estudos, é um espírito trabalhado nas lutas da intelligência, podia aspirar a glória, os bens da fortuna, mas tudo isto nenhuma sedução teve sobre seu coração, fez-se padre e de toda a sua alma se entregou a uma missão que pode ser inefficaz, mas não deixa de ser digna de todo o respeito, de toda a veneração: a obra fecunda da regeneração da pátria pela

fé. Admito que esteja em êrro. Isto é possível, nem há crime em errar quando se procura a verdade. Mas, se está em êrro, quem lhe poderá sacudir a primeira pedrada?"

Farias Brito pensa que Júlio Maria deve ser ouvido. "Atravessamos um momento doloroso, terrível na vida da Nação. Apresenta-se um homem que diz conhecer os nossos males e poder indicar um remédio que seja capaz de curá-los. Esse homem apresenta-se de bôa-fé, êsse homem nos fala com convicção: é preciso que seja ouvido, e ouvido com acatamento e respeito em atenução à nobreza de seu proselitismo, em consideração à elevação e pureza de seus intuitos".

Farias Brito reprova energicamente a atitude do opugnador de Júlio Maria. Não compreende a sua intolerância. "...Que corrêsse logo ao primeiro ataque em defesa de seus princípios, está direito; mas que se julgasse habilitado a tratar descortezmente a um homem repetável, não se explica".

A razão alegada por Gomes de Castro para a violêneia de seu artigo, Farias Brito não só a repele, como depois argumenta contra ela, retorquindo habilmente o motivo apresentado. "Ora o sr. major Gomes de Castro mostrou-se escandalizado só porque o dr. Júlio Maria se julgou na altura de criticar o positivismo; deu

como uma coisa explicável só pelas misérias da época o fato de se ter êle arvorado em pseudo-juiz de Augusto Comte; considerou êsse fato só por si suficiênte para servir como prova da anarquia moderna; disse mesmo: Isto é mais do que anarquia, reverendíssimo, é alienação mental” Farias Brito verbera o tom da polémica e devolve o argumento contra o próprio autor da critica. “Então S. S. se magôa só porque ousa alguém criticar o positivismo, doutrina de ôntem e já hoje morta (note-se que Farias Brito escreveu isso em 1902) e não comprehende que o orador se apaixone quando propaga uma doutrina que tem atravessado um período de perto de vinte séculos e defende princípios que têm custado a vida de milhares de mártires? Como não quer S. S. para os outros aquilo que com tanta intolerância reclama para si?” E num tom delicioso de ironia calma e sempre elevada: “Modere-se, major. Não ha razão para tanta intransigência. Há no espaço da vida mental logar para todas as doutrinas, do mesmo modo que há no espaço social logar para todos os homens e para todas as energias”. E êste conselho final: “Não se precipite: veja que com esta exaltação compromete a sua causa” (169).

(169) Não há injustiça no reconhecer que o tom dos artigos de Gomes de Castro era injurioso e impróprio, mes-

Infelizmente Gomes de Castro não seguiu esta orientação. A polêmica prolongou-se ainda e o segundo artigo do major foi como o primeiro: violento e contraproducente. Farias Brito não teve as honras de uma resposta no mesmo tom cortês de que usava. Ficou incluído entre os “*capangas intelectuais*” (sic) de Júlio Maria. E todavia o pensador cearense não perdeu a compostura filosófica. No artigo de 15 de Agosto eis o que êle escreve: “A exaltação do sr. major Gomes de Castro é fácil de explicar e até se justifica. Ele mesmo o diz, quando attribue ao fanatismo de um moço que defende a sua fé a aspereza da sua lin-

mo que a linguagem de Júlio Maria tivesse sido violenta; ora, ao contrário, o pregador católico tratára com a devida polidez a Augusto Comte e aos positivistas em geral. Farias Brito por seu turno foi sempre cortês, ainda que irônico às vezes com o major, e jamais saíu do terreno filosófico. Veja-se entretanto o que era o estilo de Gomes de Castro: “Fica pois o Padre Júlio Maria aprendendo, apesar de velho e parece que já intelectualmente avariado, pelo muito sofismar . . .” “Paz, sossego e juízo para todos nós, assim na terra como no céu, e até no inferno, — amen. “A violência da linguagem de Gomes de Castro foi tal que a “*Provincia do Pará*” acabou não publicando o terceiro artigo que saíu (coisa de véras para extranhar-se) no “*Diario Oficial*” de Belém, n. de 29 de Agosto de 1920). Dêsse artigo obtivemos cópia graças à gentileza do illustre Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará, Dr. Jorge Hurley. Eis alguns trechos finais: “Quem pois pode produzir as diabruras de que fala o Padre e que de fato se dão? . . . Quem as promove não pode ser o animal e nem a parte animal do homem; quem as produz, reverendo, é, sim, o desalmado que macula os logares santos que outros honraram, profanando

guagem. Agora o que nada luera com isto é a verdade. Pelo contrário”.

Como sempre, Farias Brito coloca acima de tudo a própria Verdade. E com que calor de sentimento! “O homem a quem inspira o amor da verdade não se exalta e, sejam quais forem as tempestades do mundo, permanece sempre sereno. Não injuria; não condena, não estigmatiza; procura entender. Para tudo tem palavras de clemência e a todos justifica. É dêste modo é calmo como o amor e frio como a luz, quer dizer: adora, mas não se escraviza; esclarece, mas não queima”. Trecho bem ex-

as coisas santas, com o bafo pestilento do seu ódio e das suas diatribes!!” E posto de lado o reverendo sofista, só tenho para hoje uma digressãozinha, que mal dá para o gasto. Ao fazê-la, começo observando que ela vai, não só como indireta, mas também como direta. Não pertengo a nenhuma irmandade de Hipocrisia, para dar e soprar, como se usa dizer”. E no remate do artigo: “*Ite, missa est*, o que não deixa de ser cabível tratando-se de padre...” O curioso é que isso pretendia ser discussão filosófica em defesa do espírito científico positivo... E saiu no *Diário Oficial*... Quanto aos cinco artigos de Farias Brito, publicados na *Província do Pará* em resposta a Gomes de Castro, foram reunidos em folheto de 52 páginas, em Outubro do mesmo ano de 1902, em Fortaleza, e constituem hoje uma raridade bibliográfica. Em nossa viagem ao Norte, verificámo-lo pessoalmente: nem em Fortaleza, nem em Belém logramos achar um exemplar desse opúsculo. O que hoje possuímos, devêmo-lo à generosidade do Exmo. Sr. Bispo de Sobral, D. José Tupinambá da Frota, a quem aqui exaramos a nossa gratidão.

pressivo da sua maneira, do seu estilo, não apenas no domínio das letras, mas na própria vida social, no rude embate com as injustiças e preterições.

Analisa depois Farias Brito o modo por que muitos dos sectários de Comte discutem e preteudem impor a sua doutrina. “Não admitem que se conteste um só dos princípios do positivismo”. Mostra a inconsciência desta atitude em quem professa uma filosofia cujo fundamento é o princípio da relatividade. “Pensam... que ali se acha a verdade absoluta, mostrando-se escandalizados quando alguém, quem quer que seja, ousa contestar qualquer das supostas verdades proclamadas pelo mestre. Isto não é só fanatismo: é cegueira”.

Farias Brito diz que deixa de lado as insinuações maliciosas, as proposições formuladas no sentido de magoar e ferir, as palavras eivadas de ódio, as injurias mesmo dirigidas contra o autor das conferências religiosas, “noventa por cento talvez do artigo do sr. major Gomes de Castro”. E explica porque: “Neste sentido não precisa por certo o sr. dr. Júlio Maria de minha defesa”.

Faz vinte e dois anos que morreu Farias Brito. Vinte e quatro fará em breve que se fechou para sempre aquela boca intemorata que por todo o Brasil prégo o Evangelho e teve

em Belém, em 1902, a mais insuspeita e nobilitante de todas as defesas. Ali se cruzaram, por momentos, duas trajetórias luminosas, cada qual com a sua fôrça própria. Mas ainda é para todos nós exemplo salutar e motivo de finíssima emoção recordá-lo à geração de hoje.

XII

EVOLUÇÃO E RELATIVIDADE

A terceira parte da *Finalidade do Mundo* saiu em 1905, já quando Farias Brito estava, havia tres anos, em Belém, no Pará. O título que se lê na folha de rosto do volume é ainda, como nos precedentes, *Finalidade do Mundo*, com a explicação interparentética — *Estudos de filosofia e teleologia naturalista*; e, sob a indicação de que se trata de uma terceira parte, o subtítulo: *O Mundo como atividade intelectual*. Com esse último é a obra citada pelo autor no seu outro volume do mesmo ano de 1905, *A Verdade como regra das ações* (170). Mas já nos dois trabalhos publicados no Rio em 1912 e 1914, (após o concurso de lógica no Pedro II, o volume de que nos estamos agora ocupando é citado com o título de *Evolução e Relatividade*.

(170) Veja o capítulo seguinte.

Para quem não haja lido com atenção cada um dos diferentes volumes isso poderá ser motivo de surpresa e até de confusão. Para quem de fato conheça perfeitamente a obra toda do pensador cearense, nada mais fácil de compreender e explicar. Farias Brito não chegou a tratar neste volume terceiro da *Finalidade do Mundo* senão do que se refere às teorias modernas evolucionistas e relativistas, preparando o caminho para chegar aonde queria: a concepção do mundo como atividade intelectual. Como sempre, levado pela preocupação de ser claro e metuculoso, excedeu os limites prefixados no plano primitivo da sua obra. Este mesmo terceiro volume já resultou, e bem o sabemos, do desenvolvimento inesperado que tomára o exame da filosofia crítica, a princípio destinado a formar o último dos tres livros do segundo volume (*A Filosofia Moderna*) (171).

O estudo das teorias modernas levou Farias Brito a uma análise cuidadosa do evolucionismo de Spencer como solução do problema do universo e ao exame não menos acurado do princípio de relatividade do conhecimento, quer considerando a doutrina positivista de Augusto Comte (forma objetiva), quer o criticismo de Kant (forma subjetiva).

(171) Cf. o Prefácio do vol. *Filosofia Moderna*.

Dadas as proporções que veio a tomar esse exame crítico, foi necessário adiar para outro volume a solução aceita pelo próprio Farias Brito: a concepção do mundo como atividade intelectual. Eis porque há uma aparente divergência entre a maneira de citar este terceiro volume da *Finalidade do Mundo* no outro trabalho de 1905 e nos de 1912 e 1914. *Evolução e Relatividade* é sem dúvida o título que corresponde melhor ao assunto versado: é aliás o título do livro primeiro (e único) do próprio volume, que consta de dez capítulos.

Nem se extranhem demasiado tais indecisões ou aparentes incoerências: o que o escritor nos confessa quanto ao modo por que levou a cabo o seu gigantesco empreendimento, suficientemente o exculpa e até nos surpreende como prova de invulgar tenacidade. "Devo aqui explicar que esta obra não estava toda escrita quando entrou para o prelo. O trabalho de redação vai sendo feito à proporção que se trata da impressão. Tenho a obra já arquitetada em meu pensamento e até com todas as divisões e subdivisões; mas passando a escrever, sou levado muitas vezes a modificar radicalmente o pensamento primitivo quanto ao plano de exposição. Isto me tem sucedido sempre assim. Nos livros que tenho empreendido, em regra a primeira coisa que organi-

zo é o índice, de maneira que quando começo a escrever já tudo está idealmente traçado até às suas últimas linhas. Isto entretanto não impede que apareçam idéias novas e mesmo capítulos inteiros em que eu absolutamente não tinha pensado em começo; tais são as voltas e modificações, não raro imprevistas, a que sou muitas vezes levado pela corrente da exposição. Na obra que aqui ofereço ao público, isto se deu em condições mais notáveis e repetidamente. Precisamente no ponto em que me acho, teve de passar a minha exposição por uma destas alterações (172). "...Também é conveniente observar que este trabalho é exatamente o que já tenho feito em condições mais difíceis, isto é, dispondo de meus tempo e precisando de maior soma de esforços. Em regra escrevo na medida da exigência dos tipógrafos

(172) "Era idéia minha considerar em separado cada uma das partes da critica de Kant: a estética, a analítica e a dialética. Mas isto me levaria muito longe e só se justificaria em um estudo especial sobre Kant. A tanto não me proponho. O que tenho em vista considerar é unicamente o espírito geral do sistema, de modo a poder dar a necessária e legítima interpretação do pensamento fundamental do filósofo crítico. Para isto as idéias capitais bastam, sendo desnecessário fazer o estudo detalhado da filosofia critica. Foi devido a esta consideração que tive de mudar de plano, passando a estudar a obra de Kant, considerando-a em seu conjunto e sómente em suas linhas gerais, em vez de analisar em separado cada uma das suas partes essenciais". (pag. 252).

e na proporção do tempo facultação por inúmeras ocupações de outra ordem" (173).

Esta citação nos dá bem a idéia das condições em que o pensador cearense ia levando adiante a sua excepcional tentativa crítica em meio qual o nosso. Aos que facilmente pegam da pena para atacar os defeitos de qualquer obra, não escapará sem nota de culpa o processo do autor da *Finalidade do Mundo*. Digressões, repetições, falta de plano rígido e seguido a letra. Ausência de forma apurada, de genuína beleza estilística. Que mais ainda? Ou antes: que menos ainda? Mas a verdadeira crítica, a positiva, não a simplesmente negativa, esta terá de apreciar o que existe de surpreendente e admirável, não obstante as falhas e até erros, numa obra de tão vastas proporções e de tamanho alcance humano, realizada em condições tais de existência, sem estímulos compensadores, sem outro prêmio imediato a não ser o da própria consciência.

Apesar do excessivo trabalho, que lhe exigia esforço exaustivo, cumpre reconhecer que essa época, em Belém, foi das melhores na sua vida de lutador sem repouso (174).

Como obra de crítica, é este terceiro volume um dos mais notáveis que Farias Brito

(173) Pag. cit., nota (1).

(174) Veja o capítulo BELÉM.

escreveu. Nem sempre poderemos estar de acordo com êle, evidentemente; mas sempre lhe devemos reconhecer uma honestidade na exposição e uma finura de análise que o colocam acima de quantos hajam entre nós tentado êsse difícil gênero. Faça o leitor por si mesmo a experiência: leia os primeiros capítulos e não terá vontade de fechar o volume sem ir até o fim. Suposto que goste do assunto, já se vê. . .

No princípio do livro Farias Brito põe em foco o mal estar indefiniável do mundo contemporâneo em todas as camadas sociais. Todas as doutrinas salvadoras ou regeneradoras da Humanidade faliram. A democracia também não escapou à bancarrota. E é de notar essa apreciação aguda do filósofo brasileiro, dada a época do seu estudo: mostra uma visão singularmente clara e exata de um estado de coisas que só mais tarde foi que se veio a compreender quanto era grave. Farias Brito denuncia o absolutismo dos capitalistas e banqueiros como sucessor do outro absolutismo tantas vezes malsinado, (o do Papa e dos reis). Diz sem reticências que a revolução que abalou o espírito humano desde a Renascença, e dura até hoje, ainda não produziu todas as suas últimas conseqüências. Nem esconde que toda a filosofia moderna tem sido de resultado nega-

tivo, como negativo foi o resultado da Revolução Francesa (175).

No capítulo imediato examina o autor a atitude do positivismo em face da atual anarquia dos espíritos. Cita a tentativa de Comte, que pretendeu fundar uma nova religião e apresentou como objeto de culto a Humanidade, isto é, uma mera abstração (176). Cita ainda a obra de Guyau, que sonhou uma irreligião do futuro e uma moral sem obrigação nem sanção. Refere-se enfim a Marx: "Mas o socialismo, mesmo em sua forma mais alta, apoiado na concepção materialista do mundo, é também uma solução negativa do problema social, limitando-se por enquanto a prégar a revolução como meio para a destruição da ordem estabelecida" (177).

Neste volume, que Farias Brito dedicou à memória do Pai, e que lh'o ofereceu de joe-

(175) Pag. 8. Cf. *A Filosofia Moderna*, pag. 19.

(176) Pag. 14. "É curioso, para fazer um juízo da pobreza das idéias, ver certas fórmulas com que o positivismo procura reproduzir as fórmulas sacramentais da literatura cristã. É assim que, tendo dito Malebranche em sua linguagem vibrante: — *Deus é o lugar das inteligências* —, Levy Bruhl, sintetizando o pensamento de Comte e parafraseando a fórmula de Malebranche, disse por sua vez — *A humanidade é o lugar das boas vontades*". O comentário de Farias Brito é severo: "Dir-se-ia o arremedo de um macaco deante da fórmula de um gigante". (*loc. cit.*).

(177) Pag. 15.

hos (178), insiste com o mesmo vigor dos livros precedentes em que o problema só pode ser perfeitamente resolvido do ponto de vista moral; e para tanto há mister que o homem conheça a natureza e conheça a si mesmo (179). É uma moral científica apenas é insuficiente: “as ciências estudam sómente aspectos particulares dos fenômenos, modalidades exteriores da fôrça. Por isto jámais se poderão elevar a uma concepção do todo” (180). Esta concepção do todo universal só pode ser alcançada filosoficamente (181).

Este trecho é assás expressivo: “Se eu não sei para que vim ao mundo, se eu não sei qual o destino das coisas, também não sei como de-va proceder. Isto é decisivo. Quando muito poderei imaginar que tudo isto que me cerca foi feito para meu gozo: é a moral utilitária, é a moral do apetite e do instinto; numa palavra, é a vida conforme a natureza, ao passo que a moral propriamente dita deve ser a vida conforme a razão” (182).

(178) Cf. o cap. *Um Coração do Filósofo*.

(179) Pag. 16. Cf. *A Filosofia Moderna* pag. 268. É curioso que aí colocasse primeiro o conhecimento do eu; agora começa pelo conhecimento da natureza.

(180) Pag. 17-19.

(181) Pag. 20.

(182) Pag. 16.

Eis porque lhe repugnam, ao pensador patricio, os sistemas materialistas em geral: teorias de dissolução e não capazes de solver a crise contemporânea; como lhe repugna a negação da liberdade nas doutrinas de força (183) e *a vontade do poder*, o predomínio do mais forte, daquele "extranhismo moralista (184) que foi Nietzsche.

As ciências, por maior que seja o seu progresso, por mais que consigam intensificar a capacidade produtiva do homem, com os seus aparelhos e máquinas, jámais conseguirão duas coisas: libertar-nos do sofrimento e libertar-nos da morte. "Quanto à morte, é inútil fazer qualquer reflexão, sendo entretanto curioso observar que a ciência que tantas máquinas tem inventado para a indústria, já tem também inventado máquinas de morte. E quanto ao sofrimento, quem poderá evitá-lo? A civilização, em vez de o diminuir, até parece que pelo contrário o aumenta, acreditando muitos que o homem tanto mais sofre quanto mais se desenvolve, naturalmente por se tornar mais delicada a sua sensibilidade" (185).

"É que para resolver o problema da vida não basta a ciência, reguladora da indústria e

(183) Pag. 9.

(184) Pag. 9.

(185) Pag. 19.

creadora da riqueza; são indispensáveis também a poesia, creadora do ideal, e a filosofia, creadora da lei. Para deduzir a moral, o homem precisa de se elevar a uma concepção coerente e precisa da verdadeira significância racional da natureza, esforçando-se por êste meio de dar a justificação metafísica mesmo do sofrimento e da morte" (186).

Aí está o sentido do livro: não destoa dos precedentes, mas pelo contrário os confirma e continua. O combate ao positivismo é ainda mais renhido que nos dois estudos publicados em Fortaleza e talvez não tenha deixado de influir nisso a polêmica de 1902 com Gomes de Castro.

Os capítulos terceiro, quarto, quinto e sexto estudam a teoria da evolução segundo Spencer, sendo que no quarto há uma apreciação da idéia da *volta eterna* de Nietzsche (187). Fa-

(186) Pag. 20.

(187) Pag. 79-83. "É digno de registro êste trecho final. "Esta idéia da *volta eterna* segundo Nietzsche, ou da sucessão indefinida dos mundos segundo Spencer, Blanqui e Gustavo le Bon, não é senão a noção da immortalidade na teoria da evolução, ou mais precisamente a noção da immortalidade na concepção materialista do mundo. Ainda bem que a necessidade fundamental do espírito, ainda bem que a aspiração natural da alma termina triunfando sempre, a despeito dos desvarios do cepticismo revolucionário e da crítica demolidora; e é do seio mesmo do materialismo que parte o grito: somos imortais; continuaremos a existir apesar das inúmeras transformações a que estamos sujeitos, nem pela

rias Brito considera a teoria evolucionista como forma moderna do materialismo (188).

O capítulo sétimo estuda o princípio da relatividade do conhecimento e os dois seguintes o analisam na dupla forma da teoria da relatividade: a objetiva (de Comte) e a subjetiva (de Kant). Esta última exige uma apreciação mais minuciosa de certas subtilezas do profundo metafísico de Koenigsberg e Farias Brito não hesita em expor e criticar a Estética transcendental e as famosas antinomias. São páginas das mais sérias escritas no Brasil sobre metafísica, ainda que inaceitáveis em vários pontos. Revelam um autêntico pensador, não mero divulgador apressado de alheios trabalhos; e aqui e ali deixam bem ver que o texto alemão de Kant foi lido e confrontado e não apenas conhecido através de traduções (189).

O capítulo final procura demonstrar que a teoria da relatividade do conhecimento é uma forma moderna do cepticismo, como a teoria da evolução é uma forma moderna do materia-

morte cessaremos de ser, por que na evolução universal tudo se renova, tudo se repete e nada se perde". Pag. 83. O que é particularmente notável é a declaração categórica de Farias Brito: "a necessidade fundamental do espírito, a aspiração natural da alma"... Mas uma imortalidade puramente à maneira panteísta? sem a sobrevivência do eu pessoal?...

(188) Pag. 131-146.

(189) Pag. 257, 301 etc.

lismo. E propõe como critério supremo da verdade o testemunho normal e permanente da consciência (190). Nem cause surpresa que o pensador patricio, criticando as antinomias, chegasse a admitir espaço e tempo como infinitos. Além de lhe faltar, no caso, uma base mais segura na genuína metafísica neo-tomista, era levado a tal conclusão pelo seu erro inicial de identificar Deus com o próprio universo, em um panteísmo espiritualista que debalde procurou, até o seu derradeiro volume, em 1914, apresentar de modo que ressalvasse o valor da consciência individual, o primado da inteligência e um fundamento sólido para o seu sistema ético (191).

(190) Pag. 316.

(191) Cf. Leonel Franca, *op. cit.* 254-257.

XIII

A VERDADE COMO REGRA DAS AÇÕES

O subtítulo deste quarto volume da obra filosófica de Farias Brito explica-nos que se trata de um “Ensaio de filosofia moral como introdução ao estudo do direito”. Saiu a lume, em Belém do Pará, no mesmo ano em que foi publicado o estudo sobre Evolução e Relatividade (192).

Em prefácio diz o autor: “O trabalho que é aqui oferecido ao público é o complemento prático da obra em que estou trabalhando, há já alguns anos, sob o título geral de *Finalidade do Mundo*, e de que foi publicada a primeira parte em 1894 (193), a segunda em 1889 (194),

(192) Veja o capítulo com este título (Evolução e Relatividade).

(193) Há aqui um engano: o livro citado (o primeiro volume da *Finalidade do Mundo*, que trata da filosofia como atividade permanente do espírito humano, saiu em 1895, embora na folha de rosto se leia 1894 e na capa da brochura 1895. Já explicamos o desacordo no capítulo em que tratamos desse volume. O próprio Farias Brito dá a data 1895 nos seus volumes publicados no Rio em 1912 e 1914.

(194) Leia-se 1899. Aqui o erro tipográfico, não emendado na revisão, é patente.

estando já quasi concluido e prestes a sair do prélo o 1.º volume da 3.ª parte. É tambem o curso que estou fazendo no 1.º ano da Faculdade de Direito do Pará, tratando-se assim de um livro destinado ao ensino. O trabalho é extenso; mas, para servir aos meus alunos ou companheiros de estudo, irei fazendo a publicação por partes successivas. Este primeiro fascículo (195) comprehende o desenvolvimento dos treze primeiros pontos do programa que organizei e foi aprovado em congregação. Irei preparando gradativamente o desenvolvimento dos outros pontos. Trata-se, no fundo, de deduzir um critério da conduta, sendo que, a meu ver, é a filosofia moral que deve servir como introdução necessária ao estudo do direito. Neste sentido pode-se dizer que a jurisprudência é uma ciência prática que está para a ciência moral como a engubaria para as matemáticas, como a medicina para as ciências naturais. E como é directa e immediatamente da filosofia, como concepção do todo universal, que deriva, em particular, a filosofia moral, por isto é como um complemento práctico ou deri-

(195) É um volume de 112 páginas, no mesmo formato do que trata de *Evolução e Relatividade* e saiu com o titulo *O Mundo como atividade intellectual*, nesse mesmo anno (1905) e na mesma Livraria Universal de Tavares Cardoso & Cia.

vação imediata da teoria da finalidade que proponho êste ensaio" (196).

Farias Brito coloca portanto êste volume como o quarto da sua obra até então escrita e é por esse motivo que também nós aqui o consideramos, embora mais tarde o próprio autor modificasse ainda uma vez o seu plano de distribuição e a posição dêste ensaio variasse um pouco (197).

Para mostrar a coerência, em conjunto, de toda a sua obra, Farias Brito assim se exprime: "O meu pensamento fundametal é êste: que a finalidade do mundo é o conhecimento. Ê o que resulta, como uma consequência imediata, da concepção do mundo como atividade intelectual, porque, se o mundo deve ser compreendido como uma atividade intelectual, é evidente que como tal sómente pode ter por fim o conhecimento. Ê como se a evolução universal fosse um esforço permanente do cosmos para adquirir consciência de si mesmo. Ora o conhecimento tem por objeto a verdade. Por conseguinte é a verdade que se apresenta como aspiração suprema de toda a existência" (198).

(196) Prefácio, pag. 1.

(197) Cf. os volumes de 1912 e 1914 (*A Base física do Espírito e o Mundo Interior*).

(198) Prefácio, *loc. cit.*

O livro, já o dissemos (199) é dedicado ao Dr. Augusto Montenegro, Governador do Estado, e à Faculdade de Direito do Pará, qual "Homenagem de reconhecimento e respeitosa dedicação".

Na *Memória Histórica da Faculdade de Direito do Pará*, correspondente ao período 1902-1907, apresentada pelo lente catedrático Dr. João Batista de Vasconcelos Chaves (200), e aprovado pela Congregação em sessão de 8 de Junho de 1908, eis o que se lê sobre Farias Brito: "A cadeira de Filosofia de Direito, que o Código de Ensino coloca no limiar do curso, a despeito de objetivar-se nas investigações das leis mais gerais dos fatos jurídicos, dos fenômenos mais transcendentes do Direito, tem sido ocupada desde 1903 pelo lente substituto da secção — Dr. Raimundo de Farias Brito, no impedimento do catedrático, Dr. Passos de Miranda Filho, que tem permanecido ausente do Estado a partir de sua eleição para Deputado Federal, em Janeiro daquele ano. O nome do professor em exercício é conhecido na literatura da filosofia. Vem de longe o seu pendor por esses estudos e se traçando um plano gi-

(199) Cf. o capítulo *Belém*.

(200) Tipografia do Instituto Gentil Bittencourt, Pará 1908.

gantesco de 1889 para cá tem publicado sob o título geral de *Finalidade do Mundo* diferentes trabalhos recomendáveis pela convicção de suas doutrinas e pelos elevados conhecimentos que os ilustram (201). O programa portanto que confeccionou o nosso ilustre colega para o ensino de sua cadeira, obedece a uma orientação segura do seu ponto de vista na Filosofia do Direito. Parte de uma distinção fundamental entre a função teórica e a função prática da filosofia; encara a moral como ciência da ação, como ideal da conduta; deduz o critério supremo da conduta sob a sua dupla forma, subjetiva e objetiva, *verdade* e *convicção*, acrescentando-lhe uma terceira forma também objetiva — *a lei*; estuda o conceito da lei, criticando a sua aplicação aos fatos naturais; e entra no conceito do Direito, na variedade dos sistemas, para então fazer a crítica das tres grandes escolas que êle chama — escola racionalista dos filósofos ou teorias do direito natural, escola histórica dos juriconsultos ou filosofia do direito e a escola positiva dos naturalistas ou a sociologia. Só depois disto começa o estudo da filosofia moral, que supõe a

(201) Pag. 15. Há um engano na data 1889, a não ser que a referência se deva entender do Prefácio ou introdução do livro de poesias (*Cantos Modernos*) em que Farias Brito, como verdadeiro filósofo, discutiu se a poesia ainda tem razão de ser.

mais consentânea introdução ao estudo do Direito. A filosofia moral é o seu ponto de vista próprio, original. Não se confunde com as teorias racionalistas sob qualquer de suas direções. — essa filosofia abstrata que deu corpo ao *Direito Natural*, “cujo fim preseinde do Estado e da história e para o qual o direito não surge da sociedade, mas tem por fonte a razão” (202), pois é um complexo de *dictamina recta rationis*; não se irmaniza com a escola de Savigny e Puchta, que considera a história não como um meio de observação, comparação e interpretação dos fatos, mas como o único caminho que conduz ao conhecimento da verdade, devendo suas investigações portanto substituir todo estudo filosófico (203); nem se subordina a escola positiva dos naturalistas, como Comte, Mill, Spencer e Maine, embora no sentido do autor da *Finalidade do Mundo* comece no domínio da sociologia uma corrente que a identifica com a moral e da qual é Roberty um dos legítimos representantes. A filosofia moral, tal como a compreende o seu ilustre *creador* (204), é uma teoria da liberdade, mas liberdade sob duas formas singulares, que êle denomina subjetiva e objetiva —

(202) *Cogliolo, Filosofia do Direito*, pag. 12.

(203) *Belimo, Filosofia do Direito*, t. I cap. XV.

(204) Grifado no texto.

“a consciência da ação e o domínio do homem sobre si mesmo”. Se não nos convence a engenhosa construção que faz derivar da noção do conhecimento o conceito da liberdade, lembrando a teoria metafísica dessa variante da escola jurídico-criminal alemã que encontra o fundamento da responsabilidade moral na própria consciência e do mundo externo, devemos reconhecer todavia o mérito de sua doutrina no que diz respeito ao estudo da moral. É sobretudo quando tal ponto de vista não exclue absolutamente as noções exatas, ensinadas sob um processo puramente científico de observação e de crítica, dos princípios e teorias fundamentais da Filosofia do Direito, nem mesmo das teorias extremas a que tem chegado a escola do positivismo”.

Por essa longa citação podemos melhor avaliar o que era o curso de Farias Brito na Faculdade de Direito e o que representa este quarto volume, ocasional e incompleto, no conjunto da sua obra vastíssima (205).

No primeiro livro, que tem por assunto *O ideal da conduta: ponto de vista fundamental*, Farias Brito trata de diversos pontos do pro-

(205) Farias Brito apresentou programas ligeiramente diferentes quanto à ordem e número de pontos em 1903, 1904 e 1905. Pelo deste último ano é feito o livro que analisamos. Os programas estão em *Annuaire*.

grama (do 1.º ao 5.º): Função teórica e função prática da filosofia. Função teórica: ciência. Função prática: ordem moral. Ciência e religião; riqueza e moralidade. — A moral como ciência da ação. A moral como ideal da conduta. Distinção entre o direito e a moral. — O critério supremo da conduta. Forma objetiva e forma subjetiva dêsse critério. — O conceito da lei. As leis naturais e as leis morais e jurídicas. O ponto de vista mecânico transportado da natureza para o mundo moral. Improcedência radical desta tendência geral do pensamento moderno. As leis morais e jurídicas em particular. A lei como convicção comum; a lei como convicção da consciência coletiva.

No segundo livro, estuda o problema do direito em particular, com a exposição e crítica dos sistemas. A matéria explicada corresponde aos pontos 6.º a 13.º do programa. Este ao todo tinha quarenta. Vê-se bem que Farias Brito não chegou a escrever nem a metade, e sim apenas quasi um terço dele. Foi até a apreciação do sistema de Kant e aí ficou a obra interrompida (206). Todavia as ques-

(206) Na pag. II do Prefácio diz Farias Brito: "Apresento em seguida o programa a cujo desenvolvimento completo me proponho. Mas com tal amplitude de plano e em ano letivo *a brasileira*, apertado e com frequência aleato-

tões tratadas são das mais interessantes do ponto de vista filosófico, ainda que um tanto abstratas e talvez por demais sutis para a maioria dos estudantes de um primeiro ano de um curso jurídico... Ei-las: O conceito de direito. Razão da variedade dos sistemas. As tres grandes escolas modernas: a escola racionalista dos filósofos, a escola histórica dos juriscultos e a escola positiva dos naturalistas. A propósito da primeira escola, e após considerações gerais, Farias Brito analisa a noção do direito natural. E pergunta: admitida a dualidade da lei moral e jurídica, tem ainda razão de ser a noção de um direito natural como terceira norma de conduta? Para responder de modo cabal, Farias Brito julga necessário remontar até à noção do direito natural na doutrina dos Romanos. Passa depois aos pensadores modernos: primeiro Grotius, fundador do sistema, a seu ver mera repercussão, na ordem prática, do movimento filosófico iniciado, na ordem especulativa, por Bacon e Descartes. Como representante principal, na direção empírica, Hobbes; em atitude especial, Spinoza e Rousseau; e por fim, ainda na corrente do empirismo baconiano, Locke e Hume.

ria... impossível esgotar a matéria. E Farias Brito era assíduo e, o que mais é, apreciado pelos alunos (cf. os testemunhos que demos no capítulo *Belém*).

Na direção francamente racionalista, Puffendorf, Thomasius, Leibniz e Wolf. Afinal, no seu criticismo integral, Kant. Este, levantando a questão da autonomia da vontade, obriga “à cogitação de um dos mais graves problemas modernos, que é precisamente o problema da liberdade” (207). Aí parou Farias Brito neste quarto volume. Voltou ao assunto, e já então sem preocupações de um programa de faculdade jurídica, só e só como filósofo, nos volumes publicados após o concurso de lógica, no Rio de Janeiro (208).

(207) Pag. 112.

(208) Veja os capítulos correspondentes a êsses volumes.

XIV

UM CONCURSO DE LOGICA

Desde Outubro de 1908 estava Farias Brito resolvido a deixar Belém. Ele mesmo o declarou em carta a seu primo Felix Cândido: "Estou no pensamento de me mudar para o Rio e para ali deverei seguir brevemente no intuito de ir preparando as coisas, ficando entretanto a família no Pará (209). É fácil a explicação dessa projetada mudança: a cadeira de Lógica do Colégio Pedro II vagára havia pouco e naturalmente Farias Brito se resolveu a disputá-la em concurso (210).

Que o filósofo cearense aspirasse a uma cátedra no Rio, nada mais justo e digno de aplauso. Já agora a sua obra avultava e se

(209) Carta datada de Belém, a 27 de Outubro de 1908, cujo original devemos à gentileza do Exmo. Sr. Desembargador Felix Cândido.

(210) A cadeira pertencera a Vicente de Sousa, falecido a 18 de Setembro de 1908.

impunha ao respeito dos capazes de julgá-la. O ambiente de Belém, embora culto e em condições de proporcionar a Farias Brito certos prazeres intelectuais apreciáveis, não podia ensejar tudo quanto o Rio lhe ofereceria, se aqui lograsse vencer. Desde cedo, aliás, travara relações com a metrópole tentadora: aqui assistira à proclamação da República e dera a lume o volumezinho dos *Cantos Modernos*. Aqui voltára ao desistir do seu propósito de ir à Europa. Aqui estavam os que, — adversários ou não —, lhe poderiam pôr à prova a erudição, a capacidade crítica, o real conhecimento daquilo que constituía, confessadamente, a maior paixão da sua vida: a filosofia. E que melhor oportunidade acaso se apresentaria do que um concurso no estabelecimento padrão do ensino secundário oficial, o tradicional colégio a que Pedro II sempre dera as provas mais evidentes da sua predileção? (211) E a cadeira de Lógica, de preferência a qualquer outra, permitiria a exposição e debate de todos os grandes problemas ligados ao conhecimento.

Em meados do ano seguinte foi que se realizou o concurso. Pouco antes deixara Farias Brito o Pará, não sózinho, como quem ainda

(211) Ainda não fôra restituído ao Colégio o seu verdadeiro nome: era nesse momento, qual o crismára um republicanismo exagerado, Externato do Ginásio Nacional.

alimenta dúvidas quanto ao resultado, sempre aleatório, de um embate de tal monta; mas pelo contrário, com toda a família, 13 pessoas, entre parentes e agregados. Nortista legítimo, alma generosa e incapaz de pensar só em si, Farias Brito sustentava quantos se lhe afiguravam mercedores do seu amparo e não cogitava das possibilidades mais ou menos elásticas da sua bolsa de pobre. Verdade é que em Belém ganhára pequeno pecúlio. A sorte lhe fôra ali mais propícia e dispunha agora de elementos para tentar a aventura de se fixar no Rio. Era todavia uma cartada ousada, senão temerária: deixaria uma boa banca de advogado, uma cadeira na Faculdade de Direito, amigos e discípulos, e vinha se expor aos rigores de uma prova realmente rude, num prêmio dos mais encarniçados, tendo concorrentes de temer não só pela quantidade, mas ainda pela qualidade (212). Dentre os caudatatos, um grande nome nacional: Euclides. É concorrentes do valor, por exemplo, de um mestre da disciplina, com longa prática de ensino, Mon-

(212) Fizeram prova escrita os seguintes candidatos: Monsenhor Fernando Rangel, Roberto Gomes, Agliberto Xavier, Farias Brito, Adrien Delpech, Geonísio Curvelo de Mendonça, Ovídio Alves Manaya, Júlio Oscar de Novais Carvalho, Manuel Ribeiro de Almeida, Vital de Almeida, Graciano dos Santos Neves, Euclides da Cunha, Manuel de Bethencourt, Armando Dias e Afonso Duarte de Barros.

senhor Fernando Rangel: ou com o talento literário, a agilidade intelectual e o brilho da forma de um Roberto Gomes. Para só citar tres nomes, e de mortos, e evitar a inútil deslegância dos confrontos irritantes (213).

Quem não tenha preconceitos de escola ou preferências de coração, logo percebe que Farias Brito, recémchegado do Norte, sem popularidade no Rio, sem proteção política nem compromissos partidários, autor de uma obra vasta, mas quasi desconhecido do público, e, além de tudo isso, ainda mal aquinhoado fisicamente, pequenino, mirrado, tímido, sem a presença impressionante dos predestinados à vitória, encontraria a resistênciã natural das desconfianças instintivas, das antipatias espontâneas, difíceis de vencer e não raro deci-

(213) E' lamentável que para exaltar Euclides (bastante grande por si mesmo para não precisar de hipérboles inexatas e de insinuações depreciativas do valor alheio) se procure amesquinhar o mérito evidente de Farias Brito, dando-o como favorito da Congregação. Há entretanto quem o faça, parecendo não haver lido com sufficiente atenção as obras do pensador patricio, ou não as haver entendido... Dizer, por exemplo, que os pontos de vista do autor nunca appareceram, porque não existiam, revela ignorância total do assunto. E citar, a propósito de um concurso de 1909, um trabalho publicado por Farias Brito, em 1912 (*A Base física do Espirito*), como se já tivesse sido escrito antes daquelle prélio intellectual, faz sorrir a quem conhece a bibliografia do filósofo...

sivas (214). Jackson de Figueiredo nos dá testemunho dessa desproporção entre o aspeto físico e o valor espiritual do filósofo cearense: “A minha surpresa foi grande ao vê-lo pela primeira vez: — imaginava-o forte, alto, inabordável; — vi-o fraco, de pequena altura, de aparência bondosa, um pouco triste, mas sereno” (215).

Eseragnolle Doria, que o pôde observar à vontade durante o concurso, narra assim as próprias impressões:

“Sexta-feira, 21 de Maio de 1909, numa sala do então Externato do Ginásio Nacional, sala ante-câmara da Secretaria do Colégio e hoje demolida. Procedia-se ao provimento da cadeira de Lógica, vaga pela morte do Dr. Vicente de Sousa. Achava-me na Congregação, e... Nerval de Gouveia e Agostinho Gama, quando vi chegar o primeiro candidato do dia para prestar a prova de preleção e ocupar a

(1) Farias Brito era franzino, baixinho e de aspeto à primeira vista pouco agradável. A esse propósito conta-se a seguinte anedota. Convidado certa vez para um banquete, o filósofo demorou um pouco e já estavam muitos dos convivas a falar a seu respeito quando elle chegou. Acanhado, percebendo que se demorára, Farias Brito se viu alvo de todos os olhares. Alguem lhe diz em tom de surpresa: — Mas então o senhor é Farias Brito? Dêste tamanho?... E elle, sem perder a calma e levando a mão à fronte: — O meu tamanho se mede ó daqui para cima...

(215) *Algunas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, pag. 17.

cadeira que, um dia antes, fôra preenchida por Monsenhor Rangel, por Agliberto Xavier e Roberto Gomes, dissertando sobre a lógica da matemática.

O primeiro candidato da sexta-feira 21 de Maio de 1909 devia falar sobre a lógica da sociologia.

Pela primeira vez o via. Apresentou-se um homem baixo, moreno, tipo acentuado de nortista, cuja primeira rispidez de aspeto era temperada logo pela doçura do olhar e pela atraente seriedade dos modos.

Começom a expor e o assunto entrou a revelar alguém habitualíssimo ao trato da disciplina. Nerval de Gouveia, de ordinário loquaz e irônico, tomou aos poucos a atitude de quem queria ouvir, sem ser perturbado; Agostinho Gama a de quem desejava julgar sem perder palavra. Imitei-os e assim escutámos Raimundo de Farias Brito, até à última palavra da lição, homenagem de silêncio, de simpatia e de curiosidade pelo lidador de magistério que se descobria" (216).

O concurso, porém, antes mesmo de iniciadas as provas, já dera a Farias Brito aborrecimentos e também ocasião de patentear as suas raras qualidades morais. Um dos candi-

datos inscritos, Manuel de Bethencourt, escreveu vários artigos de crítica aos livros do autor da *Finalidade do Mundo*, o que, no momento, não era elegante, visto se tratar de um concorrente. O primeiro artigo foi publicado a 2 de Maio no *Jornal do Comércio*, sob o título *Os livros do Dr. Farias Britto*. Antes de tudo o articulista critica o próprio título da obra de Farias Brito: *Finalidade do Mundo*. Reconhece todavia que “é megável” que Farias Brito muito leu; mas impugna-lhe o êrro antropocêntrico e o considerar o homem como a consciência do mundo. Chama-o de “ilustre cientista” — evidente impropriedade de expressão, e afirma que a ciência existiu antes da filosofia (confundindo filosofia como síntese *a priori* com filosofia como síntese *a posteriori*). Critica os argumentos de Farias Brito contra Kant e não compreende que o pensador brasileiro não aceite a evolução. Diz afinal que “em conjunto a obra do Dr. Farias Brito é um vasto repositório de considerações filosóficas a que nem sempre um nexó lógico liga”.

No dia 6 do mesmo mês veio outro artigo e neste o autor exprobra a Farias Brito o aceitar o espaço e o tempo como infinitos. E fala em geração *expontânea* (*sic*), achando que evolução e teleologia podem coexistir. (De acôrdo; mas restava saber em que sentido Fa-

rias Brito havia tomado o termo evolução). “A própria parte que parece dogmática na sua obra — a verdade como regra das ações — não representa sequer o lineamento de uma teoria, porque o illustre autor não nos diz o que seja essa verdade, conceito o mais abstrato de quantos conceitos abstratos existem”. Ironiza a propósito da crítica de Farias Brito à teoria de Kant e diz que o crítico não entendeu as antinomias kantianas. Conclue que “os livros de Farias Brito representam uma grande soma de trabalho, uma leitura demorada de filósofos, embora deles transpareçam poucas aptidões críticas”. É evidente a deselegância e a inoportunidade dêsse ataque, feito nas vésperas do prélio em que ambos estavam interessados.

A resposta de Farias Brito veio no *Jornal do Comércio* de 31 de Maio. Declara o filósofo que só responde para atender a pedidos insistentes de amigos. Mostra que a crítica aos seus trabalhos resulta, no caso, de despeito de um concorrente. “Assim como a moral é a lógica da ação, a lógica por sua vez deve ser considerada como uma espécie de ética da inteligência. A crítica tem deveres a cumprir e a crítica deve ser também obra de consciência”. Esclarece os pontos impugnados, mostra a inanidade de certos argumentos e insiste

no aspecto moral da questão. “Não há injúria por mais violenta e brutal que possa matar o que está destinado a viver, nas mesmas condições que não há elogio que possa dar vida ao que está morto ou sequer aparência de mérito ao que é nulo. Pode, é certo, a mentira muitas vezes vencer e acontece, desgraçadamente, não raro, que o êrro domina como verdade. Mas êsse domínio é sempre transitório, porque as vitórias do êrro, como as conquistas realizadas pelas manobras do crime, são sempre acidentais e efêmeras e é somente à verdade que cabe depois de tudo a vitória definitiva”.

Essas nobres e austeras palavras de absoluta confiança no triunfo último da verdade e da justiça, que é a verdade na ordem prática ou da ação — Farias Brito as escrevia já quando se achava naquela dolorosa situação de quem, cômico do seu direito, conhece todavia bastante a natureza humana para não se embalar na rede enganadora de um otimismo ingênuo.

Os trabalhos do concurso desde o princípio foram dificultados por várias causas. A 13 de Maio foi eleita pela Congregação a comissão examinadora: Nerval de Gouveia, Sílvio Romero e Esmeragnolle Doria. Tendo saído Nerval, foi substituído por Eugênio de Barros Raja Gabaglia. Mas Sílvio renunciou e Es-

cragnolle Deria o acompanhou no seu gesto. Afinal a Comissão examinadora se constituiu do seguinte modo: Raja Gabaglia, Rodolfo Paula Lopes e Paulo de Frontin. (217)

Fizeram prova escrita quinze candidatos inscritos (218). Foi ponto sorteado o n.º 3: — VERDADE E ERRO. (219)

A prova escrita de Farias Brito começa acentuando a importância excepcional da consciência que, lembrando uma expressão memorável de Leibniz, o candidato compara a *um espelho através do qual se reflete a imagem do mundo...* De maneira que temos de um lado a existência e de outro lado o conhecimento como representação "da existência". Acentua logo o papel da consciência: "Para que o conhecimento se possa compreender, indispensável é imaginar um princípio mais alto — a consciência, sem a qual é inconcebível a representação das coisas. A consciência é pois o fato primordial da natureza, espécie de ponto de contato de dois mundos, de que um é a imagem do outro." Vê-se desde logo que Farias Brito se mantém fiel aos seus pontos de vista e não os esconde ou esbate na sua prova. Pelo contrário: afirma resolutamente: "De

(217) *Jornal do Comércio* de 2 de Junho de 1909.

(218) Veja a nota 212, acima.

(219) As provas foram publicadas no *Jornal do Comércio* de 1 e 2 de Junho de 1909.

maneira que, além da realidade exterior que se desenvolve no espaço e no tempo, forçoso é reconhecer a existência de uma realidade interna, de uma atividade de ordem psíquica, sem a qual não se compreende consciência, e que é o princípio mesmo produtor do conhecimento. Essa atividade também se representa na consciência, sendo que não só conhecemos as forças da natureza, como as forças mesmas do espírito, de onde a distinção fundamental entre as ciências naturais ou a física (em seu sentido mais geral, compreendendo a física inorgânica — cosmologia — e a física orgânica — biologia) e as ciências de ordem psíquica ou a metafísica.”

Entra depois a discorrer sobre a origem e o sentido do termo *metafísica*, desde Aristóteles até Comte. Refere-se a propósito disso ao seu primeiro volume da *Finalidade do Mundo* e conclue: “A metafísica que é desmoronada por Kant e por Augusto Comte não é a de que nos deixou indicação Aristóteles. Esta permanece sempre viva, porque a ninguém é permitido negar a realidade dos fenômenos físicos e morais, nem ha estudo que de modo mais soberano se imponha à curiosidade do espírito.”

Considera a teologia uma psicologia transcendente: “A’ própria teologia não se pode

negar o seu caráter de permanência, porque a teologia não é senão uma psicologia de ordem transcendente. . .”

É claro que para Farias Brito a existência é a realidade mesma. O conhecimento é a representação da existência na consciência. A verdade é a perfeita correspondência entre a representação e a coisa representada. A certeza é a posse da verdade. A convicção é a crença nessa posse.

Como nos seus livros, o estilo é simples, sem nenhum pedantismo, com a preocupação eminentemente didática da clareza, fugindo a digressões inúteis e lamentando apenas que o tempo da prova não permita tratar a fundo de certas questões relacionadas com o ponto. Insiste na diferença entre o erro — que é uma falsa representação, isto é, uma representação que não corresponde á realidade — e a ignorância, em que há apenas a aptidão para o conhecimento, a capacidade do conhecimento, o que se pode chamar o nada da consciência.”

Para o fim da prova confessa estar fadado, o que facilmente se admite, dado o seu precário estado de saúde. “Já estou cansado e não poderei dar a êsse problema (o do critério da verdade) o necessário desenvolvimento”. “O meu maior esforço consistirá em fazer o resumo das ideias”. Mostra que crité-

rio é julgamento: "diz-se que tem critério aquele que sabe julgar". Procura expor e analisar as várias opiniões a respeito do critério da verdade mas o tempo não permitiu ir além do sistema que funda o critério na autoridade divina, pela fé e do que procura firmar-se no testemunho da antiguidade... A hora estava esgotada e a prova ficou incompleta nesse ponto; mas o essencial do tema sorteado estava exposto e perfeitamente demonstrada a capacidade didática e erudição real do seu autor (220).

O resultado do concurso veio publicado no *Jornal do Comércio* de 8 de Junho. A Comissão examinadora julgou habilitados unanimemente nove dos quinze candidatos que haviam prestado provas escritas (221). Os demais o foram por maioria de votos. Embora habilitando os seus autores, a Comissão julgou deficientes as provas de seis candidatos (222) e satisfatórias, apesar de deficiências parciais.

(220) A veemência da crítica apaixonada do concorrente Júlio Novais não logra destruir o valor dessa prova honesta, que se pode ler e apreciar no próprio opúsculo de ataque (ACUSO, publicado logo após o concurso) das pag. 61 a 71, interrompida pelas digressões e objeções nem sempre serenas do seu irritado adversário.

(221) Ei-los: Agliberto Xavier, Graciano Neves, Monsenhor Rungel, Adrien Delpech, Farias Brito, Júlio Novais, Ribeiro de Almeida, Roberto Gomes e Manuel de Bethencourt.

as de quatro (223). Completas, salvo ligeiras imperfeições, as dos seguintes: Mousenhor Rangel, Farias Brito, Júlio Novais, Graciano Neves e Euclides da Cunha.

Em primeiro escrutínio teve Farias Brito sete votos para o primeiro lugar e Euclides seis. Em segundo escrutínio Farias Brito obteve quatorze e Euclides treze (224).

Classificado em primeiro lugar, não foi entretanto Farias Brito o nomeado. Euclides foi o escolhido pelo govêrno, sem desprimor aliás para nenhum dos dois concorrentes, pois foi a intervenção de amigos que forçou a nomeação do segundo classificado, sem que ao próprio Euclides se possa atribuir a injusta

(222) Veja o *Jornal do Comércio* de 8 de Junho de 1909.

(223) *Ib.* Logo no dia 10 o candidato Dr. Júlio Novais escrevia pelos *a pedidos* do velho órgão da imprensa carioca umas linhas de desabafo contra a Comissão examinadora. Para que se possa avaliar do tom: referindo-se ao Dr. Raja Gabaglia, chama-o de "vertebrado adiposo, quasi solípede". O Dr. Novais, que depois escreveu o ACUSO, a que já nos referimos acima (nota 220) prestou pelo menos um serviço: o de nos conservar os textos das suas provas e das provas de Euclides. Assim é mais fácil o cotejo... E também nos legou um documento interessante para o estudo da psicologia dos concursos no Brasil...

(224) Votaram desde o princípio em Farias Brito: Gastão Ruch, Saïd A'li, José Acioli, Henrique Noronha, Almeida Lisboa, Alfredo Alexander e Raja Gabaglia. Votaram em segundo escrutínio mais os seguintes professores: Dória, Meschick, Paula Lopes, Fausto Barreto, Nerval de Gouveia, Araujo Lima e Gervais.

preterição de Farias Brito (225). Este, contudo, sofreu um golpe dos mais rudes e dolorosos. Homem de sensibilidade finíssima, compreende-se o quanto deve ter-lhe ferido a alma a preterição. Em todo caso (êle mesmo nô-lo confessa) era dos que mais se enrijam na adversidade e a quem a coragem cresce quando as dificuldades aumentam. Deixára o Pará, bons logares de professor e advogado, renda certa e prestígio sólido, e se arriscára a uma viagem longa em companhia de todos os seus, na esperança — que era quasi certa, pois tinha consciência de seu preparo na matéria — de obter a cátedra honrosa. Vencêra limpamente e com brilho invulgar. E via-se preterido...

Ouçamo-lo entretanto: “Quando o perigo chega ao ultimo limite, já não me abala. Torno-me assim insensível a toda desgraça,

(225) O próprio Euclides, deante das hesitações do govêrno, que apesar da sabida preferênciã de Rio Branco, ainda não resolvêra o caso, pois Farias Brito era o primeiro classificado e também tinha amigos, o mesmo Euclides, escrevendo a Coelho Neto, reconhece; “A linha reta deante das vacilações do govêrno é esta: renunciar. E’ o que vou fazer já por telegrama”. E antes dizia: “O revés desafoga-me: merecido castigo ao deslize de haver tentado deslocar um concorrente oficialmente mais amparado pelo Direito”. Mas a intervenção de Rio Branco solucionou o caso a favor de Euclides: a 17 de Julho vinha o Decreto da sua nomeação. A 21 tomava posse e não demorava em assumir a regência efetiva da cátedra, que Escraguolle Dória havia interinamente ocupado, até se preencher legalmente a vaga.

revelando-se-me, em certas ocasiões, no fundo do ser, energias que me surpreendem. E' só o que percebo que existe em mim de excepcional." Após essa confissão, e como se tivesse receio de haver sido ou parecido vaidoso, logo acrescenta: "Tudo o mais é comum, tudo o mais é banal; como comuns e banais são as impressões que me causam os acontecimentos diários."

Este espírito de tão nobre linhagem podia confessar a um amigo que o dia mais feliz da sua vida foi aquele em que sofrêra a mais terrível decepção ou desengano (226).

Mas os caminhos da Providência são imprevisíveis, bem outros que não os da pobre prudência humana. O dia da Glória tingiu-se de sangue. Por doloroso contraste, na tranquila paisagem da Piedade. O humilde subúrbio do Rio tornava-se de súbito o cenário de uma tragédia e das mais pungentes (227).

Vaga de novo a cátedra de Lógica, entrou Farias Brito com uma petição, disposto a lu-

(226) Aqui tenho deante dos olhos o original do seu escrito *Qual o momento mais feliz em sua existência?* Devo-o à solícita generosidade de D. Mena, isto é, de D. Filomena de Farias Brito Pontes de Miranda, filha mais velha do filósofo. Este trabalho já foi publicado na revista *A Ordem*, órgão do Centro D. Vital, do Rio (n. de Abril de 1931).

(227) Ninguém ignora que Euclides foi assassinado a 15 de Agosto de 1909.

tar novamente, na liça do concurso, pela matéria em que já se revelára mestre consumado. Provido nela interinamente, foi afinal nomeado por Decreto de 2 de Dezembro de 1909 (228).

O parecer de Sílvia Romero, encarregado de apreciar os trabalhos de Farias Brito nesta segunda fase, é documento que honra o julgador, pela nobre imparcialidade com que se manifesta. É trabalho extenso, que podemos ler no original (229). Diz, a propósito da parte crítica da obra de Farias Brito, o severo mestre sergipano: "é sem par na literatura brasileira". É da própria obra em conjunto, que é "a de maior fôlego no gênero publicada no Brasil".

(228) Assinou termo de posse a 10 do mesmo mês e ano, conforme consta do livro respectivo, existente no arquivo do Colégio Pedro II (Externato) e que tivemos o ensejo de compulsar.

(229) O parecer de Sílvia Romero está apenso ao livro de Atas correspondente ao ano de 1909. (Arquivo do Colégio). Veja *Annos*.

A BASE FÍSICA DO ESPÍRITO

Publicado no Rio, após a vitória definitiva no concurso de lógica e já no exercício da sua cátedra no Pedro II (230), o volume de Farias Brito intitulado *A base física do espírito* constitui um dos estudos mais sérios e metódicos no conjunto da sua obra. (231) Até na feitura material saiu com melhor aspeto, no papel, no tipo, nas proporções, sendo apenas de lamentar a quantidade de erros de revisão, emendados quasi todos no fim do prefácio (232) e ainda bem, pois alguns, como observa o próprio autor, “importam alteração do pensamento”. Este prefácio é datado de

(230) Na folha de rosto, abaixo do nome: Lente do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro e professor honorário da Faculdade de Direito do Pará.

(231) “A crítica de Farias Brito é sagaz, e, excetuando algumas exagerações, quasi sempre justa” Leonel Franca, *op. cit.* pag. 266, nota, 2.

(232) Pag. II — IV do Prefácio.

1912 (Outubro) e o volume deve ter sido escrito no triênio decorrido desde a vinda de Farias Brito do Pará. No plano geral da sua obra, enunciado nos volumes de 1905, em Belém, não figura explicitamente; apenas o que se pode inferir daqueles é que Farias Brito estava preparando a segunda parte do estudo que iniciára com o livro sobre *Evolução e Relatividade*. (233)

O trabalho traz dedicatória digna de registro: “À Congregação do Colégio Pedro II, por seu saber, por sua independência e nobreza, e sobretudo por seu elevado espírito de justiça. Homenagem de respeitosa admiração e alto reconhecimento.”

Como nos volumes precedentes, Farias Brito dá contas ao leitor do que fez e pretende ainda fazer na elaboração completa do seu monumental projeto. “Com o trabalho a que aqui dou comêço, termina a série de livros cuja publicação iniciiei, em 1895, sobre o título geral de *Finalidade do Mundo*. E dizendo — dou comêço — tenho em vista acentuar que, terminando una série, sou obrigado a iniciar outra, porque o pensamento a cuja exposição me proponho, só pode ser desenvolvido em volumes sucessivos. São ensaios diversos sôbre os

(233) Cf. o prefácio do volume terceiro da *Finalidade do Mundo*.

múltiplos aspetos do que, no conjunto, poderia chamar-se *Filosofia do Espírito* (234)

Compreende-se sem maior esforço o quanto deveria ter influido nas leituras e na marcha das idéias do pensador patricio a sua mudança definitiva para o Rio de Janeiro e a sua brilhante vitória no concurso a que se submetêra em condições tão difíceis. O seu campo de ação se dilatára; e também as influências que teria de fatalmente sofrer (quem porventura, no mundo da intelligência, não lhes estará sujeito?) iam agora diversificar, por pouco que fôsse. A situação material também melhorára, com a garantia de uma estabilidade que permitia lazeres intellectuais mais folgados e uma preparação mais serena dos volumes por escrever. E até a bibliografia revela novas correntes e novas contribuições ao seu pensamento original. Assim por exemplo

(234) Esta série não estava prevista em nenhum dos volumes publicados no Norte, quer em Fortaleza, quer em Belém. E' aqui anunciada e iniciada, embora Farias Brito nela inclua, um tanto hesitante, o ensaio intitulado *A Verdade como regra das ações*. Este de fato não foi escrito nas mesmas circunstâncias e pelos mesmos motivos dos outros volumes, pois sabemos que resultou da circunstância ocasional de ser Farias Brito professor substituto em exercício da cadeira de Filosofia do Direito da Faculdade do Pará. Daí o ficar deslocado no plano geral da obra de filósofo, que se esforçou por integrá-lo nela, mas variando um pouco na maneira de situá-lo. Basta confrontar os prefácios dos volumes de 1905, 1912 e 1914.

o nome de Bergson aparece pela primeira vez logo nas páginas iniciais dêste volume. Os autores de predileção de Farias Brito nos seus livros de Fortaleza e de Belém, isto é, Lange, com a sua *História do Materialismo*, e Kuno Fischer, com a sua *Geschichte der neuer Philosophie*, ainda são citados, mas já sem o caráter de predominância. E Spinoza, de quem o mesmo Farias Brito escreveu no seu segundo volume da *Finalidade do Mundo*, ter sido o autor que mais o impressionára (235), êste já agora o não seduz tanto e o pensamento do filósofo brasileiro tende cada vez para uma doutrina autônoma, sem subordinações incondicionais a quem quer que seja. Aliás o assunto especial dêste volume não é de natureza exclusivamente metafísica: o exame do que há de aceitável na psicologia experimental obriga a uma investigação de caráter científico, tomado êste último termo no sentido que em geral se lhe dá hoje.

Farias Brito não contesta que se possa apurar algo de útil dos trabalhos de laboratório e das várias experiências no campo da psicologia. Eis as suas próprias expressões: "Não se deve inferir que todos os trabalhos

(235) *Filosofia Moderna*, pag. 264. Mas nesse mesmo volume o critica e dele diverge às vezes em pontos importantes.

da psicologia experimental tenham sido feitos em pura perda e que daí nada se possa aproveitar." Mas logo depois se manifesta pessimista quanto ao valor da maior parte das experiências. Delas diz: "... muitas já foram abandonadas, como as da psico-física, psicometria etc." (236) E, mesmo quando as admite, naquele sector que chama de "psicologia fisiológica", ciência intermediária à fisiologia e à psicologia, como era a idéia primitiva de Wundt, não se lhe afigura êsse estudo propriamente de ordem psicológica e sim de natureza mais fisiológica. "E' o que poderia chamar-se a indagação da base física do espirito. E aí não sómente se deveria fazer o exame e análise dos órgãos dos sentidos e das sensações, como igualmente se deverá trabalhar por descobrir a conexão íntima entre os fenômenos psíquicos e as funções do cérebro e do sistema nervoso, sendo esta última precisamente a principal preocupação da psicologia fisiológica. Mas ainda que essa conexão seja descoberta e com o máximo rigor precisada, o que de certo não será fácil, nem por isto deverá a psicologia ser absorvida pela fisiologia, porque de toda a forma continuarão os fenômenos psíquicos a desenvolver-se, na conformidade

dos seus processos próprios, constituindo uma esfera determinada de fatos que só poderão ser observados e devidamente interpretados pela introspecção." (237)

Como sempre, o ponto de vista de Farias Brito é absolutamente oposto ao dos positivistas. Neste volume ainda insiste em mostrar os prejuizos causados pela doutrina de Comte. "Em nosso país teve poder para ditar leis ao governo e impor uma fórmula sectária à bandeira da nação". E logo após: "... O certo é que a influênciã de Augusto Comte foi enorme sobre a geração atual; e a preocupação antimetafísica, em verdade, chegou a tomar proporções de tal ordem que, certamente, dá prova em alto grau de coragem quem quer que se atreve a opor-lhe qualquer resistência." Farias Brito acha que "o preconceito positivista" tem sido causa de grande confusão no pensamento contemporâneo e este preconceito consiste exatamente na preocupação antimetafísica. (238) Sabe-se que Augusto Comte era contrário por sistema à análise introspectiva e adotava método exclusivamente objetivo. Nisso Farias Brito foi sempre adversário da doutrina do pensador de Montpellier. Entre-

(237) Pag. 323.

(238) Pag. 35.

tanto não recusa aplauso ao positivismo quando êste condena as *divagações ontológicas* (239) "... só se deve accitar como certo para ser incorporado ao saber positivo o que foi verificado e rigorosamente provado". (240) Esta regra é excelente e é o que está de acôrdo a meu ver com o que poderia chamar-se o espírito positivista. Também Augusto Comte não é um filósofo, mas um lógico. A Lógica manifesta se, como é sabido, por dois modos: como Lógica geral ou teoria do conhecimento, e como Lógica especial ou filosofia das ciências. Também o *Curso de Filosofia Positiva* de Augusto Comte foi até hoje o mais poderoso esforço para constituir a Lógica especial ou filosofia das ciências." Mas para que não seja mal interpretado o seu juízo, Farias Brito logo observa: "Parece escusado lembrar que filosofia das ciências não é a mesma coisa que filosofia científica."

O que Farias Brito não pode sofrer é que se pretenda substituir a filosofia pela ciência. Já desde o seu primeiro volume insistia êle no seu conceito de filosofia. "Se a ciência fôsse a verdade, seria ainda a filosofia, e não o que se chama ciência no sentido próprio do termo,

(239) Pag. 49.

(240) Salvo o que é evidente, axiomático e não precisa de demonstração.

que devia estar mais perto dêsse ideal. A palavra ciência deve ser entendida em um sentido todo particular e técnico. Ciência é o conhecimento organizado reduzido a sistema, destinado à prática, tendente a regularizar a indústria e organizar o trabalho; quer dizer: é o conhecimento especializado"... Dêsse ponto de vista, e como já de lá muito Farias Brito procurára tornar claro (241) "a filosofia é em um sentido *pre-científica* (conhecimento *in fieri*, conhecimento em via de elaboração); e, em outro sentido, *supercientífica* (totalização da experiência, concepção do todo universal). É' neste último sentido que a filosofia se chama filosofia primeira ou metafísica, é contra esta em particular que se dirigem os golpes mais violentos da ciência. Tudo se explica como efeito de um equívoco que tem sido causa de grande confusão no pensamento contemporâneo." (242)

Mas afinal a que se propunha o próprio autor dêsse volume? Ele mesmo nos dirá: "Meu trabalho é, na medida de minhas forças, e na proporção de toda a contensão de que sou capaz, um esforço apaixonado pela verdade: deficiente, bem se compreende, mas sin-

(241) Desde o seu volume de 1895, em Fortaleza.

(242) Pag. 27-28.

cero; ineficaz, desordenado, improfícuo; uma voz talvez isolada no deserto, porque faltam a meu pensamento o calor que dá vida e a energia que domina. Seja porém como fôr, o que me impulsiona é a paixão da verdade, e é isto que consiste a minha fôrça". (243) E como pretende Farias Brito resolver os grandes e torturantes problemas da filosofia? "Sendo certo que temos consciência, e devendo-se mesmo acrescentar, como observa James, que nenhuma verdade é mais certa e indefectível do que esta, que o próprio cepticismo pirrônico deixou de pé, — que o fenômeno de consciência presente existe: neste caso que relação deve existir entre êsse fenômeno e a totalidade das coisas? Mais precisamente: que relação deve existir entre a consciência e o mundo?" São problemas que Farias Brito considera de *psicologia transcendente*. "Vê-se, só pela posição dêstes problemas, que as questões a que se propõe a psicologia transcendente são da mais alta generalidade. Trata-se exatamente das primeiras causas e dos primeiros princípios; por onde se vê que a psicologia transcendente não é senão uma tentativa de solução dos problemas da filosofia primeira pela psicologia. Tal é precisamente a significação do tra-

balho a que aqui me proponho: é um ensaio de psicologia transcendente. E isto significa: é pelo menos o que tenho em vista em meu pensamento: — uma tentativa de solução dos problemas da filosofia primeira pela psicologia.” (244)

De fato não conseguiu Farias Brito neste volume realizar o seu alto propósito: todo êle estuda a renovação dos métodos psicológicos desde os primórdios da idade moderna, as várias escolas, a frenologia, a escola experimental alemã (Tetens, Weber, Fechner, Wundt) e mostra que em nosso país ainda não tínhamos coisa de que se pudesse fazer menção. (Não se esqueça que o livro saiu em 1912). Feita a crítica dos exageros e da parte aproveitável de verdade existente na chamada psicologia experimental, sublinha que só a introspecção pode resolver o problema psicológico propriamente dito. Reconhece porém que a observação exterior tem importância e “é também em certos casos instrumento da introspecção”. Para examinar a fundo o valor do método introspectivo, e desfazer as confusões existentes “mesmo entre os psicólogos mais autorizados” Farias Brito promete

um livro especial e com esta promessa termina o presente volume. (245)

O livro prometido veio dois anos depois: é *O Mundo Interior*.

Antes porém de fechar estas páginas de 1912, leiamos algumas linhas que nos revelam a alma de quem as escreveu: "Para filosofar é preciso ler no fundo da consciência. Isto significa que só se pode filosofar com toda a alma: o que torna patente a esterilidade dessa chamada *filosofia científica* que nos quer forçar aos processos especiais de observação que são próprios da ciência, limitados ao detalhe dos fenômenos e por conseguinte impotentes para nos darem uma concepção do todo. Não. A filosofia supõe a ciência e deve ter por base a ciência; mas, partindo daí, deve jogar com todos os elementos de prova e com todas as forças do espírito, sem exceptuar a imaginação: o que até certo ponto justifica a confusão que se faz entre a filosofia e a poesia. Uma nota particular deve sempre ter em vista o filósofo: a dor, — a dor, êsse mistério sagrado da existência. É o que dá hem a medida do valor e da significação da tragédia, como manifestação suprema da poesia... A verdadeira filosofia a que é capaz de viver e frutificar, é uma re-

velação profunda da consciência, trabalhada, quasi sempre, no isolamento e no silêncio e muitas vezes com verdadeiros dilaceramentos da alma, como se o filósofo sentisse no próprio cérebro as pulsações do cosmos, como se sentisse nos arcanos de seu ser mais íntimo e impenetrável palpar o coração do mundo: energia que se dilata, a ponto de dispersar-se no infinito: alma que se contorce na concentração mais profunda, a ponto de refletir no inextenso da mônada a infinidade do espaço e do tempo; resumindo, num prolongado grito de angústia, toda a agitação e toda a tortura, todo o desespero e todo o clamor e todas as convulsões e revoltas do sofrimento humano; opondo, não obstante, por um supremo esforço de ignota energia, ao sentimento da dor irremediável da vida, a fé no ideal que deve ser o término de todas as cogitações do espírito." (246)

XVI

O MUNDO INTERIOR

Foi o último dos volumes, publicado por Farias Brito, da sua grande obra filosófica iniciada vinte anos antes, em Fortaleza, com o ensaio sobre a *Filosofia como atividade permanente do espírito humano*. Este, que afinal veio a se intitular *O Mundo Interior*, estava anunciado desde 1912, no volume *A Base física do espírito* com o nome de *Ensaio sobre os dados gerais da Filosofia do espírito*, que ficou como subtítulo entre parêntesis e na folha falsa que precede o primeiro capítulo. Abrange dois livros: o primeiro que estuda *As novas tendências do pensamento*, em quatro capítulos; o segundo, muito maior, com o dobro de capítulos, que analisa a questão fundamental: a “*coisa em si*” e os fenômenos. (247)

(247) Farias Brito escreve sempre *comae* (com ou e não oi). Escusado é dizermos que a nossa grafia simplificada não reproduz a sua, a vulgar do seu tempo, não raro incoerente e até por vezes incorreta.

De 1895 a 1914, de Fortaleza ao Rio, do então modesto e quasi desconhecido advogado e professor particular ao filósofo já respeitado pelos capazes de julgá-lo e vitorioso num combate público dos mais sérios na capital do país, — a distância vencida era grande. A bagagem intelectual, a experiência dos honens e das coisas, as amarguras e os triunfos, as influências recebidas e o influxo exercido, tudo em um espaço de dois decênios devia forçosamente imprimir a sua marca na obra em *fieri*. Ainda assim, sem desconhecer o que há de naturalmente diverso neste volume de 1914, somos obrigados a registrar um esforço de coerência, de explicação das grandes idéias básicas do de 1895, que surpreende e não encontra muitos casos semelhantes. O *vir socraticus*, que iniciou o volume de 1895 com a palavra do mestre de Aristocles *Filosofar é aprender a morrer*, conclue o de 1914 com outro preceito de Sócrates: *Conhece-te a ti mesmo*. A orientação moral do seu sistema não mudou: viu sempre na filosofia o único meio de resolver o problema da vida. O combate ao materialismo não se interrompe: há apenas um brado de esperança, ou melhor de certeza otimista quanto à “morte das doutrinas de demolição”. Eilo: “Realmente é preciso ser cego para não compreender que uma claridade nova se apre-

senta no horizonte do pensamento. E é preciso ser bem duro para não sentir que o momento é trágico e solene, sendo certo que para todos os sistemas ou modalidades de cepticismo ou da filosofia do desespêro que dominaram no último período do desenvolvimento histórico da civilização ocidental, — compreendendo o criticismo e o positivismo, o materialismo e o pessimismo, e por fim, como consequência dos mesmos, a anarquia, — é chegado o momento da agonia.” (248)

Reconhece Farias Brito que “o espetáculo é grandioso e imponente: a morte das doutrinas que durante dois séculos encheram a história com o ruído das suas proclamações violentas e com o estrondo das suas ameaças de demolição e desmoronamento da obra tradicional do espírito.” (249)

A convicção profunda de Farias Brito é que “o momento do perigo está terminado. Na filosofia tradicional o que tinha de ser eliminado, já foi eliminado; e agora o que se trata de fazer é a obra de reconstrução. E’ o que já se começa a acentuar em todas as grandes correntes do espírito em todos os centros de cultura. Por isto uma nova luz desponta no horizonte e a filosofia, que é a vida mesma do

(248) Pag. 46.

(249) Pag. 46-47.

espírito (250) essa que, no dizer de Le Roy, é por natureza invenção e reinvenção perpétuas, a *perennis philosophia*, renasce, purificada dos erros do passado e das imperfeições introduzidas pelos elementos de corrupção e falsificação que a viciaram, — renasce, olhando de um ponto de vista mais alto, e tornando mais profunda e mais luminosa a visão do mistério interior. (251) E a morte a que assistimos é, não a da civilização e da verdade, mas a das doutrinas de demolição de que resultou a anarquia e cuja missão está terminada.” (252)

(250) Para Farias Brito, em 1914, a filosofia é a vida mesma do espírito, atividade permanente do espírito humano.

(251) Esse mundo interior em que, no verso de Machado de Assis, há

“um segredo que atrái, que desafia o dorme”

O problema da consciência — moral, ou meramente psicológica — eis um dos grandes enigmas do universo, que o naturalismo não logra resolver de modo satisfatório.

(252) Pag. 51. Farias Brito escreveu isso antes da Grande Guerra de 1914-1918. Não podia prever o que resultaria, até hoje, do quadriênio fatal. Em qualquer hipótese, o renascimento do idealismo já fôra desde muito antes, em discurso famoso, anunciado por Brunetiére, em 2 de Fevereiro de 1896, em Besançon. “... o orador mostrava como, uns 25 ou 30 anos atrás, uma doutrina, que tinha as maneiras de uma religião da matéria, reinava soberana: dava-lhe em filosofia o nome de *positivismo*; na arte, e na literatura, os de *realismo* e *naturalismo*. Tivera como profetas os Diderot, os D’Alembert, os Condorcet, os Volney, os Cabanis... Era-lhe Evangelho o *Cours de Philosophie Positive* de Augusto Comte. Para ela o que não se conta, nem pesa, nem mede, o que não nos impressiona, os sentidos, tudo

Como em relação aos outros volumes, procuramos mostrar desde logo o tom geral: nem há mister insistir que predomina a nota otimista, idealista, construtora. Vinte anos de lutas e de incompreensões não conseguiram tirar a Farias Brito a sua confiança na razão, o seu sereno entusiasmo (se assim podemos associar os dois vocábulos) e a sua inabalável convicção de que só o espírito explica a realidade e não as forças cegas do mecanismo ou do evolucionismo puramente materialista.

E é neste seu derradeiro livro que se lê este expressivo período: "É tempo de gritar:

enfim quanto escapa à experiência e não se pode qualificar de *fenômeno*, é hipotético, incerto, ilusório. O fenômeno, o fato, *le fait*, é tudo, afirmava ela; e só pode haver "ciência" dos fenômenos. Tal a ciência, dizia Brunetière, que temos visto ir sempre perdendo terreno. E já então o crítico audaz, cuja famosa declaração da *bancarrota da ciência* tanto irritou certa gente, apontava o idealismo que renascia. "Há no mundo algumas coisas mais que os nossos sentidos — maravilhosos instrumentos, não digo o contrário, mas também instrumentos limitadíssimos — não podem perceber nem atingir. E o idealismo é enfim, senhores, a persuasão, a íntima persuasão, a crença indestrutível de que, por detrás da tela, além da cena em que se representam o drama da história e o espetáculo da natureza, uma coisa invisível, um misterioso autor se oculta — *Deus absconditus* que antecipadamente lhe regulou a sucessão e as peripécias". Ainda em Besançon, em 1898, Brunetière pronunciou outra conferência: *Le Besoin de croire*, mostrando que essa necessidade de crer era uma das afirmações mais positivas, uma das verdades mais certas e uma das fecundas esperanças que o século XIX, moribundo, ia legar ao século nascituro. (Cf. o nosso volume *Homens e Idéias* - ed. Brigueit - pag. 95-96).

Basta. O fato mesmo da desorganização geral e da situação aflitiva a que se acha reduzido o mundo, é suficiente para provar que um ideal é necessário para a vida; e esse ideal não poderá compreender-se, nem explicar-se, senão como obra do espírito, pois o espírito é o princípio mesmo do conhecimento e a fonte de todo o ideal. Por onde se vê que o espírito é a verdade das verdades. E a vida mesma não é senão a realização objetiva e a manifestação visível do espírito." (253)

(253) Pag. 57. Dêste trecho se pode inferir que Farias Brito era um monista espiritualista, para quem a única realidade fundamental — o espírito — explicava a matéria "como sombras projetadas no vácuo". Assim Leonel Franca o classifica como panteista panpsiquista (*Op. cit.* pag. 274). Convém todavia observar que a) se em alguns trechos o filósofo conserva idéias e pontos de vista já defendidos nos primeiros volumes (de 1895 a 1899) como a identificação de Deus com a luz, a filosofia considerada como atividade permanente do espírito humano, e que a ela (a filosofia) é que cabe resolver o problema moral da humanidade, há pontos em que Farias Brito alargou os seus conceitos ou os apresentou de modo cada vez mais próximo do espírito cristão, ainda que sem jamais chegar à doutrina cristã pura e ortodoxa; b) o conhecimento de Jackson e a influência que este veio a ter no espírito de Farias Brito o haviam de levar pouco a pouco a desfazer uns tantos preconceitos em relação à Igreja de Roma. O exame do dogma da queda o teria de obrigar a ler maior número de bons autores católicos e a examinar melhor o problema da origem das religiões. Aqui só encara o problema da queda na interpretação de Renouvier e na de Secretan. Perde algumas páginas com o livro estranho e sem valor científico sério de A. Sergipe.

Tendo nos dois primeiros capítulos do primeiro livro posto em evidência a situação atual e o renascimento da filosofia do espírito, passa Farias Brito no seguinte a investigar as origens dessa filosofia à luz das mais recentes pesquisas sobre os primórdios da humanidade. E nessa ordem de considerações chega naturalmente ao problema daquilo que ainda lhe parece uma lenda, mas com certo fundamento na realidade: o dogma da queda. E em apoio dessa maneira de ver, lembra Renouvier e Secretan. Lembra ainda a obra que qualifica de "formidável e estranha" de A. Sergipe (254) e que evidentemente não merecia *cet excès d'honneur*. E no capítulo final do primeiro livro investiga a significação histórica e interpretação real do verdadeiro sentido das religiões. Reconhece o alto valor da história para a solução do problema e refere-se à ciência das religiões, citando Chantepie de la Saussaye. Mas parece não conhecer os trabalhos de refutação de alguns erros de Reinach no *Orphicus*, que é citado aliás sem maior simpatia, pois Farias Brito não concorda com o ponto de vista de que à ciência caiba a salvação do homem. Para Farias Brito, em 1914 como em 1895, a filosofia, e só a filosofia pode resol-

ver o enigma da existencia, o angustioso problema da vida e da morte e dar um sentido ao próprio mundo. À filosofia, como ciência do espírito (255), compreendendo a filosofia moral, que é exatamente da filosofia do espírito a parte mais importante, e o núcleo fundamental, a esta ciência, única no seu gênero, que, dando-nos pela visão interior a interpretação da nossa própria existência, fornece-nos ao mesmo tempo a indicação para a interpretação da existência universal; a esta ciência das ciências, a esta ciência suprema que, como manifestação teórica da nossa atividade cognitiva, representa o mais alto grau do saber e a vida mesma do espírito, — corresponde na prática a religião. É' que essa ciência nos dá uma intuição da vida e do mundo. Dêste modo torna-nos concientes de nossa própria realidade, como da realidade exterior; orienta-nos na vida; explica-nos o sentido da nossa posição no caos da universal existência; habilita-nos em suma a fazer a dedução da lei a que devemos obedecer." (256)

Farias Brito portanto se coloca em um plano meramente psicológico e chega a uma

(255) Para Farias Brito a metafisica se confunde em última análise com a psicologia (Franca, *op. cit.* pag. 267).

(256) Pag. 160-107.

forma religiosa puramente racional, que é a feição prática da filosofia. Quanto às religiões propriamente ditas e em especial o cristianismo, Farias Brito as julga dêsse seu ponto de vista puramente natural: "Que o cristianismo seja a unica religião verdadeira e que todas as outras religiões sejam falsas, parece um pouco duro." (257) É curioso o que Farias Brito chama de religião *falsa*. "Há sem dúvida religiões inferiores, de caráter rudimentar e grosseiro, violentas, ferozes; há religiões detestáveis; mas ainda assim não é permitido dizer que sejam falsas religiões. Falsa religião seria somente uma doutrina que fôsse prégada por impostura, uma teoria por exemplo que fôsse propagada por um sofista de gênio que tivesse em vista afastar o povo do conhecimento do que êle próprio acredita ser a verdade, no intuito de tirar partido da corrupção social, o que se concebe, mas é difficil imaginar que possa realizar-se". (258)

E Farias Brito dá a sua definição de religião: "A religião, a meu ver, pode ser definida nestes termos: é a moral organizada. E isto quer dizer: é a sociedade organizada

(257) Pag. 99.

(258) Pag. 101.

pela lei moral, é a sociedade governada pela razão." (259)

Mais adiante: "O problema religioso só poderá ser resolvido pelo estabelecimento de uma religião nova que esteja em condições de satisfazer as aspirações atuais do espírito humano. Esta deverá sair, ao que supponho, de uma fusão do Oriente com o Ocidente, purificando-se o que houver de melhor nas duas civilizações, em uma síntese universal, pela qual definitivamente se estabeleça a unidade espiritual da humanidade no planeta." (260)

Nesse sonho generoso, como se vê, Farias Brito continua a supor uma religião meramente natural, uma filosofia prática, sem elementos de ordem sobrenatural, em que êle ainda não parece acreditar. E pensa ao mesmo tempo no cristianismo e no budismo, admitindo a hipótese de uma terceira forma expurgada do que considera *erros e falsas interpretações*.

Tal é em 1914, antes do encontro com Jackson, a posição de Farias Brito no que concerne ao problema religioso. "Só uma grande filosofia, só as grandes concepções dominadas pelo amor da verdade e pelo pensamento

(259) Pag. 102.

(260) Pag. 105.

do bem poderão transformar-se em religião." (261) Assim termina o primeiro livro do *Mundo Interior*.

O segundo, mais longo e de leitura menos fácil para o leitor não especializado, embora como todos os outros escrito em linguagem simples e clara, trata do problema metafísico da *coisa em si* e dos fenômenos. Farias Brito estuda a noção de *coisa em si* na filosofia de Kant, na de Fichte, Schelling, Schopenhauer, Renouvier, Spencer e Hartmann; discute a filosofia das idéias-forças de Fouillée; o voluntarismo de Wundt e o pragmatismo de James, para entrar então no estudo do bergsonismo. Não o poderíamos aqui acompanhar nessa longa excursão, que demanda espaço maior que o destas páginas; diremos só que Farias Brito julga resolver o problema considerando que a *coisa em si* é o espírito e a matéria é um fenômeno do espírito. O trecho seguinte dispensa maiores insistências: "Desde então só o espírito existe realmente, e o mundo exterior, a força e suas manifestações objetivas, os corpos, o movimento, todos estes fatos em que se resolve o que se chama a universal existência, os sóes e seus sistemas de mundos, as vias lá-

teas, as constelações, tudo isto que se chama matéria, não é senão a aparência externa, a manifestação e o desenvolvimento ou a eterna fenomenalidade do espírito, uma como sombra que o espírito projeta no vácuo." (262)

XVII

JACKSON

A evolução espiritual de Jackson de Figueiredo é, no Brasil, das mais dignas da atenção dos verdadeiros críticos. (263) Acentue-se: do genuíno crítico, aquele “que desde às profundezas psicológicas, inquire, perquire, disseca, analisa até onde lhe é dado e, ao terminar o seu labor concencioso, exalta ou condena sem favoritismos nem rancores.” Assim procedia o próprio Jackson, a quem a defesa da verdade e da causa da Igreja, quando já convertido, nunca levou a elogiar nulidades, nem a desconhecer os valores reais da outra margem. Até a respeito do seu caso pessoal, da sua própria obra, desdenhava exagerações. Ainda me lembra a expansão de ironia cristã

(263) Cf. *Homens e Idéias*, (Briguiet, 1930) pag. 215-216: “O nosso Jackson”. O capítulo reproduz um artigo publicado no *Jornal do Comércio* pouco depois da trágica morte do fundador do Centro D. Vital, em Novembro de 1928.

(digamos assim, para que não se lhe suspeite um traço sequer de azedume ou inveja), com que no *Gaúcho* (264) me disse de uma feita, sentados ambos a uma mesa, com aquela franqueza encantadora de que tinha o segredo:

— Imagine você: até filósofo já dizem que sou...

E riu gostosamente.

De fato nem a monografia de Roberto Paterson (265) logrou perturbar o senso crítico de Jackson. Melhor do que ninguém, sabia êle distinguir o seu caso do de Farias Brito. Desde o seu primeiro volume, de 1894-1895, Farias Brito se ocupára, *ex-professo*, de filosofia pura. Já então para êle era a filosofia "atividade permanente do espírito humano". Antes até, em 1889, no seu volume de estréia,

(264) Café situado na esquina das ruas Rodrigo Silva e S. José, defronte da igreja de N. S. do Parto, no Rio. Aí estava sempre Jackson à tarde, assíduo freguêz de inúmeras chifaras, debatendo problemas de política, literatura, religião, cercado de amigos, admiradores, discípulos e também dos que precisando de dinheiro, recomendações ou qualquer auxílio, recorriam à sua generosa e extraordinária influência nos meios cultos da capital.

(265) *Dos filósofos brasileiros*, publicado em dois artigos de *La Nación*, de Buenos Aires, em 15 de Janeiro e 19 de Fevereiro de 1917 e reunidos em opúsculo pela *Brazileia*, com a devida autorização. (Rio, *Revista dos Tribunais*, 1917). No primeiro artigo Roberto Paterson se ocupava de Farias Brito; no segundo, de Jackson de Figueiredo.

Os Cantos Modernos, já filosofava ao indagar se a poesia ainda tem razão de ser. Se os versos são fracos, se o poeta se afigura medíocre em quasi todas as composições, o prefácio do livrinho revela um robusto pensador.

Jackson também escreveu poesias: que intellectual o não terá feito no Brasil?. Começou mesmo por aí: os *Zingaros* são de 1910. Poderíamos recuar até o *Bater de asas*, livro de estória. Mas o próprio Jackson, em um dos seus livros mais representativos, *Literatura Reacionária*, de 1924, ao fazer a lista dos seus trabalhos para a página de ante-rosto, não inclue, dos volumes de poesia, senão *Crepúsculo Interior*, que é de 1918, e cuja publicação portanto já pertence à sua fase crítica e espiritualista, revelando desde o título a preocupação introspectiva e religiosa. A lista dos trabalhos permite verificar que Jackson não se occupou dos problemas da filosofia à maneira de Farias Brito, como filósofo apenas. A sua grande sinceridade, a sua fôrça espiritual à procura de uma Causa a que servisse, se exerceu sobretudo na crítica, nos problemas sociais da hora e só passou pela filosofia pura para chegar à religião. Aí encontrou eufim a Causa que poderia plenamente servir. E a Ela consagrou até à morte toda a sua inesgotável riqueza de espírito e de coração.

Farias Brito foi mais propriamente filósofo do que qualquer outro no Brasil. Ele mesmo nos confessa: "a filosofia foi sempre a paixão de minha vida." (266) Jackson, se se ocupa de Pascal, o faz, e sem reboço o declara, como um católico, na mais rigorosa significação do nobilíssimo termo, como um homem que conscientemente abdicou do seu individualismo intelectual nas mãos amantíssimas da Igreja Católica. (267) E por que? "Em verdade foi Pascal o homem que, sem ter consciência talvez do que fazia, pela força mesma da sua alma, se fez símbolo da alma moderna, no que tem esta de propriamente universal, alma crepuscular e em cujo fundo de melancolia se agitam tantas forças contrárias, a ponto de desorientar o mais arguto observador que, de boa fé, não pode dizer se tal crepúsculo é o de uma esplendida manhã, ou se estamos nos limites de tremenda e horrível noite." (268)

O entusiasmo de Jackson por Farias Brito mostra bem que o jovem sergipano não se considerava filósofo e patenciaia também quanto era aberto o seu largo espírito para poder

(266) *Finalidade do Mundo*, I vol. pag. 102, nota.

(267) *Pascal e a inquietação moderna* (Rio, 1922) pag. 9. — Cf. *A Ordem*, Nov. 1938, pag. 511.

(268) *Art. cit.*

admirar sem inveja, elogiar sem reticências calculadas, divergir enfim, já quando católico integral, mas sem intolerâncias irritadas e irritantes, e, ao cabe, prejudiciais à causa mesma da Igreja. (269)

No seu livro de 1915, que já é uma profissão de fé espiritualista, *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, Jackson, não obstante o seu grande entusiasmo pelo pensador cearense, afirma a sua divergência fundamental desde as palavras do prefácio: "Como Farias Brito penso hoje em dia que as religiões são a prática do pensamento filosófico, mas continuo a pensar que o sentimento religioso é anterior ao pensamento filosófico." (270)

Com razão escreveu Hamilton Nogueira que Jackson não foi nunca um discípulo de Farias Brito: "Mesmo no tempo em que maior foi a influência afetiva de Farias Brito sobre o seu espírito, Jackson, em muitos pontos de doutrina, discordava de modo radical do grande filósofo brasileiro." (271)

Mas, reconhece Hamilton, "a influência de Farias Brito sobre Jackson de Figueiredo

(269) Ib.

(270) *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*, pag. 9-10.

(271) Hamilton Nogueira, *Jackson de Figueiredo*, pag. 73.

é incontestável” e “como um verdadeiro estímulo, como que um ponto de apoio a uma inteligência que já tendia para os mesmos ideais espiritualistas.” E foi, precipuamente, uma influência moral e afetiva. (272)

Os dois admiráveis espíritos, encontrando-se, mutuamente se entusiasmaram, compreenderam-se e, conservando cada qual a sua personalidade inconfundível, não deixaram de exercer e sofrer o influxo das forças espirituais que os animavam.

Ouçamo-los ambos, no seu testemunho sincero e comovente. Jackson nos conta como travou as primeiras relações com o pensador da *Finalidade do Mundo*. Eis o que se lê no volume já citado de 1915: “Há seis anos eu tive pela primeira vez nas minhas mãos um livro de Farias Brito. Era a terceira parte da sua obra, o volume em que trata d’*O Mundo como atividade intelectual*. Li alguns capítulos, abandonei-o e, mais uma vez, ri dos filósofos brasileiros... Compreende-se... A minha meninice andava mergulhada em todos os monismos, evolucionismos e mecanicismos que vinham aparecendo em edições baratas. Eu era materialista, evolucionista, mecanicista, um candidatozinho ao “mandarinato cien-

tífico”, e afinal de contas hoje também me perdôo de tudo isto. Em verdade era uma revolta justa. Eu viera de um “colégio protestante”, tivera que aprender a Bíblia como se aprende aritmética, fizera dezenas de perguntas e não tivera respostas razoáveis, numa idade em que o homem, criança ainda, principia a assenhorcar-se do mundo pelo instrumento utilitário da razão. Quando vi pessoas que só falavam em nome da razão, não vacilei, pus-me a escutá-las com a ingenuidade de um crente fervoroso, — tive os meus novos dogmas, e aquilo que os ferisse tinha o meu desprezo. Assim se deu com o primeiro livro de Farias Brito. Lembra-me o espanto quasi indescriptível de que me tomei ao ler que êle, o autor, acobardava de falsa a teoria da evolução... Abandonei-o de todo, era uma monstruosidade... (273)

Conta-nos depois Jackson como veio a descobrir de novo a obra de Farias Brito: a amizade de Garcia Rosa, a de Xavier Marques, a leitura de William James, levaram-no a compreender o que se chamava *aproveitar a totalidade humana*. “Então voltei ao livro de Farias Brito e o li com a mais profunda admiração. Admirava o Brasil intelectual que o

possuia com a sua cultura extraordinária, a sua sinceridade, a sua coragem.” (274)

Mas ainda Jackson não o vira de perto. “A minha surpresa foi grande ao vê-lo pela primeira vez: — imaginava-o forte, alto, inabordável —; vi-o fraco, de pequena altura, de aparência boudosa, um pouco triste, mas serena”. (...) “Procurei-o sempre, pôs-me a par dos seus projetos, conheci o seu lar, verdadeiro lar de um filósofo no sentido mais altamente humano da palavra: simplicidade, sinceridade e inteligência. Quando li o seu último livro, *O Mundo Interior*, senti também, não compreendi sómente a grandeza singular da sua obra em um país novo, onde a intelectualidade vai-se fazendo, infelizmente, apressada e comercial”. É êste grito de incontido entusiasmo: “Tenho-o no coração e aqui hei de revelar-me um dos seus mais intransigentes admiradores.” (275)

É agora ouçamos o próprio Farias Brito. Nesse mesmo volume que estamos citando, Jackson incluiu a carta que Farias Brito lhe escreveu a 30 de Setembro de 1915 e que foi publicada n’*O Paiz* de 12 de Novembro.

“Meu caro Jackson de Figueiredo. — Esta carta foi traçada mentalmente, quando me

(274) *Op. cit.* pag. 17.

(275) Pag. 18.

achava de cama, na última enfermidade de que fui acometido; e, agora, que já posso escrever, limito-me a reproduzir com fidelidade o que então me vinha espontaneamente ao espírito. Significa isto que é absolutamente sincero o que vou dizer-lhe". (276)

Repare-se a preocupação de sinceridade, o respeito à verdade como regra das suas ações, que caracteriza até o fim essa existência.

"São reflexões que se me apresentavam de si mesmas, quasi sem nenhuma coparticipação da minha vontade, gritos da consciência, que eu ouvia e não podia conter nem impedir, em momento em que tinha deante dos olhos, em visão clara, positiva, irrefragável, o caráter vão de todas as nossas ambições, ainda as mais irresistíveis e profundas, a esterilidade de todas as nossas mais altas aspirações, o nada de todas as grandezas humanas, pressentimentos vagos e indefinidos do eterno e insondável, relâmpagos da morte. . ."

Esse pensamento da morte Farias Brito o revela como constante desde a primeira página do seu primeiro volume da *Finalidade do Mundo*. "Filosofar é aprender a morrer: são palavras de Sócrates. E começando o presente trabalho por esta luminosa idéia do mais

puro dos pensadores antigos, não tenho em vista outra coisa senão tornar desde logo bem patente quanto nos deve preocupar o nada da existência humana. Vivemos todos como se fossemos imortais. Entretanto a morte é a única solução verdadeira do problema da vida." (277)

Já vimos também quanto a morte dos entes queridos — esposa, pai, o primeiro filhinho — lhe inspiraram os trechos mais comovidos do seu diário íntimo. (278)

"É' que a visão da morte que eu tinha presente não me causava nem pavor, e ao contrário me enchia o coração de suaves esperanças, consolando-me de todas as decepções da vida e de todas as ilusões do mundo."

Mas a doença não era ainda mortal. Farias Brito deixou o leito e com uma espécie de presentimento de que não morreria antes de terminar a sua obra. "Levauto-me seguro de que não morreria já, como se ainda não estivesse terminado o que me fôra reservado fazer." Isto foi escrito em Setembro de 1915: em Janeiro de 1917 fecharia êle para sempre os olhos, sem ver concluída a obra que sonhá-

(277) *Finalidade do Mundo*, I vol pag. 7.

(278) Veja o cap. *Um coração de filósofo*.

ra; mas não se iludira nas esperanças que puzera no encontro com Jackson.

Essas esperanças dão à carta que estamos relendo um tom comovente de otimismo sincero e nobre. Farias Brito relembra primeiro, com melancolia e até certo amargor, o que fôra a sua longa e perseverante campanha espiritualista, combatendo o materialismo dominante, o positivismo, o evolucionismo e os outros ídolos da moda intelectual. “Já atravessei mais de um quarto de século, esforçando-me, quasi ininterruptamente quanto em minhas forças cabia, por examinar umas tantas questões e desenvolver umas tantas idéias que tem, até aqui, constituído o objeto particular de minhas cogitações, e vou chegando quasi ao fim de minha obra e ainda não consegui fazer, que eu saiba, um só discípulo, a não serem alguns íntimos, que não pretendem por modo algum tornar-se conhecidos do público.” Lembra os amigos que o animaram: Rocha Pombo, Alceu Marrocos, Tomaz Pompeu, Antônio Teodorico, Pedro de Queiroz, Augusto Meira, Moreira de Sousa, Alvaro D. Fernandes, Nestor Victor, Laudelino Freire, Pedro do Couto, Porto Carreiro, José Veríssimo, Clovis Bevilacqua... Lembra ainda, dos já então mortos, Araripe Junior e Sílvia Romero. Reconhece porém que eram todos espíritos já ple-

namente desenvolvidos, independentes, e com ideais próprios, preocupações morais e estéticas e pontos de vista determinados e “seria em tal caso loucura de minha parte esperar que fizessem adesão às minhas idéias.” Bem compreendo de que natureza foi o sentimento que tiveram para comigo. Não foi certamente o de admiração e solidariedade: mas provavelmente o da simples curiosidade. Acharam-me talvez curioso, aplaudiram-me; mas apenas como quem aplaude um obscuro artista que representa o seu pequeno papel na comédia. Não compreenderam que me esforçasse exclusivamente por amor da verdade e que todo aplauso me fôsse indiferente”. (279)

A ambição de Farias Brito fôra sempre levar aos pobres e humildes uma palavra de conforto e estímulo. “Não é aos sábios, não é aos filósofos que dedico o meu trabalho; mas antes à multidão anônima, em particular aos que sofrem. Por isso mesmo consiste o meu maior esforço em escrever com clareza, em linguagem simples, acessível a todos.” E acrescenta com admirável modéstia: “Para falar aos sábios falta-me a necessária autoridade — Meu espírito não se formou à luz dos laboratórios, nem ao ruído das máquinas com que a

ciência transformou o trabalho das indústrias e o movimento das cidades; mas antes nos embates da vida, em particular na observação do sofrimento humano.”

Farias Brito sentia profundamente a indiferença do meio. “Enganei-me quando imaginei que poderia exercer qualquer influência sobre a multidão. Esta nem sequer me percebeu, e menos ainda me ouviu.” E diz melancolicamente que atravessou a multidão “como uma sombra que ninguém percebe”, “como um estrangeiro” que fala “uma língua que ninguém conhece.” E acha justo e perfeitamente explicável o fato: “Como poderia pretender influir sobre a multidão, eu que sempre me senti isolado no meio dela, solitário que fui no pensamento e na vida?”

Compreende-se bem, depois de meditar essa confissão sincera e dolorosa, o que foi para Farias Brito o encontro de um espírito qual o de Jackson.

Desanimado, abatido, Farias Brito descreia já de qualquer possibilidade de vitória do seu pensamento. A mocidade a que se dedicára, ensinando, mostrava-se indiferente e fria. “Nunca consegui nela despertar nenhum entusiasmo, nenhuma curiosidade sequer. Tive, desde muito cedo, o aspeto e as maneiras de um velho: sou talvez por isto, antipático aos

moços”, (Farias Brito esquece o motivo principal: a própria austeridade e dificuldade do seu pensamento filosófico, num ambiente sem o grau de cultura metafísica adequado para entendê-lo...) Mostra-se aliás severo ao julgar a juventude: “Nos moços predomina a animalidade, a escravidão da carne.” E lembra que foi a mocidade ateniense que condenou Sócrates à morte.

“O insucesso de meu pensamento foi, portanto, completo, absoluto, integral. Isto perante os nossos homens de mais alta cultura que representam a *élite* da sociedade; já perante a multidão que representa a massa inconsciente; já perante a mocidade, que representa o futuro.” E julgando-se com tristeza e também com severidade: “Fui, pois, no fundo um visionário, um simples cavaleiro andante das idéias...”

Toda a carta mereceria transcrição. Bastem essas citações para dar a medida do que foi o encontro com Jackson.

“Deve estar bem lembrado. Faz pouco tempo ainda. Foi uma coisa rápida; uma simples apresentação, uma ligeira troca de palavras, nada mais. Notei-lhe qualquer coisa de estranha no olhar, altamente expressivo. Expressão que não sei se era de tristeza e desalento ou antes de coragem: uma mistura de

tudo. "Já nos conhecíamos, mais ou menos, como visionários que somos de um chamado mundo de perfeição e de verdade: mundo com que sonhamos, bem pouco compatível com esta república em que vivemos..."

Encontraram-se depois muitas vezes. Trocaram idéias. Trocaram livros. Jackson começou a analisar em artigos os trabalhos de Farias Brito. Foi um renascimento. A expressão é do próprio Farias Brito. "Compreendi então que me tinha enganado, quando se me afigurou que havia assistido à morte do meu pensamento. Não: o meu pensamento não está morto. E estou, pelo contrário convencido agora de que não sómente está vivo, como além disto se destina à vitória..."

Mostra que uma consciência que se isola é uma energia que se perde, infecunda. Refuta o dizer de Ibsen: que o homem mais poderoso é o mais isolado, aquele que conseguiu poder viver absolutamente só. Dá razão a Feuerbach, ao afirmar que é pela comunicação, pela conversação do homem com o homem que nascem as idéias.

"Veio-me então à mente esta reflexão: será este o meu discípulo desejado?" Mas logo repele a hipótese, modestamente: "Discípulo,

não. É espírito feito, dêste modo: tendo atravessado os extremos opostos do pensamento, passando do materialismo em todos os seus tons mais rubros e ameaçadores (empirismo, positivismo, evolucionismo, anarquismo) através do amoralismo ultra-reacionário e alucinante de Nietzsche, para uma concepção profundamente mística do mundo, na qual, proclamado e reconhecido o sentimento como a fonte mais profunda do saber, representa o conceito do divino, o fundamento e a base, o princípio e o fim". Jackson de fato passára por todos êsses estados, antes de chegar à Igreja.

"Compreende-se que um espírito assim, feito para a independência e para a originalidade, não poderia ser discípulo de ninguém. Mas temos certas afinidades profundas: fato estes de que experimentamos o sentimento vivo e palpitante. E foi talvez isto o que desde logo tão profundamente nos uniu. Pertencemos ambos ao mesmo radical espiritualismo; domina-nos a ambos a mesma preocupação moral."

Reconhecendo embora as divergências, "mais aparentes que reais, mais de técnica que de princípios", Farias Brito rejubilava ao verificar a coincidência das aspirações de um e

de outro. “E’ por isto que já não me resta nenhuma dúvida. Estou agora convencido: havemos de vencer.”

O tom final da carta é de um otimismo de adolescente. “Outros deverão chegar em nosso apôio: é o que não se fará esperar muito tempo. Basta que este laço de idéias que nos une seja, não uma simples convenção banal, como ordinariamente succede, mas uma convicção sincera e inabalável.” “O que teremos de fazer não se pode ainda determinar. Mas com certeza iremos longe... Quasúmodo reage eficazmente contra o mal. D. Quixote vencerá com os que hão de fazer a renovação espiritual do mundo.” (280)

As citações foram propositadamente acumuladas. Toda a carta, repetimo-lo, é de ler-se, retrato fiel dêsse espírito já nas vésperas de apagar-se e ainda jovem no otimismo quasi ingênuo, na sinceridade comovedora e simples, na beleza de sua indestrutível confiança na verdade.

E afinal não se iludia: Jackson, sem ficar seu discípulo, chegaria ao catolicismo integral e reagiria eficazmente, no Brasil, com os que hão de fazer (já o fazem há vinte sécu-

los...) a renovação espiritual do mundo. Ele próprio, Farias, sem atingir o mesmo plano, viveria, imortal, na sua obra de nobilíssima inspiração construtiva, ainda que incompleta, e no seu exemplo quasi único em nosso meio, de uma vida consagrada à defesa do espírito.

XVIII

UM PANFLETO

O *Panfleto*, publicado em Novembro de 1916, com o pseudônimo de Marcos José, constitui na sua obra algo de absolutamente insólito e merece atenção como documento psicológico dos mais interessantes. (281)

De início, um auto-retrato: "Eu sou um indivíduo que encerra muitos homens dentro de si mesmo: alguns extremamente brandos, condescendentes e humanos, sempre tímidos, desconfiados de si próprios, e duvidosos do próprio valor; outros violentos, apaixonados,

(281) Graças à gentileza de Alvaro Bomilcar, possuímos um precioso autógrafa, um cartão de Farias Brito em que ele se refere ao *Panfleto*. Deve ser um dos últimos escritos pelo filósofo, pois adoeceu em breve e veio a falecer em princípios de 1917. O cartão não está datado, mas deve ser de fins de Novembro de 1916. Eis o texto: "Meu caro Alvaro Bomilcar. Afetuosas saudações. O *Panfleto* sairá sábado. Talvez amanhã eu lhe possa arranjar algum exemplar, antes mesmo da distribuição. A Ananélia manda muitos agradecimentos a D. Maria Luiza. Do muito amigo *Farias Brito*".

quasi agressivos; outros, inclinados à solidão, um tanto idealistas, sonhadores e poetas; outros sombrios, tempestuosos, sempre prontos para a luta e para a revolução; outros, curiosos da verdade, sempre dispostos a investigar o desconhecido, sempre prontos para os combates do pensamento, metafísicos e um tanto visionários; uns, vendo tudo luminoso e risinho, resplandecente de luz e refletindo o amor e a bondade; outros, tudo vendo obscuro, carregado e cheio de maldade e de ódios; quasi todos tristes, amargurados mesmo, sem confiança nos homens, sem fé na justiça; todos selvagens, no fundo, sujeitos a todos os erros e a todas as fraquezas e vis contingências desta tão penosa e amarga, quão trabalhosa e atormentada natureza humana... E' como um exército de sombras que se agitam no fundo do meu ser, todas descontentes, todas incertas de seu destino. Entre estas sombras me destaco eu que sou como a figura central, a que tudo o mais está subordinado. Sou o juiz e me chamo Marcos José. (282) E posso mesmo ser definido, com muita precisão, nestes termos: aquele que julga."

Para quem pretende escrever um panfleto, convenhamos em que este preâmbulo não

(282) Marcos José: influência provavelmente do nome paterno, Marcolino José.

se ajusta à natureza do objetivo. Um panfleto deve ser algo de violento e apaixonado, em que se ataca alguém ou alguma instituição com as armas da linguagem despejada. O panfletário ocupa-se do adversário para molestá-lo, injuriá-lo, por vezes até caluniá-lo; não se ocupa propriamente de si mesmo, e muito menos para analisar-se e reconhecer as suas próprias deficiências. O tom inicial do *Panfleto* denuncia o filósofo, o poeta, o psicólogo, não porém um panfletário autêntico e habituado ao gênero. (283)

Juiz, chama-se a si mesmo êste singular panfletário. “Julgo — eis a minha função. E julgo-me principalmente a mim mesmo. Assim tenho feito até aqui. E posso garantir que neste julgamento tenho procedido sempre com rigor talvez exagerado. Tenho sido até violento, às vezes, e implacável, duro, inacessível mesmo, a qualquer manifestação de piedade, quando a mim mesmo me julgo; e no fundo da minha consciência nunca perdoci nenhum dos meus erros, nenhuma das minhas fraquezas, nenhuma das minhas maldades.”

(283) O título completo é: *O Panfleto*. Para começar: Homens de Letras, Jornalistas, Políticos. Ligeira excursão em torno de algumas das nossas exterioridades mundanas e ultramundanas por Marcos José. Novembro de 1916 (sem indicação de tipografia).

Eis aí o homem. Já sabemos que espécie do panfletário é êste. E naturalmente nos ocorre a pergunta: — Por que escreveu Farias Brito êste opúsculo, singular no conjunto da sua obra?

Cremos poder explicar o fato pela concorrência de duas ou tres causas. Em primeiro lugar o desgosto que lhe ficára da sua tentativa malograda de pertencer à Academia. (284) E' certo que Marcos José o contesta com insistência e dá as razões por que consentiu em se apresentar como candidato. "... Lembrando-me alguns rapazes de espírito, escritores e poetas, meus particulares amigos, que devia apresentar-me candidato a um logar que ali vagára, a princípio relutei. Repugnava-me, de algum modo, a coisa. ... Um certo instinto que eu não sabia explicar, me levava a repellar o fato. Contudo entendi que não devia ser intransigente. Meus amigos insistiram: havia de sua parte muito boa vontade a meu respeito, interesse talvez por me confortar o espírito abatido, o desejo de me ser agradável. ... Resistir seria talvez uma grosseria, ou mesmo uma fofice ou vaidade, não sei se pueril ou senil. E' uma tolice, disse eu comigo mesmo. Mas enfim que mal pode vir daí?

(284) Veja a nota n. 315 (cap. *Últimos dias*).

Exponho-me ao ridículo?... Ora, convém, algumas vezes, fazer a experiência do ridículo... E foi assim que concordei em assinar uma carta que me foi apresentada, levantando minha candidatura. Mas tanto relutava, ainda, que retirei essa carta, apresentando-me candidato em outra vaga que se abriu depois. (285) E apenas me apresentei candidato, imediatamente compreendi que seria derrotado."

Para um homem da sensibilidade fina e do apurado senso de justiça de Farias Brito a derrota devia ter sido assaz dolorosa, não pela vaidade ferida, mas pela certeza de que a sua obra não fôra devidamente avaliada. Não nos admiremos nem retaliemos: Claudel foi rejeitado pela Academia Francesa em condições mais singulares ainda, pois ninguém poderá contestar seja um legítimo homem de letras.

Ainda influiu poderosamente o desgosto por um artigo que o *Jornal do Comércio* deixou de publicar e por ter Farias Brito ficado convencido que Felix Pacheco não fôra extranho ao fato. (286)

(285) A de Sílvio Romero.

(286) *O Panfleto*, embora ataque de modo especial a Academia, e julgue com grande severidade Rui Barbosa, parece visar Felix Pacheco de maneira particular. (pag. 16-18) "Informam-me, pelo contrário, e isto me é agradável repetir, que é particularmente homem correto, incapaz de umas tantas pequeninas misérias que são aliás muito comuns em outros grandes homens" (pag. 18). A carta que Felix Pa-

É provavelmente a influência da combatividade jovem e algo violenta às vezes

checo escreveu a Nestor Victor, dois dias após o falecimento de Farias Brito, é um belo documento que nos apraz aqui reproduzir, prestando assim uma dupla homenagem a dois espíritos um momento desavindos, mas afinal irmanados na nobreza do ideal. "Rio de Janeiro, 19 de Janeiro de 1917. Meu caro Nestor Victor. Poucas satisfações morais terei tido na minha vida iguais à que me trouxe a sua carta de ontem. Eu estava em S. Paulo, quando esse meigo e admirável Farias Brito, com o qual eu não privava, mas cuja trajetória de luz acompanhava de meu canto, teve a tremenda explosão contra mim. Até este momento, creia você, que ainda não li o que ele disse. Conheço de sobra o meu nenhum mérito, para não me irritar contra os que tomam a peito a justiça de negá-lo. E tenho já, felizmente, uma larga experiência da vida para compreender e justificar estes jestos de paixão. Qual é de nós o que não teve um momento em que não se refreou? A natureza humana contingente acorrenta todos nós, mesmo os mais altos filósofos, como Farias Brito o foi, ao império terrível de seus jestos momentâneos inexplicáveis. A veemência do ataque não era motivo para que eu ficasse malquerendo-o. Não indaguei como não indago das razões que ele teve. A consciência não me acusa de nada com relação a ele. Por isto mesmo não cessarei de admirá-lo e é muito fundamentalmente que lamento o seu inesperado fim. Não cumpri senão o meu restrito dever de homem de imprensa fazendo com que o *Jornal* rendesse a tão preclara memória todas as memórias devidas. Em 1914, Farias Brito, quando publicou o *Mundo Interior*, teve a bondade de mandar-me um volume com esta dedicatória, do próprio punho: "Ao eminente poeta e jornalista Sr. Felix Pacheco em homenagem ao seu alto espirito. off. R. de Farias Brito". Dois anos depois apareceu o panfleto castigador. Surpreendido com a notícia dolorosa do passamento daquele grande espirito, eu não podia lembrar-me senão da extrema bondade daquelas linhas, nunca da objuratória de ontem, que, repito, não li. Tenho uma *plquette* de versos no prelo. São poesias de pai, inspiradas pelo nascimento de minha Marta. É uma edição íntima e não traria uma só palavra de outrem. Agora trarão, como epigrafe, estas pa-

de Jackson, agora o amigo por excelência. (287)

Vejam os como o próprio Marcos José nos explica o por que escreveu "êste folheto, ou êste pequeno panfleto, ou não sei bem o quê, e como quer que se queira chamá-lo". (288) "Restringindo o campo de minhas observações e por conseguinte todo o centro de ação de minha capacidade de julgar ao quadro estreito e limitadíssimo de minha própria vida, não podia deixar de enfastiar-me. E por fim convenci-me que trabalhava num deserto, pois minha vida fez-se realmente um deserto, tendo sido, por completo, varridas de meu coração toda a fé no trabalho e toda a confiança nos homens. E' quasi um deserto de morte e de-

lavras daquela alma cândida e boa: "toda criança, quando nasce, é sempre festejada como se fôsse portadora de um mistério novo". Velarei assim com o coração o esquecimento de um incidente de que não tenho notícia certa e que juro que não produziu nada de subalterno em relação a esse homem admirável, cuja morte é uma perda enorme para o nosso escasso patrimônio mental e de caráter. A você, meu caro Victor, pelo bem que me fez com a sua carta, deixo aqui um forte e agradecido aperto de mão, subscrevendo-me, *ex corde*, Felix".

(287) Cf. o capítulo *Jackson*. Eis o que diz o *Panfleto*: "Jackson de Figueiredo, pensador e filósofo, que excede por sua capacidade mental a toda e qualquer expectativa, nem se calcula quanta força e poder existe naquele coração que uma nova fé inflama e naquela cabeça que o fogo sagrado de uma poderosa inspiração ilumina" (pag. 29).

sespêro. . . E compreendo muito bem que daí nada poderia sair de vivo e edificante. Foi assim que, cansado ou antes desenganado desta quasi absoluta absorção de todas as minhas energias mentais no pensamento de fazer, com inteira independência e a máxima imparcialidade, o meu próprio julgamento, entendi, agora por último, devia fazer uma excursão por fóra e julgar também os outros homens, aquelles que se agitam fóra de mim, no teatro do mundo.”

Ainda uma vez; é tudo quanto menos se pareça com um genuíno panfleto. O filósofo não logra esconder a sua personalidade e o seu método.

Que gostasse de discutir em defesa de uma causa que reputasse justa, já o provára não só na sua vida de advogado ou promotor, mas de modo notável em Belém, na polémica em que refutou Gomes de Castro, que atacára rudemente a Júlio Maria. Sem ser católico, nem sequer cristão, Farias Brito saiu a campo, espontâneamente, para mostrar que o ataque fóra injusto. (289) Respondêra também a Manuel de Bethencourt, por ocasião do concurso de lógica, mas a instâncias de amigos. (290)

(289) Cf. o capítulo *Júlio Maria*.

(290) Cf. o capítulo *Um concurso de lógica*.

Mas sempre em linguagem comedida, ainda que às vezes de fina ironia. E, mesmo quando algumas das opiniões de Tobias Barreto lhe pareceram justas, jámais aplaudiu a maneira áspera do mestre sergipano. (291)

Sente-se no próprio *Panfleto*, a cada momento, que a imparcialidade do filósofo atenua, esbate, corrige de tal modo os conceitos que afinal não se sabe a quem quer êle em especial ferir. Há uma declaração sua das mais significativas: "Minha linguagem poderá parecer apaixonada e mesmo violenta. Mas eu sei bem se tenho ou não razão para me sentir irritado. Uma coisa entretanto posso assegurar: é que não me inspira o ódio. Em boa hora posso dizer: não tenho ódio a ninguém, não desejo mal a ninguém." O *vir socraticus* persiste, sob o disfarce de um Menipo inaceitável, porque paradoxalmente justo e preocupado em não exceder a medida.

Ele não parece estar gostando do disfarce: "Não se suponha que eu pretenda fazer: disto profissão ou que a esse gênero de atividade me venha a entregar de corpo e alma, quer dizer com resolução firme e inabalável,

(291) Cf. por exemplo *A Filosofia Moderna*, pag. 306-307: "Não devemos aplaudir a maneira áspera por que se manifesta o ilustre brasileiro que tanto entusiasmo conseguiu despertar na mocidade acadêmica de Pernambuco".

como costume fazer sempre que me dedico a qualquer coisa. Não. Isto é apenas um acidente, uma ligeira revolta de meu espírito." E esta declaração, que é de uma sinceridade comovente: "E breve passará, porque minhas preocupações verdadeiras são outras." (292)

Já podemos agora julgar com serenidade o autor e a obra. Valha a verdade, por mais insólita que seja esta manifestação de panfleário em Farias Brito, o modo por que êle a tentou não destoa em essência da sua feição. E' ainda o juiz, o crítico, o filósofo, amargurado, azêdo um pouco, mas afinal sem ódios, sem perfídias, sem vinganças pessoais. E o gênero escolhido lhe permitiu uma tal liberdade de opinião que alguns dos seus julgamentos não poderiam ter tido a franqueza, e por vezes a justeza que tiveram, se não tivessem vindo em tais condições. Quem ler desapaixonadamente o *Panfleto*, estamos certos que concordará com muito mais do que só com 50%.

Homens de letras, jornalistas e políticos estão aí severamente apreciados. Não é assim certamente que estão habituados a ser em geral recebidos. Aliás Marcos José não esquece que "os temos, de fato, valiosos e dignos." E vai mesmo ao ponto de citar vários, à ma-

neira de exemplos, naturalmente escolhidos entre amigos ou conhecidos, mas em lista feita e em que estão representadas as mais variadas correntes de opinião. (293) É o final do pseudo-panfleto é um hino de esperança, na terra, não obstante os erros dos homens. “A terra aí está e é da terra que devem sair a riqueza e o ouro. Aqui, em geral, só se faz fortuna por advocacia administrativa ou em transações com o governo. É’ por isto que a Nação não é ainda nação de ouro, mas apenas nação de papel. Nem poderemos ser, por enquanto, mais do que isto. O nosso governo acredita poder conquistar a riqueza, não por ação, mas por leis. É por leis opressivas. Imagina talvez que pode transformar em ouro o sangue do povo... A terra aí está, e é só trabalhando-a e regando-a com o suor do seu rosto que o homem poderá alcançar a riqueza legítima e fecunda.” (294)

(293) Pag. 29.

(294) Pag. 35.

ULTIMOS DIAS

Em páginas escritas para um amigo dos mais queridos (295), Farias Brito declara com aquela modéstia a que já estamos habituados:

“... minha vida é extremamente simples. Nada tenho de notável. Sou verdadeiramente o que se pode chamar um homem sem história, porque nunca se passaram comigo coisas extraordinárias. Nunca ocupei posição saliente. Nunca exerci, nem pretendi exercer influência sobre quem quer que seja. Nunca alcancei em coisa alguma vitórias ruidosas. Mas também nunca fui vencido. Nunca tive a impressão da vitória, nem a da derrota, as duas coisas, ao que penso, que mais nos abalam. Tenho, além disto, vivido como homem de pensamento, quasi só. Dêste modo nunca fui combatido, mas também nunca recebi ne-

nhum estímulo. E sinto-me só, às vezes, quando ferve em torno de mim o tumulto e me cerca a multidão. Por isto sou triste. E' que a tal ponto me acabrunha o sentimento da solidão que há ocasiões em que chego, por assim dizer, a perder a consciência de mim mesmo. Tenho, não obstante, nos momentos difíceis, uma resistência extraordinária. Neste ponto sinto que não sou comum. Parece-me até que a coragem cresce em mim quando as dificuldades aumentam. E quando o perigo chega ao último limite, já não me abala. Toruo-me assim insensível a toda a desgraça, revelando-se-me, em certas ocasiões, no fundo do ser, energias que me surpreendem. E' só o que percebo que existe em mim de excepcional. Tudo o mais é comum..." (296)

(295) O número d'*A Ordem* em que veio publicado esse trabalho, cujo original escrito pela própria mão de Farias Brito aqui temos deante dos olhos ao redigir esta nota, é o de Abril de 1931, pag. 198-202. "A origem do que se vai ler é a seguinte: tendo Jackson perguntado um dia a Farias Brito qual fôra o momento mais feliz de sua vida, escreveu êle essas linhas dramáticas que pela primeira vez veem a público e que se referem a um dos episódios mais dolorosos da sua vida. Foi por ocasião do concurso de lógica na Pedro II. Tendo sido preterido, apesar de classificado em primeiro lugar, teve Farias nessa mesma noite uma espécie de alucinação que muito assustou a todos os seus e que é exatamente o episódio que descreve nessa página sombria que se vai ler. Farias encontrou a alegria perfeita na noite de uma grande dor. Foi, como se vê, uma alma "naturalmente cristã" (pag. 198 do n. cit.). O título *O momento mais feliz da minha vida* não

Transcrevemos essas páginas porque nos dão bem uma idéia de quem era, no seu íntimo, o pensador da *Finalidade do Mundo*: um humilde, um triste, aparentemente um fraco e todavia uma energia capaz de resistências inesperadas. Ao escrever esta confissão, era já Farias Brito figura sem paralelo no cenário intelectual brasileiro, havendo publicado uma obra de largo fôlego e reveladora de erudição e espírito crítico incomum; bavia provado em prélio renhido o seu valor como mestre e as suas qualidades de argumentador e esgrimista da palavra. Julga-se entretanto um homem sem história, em quem tudo é vulgar, exceto a energia diante do sofrimento... A um tempo tímido e intrépido, modesto e revoltado contra a injustiça, sabendo afinal que o melhor da vitória não é o prêmio obtido, mas a consciência de ter vencido com as armas da verdade.

é em rigor o do manuscrito original: neste se lê, na primeira linha, ao alto, "Pergunta" e na seguinte: "Qual o momento mais feliz em sua existência? E depois, em outra linha: Resposta. Segue-se, como em estilo epistolar: *Meu caro amigo*: etc. Este original manuscrito, que devemos à gentileza de D. Mena, dileta filha do filósofo (D. Filomena de Farias Brito Pontes de Miranda), abrange sete tiras de papel formato grande, sem pauta, sem data nem assinatura, mas evidentemente do punho do pensador cearense, não somente pelo testemunho irrefragável de sua própria família, mas ainda pelo inconfundível talhe de sua letra.

Farias Brito íntimo, qual nô-lo revelam essas páginas, qual já o víamos através do seu diário, qual o evocam em comovidas palestras os parentes, amigos, colegas e discípulos, êsse foi de véras um homem excepcional, acima da média, e — o que mais vale — sem estrepito, sem atitudes estudadas, pela simples fôrça da sinceridade, do amor apaixonado e constante da verdade, de que realmente fez a norma invariável das suas ações.

Compreende-se que, numa expansão de entusiasmo de amigo íntimo, Jackson chamasse a Farias Brito de “gênio iluminado pela bondade.” (297) Sílvia Romero (e sabemos como era às vezes agressivo o mestre sergipano) qualifica o filósofo cearense de “belo e nobre caráter.” (298) José Veríssimo achava que Farias Brito não poderia exercer grande influência no nosso meio porque lhe faltava “arrogância, petulância, cabotinismo, que certos meios requerem para se deixarem influir.” (299)

(297) O trecho a que aludimos é o seguinte: “... a meu ver, se já houve no Brasil homem que tivesse a centelha do gênio, foi aquele (Farias Brito) e do verdadeiro gênio, que é o iluminado pela bondade”. *A questão social na filosofia de Farias Brito*, pag. 17 (Rio de Janeiro, 1919).

(298) No parecer relativo às suas obras e que lemos em original manuscrito no arquivo do Colégio Pedro II.

(299) Artigo no *Imparcial* de 11 de Abril de 1914.

Na vida modestíssima do seu lar pobre, mas feliz, Farias Brito — como o pudemos de-
vassar graças às pesquisas pacientes e ao tes-
temunho dos que com êle conviveram — foi
sempre o mesmo, em todas as situações, difí-
ceis ou prósperas, generoso, sem ambições nem
invejas, amigo dos seus amigos e absorvido
pela sua paixão suprema: a filosofia.

De estatura abaixo da mediana (300),
franzino de corpo, fisionomia sereua um tan-
to triste, mas de olhos vivos, penetrantes, de
onde irradiava uma expressão ora de fulgor
intelectual — quando discursava com eloquên-
cia —, ora de mansidão e doçura —, no trato
comum com os amigos, era em tudo extrema-
mente delicado, simples e afetuoso. São qua-
si literalmente expressões de alguém que o co-
nheceu de muito perto. Testemunho aliás unâ-
nime de quantos consultámos a êsse respeito,
aqui no Rio, no Ceará e em Belém.

Vamos agora acompanhá-lo na sua vida
calma do velho prédio de S. Cristóvão em que
passou os últimos dias. (301) Sempre metó-

(300) Cf. a nota 214 (cap. XIV deste nosso ensaio).

(301) Quando fez o concurso de lógica residia Farias
Brito na casa da rua de S. Cristóvão, 189. Mais tarde ad-
quiriu o prédio da rua Bela de S. João, 289, e aí viveu os
seus últimos anos, até falecer em 1917. Aí também expirou,
em 14 de Abril de 1923, a sua viuva. Quanto a D. Eugênia,
resistiu até 1926, tendo fechado para sempre os fatigados
olhos a 30 de Setembro.

dico e trabalhador infatigável, levantava-se cedo e ia para o gabinete. D. Eugênia logo depois ia levar ao filho querido o café que ela mesma fazia questão de preparar. Minúcia comovente, Farias Brito por vezes ia ajudá-la a abanar o fogo, no rude fogão de lenha. Sócrates e Spinoza, os prediletos de Farias Brito em seus primeiros livros, não se teriam scandalizado...

Levantava-se cedo e cedo naturalmente almoçava. Saía para dar a sua aula no Pedro II e voltava para o jantar. Este era também cedo "Lembro-me de vê-lo (303), escreve uma das suas dedicadas filhas, sentado na espreguiçadeira, outras vezes na copa, a conversar — algumas vezes escutando a rir uma das interessantes anedotas que minha avó tanto gostava de contar."

D. Eugênia já por diversas ocasiões nos tem aparecido qual mãe extremosa e ainda

(302) A acreditarmos no que escreveu o seu biógrafo cariense, em Belém era grande madrugador: "Não perde hora; às 3 da manhã está na banca escrevendo ou estudando até às 6; às 8 dá aula no Liceu, dali segue para o escritório; às 10 almoça, depois seguindo para o escritório até às 5 da tarde, quando vai dar aula de filosofia na Academia, de onde segue para o jantar". Raimundo Nonato de Brito, *op. cit.* pag. 15.

(303) Notas íntimas gentilmente cedidas por uma das extremosas filhas do grande filósofo, Margarida Maria, hoje Senhora Rômulo de Castro.

aqui a encontramos, apesar de septuagenária, forte e bem disposta, a fazer a sua renda de almofada ou a costurar a máquina. Repartia o tempo entre as orações, o trabalho, o seu querido cachimbo e os cuidados com o filho. Ao pescoço, à guisa de colar, um grande terço de contas negras, com um crucifixo pendente. Tinha as paredes do quarto cobertas de quadros de santos: o menino Jesus, a Virgem, S. Sebastião, Maria Madalena... Não recebêra quasi instrução primária: pronunçava incorretamente muitas palavras. Farias Brito porém não gostava que emendassem êsses erros, pois receava com isso melindrar-lhe a alma rude e boa, capaz de todos os sacrifícios. D. Eugênia era muito sóbria e modesta; mas comprazia-se em contar episódios do seu tempo de moça, quando dansava tres dias e tres noites consecutivas. (304)

Em Fevereiro de 1915 Farias Brito passou por um grande desgosto: o suicídio de um primo e amigo muito querido, que pôs termo à existência disparando sôbre o ouvido um revólver, às duas horas da madrugada, no Campo de S. Cristóvão. Era um rapaz bondoso e alegre, a quem terrível enfermidade incurável já havia tres anos que vinha atormentando,

sem mais esperanças de melhoras. Essa morte não foi logo comunicada a Farias Brito, que então se achava de cama. Por algumas semanas ignorou êle o fato. Indiam-no com evasivas, mas as respostas não o tranquilizavam. Afinal, certa vez que se encontravam a sós no quarto Farias Brito e a velha mãe, êle lhe diz de súbito:

— O Martinho morreu e vocês não me disseram!

E ela, sem perder a calma:

— Ora, meu filho! Agora é que você sabe? Há mais de tres semanas.

E o filósofo que pensava que filosofar é aprender a morrer, escondendo o rosto, chorou longamente... (305)

Surpreende-nos que, não tendo o filósofo uma crença religiosa definida, o seu lar fôsse um lar cristão. Casado civil e religiosamente, tendo batizado todos os filhos, permitia que sua esposa frequentasse os sacramentos e — o que é mais expressivo — êle mesmo pedia às vezes às filhas que lhe repetissem o *Credo* em voz alta. O seu livro predileto era a *Imitação de Cristo*. Na sala de visitas, um quadro do Coração de Jesús. No quarto do casal, a mobília era das mais simples: cama, toucador.

(305) Ib.

guarda-roupas e uma cômoda sobre a qual ficava uma espécie de oratório. "E quantas vezes lembro-me de tê-lo visto de pé, perto da cômoda, parado, a meditar, contemplando aquele bendito santuário!(306) Justamente nas ocasiões mais difíceis gostava Farias Brito de ficar encostado ao móvel antigo, olhando, através da vidraça do oratório, o Cristo pregado à Cruz, junto à parede do fundo, ou ainda a Virgem de Nazaré, S. José, S. Antônio...

No dia em que tomou posse o vigário de S. Cristóvão (307) e comungaram pela primeira vez Margarida Maria e Maria Madalena (308), em 17 de Dezembro de 1916, o pai carinhoso e feliz assistiu à cerimônia. Aquela ainda o regista com filial emoção: "Encostado a uma das portas que davam para o altar-mór, o vulto sereno e bom, contemplava-nos silenciosamente." (309)

(306) *Ib.*

(307) Cônego L. M. Correia Cavalcanti. Cf. a dedicatória do volume de Jackson Pascal e a *Inquietação Moderna*: "Ao Cônego Dr. Luiz Maria Correia Cavalcanti a cujo espírito e coração tanto devo".

(308) Ambas nascidas em Belém. Maria Madalena é hoje a Senhora Daniel de Mendonça.

(309) Além desses fatos expressivos, eis aqui o testemunho de Jackson: "O livro que quasi não lhe saiu das mãos nos seus últimos dias de vida foi um pequeno catecismo, que ainda guardo carinhosamente, mas não tanto como na memória afetiva o som do seu tremendo, terrível, terrificante estribilho, daquelas horas de indecisa esperança e

Tambem de lábios filiais partiu um dia (sabemo-lo de fonte segura) esta pergunta que dispensa qualquer comentário:

— Papai, por que é que você é tão bom assim? . . .

A vida em S. Cristóvão decorria sem grandes preocupações, uma vez que Farias Brito ganhára o concurso de lógica, exercia as suas funções de professor no Pedro II (310) e prosseguia na elaboração da parte final da "Filosofia do Espírito". (311) À noite, havia sem-

pesadíssima angústia. — Sim, seu Jackson, aqui está toda a verdade. . ." (Artigo de Jackson de Figueiredo sob o título *A agonia e a glória de Farias Brito*, no *Jornal do Comércio* de 16 de Janeiro de 1927).

(310) Na cátedra, Farias Brito se revelou, conforme o testemunho de Escragnolle Doris, "um mestre que deixou aos discípulos a grata impressão de um homem bom, afável, conciliante, capaz de ser apreciado por ter a grande e rara virtude de apreciar os outros". (Artigo de 22 de Janeiro de 1917 no *Jornal do Comércio*). Inimigo de reprovar, como adversário de castigos na educação, soube, no lar e na escola, instruir e educar, sem fazer sofrer, sem asperezas, sem mau humor, numa bondade que, de tão constante e igual, se afigurava estranha. Carlos Sussekind de Mendonça, seu discípulo de Psicologia, evocava, tres anos após a sua morte, em 1920, "aquela esplêndida ternura, que algum santo lhe ensinára". *O que se ensina e o que se aprende nas escolas de direito do Brasil*, 2.^a ed. pag. 22 (Rio de Janeiro, 1924) Cf. artigo n' *A Época*, revista dos alunos da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, n. 73 de junho de 1917.

(311) Da série de ensaios sobre a Filosofia do Espírito já publicára: *A Verdade como regra das ações* (1905); *A base física do espírito* (1912) e *O Mundo Interior* (1914). Os volumes anteriores a 1905 e o desta última data, editado

pre alguns amigos, Nestor Victor, Rocha Poubou e Jackson, o mais querido agora e já da família. (312)

Farias Brito gostava de música e em casa várias pessoas sabiam tocar. (313) Dos jogos, preferia naturalmente o xadrez. Mas não frequentava teatros, nem cinemas, nem diversão alguma fóra de casa. "O seu mundo era aquele casarão de S. Cristóvão, com sua família, a sua bibliotéca (314) e os amigos..."

em Belém, sobre o *Mundo como atividade intelectual*, mas que de fato se ocupa de *Evolução e Relatividade*, título depois preferido pelo autor, pertencem à série *Finalidade do Mundo*. Farias Brito, ao dar à luz em 1914, o seu derradeiro livro, *O Mundo Interior*, anunciava o seguinte: "A publicar — *Ensaio sobre o conhecimento e a realidade*; — *Ensaio sobre a lógica da ação* — *Notas e variações sobre assuntos diversos*. Sabemos que o *Panfleto* é de fins de 1916 (a data é Novembro) Jackson afirma, no citado artigo do *Jornal do Commercio* de 16 de Janeiro de 1927, que Farias Brito "passára os seus últimos meses de relativo equilíbrio físico a escrever uma como filosofia nova do dogma da queda, em que a Redenção surgia com a própria vida das lágrimas de Deus sobre a morte do espírito revoltado..." Já dissemos que em vão temos pesquisado vestígios sequer do precioso manuscrito extraviado após a morte de Jackson e, ao que parece, irremediavelmente perdido.

(312) Jackson casára-se em 1915 com uma irmã da segunda esposa de Farias Brito.

(313) D. Ananélia, esposa de Farias Brito, D. Laura, que veio a ser a Senhora Jackson de Figueiredo, a filha mais velha D. Mena, hoje Senhora Pontes de Miranda.

(314) A biblioteca de Farias Brito foi adquirida pelo Governo e recolhida no Colégio Pedro II. Eis os officios constantes do Arquivo do Colégio:

(Cópia) N. 101 — 12 de Junho de 1918. Ao Exmo. Snr. Ministro da Justiça e Negócios Interiores. — Acusan-

Em 1915 concorreu, por insistência de alguns desses amigos, à vaga de Sílvio Romero, na Academia. Já sabemos qual o resultado. (315)

do o recebimento do officio n. 560 da Directoria do Interior do Ministério a cargo de V. Ex., recomendando-me que informe se convém recolher a este Colégio a biblioteca, adquirida pelo Governo e que pertenceu ao falecido professor catedrático de filosofia Raimundo de Farias Brito, cumpre-me declarar que de grande conveniência seria a realização do propósito de V. Ex. — Os livros do emérito professor não podem ser melhormente colocados do que na casa de ensino a que ultimamente dedicava o inestimável contingente do seu talento e saber; e entre elles se acham obras cuja leitura deve ser proveitosa aos consultantes, professores ou alunos, da Bibliotheca do Colégio.

Entendo que das duas secções do Colégio deve ter preferência a do Externato, onde o número de consultantes é maior, recolhendo-se contudo à Bibliotheca do Internato quaisquer duplicatas, se as houver, ou mesmo as múltiplas edições de alguma obra.

Saude e fraternidade.

(a) *Carlos de Lact.*

(Cópia) — Armas da República. — Colégio Pedro II — Em 1.º de Julho de 1918. — N. 109 — Sr. Director Geral da Directoria do Interior. De acôrdo com os termos do officio n. 615, de 22 de Junho, dessa Directoria, comunico-vos que, nesta data, foi entregue a este Colégio, conforme resolveu o Sr. Ministro da Justiça, em aviso n. 607, de 18 de Junho, a bibliotheca que pertenceu ao falecido professor Raimundo de Farias Brito.

Saude e fraternidade.

(a) *Carlos de Lact.*

(315) Farias Brito concorreu à vaga de Sílvio Romero, em 25-11-1915, sendo o resultado o seguinte: Osório Duque Estrada — 14 votos; Almáchio Diniz, 7; Farias Brito, 6...

Em meados de Janeiro de 1917, Farias Brito adoeceu, ou antes, mais uma vez foi obrigado a ficar de cama pelo estado de fraqueza em que se encontrava. Mas ainda, à noite do dia 16, Jackson de Figueiredo havia trocado com o enfermo algumas palavras a respeito do artigo de Roberto Paterson, em *La Nación*, artigo anunciado aqui em telegrama da *Rua*, na véspera e do *Jornal do Comércio* daquele mesmo dia 16. O filósofo ouvira, a sorrir, a notícia reconfortante. Era a primeira vez "que um homem de responsabilidade no pensamento sul-americano, estrangeiro ao Brasil, dava público testemunho de admiração pelo seu esforço genial". (316)

Às 8,30 da noite desse mesmo dia 16 de Janeiro de 1917 falecia Farias Brito, sem maior sofrimento, serenamente, sem estrépito, cor mpre vivêra...

Dois dias depois, em artigo publicado na *Notícia*, Tasso da Silveira exprimia a sua emoção acompanhar ao cemitério de São Francisco aavier o corpo do amigo e mestre inescquecível.

"Dias antes ouvira de sua boca a profecia do fim que se aproximava; e lembro-me que tive um sorriso de simulada incredulidade e

que ainda tentei reanimá-lo com palavras de coragem e conforto, como se acaso êle, o filósofo sereno, temêsse a morte ou necessitasse da minha inexperiente juventude... Mas é que Farias com a inesgotável bondade de seu coração, com a sua humilde postura diante daquelles que lhe eram infinitamente menores, e com a simplicidade extrema que irradiava de todos os seus gestos e palavras, dava-nos a impressão de uma ingenuidade viva perdida neste cáos de miséria e quasi nos autorizava a que o aconselhássemos. Era necessário grande esforço espiritual para lembrarmo-nos de que aquele homem simples e desataviado que tinhamos antes os olhos era o pensador profundo que vinha atravessando estoicamente uma existência difícil e amargurada, mas sem vacilar na firmeza dos seus princípios, embora lhe custasse tal heroismo o sacrificio de prováveis dias de felicidade. (317)

O falecimento viera nos jornais em ligeiras notas perdidas no meio de futilidades elegantes das chamadas secções sociais. Mas logo os amigos acorreram.

"Fui vê-lo pela última vez antes que se fechasse o ataúde. Na casa em que viveu as suas horas derradeiras - a família e alguns

amigos apenas. Jackson recebeu-me soluçando. Nestor Victor amparava a cabeça dolorosamente pendida da primeira filhinha de Farias, uma das puras expressões de candura e de bondade que tenho conhecido. Com Andrade Muricy penetrei na sala em que fôra armada a eça fúnebre. Gutmann Bicho e outro artista modelavam em gesso, sobre o rosto do cadáver, a máscara do filósofo (318) enquanto nós outros assistíamos à cena em comovido silêncio. . . .”

O transporte do ataúde para o cemitério foi feito a mão: “Lentamente o cortejo desfilou rumo à necrópole, sob um céu ameaçado de tempestade, cortado de relâmpagos. Até aí, nessa atitude da natureza, havia, para a nossa sensibilidade, qualquer coisa de significativamente simbólico. Caminhávamos todos mudamente, em pequenos grupos, revezando-nos na piedosa tarefa de carregar o esquife. Eramos poucos, na verdade, mas pelo quanto amávamos o filósofo valíamos por uma multidão. O ataúde foi entregue ao túmulo, enquanto Dias de Barros dizia, em palavras comovidíssimas, e em nome de todos nós, o últi-

(318) Até o momento de escrever estas linhas, ainda nada conseguíramos apurar quanto ao destino posterior dessa máscara.

mo adeus ao grande amigo. E ao retirarmos do cemitério, com a consciência do dever cumprido, sentíamos todos a impressão de profundo alívio: nossa tristeza tornára-se suave... Farias, que ali ficava aparentemente vencido pela contingência humana da morte, já era um triunfador em nosso coração." (319)

A IMORTALIDADE

Alexandre Herculano, em prefácio ao *Pároco da Aldeia*, exclamou, num desfalecimento de cético, embora não fôsse um descrente integral:

— Como a filosofia é triste e árida!

Em página de alentado volume consagrado ao estudo da “Evolução do Pensamento Antigo” protestou, não há muito, Castro Nery, com vigor e eloquência:

“Árida, a filosofia! Mas é perder de vista que não pode ser árido o terreno em que germinaram as culturas mais sãs, nem pode ser estéril o que engendrou a Matemática, a Física, a Ciência Política, a Psicologia experimental, para falar somente na linhagem mais nobre.”

Não! Triste e árida a pesquisa da verdade integral, só para aquele que se deixou

fiear presa da dúvida torturante, no *crepúsculo pardo* do cepticismo.

Para Farias Brito, já o vimos bem, a Verdade não podia ser triste nem má. Para o nobre espírito do grande pensador só poderia ser, só pode ser triste e mau "no verdadeiro sentido da palavra" (são expressões textuais suas) o eriuue, isto é todo o abuso, como toda aberração contra o desenvolvimento da vida.

Almeida Magalhães atribúe, entre outras causas, a essa atitude de Farias Brito, a êsse amor por assim dizer obcecado à Verdade, ao seu notável alheimento a vaidosa exibição de saber, o fato de haver ficado na penumbra uma individualidade tão marcada e tão forte (320).

Em 1915, na carta escrita a Jackson e já tantas vezes citada, pouco antes de encerrar a sua carreira de lutador abnegado e infatigável, o seu depoimento ainda vibra de emoção:

(320) Almeida Magalhães, *Farias Brito e a Reação espiritualista*, pag. 95. Também José Verissimo, em artigo no *Imparcial* de 11 de Abril de 1914, sob o título *Filosofia*, a propósito do *Mundo Interior*: "... o nosso país, não sei se por influência do positivismo comtista, se apenas por motivo da nossa indolência intelectual, era entre os que se presumem de civilizados, aquele onde o óbito, não só da metafísica, mas, de toda a filosofia, parecia mais verificado". Acha que Farias Brito dá "... formoso exemplo de virtude intelectual". Não o considera um filósofo, no plano de Descartes ou Kant, mas "um historiador e um crítico do pensamento filosófico contemporâneo". E, neste campo, não co-

“O que eu ambicionava era coesão e solidariedade, cooperação para a vitória, na luta em que imaginava empenhar-me — luta pela verdade, luta pela justiça, luta pelo aperfeiçoamento moral — eterno combate que sempre se me afigurou como o objetivo essencial e o destino próprio do espírito humano.”

Que mais dignificante programa de vida poderia acaso traçar a si mesmo um homem, e, de modo especial, um mestre, um guia, um pensador?

Escreveu Mantegazza que “todo homem deve ser ao mesmo tempo operário e poeta: operário para ganhar o pão quotidiano e poeta para misturar no cálice da vida o vinho da idealidade e do sentimento.” Tal, sem contestação possível, o exemplo de Farias Brito. Tal a grande, a confortadora lição dessa vida e dessa obra realmente única em suas notas mais típicas em nosso meio cultural. Operário da inteligência, a mourejar na gleba dura e rebelde, ao sol inelemente do seu torrão adusto, ou, no extremo norte, ou aqui na me-

nhece “quem a êle se avantage”. Acha-o “um temperamento metafísico”. Pensa que Farias Brito não exercerá grande influência em nosso meio porque “lhe falta arrogância, petulância, cabotinismo, que certos meios requerem para se deixarem influir”. No fim do artigo ressalta o valor da obra do pensador patricio, digna de admiração, dada esta “pesada atmosfera de reles materialismo, alheia a todo nobre ideal, em que chafurdamos”.

trópole atordoante e perigosa. Operário infatigável do Espírito, servo fidelíssimo e incorruptível da Verdade, já desde adolescente ensinando, ainda quando aprendia as humanidades. E poeta, no largo sentido do termo, genuíno amante das formas imprevisíveis, não mero versificador de futilidades ou malabarista da rima, em milagres de técnica verbal. Poeta e filósofo, misturando o vinho generoso do amor e da bondade a verdades de saibo não raro travoso como absinto.

O ferido de Pamplona, o solitário de Manresa, o mestre incomparável dos *Exercícios Espirituais* ensinou, com a sua palavra e mais ainda com o seu exemplo, que o homem para atingir a plenitude da sua humanidade tem que amar, sofrer e servir. Farias Brito sublimou o seu nobre caráter e o seu privilegiado espírito no amor, no sofrimento e no serviço ininterrupto da Verdade. Amou a família, amou a pátria, amou a humanidade. Sofreu penúria, injustiças, isolamento intelectual, a maior das torturas de um espírito qual o seu. "Enganei-me, escreveu, quando imaginei que poderia exercer qualquer influência sobre a multidão. Esta nem sequer me percebeu e menos ainda me ouviu. Perdi-me no seu seio, confundindo-me com ela; mas sem me destacar em coisa alguma e sob qualquer pretêsto,

da massa comum. Ou antes atravesssei a multidão; mas apenas como uma sombra que ninguém percebe; estive com ela em contato, mas como um estrangeiro que nada consegue transmitir do que sente ou deseja, por falar uma lingua que ninguém conhece e que apenas se expõe ao ridículo e ao desprezo". Palavras, não o esqueçamos, de 1915, a Jackson de Figueiredo. Não significam todavia desânimo. Recordando, logo após, o seu encontro com o jovem sergipano, que ia ser mais tarde o fundador do Centro D. Vital e grande apóstolo da causa católica em nosso meio cultural. Farias Brito como que rejuvenesce e recobra forças ao pensar no que juntos poderiam ainda fazer.

Servir, servir sempre a Verdade. E exclama: "Estou agora convencido que havemos de vencer. Um homem nada representaria e teria fatalmente de desaparecer. Mas desde que a um homem se liga outro homem, pelo laço das mesmas idéas, logo se forma uma cadeia, um centro de atração irresistível. Outros deverão chegar em nosso apoio... Que êsse laço de idéas que nos une, não seja uma simples convenção banal, como ordinariamente succede, mas uma convicção sincera e inabalável. Porque a sinceridade é já a verdade, ou pelo menos um de seus aspectos essenciais, e a

verdade está necessariamente reservado o domínio universal, o império sôbre as consciências.”

Não logrou Farias Brito a alegria de ver o triunfo que sonhára. Quando expirou, em 1917, ainda o mundo não despertára do horrendo pesadelo de quatro anos em que se debatia a humanidade desvairada. Nem ainda o próprio Jackson podia prever o t ermo da sua ascen o espiritual.

São passados mais de vinte anos da morte de Farias Brito. Como nunca, está o mundo carecendo de paz e fraternidade, para o labor fecundo e superiormente humano. Precisamos de apóstolos capazes de viver e de morrer pela Verdade, pela Justiça, pela causa do Espírito contra as fôrças que tentam rebaixar a Espécie ao plano inferior da animalidade. Farias Brito pode e deve ser evocado como aquele que pr imeiro, na linha de frente, impávido e desinteressado, humilde mas intrépido e tenaz, defendeu no Brasil, sem razões de ordem sobrenatural, sem argumentos assentes no dogma, o valor da metafísica, o primado da inteligência, a verdade irrefutável do espiritualismo. E o testemunho de Leonel Franca proclama o salutar influxo do pensador cearense na gera o contemporânea. Para alguns dos moços de hoje “a leitura de Farias

(que não era católico, nem mesmo cristão, ao menos de vontade) foi o instrumento de que se serviu a Providência para reconduzí-los ao seio da verdadeira Igreja” (321). E lembra a êsse propósito análoga influência, a de Bergson em França.

Bastaria, aliás, para merecer o louvor agradecido dos crentes o benéfico influxo que teve no espírito de Jackson — ainda na selva escura da dúvida — a obra reacionária, a favor do espiritualismo, do filósofo do *Mundo Interior*. Mas (e é uma observação feliz de Hamilton Nogueira) (322), se Farias Brito, pela força das suas idéias, teria de exercer a mais profunda influência na mente do jovem sergipano, o que muito contribuiu para essa influência foi a bondade que dêle irradiava. “Procurei-o, conta-nos o próprio Jackson (323) — pôs-me a par dos seus projetos, conheci o seu lar, verdadeiro lar de um filósofo, no sentido mais altamente humano da palavra: simplicidade, sinceridade e inteligência.”

Vemos bem que tinha toda a razão o mestre de Aristoclés, ao pensar que se pode servir

(321) Leonel Franca, *Noções de História da Filosofia*, pag. 262, n. 1.

(322) Hamilton Nogueira, *Jackson de Figueiredo*, pag. 71-72.

(323) Jackson de Figueiredo, *Algumas reflexões sobre a Filosofia de Farias Brito*, pag. 17.

a pátria sem ser preciso tomar parte nas competições apaixonadas da política, nem disputar cargos públicos. Ninguém contesta a formosura da vida e da morte do imortal filho de Sofronisco. E que resta afinal das estéreis e mesquinhas ambições dos chefes poderosos que viveram e lutaram no século? Um nome, um episódio, uma data...

E' que a glória da mentira e do êrro pode refulgir num momento (Que valem anos, aliás, na cronologia da Humanidade?) Pode refulgir e deslumbrar. Mas irá se apagando e fatalmente se extinguirá. E a Verdade, como Farias Brito o sentia e o repetiu tantas vezes em páginas de absoluta sinceridade, esta sempre acaba por triunfar.

Por isso mesmo é que o exemplo do humilde filho de S. Benedito nos comove. Porque tambem para êle já souu a hora da reparação. E essa vida, saindo da obscuridade em que esteve injustamente envolta e esquecida, projeta através do tempo uma claridade cada vez mais larga e impressionante, — qual um cone de luz de estranho holofote, nas trevas espessas da indiferença e do egoismo.

CRONOLOGIA

- 1862 — 24 de Julho — Nascimento de Raimundo de Farias Brito em S. Benedito, na serra de Ibiapaba, na então província do Ceará.
- 3 de Outubro — Batizado na capela de S. Benedito, filial à Matriz de Nossa Senhora da Assunção de Vila Viçosa.
- 1865 — A família de Farias Brito passa a residir em Alagoinha, a poucas léguas de Ipú.
- 1870 — O pai de Raimundo, Marcolino José de Brito, volta a residir em Sobral, onde nasceu. Aí faz Raimundo os seus primeiros estudos.
- 1874 — 4 de Dezembro — Presta Raimundo os seus primeiros exames, sendo aprovado plenamente.
- 1876 — Matrícula no Ginásio Sobralense. Distinção em francês, latim e matemática.
- 1877 — Sêca terrível. A família de Farias Brito regressa a Alagoinha, na mais completa penúria.
- 1878 — Marcolino José de Brito emigra com toda a família para Fortaleza.
- 1879 — Farias Brito matricula-se como ouvinte no Liceu Cearense, em Fortaleza, e tira os preparatórios.

- 1880 — Farias Brito conclue com brilho o curso secundário.
- 1881 — Em Recife: início do curso jurídico.
- 1884 — Usando da permissão legal, Farias Brito presta exames do 4.º ano jurídico em Março e conclue o curso em Novembro, ganhando um ano.
- 1885 — Promotor em Viçosa, removido a pedido para Aquiraz.
- 1888 — Convidado, em Aquiraz, pelo Presidente Caio Prado para seu secretário.
- 1889 — Morte de Caio Prado. Farias Brito deixa o governo e vem ao Rio de Janeiro, onde assiste ao 15 de Novembro. Publicação do volume CANTOS MODERNOS.
- 1890 — Candidato a deputado federal no pleito de Agosto na chapa organizada pelo Conselheiro Rodrigues Junior.
- 1891 — Convidado em Abril pelo General José Clarindo de Queiroz para secretário do Governo.
- 1892 — 17 de Fevereiro — O General Clarindo é deposto do governo do Ceará.
- 1893 — Primeiro casamento de Farias Brito, em Fortaleza, a 2 de Dezembro, com D. Ana Augusta Bastos (*Nanoca*).
- 1894-1895 — O primeiro volume da FINALIDADE DO MUNDO.
- 1895 — Morte do primogênito do casal, Raimundo, com dez meses incompletos.
- 1897 — Morte da primeira esposa de Farias Brito, em Fortaleza.
- 1899 — O segundo volume da FINALIDADE DO MUNDO.

- 1901 — Farias Brito resolve ir à Europa, mas não chega a realizar o seu projeto, tendo vindo apenas até ao Rio de Janeiro. Regressa logo ao Ceará por motivo da doença do pai, Marcolino José de Brito, que falece a 16 de Agosto. Segundo casamento de Farias Brito, em Fortaleza, a 29 de Setembro, com D. Annanélia Alves.
- 1902 — Farias Brito deixa o Ceará e passa a residir em Belém do Pará. Polêmica em defesa de Julio Maria contra Gomes de Castro. Professor substituto da Faculdade de Direito.
- 1903 — Nomeado terceiro promotor público de Belém.
- 1905 — O terceiro volume da FINALIDADE DO MUNDO (*O Mundo como atividade intellectual*) — A VERDADE COMO REGRA DAS AÇÕES.
- 1909 — Farias Brito deixa Belém e vem para o Rio de Janeiro: concurso de Lógica no Colégio Pedro II.
- 1912 — A BASE FISICA DO ESPIRITO.
- 1914 — O MUNDO INTERIOR.
- 1915 — Farias Brito e Jackson: influências recíprocas.
- 1916 — O *Planfleto* (Marcos José).
- 1917 — 16 de Janeiro — Falecimento de Raimundo de Farias Brito, no Rio de Janeiro.

OBRAS DE FARIAS BRITO

CANTOS MODERNOS, poesias, in-8^o peq. de 136 pgs., Rio de Janeiro, Laemmert & C., 1889.

PEQUENA HISTORIA. Ligeiro apanhado sobre os Phenicios e Hebreus. Typ. do *Cearense*, 1891 (E' a monografia com que se apresentou ao concurso da cadeira de História do Liceu do Ceará, em Fortaleza). (*)

DIVAGAÇÕES EM TORNO DE UMA GRANDE MENTALIDADE. — *Revista do Instituto do Ceará*, 2.^o, 3.^o e 4.^o trimestres de 1892.

FINALIDADE DO MUNDO (Estudos de philosophia e teleologia naturalista) — 1.^o volume. — 326 pa. in-8.^o Fortaleza, 1895. (Esta é a data que se lê na capa da brochura; mas na folha de rosto do trabalho está 1894: o que indica evidentemente que a publicação iniciada em fins de 1894 só terminou em principios de 1895. No prefacio do II volume, aliás, o próprio Farias Brito se refere ao I nos seguintes termos: "Só agora me foi possível publicar o segundo livro da série que sob o título geral de *Finalidade do Mundo* iniciei com o volume publicado

(*) Conservamos nos títulos dos diferentes trabalhos a própria grafia seguida pelo Autor. Não se extranhe portanto a aparente incoerência gráfica de certos periodos do nosso texto,

em 1895 sôbre a philosophia como atividade permanente do espirito humano.”)

HOMENS DO CEARÁ: DR. THOMAZ POMPEU. Publicado na *Revista da Academia Cearense*, fasc. 1.º, ano 1.º, 1896.

HOMENS DO CEARÁ: DR. GUILHERME STUART. Publicado na *Revista da Academia Cearense*, 1897. (Fez-se uma separata em 30 pp., Fortaleza, Typ. Studart, 1898).

SOBRE A PHILOSOPHIA DE MALEBRANCHE. Publicado na *Revista da Academia Cearense*, ano de 1898.

FINALIDADE DO MUNDO. (Estudos de philosophia e teleologia naturalista) — II volume. — 390 pp. (Esta segunda parte se ocupa da *Filosofia Moderna*; a primeira tratava da *Filosofia como atividade permanente do espirito humano*.) 1899 (Foi publicado em Fortaleza, mas a indicação da folha de rosto é apenas Ceará, com a menção do impressor. O prefácio é datado porém de Fortaleza, 1.º de Maio de 1899..

O POSITIVISMO DO SNR. MAJOR GOMES DE CASTRO E AS CONFERENCIAS DO Pe. DR. JULIO MARIA. Artigos publicados na *Provincia do Pará* e depois reunidos em opúsculo de 52 pp. por um amigo do Autor, impresso na Typ. Moderna, em Fortaleza, 1902.

FINALIDADE DO MUNDO. (Estudos de philosophia e teleologia naturalista) — III volume. — 320 pp. (Esta terceira parte se intitula: *O Mundo como atividade intelectual*.) Foi publicado em Belem, no Pará, ed. Tavares Cardoso & C.ª — 1905. (Na lista dos seus trabalhos, já publicados e ainda por publicar, o próprio Fa-

rias Brito se refere a este III volume da série intitulada *Finalidade do Mundo* sempre lhe dando o título de *Evolução e Relatividade*. É facil verificá-lo nos dois volumes, de 1912 e 1914, já dados a lume no Rio de Janeiro, *A Base Física do Espirito* e *O Mundo Interior*.)

A VERDADE COMO REGRA DAS AÇÕES. (Ensaio de philosophia moral como introdução ao estudo do direito). (Este volume ficou sendo mais tarde, na intenção do Autor, o primeiro da série que planejou sob o título geral de *Philosophia do Espirito*, e á qual pertencem os dois volumes de 1912 e 1914.) — 112 pp. Foi publicado em Belem, Ed. Tavares Cardoso & C.^a 1905.

A BASE PHYSICA DO ESPIRITO (Historia sumaria do problema da mentalidade como preparação para o estudo da philosophia do espirito) — Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1912.

O MUNDO INTERIOR. (Ensaio sobre os dados geraes da philosophia do espirito) — Rio de Janeiro, Revista dos Tribunaes, 1914.

NOTA — Farias Brito colaborou desde estudante em várias revistas de Pernambuco e do Ceará: *Iracema*, *Quinzena* e outras). Na Pará escreveu a notável refutação a Gomes de Castro, em defesa de Julio Maria, que foi reunida em opúsculo, que arrolamos acima. No Rio de Janeiro merece referênciã o artigo em resposta às criticas de Manuel de Bethencourt, publicado no *Jornal do Comércio* de 31 de Maio de 1909. Digna de registo especial a carta de 30 de Setembro de 1915, escrita a Jackson de Figueiredo

e publicada n'*O País* de 12 de Novembro do mesmo ano. *O Pamphleto*, publicado em Novembro de 1916 com o pseudonimo de Marcos José, constitue algo de absolutamente insólito na sua bibliografia.

A revista *A Ordem*, órgão do Centro D. Vital, do Rio, publicou em Abril de 1931 o seu inédito póstumo *O momento mais feliz da minha vida*. *A América Latina*, revista de arte e pensamento, também do Rio, em seu tomo I, de 1919, deu a lume dois artigos inéditos de Farias Brito (p. 325-329 e 438-440).

Pelo que se lê na relação dos trabalhos do Autor, por êle mesmo organizada em 1914 para o volume *O Mundo Interior* (p. 4), Farias Brito ainda pretendia publicar um *Ensaio sobre o conhecimento e a realidade*; outro sobre a *Lógica da ação*; e *Notas e variações sobre assuntos diversos*. Infelizmente dêsses trabalhos, se ficaram manuscritos, extraviaram-se ou definitivamente se perderam. O que mais devemos lamentar é o desaparecimento dos originais de um seu ensaio sobre *O Dogma da Queda*, que estava concluído ou quasi, conforme o testemunho de pessoas da familia que o viram e ouviram ler. Infelizmente até hoje teem sido infructíferas todas as pesquisas no sentido de se descobrir o paradeiro dêsse trabalho, cuja importância é supérfluo encarecer para o exato conhecimento das idéias do filósofo nas vésperas do seu falecimento. Aqui fica o nosso agradecimento a quantos nos auxiliaram em tais pesquisas e a vaga esperança de que estas linhas cheguem a quem porventura nos pudesse dar alguma indicação quanto aos originais perdidos.

ANEXOS

PARECER

Pela segunda vez tem esta Congregação de pronunciar-se acerca dos meritos e capacidade do Sr. Raymundo de Farias Erito para ser provido no cargo de lente de logica no *Externato Nacional Pedro 2.^o*.

Creio interpretar bem os sentimentos da Congregação, adiantando que ella se desvanee em confirmar o seu primeiro *veredictum*, quando, em concurso franco e disputado, lhe conferiu o primeiro logar entre os candidatos.

No systema mixto que hoje nos rege, quanto ao provimento das cadeiras do magisterio secundario e superior —, grande é a parte de collaboração autonoma das congregações.

Chamo systema mixto este em que existe o concurso, não como a formalidade unica de solução, pois pode dar-se a hypothese da nomeação sem concurso, se o candidato for auctor, na materia, de obras de reconhecido valor, mas isto, e aqui vae o principal, a juizo da congregação.

E' exactamente o caso em que se acha o Sr. Farias Erito.

Pelo estudo que, de largos annos a esta parte, tenho feito da litteratura philosophica entre nós, estuctos cujos resultados se acham nos livros *A Philosophia no Brasil, O Evolucionismo e o Positivismo*

no Brasil e *Ensaio de Philosophia do Direito*, verifiquei que nessa ordem de actividade espiritual occupava, entre nós, logar conspicuo — o auctor de *A Finalidade do Mundo*. E já disso fizera menção no opusculo — *Evolução da Litteratura Brasileira* — na parte que se refere á philosophia.

Alli, depois de mostrar que só em fins do seculo XVIII e principios do seculo XIX é que começaram a apparecer aqui algumas publicações de character philosophico e de traçar o quadro schematico da evolução do genero de então até hoje, encontram-se estas palavras: “Os que no Brasil se têm occupado de philosophia podem ser divididos em tres grupos: os meros *expositores*, mais ou menos habéis, de doutrinas estranhas, alheias, por elles abraçadas; os *criticos* de philosophia, espiritos irrequietos, livres, independentes, que procuraram orientar-se, sem se sujeitarem completamente a um systema importado, posto que se arrimassem em parte num qualquer; os que formaram de si mesmos a opinião de ter sido *innovadores* e *creadores de systemas*.”

Entre os simples expositores estão *Mont'Alverne, Moraes e Valle, Soriano de Souza, L. Pereira Barreto, Miguel Lemos e R. Teixeira de Freitas*.

Em o numero dos criticos de philosophia, espiritos que procuraram caminhos entre os systemas europeus, com segura autonomia de pensamento, contam-se: *Tobias Barreto, Guedes Cabral, Livio de Castro, Arthur Orlando, Clovis Bevilaqua, Fausto Cardoso, Samuel de Oliveira, Laurindo Leão, França Pereira, etc.*

Entre os que se julgaram originaes e chefes de systemas, citam-se: *José de Araujo Ribeiro* (Visconde do Rio Grande), com *O Fim da Creação*, *R. Farias*

Brito, com *A Finalidade do Mundo*, e Estellita Tapajós, com o livro que teve o modesto titulo de *Ensaio de Philosophia e de Sciencia*.

Destes tres é o auctor d'*A Finalidade do Mundo* que apresenta melhores titulos.

O livro do Visconde do Rio Grande, a que se fizeram desusados elogios, não os merece senão com largas reduções. Não passa da compilação, aliás intelligentemente feita, de dados geologicos tendentes a provar o crescimento da terra. A este crescimento é que o senador brasileiro considerava o *fim da criação*...

Ora, é evidente que o resultado não corresponde á pompa do rotulo.

A quem se depara um livro com o capitoso titulo — *O Fim da Creação*, — suppõe que vae ver discutidos, senão resolvidos, alguns dos males temerosos problemas que têm preocupado a razão humana. Mas se, chegado á ultima pagina, tem apenas notado que se lhe procurou ensinar que a terra cresce, cousa aliás problematica, é victima de uma decepção. Mas, cresça ou não cresça... a terra é só por si toda a *Creação*?...

O livro de Stellita Tapajós, *Ensaio de Philosophia e de Sciencia*, com ser bem interessante, está muito longe de ser uma obra original, tanto quanto se póde hoje falar de originalidade...

Bem longe disso. Os primeiros ensaios são de pura influencia de Häckel, que esteve muito em voga a datar de 1875 e annos proximos principalmente no Recife, onde se publicaram livros que chegaram a influir, entre 1880 a 90, nos estudantes de medicina do Rio de Janeiro, moços em cujo numero se destacavam Livio de Castro, Trajano de Moura, Marcolino Fra-

goso, Oliveira Fausto e Stellita Tapajós, auctores todos de theses de doutoramento, inspiradas no transformismo häckeliano, brilhantes trabalhos dos melhores que contamos no genero.

Os ultimos capitulos são irrecusavel echo dos livros de Eliphaz Levi sobre sciencias occultas, a cujo estudo, pouco antes de fallecer, se havia entregue o malogrado escriptor.

A obra de Farias Brito é muito mais consideravel. E' a de maior folego publicada entre nós. Divide-se em quatro partes: I *A Philosophia como Actividade Permanente do Espirito Humano*; II *A Philosophia Moderna*; III *O Mundo como Actividade Intellectual*; IV *A Verdade como Regra das Acções*. As duas primeiras partes estão publicadas. Das outras restantes existem os capitulos iniciaes.

Não é da indole deste rapidissimo parecer entrar na discussão da these fundamental do auctor, nem na analyse dos argumentos com que a sustenta. Seria impertinente e deslocado. Baste-me dizer, que sem acceitar a doutrina adoptada por elle sobre o conceito da teleologia na evolução universal, que para o escriptor é a determinação de um fim ou alvo (*causa finalis*), e me parece apenas a subordinação geral do kosmos a uma ordem logica, a um systema organico, a uma causação immanente e indefinida (*causa immanens*), acho que a originalidade de seu livro está mais na abundantes, e ás vezes inesperadas, idéas que espalha por muitas de suas paginas do que mesmo no seu plano geral.

Da leitura aturada de toda a obra resultam dois factos inegaveis: a capacidade philosophica de nosso patricio, quero dizer, — o aprumo com que maneja as mais complicadas idéas e concepções dos pensadores e o conhecimento que de todas revela.

Dest'arte, a porção critica de sua obra é sem par na Litteratura brasileira. As paginas consagradas especialmente a Spinoza, Kant, Mill e Spencer são feitas por mão de mestre.

E não será a um homem destes, que, alem da capacidade espiritual, é um bello e nobre character, se devam negar meios de proseguir em seus estudos, recusando-lhe o modesto posto de lente do *Externato Nacional Pedro 2.^o* numa disciplina, para a qual aliás já fez concurso, sendo classificado em primeiro lugar.

Sala da Congregação — 26 — 11 — 909.

SYLVIO ROMERO.

relator.

FACULDADE LIVRE DE DIREITO DO PARÁ
(1903)

PROGRAMA DA CADEIRA DO 1.º ANO
(*Filosofia do Direito*)

ESTUDO GERAL.

1.º — Princípio de relatividade do conhecimento. A teoria da relatividade como forma moderna do cepticismo. O ponto de vista objetivo e o ponto de vista subjetivo da relatividade. A relatividade do domínio jurídico.

2.º — Determinação do conceito da experiência. Questão do método. O método empírico, o método racionalista e o método experimental. O método nas ciências morais e jurídicas.

3.º — Influência das concepções filosóficas sobre a determinação do conceito do direito. Razão da variedade de sistemas.

4.º — As teorias modernas como doutrinas de dissolução. Influência das ciências físicas e matemáticas. Influência das ciências naturais. Necessidade do apóio das ciências psíquicas.

5.º — A doutrina da evolução como forma moderna do materialismo. Insuficiência da doutrina. O interesse como único critério racional da conduta compatível com a teoria materialista. Imprudência radical desse critério.

6.º — Crítica da distinção feita pela filosofia moderna entre a *causa em si* e os fenômenos. Dissolução da filosofia dogmática; necessidade de um dogmatismo novo.

7.º — A força como *causa em si* e elemento substancial da natureza.

8.º — Identificação do pensamento e da força. O pensamento como essência da força. O mundo como atividade intelectual. O conhecimento como fim da evolução universal.

9.º — Função teórica e função prática da filosofia. Filosofia e religião.

10.º — A moral como ciência da ação. A moral como ideal da conduta. O direito como complemento moral. Distinção essencial entre o direito e a moral.

11.º — Dedução do critério supremo da conduta. O ponto de vista objetivo e o ponto de vista subjetivo desse critério.

12.º — O costume como manifestação espontânea, a lei como expressão conciente do direito. Lei natural, lei moral, lei jurídica.

13.º — Análise especial da idéia do direito. Análise crítica. Liberdade e determinismo. Apreciação da verdadeira significação do determinismo moderno. O determinismo como negação da liberdade. A liberdade como consciência da ação. Liberdade e lei. O direito como organização da liberdade.

14.º — Análise histórica. O direito como expressão da vontade divina. Crítica da escola teológica.

15.º — O direito como produto da natureza. Crítica da teoria do direito natural. Noção da cultura. Natureza e cultura. A natureza como força; o direito como disciplina da força.

16.º — O direito como produto da história. Crítica da concepção realista do direito.

17.º — O ponto de vista naturalista. Influência das idéias de Darwin. Aplicação do princípio da luta pela vida ao domínio particular do direito. Teoria de Ihering: a luta pelo direito.

18.º — O neo-darwinismo. Teoria de Frederico Nietzsche: condenação da moral tradicional como moral de escravos; doutrina do super-homem. Apreciação e crítica.

19.º — O direito como produto do espírito humano. Distinção entre a ordem natural e a ordem moral. A lei como representação abstrata da ordem dos fenômenos, e a lei como princípio de ação. Dignidade e superioridade da natureza humana.

ESTUDO ESPECIAL

20.º — O direito como *norma agendi*, e o direito como *facultas agendi*, ou distinção entre o direito objetivo e o direito subjetivo. O direito objetivo em particular. Fontes do direito objetivo: o direito e o costume; o direito e a lei; o direito e a jurisprudência; o direito e a ciência.

21.º — O direito como *facultas agendi*. Seus elementos essenciais: o sujeito, o objeto, a relação entre o sujeito e o objeto, a sanção legal.

22.º — Divisões e classificações do direito. Classificações dos direitos subjetivos. Divisão e subdivisões do direito objetivo.

23.º — Estabelecimento do princípio do direito. O respeito à personalidade como direito primordial inerente à própria natureza humana: liberdade. Direito sobre a natureza exterior: propriedade.

24.º — Análise especial do direito de liberdade. Liberdade de consciência, liberdade de ação. Principais modalidades dos direitos de liberdade.

25.º — Análise especial do direito de propriedade. Fundamento racional desse direito. Crítica das doutrinas que o combatem.

26.º — A atividade do homem como objeto do direito. Teoria das obrigações. Seu fundamento racional; o princípio da bondade e o princípio da utilidade. Apreciação e crítica. A fé dos contratos como base da ordem social. Fontes das obrigações.

27.º — A transmissão dos direitos. Transmissão entre vivos e transmissão *causa mortis*. Fundamento racional do direito de sucessão.

28.º — A propriedade literária ou o chamado direito autoral.

29.º — Gênese da sociedade. Concepção realista: a sociedade como organismo individual e o organismo coletivo.

30.º — A anarquia moderna sob o ponto de vista da organização social. Tentativas de solução: ditadura científica de Augusto Comte; individualismo organicista de Herbert Spencer; socialismo coletivista de Marx.

31.º — Exame especial do socialismo moderno. Socialismo romântico e socialismo científico. Socialismo e materialismo. As duas formas extremas do socialismo: anarquia e coletivismo.

32.º — Solução da moderna crise social pela ciência, solução pela filosofia, solução pela religião.

33.º — Valor da sociedade como ciência. História sumária da sociologia. A sociologia como história natural da sociedade. A sociologia e a filosofia da história. A sociologia e a filosofia do direito. A sociologia e a política. Expansão da literatura sociológica.

34.º — A família. História sumária de suas principais transformações. Estudo de seu mecanismo. Sua significação e valor como ponto de partida para organização da sociedade.

35.º — A sociedade e o estado. O estado como órgão do direito. Sua significação como garantia da ordem. Sua importância como promotor da cultura.

O lente substituto,
RAYMUNDO DE FARIAS BRITO.

PROGRAMA DE ENSINO DA 1.^a CADEIRA DO 1.^o ANO

(Filosofia do Direito)

ESTUDO GERAL

1.^o — Função teórica e função prática da filosofia. Função teórica: ciência. Função prática: ordem moral. Ciência e religião; riqueza e moralidade.

2.^o — A moral como ciência da ação. A moral como ideal da conduta. Distinção essencial entre o direito e a moral.

3.^o — A hipótese do direito natural. Origem e desenvolvimento desta hipótese. Apreciação e crítica de sua significação e valor.

4.^o — O critério supremo da conduta. Forma objetiva e forma subjetiva desse critério.

5.^o — O conceito da lei. As leis naturais e as leis morais e jurídicas. O ponto de vista mecânico transportado da natureza para o mundo moral. Improcedência radical desta tendência geral do pensamento moderno.

6.^o — As leis morais e jurídicas em particular. Significação própria. A lei como convicção comum, a lei como convicção da consciência coletiva.

7.^o — O costume e a lei em sua dupla significação moral e jurídica.

8.^o — O conceito da liberdade. As leis morais e jurídicas como leis dos seres livres. Aparente antinomia entre

a liberdade e a lei. Explicação pela insuficiência das teorias da liberdade. Crítica dessas teorias.

9.º — Liberdade e determinismo. Apreciação da verdadeira significação do determinismo moderno. O determinismo como negação da liberdade. A liberdade como consciência da ação. O direito como organização da liberdade.

10.º — A lei moral e jurídica como princípio de organização social. Organização pela lei moral: religião. Organização pela lei jurídica: estado.

11.º — A noção do direito em particular. Influência da filosofia sobre a concepção do direito. Razão da variedade dos sistemas.

12.º — O direito como expressão da vontade divina. Crítica da concepção teocrática do direito.

13.º — O direito como expressão da vontade do soberano. Crítica da concepção autocrática do direito.

14.º — O direito como produto do desenvolvimento histórico. Crítica da escola histórica.

15.º — O ponto de vista naturalista. Influência das idéias de Darwin. Aplicação do princípio da luta pela vida ao domínio particular do direito. Teoria de Ihering: a luta pelo direito.

16.º — A noção do direito e a lei de finalidade. A finalidade no direito segundo Ihering.

17.º — O neodarwinismo: Frederico Nietzsche; a moral tradicional como moral de escravos; doutrina do *super-homem*. Apreciação e crítica.

18.º — O direito e a concepção materialista do mundo.

19.º — O direito e a teoria da evolução.

20.º — O direito e a teoria da relatividade do conhecimento. A questão da relatividade do direito.

21.º — O direito como reação da inteligência contra a natureza. Natureza e força; inteligência e cultura. A natureza como força; o direito como disciplina da força.

ESTUDO ESPECIAL

22.º — O ponto de vista objetivo e o ponto de vista subjetivo do direito. Ponto de vista objetivo: o direito como *norma agendi*. Ponto de vista subjetivo: o direito como *facultas agendi*.

23.º — O direito objetivo em particular. Suas fontes: o direito e o costume; o direito e a lei; o direito e a jurisprudência; o direito e a ciência.

24.º — O direito subjetivo: seus elementos: o sujeito, o objeto, a relação entre estes dois elementos, a sanção legal.

25.º — A ciência do direito. Sua divisões.

26.º — Dedução e classificação dos direitos. Direito primordial inerente à própria natureza humana: liberdade. Direitos sobre a natureza exterior: propriedade.

27.º — Análise especial do direito de liberdade. Liberdade de consciência, liberdade de ação. Principais modalidades do direito de liberdade.

29.º — A atividade do homem como objeto do direito. Teoria das obrigações. Seu fundamento racional. Solução pelo princípio da boa fé e solução pelo princípio da utilidade. Apreciação e crítica. Solução pelo critério da verdade.

28.º — Análise especial do direito de propriedade. Fundamente científico deste direito. Crítica das doutrinas que o combatem.

30.º — A transmissão dos direitos. Transmissão entre vivos e transmissão *causa mortis*. Fundamento racional do direito de sucessão.

31.º — O ponto de vista social na concepção do direito. O direito e a sociedade. Gênese da sociedade. Concepção idealista: a sociedade como resultado de um contrato. Con-

cepção naturalista. A sociedade como organismo natural. Crítica da analogia entre o organismo individual e o organismo coletivo.

32.º — Anarquia moderna sob o ponto de vista da organização social. Tentativas de solução: ditadura científica de Augusto Comte, individualismo organicista de Herbert Spencer, socialismo coletivista de Marx.

33.º — Exame especial do socialismo moderno. Socialismo romântico e socialismo científico. Socialismo e materialismo. As duas fórmulas extremas do socialismo: anarquia e coletivismo.

34.º — O ponto de vista sociológico. Valor da sociologia como ciência. História sumária da sociologia. A sociologia como história natural da sociedade. A sociologia como filosofia da história. A sociologia e a filosofia do direito. A sociologia e a política. Expansão da literatura sociológica.

35.º — A mecânica social segundo Ihering ou os motores do movimento social. Motores egoístas e motores altruístas: direito e moral.

36.º — A família. História sumária de suas principais transformações. Estudo de seu mecanismo. Sua significação e valor como ponto de partida para a organização da sociedade.

37.º — O estado. A sociedade e o estado. O estado como órgão de direito. Sua significação como garantia da ordem. Sua importância como promotor da cultura.

O lente substituto,
RAYMUNDO DE FARIAS BRITO.

Aprovado pela Congregação em sessão de 2 de abril de 1904.

O Secretário,
FRANCISCO DE PAULA PINHEIRO.

PROGRAMA CONSTANTE DO PREFACIO DO LIVRO "A VERDADE COMO REGRA DAS AÇÕES" (1905)

1.º — Função teórica e função prática da filosofia. Função teórica: ciência. Função prática: ordem moral. Ciência e religião; riqueza e moralidade.

2.º — A moral como ciência da ação. A moral como ideal da conduta. Distinção entre o direito e a moral.

3.º — O critério supremo da conduta. Forma objetiva e forma subjetiva desse critério.

4.º — O conceito da lei. As leis naturais e as leis morais e jurídicas. O ponto de vista mecânico transportado da natureza para o mundo moral. Improcedência radical desta tendência geral do pensamento moderno.

5.º — As leis morais e jurídicas em particular. A lei como convicção comum; a lei como convicção da consciência coletiva.

6.º — O conceito do direito. Razão da variedade dos sistemas. As tres grandes escolas modernas: a escola racionalista dos filósofos; a escola histórica dos juristas; e a escola positiva dos naturalistas. Considerações gerais.

7.º — A escola racionalista dos filósofos; teoria do direito natural. A noção do direito natural. Admitida a dualidade da lei moral e jurídica, tem ainda razão de ser a noção de um direito natural como terceira norma de conduta?

8.º — A noção do direito natural na doutrina dos romanos.

9.º — Gênese moderna da teoria do direito natural. Interpretação dessa teoria como repercussão, na ordem prática, do movimento filosófico iniciado, na ordem especulativa, por Bacon e Descartes. O fundador do sistema: Hugo Grotius.

10.º — Direção empírica no sistema do direito natural: Hobbes. Atitude de Spinoza e Rousseau. Locke e Hume.

11.º — Direção racionalista: Pufendorf, Thomasius, Leibniz, Wolf.

12.º — A noção do direito natural na filosofia de Kant. Criticismo especulativo e dogmatismo prático de Kant. Analogia entre o criticismo de Kant e o positivismo de Augusto Comte.

13.º — O sistema moral e jurídico de Kant em particular. A lei essencial e fundamental; critério moral e jurídico. As leis complementares; o princípio da humanidade considerada como fim em si e o princípio da autonomia da vontade.

14.º — A noção do direito natural depois de Kant. Apreciação e crítica da teoria do direito natural.

15.º — A escola histórica dos juriconsultos: filosofia do direito. Origens do sistema. Os pontos capitais da doutrina. Gustavo Hugo, Savigny, Puchta.

16.º — Historicismo e naturalismo. Influência das idéias de Darwin. Aplicação do princípio da luta pela vida ao domínio particular do direito. Teoria de Ihering: a luta pelo direito.

17.º — A escola positiva dos naturalistas: sociologia. Origens do sistema sociológico: Augusto Comte e Herbert Spencer.

18.º — Desenvolvimento da doutrina: história sumária da sociologia.

19.^o — Tentativas de classificação dos sistemas sociológicos. Classificação de Vaccaro. Classificação de René Worms.

20.^o — Valor da sociologia como ciência. Os problemas da sociologia. Carência de soluções positivas. Ineficácia das chamadas leis sociológicas.

21.^o — A sociologia como interpretação materialista da ordem moral. A sociologia e a teoria da evolução.

22.^o — O ponto de vista de Rudolf von Ihering. A mecânica social ou a teoria dos motores do movimento social. Motores egoístas: o salário e o constrangimento. Motores altruístas: o princípio do dever e o sentimento do amor.

23.^o — Sobre o constrangimento em particular. A noção do direito e a lei de finalidade.

24.^o — Anatomia e fisiologia do direito.

25.^o — Apreciação e crítica geral do sistema sociológico. Contradições e incoerências nas noções fundamentais. Ausência de um princípio geral, capaz de introduzir a unidade no sistema e a disciplina no método, condição *sine qua non* da organização científica.

26.^o — A questão do direito como um problema de filosofia moral. A filosofia moral como introdução necessária ao estudo do direito: interpretação definitiva, à luz desse critério, da verdadeira significação dos tres sistemas que deram sucessivamente em resultado a teoria do direito natural, a filosofia do direito e a sociologia.

27.^o — O mundo moral contemporâneo. Apreciação e crítica das condições atuais do pensamento moral. A anarquia geral dos espíritos como consequência da ação dissolvente do ceticismo moderno.

28.^o — Influência preponderante das teorias de Darwin. Consequências extremas do darwinismo: Frederico Nietzsche: a moral tradicional como moral de escravos. Doutrina do super-homem. Apreciação e crítica.

29.º — A moral utilitária. Precedentes históricos. A última fase do utilitarismo: a moral utilitária de Stuart Mill e a moral evolucionista de Herbert Spencer.

30.º — Outros sistemas contemporâneos: Schopenhauer, Renouvier, Secretan, Fouillée, Guyau, Levy Bruhl.

31.º — O sistema socialista. Socialismo romântico e socialismo científico. As duas formas extremas do socialismo moderno: anarquismo e coletivismo.

32.º — Impossibilidade de uma solução do problema moral sem uma concepção dogmática da natureza. Necessidade de um dogmatismo novo em face da dissolução contemporânea do dogmatismo tradicional.

33.º — Improcedência do dogmatismo materialista hoje renovado sob a denominação da teoria da evolução. Renovação do ponto de vista de Sócrates: homem, conhece-te a ti mesmo.

34.º — Solução do problema moral pela concepção do mundo como atividade intelectual. O mundo como manifestação exterior do pensamento; o conhecimento como fim da evolução universal: a verdade como ideal da conduta.

35.º — Considerações especiais sobre a questão da liberdade. Importância magna desta questão. A liberdade como condição da ordem moral.

36.º — Aparente antinomia entre a liberdade e a lei. Explicação pela insuficiência das teorias da liberdade. Teorias negativas: negação antiga — fatalismo; negação moderna — determinismo.

37.º — Exame especial da teoria determinista: determinismo físico ou científico; determinismo psíquico.

38.º — Apreciação da verdadeira significação do determinismo moderno. O determinismo como negação da liberdade. Improcedência desta solução negativa. Possibilidade de uma solução positiva do problema da liberdade.

39.º — Conciliação da necessidade mecânica da natureza com o princípio da liberdade no mundo moral. A liberdade como consciência da ação. O direito como organização material da liberdade. Liberdade e propriedade.

4.º — A lei como princípio de organização social. Organização pela lei moral; religião. Organização pela lei jurídica: estado.

ALGUNS DEPOIMENTOS SOBRE FARIAS BRITO

Além do que está consignado nos vários capítulos d'êste volume, aqui ainda registaremos alguns depoimentos preciosos de contemporâneos que pessoalmente conheceram e puderam observar de perto aspectos interessantes da personalidade do ilustre pensador. Foram escritos em resposta a pedido nosso e constam do nosso arquivo particular.

"Tive a fortuna de conhecer pessoalmente a Farias Brito... Estudei com êle Direito Constitucional, disciplina que então constava do primeiro ano do curso jurídico. Com êsse designio ia, quasi todas as noites, à sua pequena casa, ao fim da rua Senador Pompeu (1). Já havia então enfiado e lhe eram companhia o velho pai e a filhinha, de dois a tres anos, que lhe ficára do malogrado consórcio.

Lembro-me bem da sua mesa de trabalho colocada ao centro da sala e encostada à parede, de modo que ao escrever ficava de costas para uma das janelas que dava para a rua. Na rêde, armada entre dois ângulos, ficava um venerando ancião moreno, esguio, de longas barbas alvíssimas, figura de asceta. Nunca me permiti indagar, nas conversações que entretinha com êle, onde fôra beber os principios filosóficos sôbre que discorria em linguagem castiça, mas

(1) Em Fortaleza (Nota do A.)

tinha a impressão de estar lidando com um homem que refletira mais do que aprendera. Sobre a mesa, vários livros de filosofia em vários idiomas e uma lâmpada de álcool incandescente. Usava-se ainda, em geral, nas casas, o gás de iluminação. Algumas cadeiras mais, uma estante com outros livros, e estava completo todo o modesto mobiliário do solitário estudioso.

Farias Brito versara bem a matéria e sobre ela se expressava com eloquência, belamente. Em vez de citações, filtrava o manancial que lhe ficara de suas leituras; emitia idéias próprias. Nisto se assemelhava muito a Clóvis Bevilacqua. Ainda seu aluno, e sob o influxo dessas idéias, escrevi n'*A República*, de Fortaleza, de que já era, a essa época, um dos redatores, uma série de artigos, de Agosto a Dezembro de 1898, intitulados "Algumas idéias sobre filosofia jurídica".

Concomitantemente aprendi com êle o grego, de que me submeti mais tarde a concurso sendo êle um dos examinadores.

Acabada a preleção, passavamos a um cavaco que se tornou habitual, sobre outros assuntos, principalmente históricos e literários, e porque essas palestras jámais tiveram por alvo a vida alheia ou a política, conversando com êle era como se atraísse um imã encantador. Os instantes derivavam sem que eu desse conta dêles...

...Que dizer do indivíduo? Farias Brito foi um puro, nada mais. Como sentimento, duas coisas me deram a conhecer as vibrações sonoras de sua alma: a reverência do amor filial pelo digno ancião que era seu genitor e os carinhosos desvelos com que procurava cercar o tenro legado que lhe deixaram os castos extremos da esposa desaparecida. Filósofo, vivia para a sua ortodoxia, para as suas opiniões e para os seus livros; homem superior, superiorizava-o um completo e absoluto desprezo de interesses e condições dos bens materiais da vida.

... Se não tivesse optado pelos sineciras da filosofia, Farias Brito poderia ter empavilhado com os maiores oradores da tribuna forense. As suas faculdades oratórias eram realmente peregrinas. Vê-lo acusar ou defender um réu numa sessão de júri, era reconhecer ser essa talvez a arena dos seus mais insignes triunfos. E teve-os realmente ruidosos e inolvidáveis. Era ao mesmo tempo dialético, contundente, imaginoso e fulgurante.

Rio, 8-4-39.

GRACCHIO CARDOSO

* * *

... Conheci o grande pensador cearense em meados de 1914, por intermédio de Jackson de Figueiredo, que m'o apresentára na Livraria Garnier... Ali, ou no saguão do *Jornal do Comércio* e em outros locais, em fortúitos encontros, era-me dado o prazer de alguns instantes de palestra com o eminente filósofo. À sua casa fui duas ou tres vezes em companhia do jovem crítico de "Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito"...

... No trato pessoal era Farias Brito de uma simplicidade encantadora. Sua palavra pausada e precisa, sublinhada por um leve sorriso em que se estereotipava a infinita bondade de sua alma. Imperturbável a serenidade do filósofo, já nos longos anos transcorridos ante a geral indiferença manifestada em relação a seus princípios doutrinários, já sob as agruras de clamorosas injustiças sofridas em sua vida pública.

... Sua palavra e seu exemplo contribuíram de modo preponderante para a firme orientação de meu pensamento no sentido da espiritualidade; o que constitue motivo de fervoroso culto por mim votado a sua imperecível memória.

Rio, Janeiro de 1939.

ARNALDO DAMASCENO VIEIRA

Conheci Farias Brito em Fortaleza, quando êle estava a concluir o curso preparatório para matrícula na Faculdade de Direito do Recife. Já entre os rapazes dessa época, no círculo estreito dos estudantes cearenses, ganhára a justa fama de ser o mais inteligente e o mais aplicado aluno do Liceu. Nenhum dos colegas pensava em disputar-lhe essa superioridade que lhe conferira o sólido preparo com que êle sempre se apresentava perante as bancas examinadoras.

... Os colegas se aproximavam de Farias Brito cedendo à suave atração de sua bondade, de suas maneiras e sobretudo de sua modéstia; êle nunca se supunha superior a nenhum dêles e a seus altos méritos nunca aludia. Daí a estima geral que o acolhia por toda parte...

Rio, 1939.

(Dr.) CRUZ ABREU

* * *

Conheci Farias Brito desde que chegou ao Rio de Janeiro e mantivemos desde logo amistosas relações, não obstante divergências em assuntos filosóficos, tal era a simpatia que êle irradiava e o valor mental que apresentava.

Palestravamos diariamente na livraria Garnier e a sua prosa calma, um tanto tímida, sobremaneira me agradava. Estava êle preocupado em continuar seus trabalhos de filosofia, aumentando e precisando mais a sua obra, que já era de valia. Falando baixo, calmamente, expondo com precisão as idéias que trabalhavam sua grande inteligência, Farias Brito se impunha aos que o ouviam, tal a firmeza de convicção e segurança de conceitos que encantava com êle trocar opiniões, sempre com a mais requintada gentileza. Éramos inteiramente antagônicos em filosofia, o que não impedia o deleite nessas contendas, deleite provindo do modo por que discutíamos. Farias Brito era irredutivelmente espiritualista e toda a sua obra orientada neste sentido pelo qual eram estudados o Homem e o Mundo.

A essas discussões juntavam-se Rocha Pombo, meio místico, alma boníssima; Jackson de Figueiredo, católico combatente e o maior amigo do filósofo do *Mundo Interior*. Vezes por outras alguns intelectuais se reuniam ao grupo, todos dos mais variados matizes mentais, e a palestra tomava um sabor espiritual de alta monta... Farias Brito por vezes emudecia e ouvia com olhar terno os conceitos arrojados dos adversários a cujo talento prestava homenagem.

Quem por acaso entrasse e assistisse aos debates, ouviria a palestra mansa e apostólica de Rocha Pombo, o ardor de Jackson e a dialética de Farias Brito e ia-se deixando ficar atento àquele choque de opiniões, todas bem e belamente defendidas. Foi assim que fiz com Farias Brito relações de forte estima, estima que já tinha pelo Jackson e pelo Rocha Pombo.

... Eis senão quando Farias me comunica que vai entrar no concurso que se abrirá no Colégio Pedro II para provimento da cadeira de Lógica...

... Sabendo do habitual ardor dos debates em tais prêmios e considerando Farias Brito assaz tímido para enfrentá-los, dado o seu modo retraído, julguei-me obrigado a adverti-lo sobre a maneira por que a discussão era habitualmente conduzida. Farias Brito agradeceu e sorriu com aquele sorriso doce que lhe era de feitio. Inicia-se o concurso e qual não foi a minha surpresa vendo a energia com que o candidato, dentro da mais estrita urbanidade, soube agir no momento! Tal admiração avolumou-se com a revelação dos dotes oratórios de Farias Brito, que eu julgava um tímido e que se patenteou um belo orador.

Como as aparências iludem!

Rio, 1939.

PEDRO DO COUTTO

...Não obstante os tres decênios em que o vi pela primeira vez, ainda lhe conservo a memória do semblante grave e a um tempo irresistível de benignidade humana. Despertava, para logo, a simpatia de quem d'ele se aproximasse. Era dessas criaturas que inspiram confiança, à primeira vista, não só pelos seus dons naturais como pela humanidade comunicativa de seu modo de pensar e sentir. Bastou-me o entretenimento pessoal de algumas horas para que avultasse a minha admiração pelo autor da *Finalidade do Mundo*, cuja leitura me empolgára muito antes de conhecê-lo. O homem e o filósofo se confundiam na mesma compreensão finalística das coisas e das idéias. Era o bastante para se julgar o verdadeiro estado de espírito dêsse pensador num ambiente moral, como o do nosso tempo, no qual as idéias já não tem domínio absoluto sôbre a conduta.

Tenho a impressão de que êle reconheceu a necessidade imediata de estimular as forças vivas da juventude para um movimento definitivo de reação espiritualista. A inteligência é que cabia orientar o Mundo, porque só ela é capaz de interpretar o ritmo e a natureza das coisas. O primado da Idéia é que dignificava o homem e nem outro, a seu ver, era o sentido da vida, cujos ditames nos cumpria entender e realizar com aquele critério, acompanhando-a em todas as fases vicissitudinárias da Civilização. O pragmatismo não seria assim uma conformação servil da Idéia nos fatos, mas a interpretação d'estes, inspirada nos princípios fundamentais e irredutíveis da ética. Só assim deveria êle ser apreciado, como um novo método de especulação filosófica. O *Mundo Interior*, em suma, é que era tudo para o idealismo transcendente dessa alma de escol, em cujos dons criadores a sensibilidade e as forças especulativas sabiam, como em nenhuma outra, manter o equilíbrio difícil das duas metafísicas do espírito e do coração. A sua ação de presença que era, como já disse, um reflexo fisionômico dos seus sentimentos, afi-

gura-se-me que exerceu grande influência entre os intelectuais. Rocha Pombo foi um daqueles que mais se aperceberam do mérito real de Farias Brito e a sua obra, a *Finalidade do Mundo*, 1.º volume, fui eu quem primeiro lhe deu a ler e mereceu do grande historindor vários artigos de justa apologia. Em virtude desses artigos, estabeleceu-se entre ambos viva e afetuosa correspondência, a qual muito concorreu para que Farias Brito deslocasse a sua atividade para esta capital. Aqui, como é de prever, os dois amigos mantiveram a mais edificante reciprocidade de estímulo, conquistando Farias Brito, logo depois, a cátedra de Filosofia do Externato Pedro II, depois de famoso e ruidoso concurso.

Uma das reminiscências que tenho dêsse convívio, ilustra eloquentemente a psicologia dos dois mestres. Tendo recebido algumas dezenas de contos, Farias Brito procurou imediatamente o amigo para combinarem a aquisição de um grande colégio em Botafogo. Era a realização dos seus ideais de educadores. Foi com entusiasmo que um e outro anteviram a grande felicidade e se entenderam quanto aos programas de ensino e propósitos do novo instituto. Ficou assente que aqueles nada teriam a ver com exigências oficiais para exames e que a finalidade exclusiva, única e absoluta do colégio seria manter cursos de filosofia, ciência pura e belas e boas letras clássicas. Nele, pois, só seriam admitidas verdadeiras vocações, intelectuais. Tudo assim projetado, levou Farias Brito a resolução à pessoa íntima, cujo espírito positivo e prático viu logo todo o risco que correria o instituto platônico e a sorte do seu diretor. Discordou, em boa hora, dêsse plano didático e só assim o filósofo não passou pela desilusão de ver sem alunos o mais excelso dos institutos culturais...

1939, Rio.

A. J. PEREIRA DA SILVA
da Academia Brasileira.

BIBLIOGRAFIA

Fontes manuscritas:

Documentos oficiais, certidões (de casamento dos pais de Farias Brito, de batismo e de casamento do próprio Raimundo de Farias Brito), termo de juramento e posse de curador de órfãos em Viçosa; idem de exame de História Geral no Liceu de Ceará; histórico da vida escolar de Farias Brito na Faculdade de Direito do Recife, extraído do Arquivo da Faculdade; carta de bacharel tirada pelo próprio Farias Brito em 1894 na Faculdade do Recife; processo relativo ao concurso de Lógica realizado em 1909 no Colégio Pedro II e existente no Arquivo do mesmo estabelecimento; ofícios e catálogo relativos à biblioteca de Farias Brito adquirida pelo Governo para o Colégio Pedro II, conforme os dados autênticos fornecidos pela Secretaria do Colégio; etc.

Diário íntimo de Farias Brito, com o título *Album de Família*, escrito a partir de 2 de Dezembro de 1893, data do seu primeiro casamento, até 20 de fevereiro de 1915, com largas interrupções.

Cartas de Farias Brito a diversas pessoas (Ceará, Pará, Rio).

Informações, depoimentos, reminiscências, apreciações de parentes, amigos, colegas, discípulos, contemporâneos (citadas em notas ou em anexos).

Qual o momento mais feliz em sua existência? Autógrafo inédito até 1931 e então publicado na revista *A ORDEM* sob o título *O momento mais feliz da minha vida*.

Parecer de Silvio Romero sôbre as obras de Farias Brito, existente no Arquivo do Colégio Pedro II (Externato) (Veja *Anejos*).

Fontes impressas:

Obras de Farias Brito (veja a relação à pag. 281 e segs.).

Obras referentes a Farias Brito:

ALMEIDA MAGALHÃES — Farias Brito e a reacção espiritualista — Rio, 1918.

AMARAL (Inácio) — Conferência sôbre Eugênio de Barros Raja Gabaglia, realizada no Silogeu Brasileiro, na Sociedade Brasileira de Ciências, em Setembro de 1921.

BARBEDETTE (D.) - - Histoire de la Philosophie — 7e éd. Paris, 1934.

BRIGIDO (J.) — Ceará (Homeus e Fatos) — Rio, 1910.

CHAVES (João) — Memória Histórica da Faculdade de Direito do Pará (1902-1907) — Pará, 1908.

CLOVIS BEVILAQUA — História da Faculdade de Direito do Recife — Livraria F. Alves, Rio, 1927 (2 vols.).

COELHO DE PAULA (F.) — Farias Brito (Discurso proferido por ocasião da aposição do retrato de Farias Brito na Prefeitura de São Benedito da Ibiapaba) — Ubajara, Ceará, 1928.

ENCICLOPEDIA E DICCIONARIO INTERNACIONAL (20 vols.) - - Ed. W. M. Jackson. Verb. Farias Brito, vol. VIII, 4553-4554.

ESCRAGNOLE DORIA — Memória Histórica comemorativa do primeiro centenário do Colégio de Pedro Segundo (publicação oficial) — Rio de Janeiro.

- FERREIRA (Pedro) — *Dicionário Histórico e Geográfico da Ibiapaba* — Ramos e Pouchain, Fortaleza, 1936.
- FRANCA (Leonel) — *Noções de História da Filosofia* — 2.^a ed., Rio de Janeiro, 1921.
- GEENEN (Henrique) — *Dois Filósofos Sul Americanos* (Raimundo de Farias Brito e José Ingenieros) — São Paulo, 1931.
- JACKSON DE FIGUEIREDO — *Algumas reflexões sobre a filosofia de Farias Brito* — Rio; *A questão social na filosofia de Farias Brito* — Rio, 1919; *Pascal e a inquietação moderna* — Rio, 1922.
- LAET (Carlos de) — *Relatório concernente ao ano letivo de 1918 (no Colégio Pedro II)* — Rio, 1919.
- LAUDELINO FREIRE — *Estudos de Filosofia e Moral* — Rio.
- LAURO SODRÉ, AUGUSTO MEIRA, REMIGIO FERNANDES, LUCIDIO FREITAS, MATA BACELAR, INACIO MOURA, LUIZ BARREIROS, MECENAS DOURADO, ELMIRA LIMA — *In Memoriam* (Página paraense em homenagem a Farias Brito) — Pará, 1917.
- MARTINS (Henrique) — *Lista geral dos bachareis e doutores que tem obtido o respectivo grau na Faculdade de Direito do Recife desde a sua fundação em Olinda, no ano de 1828 até o ano de 1931.* 2.^a ed. Recife, 1931.
- MONTEIRO (Albino) — *Farias Brito à luz da Teosofia* — Rio, 1920.
- NESTOR VICTOR — *Farias Brito* — Ed. da *Brazileia* — Rio, 1920.
- NOGUEIRA (Hamilton) — *Jackson de Figueiredo, o doutrinário católico* — Ed. Terra de Sol, Rio, 1928.
- NOVAES (Júlio) — *Acusol* — (Opúsculo relativo ao concurso de Lógica no Colégio Pedro II em 1909) — Rio, 1909.

- PATÈR (isto é Roberto PATERSON) — Dos Filósofos brasileiros — Ed. da *Brazilca* — Rio, 1917.
- PONTES (Eloy) — A vida dramática de Euclides da Cunha — Rio, 1938.
- SILVIO JULIO — Terra e Povo do Ceará — Rio, 1935.
- SOMBRA (José) — A idéia do Direito na filosofia de Farias Brito — (tese) — Fortaleza, 1917.
- SERRANO (Jonathas) — Júlio Maria — Ed. do Centro D. Vital, Rio, 1924; *Homens e Idéias* — Rio, Briguet, 1930.
- SUSSEKIND DE MENDONÇA (Carlos) — O que se ensina e o que se aprende nas escolas de Direito do Brasil — 2.^a ed., Rio, 1924.
- TASSO DA SILVEIRA — Jackson de Figueiredo — Rio, 1916.
- TRISTÃO DE ATHAYDE — Estudos (1.^a série): A Estética de Farias Brito — Rio, 1927.
- VEIGA LIMA — Farias Brito e o movimento filosófico contemporâneo — Rio, 1920.
- VENANCIO FILHO (Francisco) — Euclides da Cunha a seus amigos — *Brasiliana*, 142 — São Paulo, 1938.
- XAVIER MARQUES — Dois filósofos brasileiros — Rio, 1916.

Outras obras consultadas:

- CONTI (Augusto) — *Storia della Filosofia* (2 vols.) — Roma, 1900.
- FRANCK (Ad.) — *Dictionnaire des Sciences Philosophiques* — Paris, Hachette, 1885.
- GALANTI (Pe. Rafael) — *História da República* (V vol. da *História do Brasil*) — São Paulo, Duprat & Comp. 1910.
- GRASSET (J.) — *Les Limites de la Biologie* — Paris, Alcan, 1907.

- GUYAU (M.) — Les Problèmes de l'Esthétique contemporaine — Paris, Alcan, 1913.
- RIBOT (Th.) — La Psychologie anglaise contemporaine — Paris, Alcan.
- SERGIPE (A.) — Nova luz sobre o Passado — Rio, Imprensa Nacional, 1907.
- SYLVIO ROMERO — Ensaio de Filosofia do Direito (2.^a ed.) Rio, Alves, 1908.
- SIWEK (Paul) — Spinoza et le Panthéisme religieux — Paris, 1937.
- TOBIAS MONTEIRO — Pesquisas e Depoimentos para a História, Alves, 1913.

Revistas e jornais:

- Annas* — Rio de Janeiro — Ano de 1905, números de 19 e 26 de Janeiro, 9 e 16 de Fevereiro, 16 e 30 de Março, 13 de Abril, 4 de Maio, 15 e 29 de Junho e 28 de Dezembro: artigos de ROCHA POMBO.
- Athena* — revista de ciências, letras e artes — Belém, Pará — n.º 3 de Abril de 1913, artigo de R. MOREIRA DE SOUSA.
- Bibliographo* — Rio - Agosto de 1932 - Artigo de Hamilton NOGUEIRA.
- Brazileia* — Rio — Toda a coleção. 1917-1918.
- Correio da Manhã* — n. de 25 de Setembro de 1937: artigo de João PARAGUASSU — N. de 9 de Outubro de 1918: artigo de Sérgio Afonso da COSTA.
- Dom Casmurro* — Rio, n. de 29 de Abril de 1939: artigo de ALCANTARA NOGUEIRA.
- Diário* — Belo Horizonte — n. de 25 de Dezembro de 1937 e 5 de Fevereiro de 1939.

- Época* (A) — Rio — revista dos alunos da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais — n. de Junho de 1917 — artigo de Carlos SUSSEKIND DE MENDONÇA.
- Estado de São Paulo* — n. de 18 de Janeiro de 1927; artigo de ALMEIDA MAGALHÃES — n. de 26 de Janeiro de 1938: artigo de J. CRUZ COSTA.
- Gazeta* — Fortaleza — n. de 17 de Fevereiro de 1938 — artigo de LEOTA (LEONARDO MOTA).
- Gazeta de Notícias* — Rio — n. de 16 de Janeiro de 1927 — artigo de HAMILTON NOGUEIRA; — n. de 22 de Abril de 1938: artigo de AMILCAR MADEIRA.
- Globo* (O) — Rio — n. de 17 de Janeiro de 1927: artigo de NESTOR VICTOR.
- Imparcial* — Rio — n. de 11 de Abril de 1914: artigo de JOSÉ VERISSIMO.
- Jornal* (O) — Rio — n. de 16 de Janeiro de 1927: artigo de RENATO ALMEIDA.
- Jornal do Brasil* — Rio — n. de 18 de Janeiro de 1938: a data do nascimento de F. B., n. de 12 de Maio de 1939: artigo sobre Farias Brito e os Vicentinos.
- Jornal do Commercio* — Rio. — de 22 de Janeiro de 1917: artigo de ESCRAGNOLLE DORIA — n. de 16 de Janeiro de 1927: artigo de JACKSON DE FIGUEIREDO — n. de 16 de Janeiro de 1937 e 16 de Janeiro de 1939: artigos de ALVARO BOMILCAR.
- Legionario* (O) — n. de 27 de Fevereiro de 1937: discurso proferido pelo Cônego ANTONIO DE PAULA ASSIS.
- Nación* (La) — Buenos Aires — n. de 15 de Janeiro de 1917 e 19 de Fevereiro de 1917.
- Notícia* (A) — n. de 18 de Janeiro de 1927: artigo de TASSO DA SILVEIRA.

- Ordem (A)* — *Orgão do Centro D. Vital* — n. de Janeiro de 1922: artigo de Jackson de Figueiredo (sem assinatura) — n. de Abril de 1931: *O Momento mais feliz da minha vida* — n. de Julho de 1934; artigo de J. Vieira Coelho.
- Paiz (O)* — n. de 12 de Novembro de 1915. (Carta a Jackson de Figueiredo).
- Provincia do Pará* — n. de 24 de Fevereiro de 1938 — Os de Julho de 1902.
- Quinzena* (revista do Club Literário de Fortaleza) — 1887.
- Razão (A)* — (Fortaleza) n. de 14 de Fevereiro de 1938.
- Revista da Academia Cearense* . - t. XI — Pag. 181.

Nota final: CADERNOS DA HORA PRESENTE, revista de Tasso da Silveira e Rui de Arruda, anunciam para breve a reedição da obra completa de Farias Brito, com prefácios de Tasso da Silveira, Pe. Leonel França, Tristão de Athayde, Jônathas Serrano, Almeida Magalhães, Andrade Murier, Plínio Salgado, Barreto Filho e Santiago Dantas. Os números já publicados de CADERNOS trazem excertos de apreciações de varios criticos sobre a obra filosofica de Farias Brito. (1939).

Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais", à rua Conde de Sarzedas, 38 — São Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em dezembro de 1939.

BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

Volume publicados

ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 - Oliveira Vianna: Raça e Assimilação - 2.ª edição (argumentada).
- 8 - Oliveira Vianna: Populações Meridionais do Brasil - 1.ª edição.
- 9 - Anna Euclares: Os Africanos no Brasil - Ilustrações e prefácio de Homero Pires. Parafusamento ilustrado - 2.ª edição.
- 22 - E. Ruyvetter-Pinto: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 27 - Alfredo Ellis Júnior: Populações Paulistas.
- 59 - Alfredo Ellis Júnior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.

ARQUEOLOGIA E PRÉ-HISTÓRIA

- 84 - Angenor Costa: Introdução à Arqueologia Brasileira - Ed. Ilustrada.
- 137 - Anibal Mates: Pré-história Brasileira - Vários títulos - Ed. Il.
- 148 - Anibal Mates: Peter Wilhelm Lund no Brasil - Problemas de Paleontologia Brasileira. Ed. Ilustrada.

BIOGRAFIA

- 2 - Pondú Calogeras: O Marquês do Barbacena - 2.ª edição.
- 11 - Luís da Câmara Cascudo: O Conde d'Lu - Vol. Ilustrado.
- 107 - Luís da Câmara Cascudo: O Marquês de Olinda e seu tempo (1792-1816) - Edição Ilustrada.
- 18 - Visconde de Taunay: Pedra II, 2.ª edição.
- 20 - Alberto de Faria: Mauá (com três ilustrações fora do texto).
- 64 - Antônio Gentio de Carvalho - Calóceras.
- 65 - João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 78 - Lúcia M. Quel-Pereira: Machado de Assis - (Estudo Crítico-Biográfico) - Edição Ilustrada.
- 79 - Cravetto Costa: O Visconde de Sinimbu - Sua vida e sua atuação na política nacional - 1940-1899.
- 81 - Lemos Brito: A Gloriosa Batalha do Primeiro Império - Frei Caneca - Edição Ilustrada.

- 85 - Wanderley Pinho: Coleções e seu Tempo - Ed. Ilustrada.
- 88 - Hélio Lobo: Um Varão da República: Fernando Lobo.
- 114 - Carlos Sôcrates de Mendonça: Sílvio Romero - Sua Formação Intelectual - 1851-1880 - Com uma introdução bibliográfica - Ed. Ilustr.
- 119 - Sua Menção: O Precatório do Abolicionismo - Luiz Gama - Ed. Ilustrada.
- 123 - Pedro Calmon: O Rei Filósofo - Vida de L. Pedro II - 2.ª Edição Ilustrada.
- 170 - Hektor Lyra: História de Dom Pedro II - 1825-1891. 1.ª Vol. "Averção" 1825-1870 - Ed. Il.
- 135-A - Hektor Lyra: História de Dom Pedro II - 1825-1891. 2.ª Volume "Fastígio" (1870-1890) Ed. Ilustrada.
- 135 - Alberto Pizarro Jacobina: Dias Corneio (O Conjurado) - Ed. Il.
- 136 - Carlos Pontes: Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1829-1876.
- 140 - Hermes Lima: Tobias Barreto - A Fúria e o Homem - Ed. Ilustr.
- 142 - Bruce de Almeida Magalhães: O Visconde de Alacô - Ed. Ilustr.
- 141 - V. Corrêa Filho: Alexandre Rodrigues Ferreira - Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro - Ed. Ilustrada.
- 152 - Mário Mates: Machado de Assis, 40 Homens e o Obra. Os personagens exploram o autor. Ed. Ilustr.
- 157 - Otávio Tarquínio de Souza: Evaristo da Veiga - Edição Ilustrada. "Hímnos da República". Ed. Ilustrada.
- 166 - José Benício de Andrade e E. L. V.: O 1.º Império da Independência - Dezembro 1821 a Novembro 1823.

BOTANICA E ZOOLOGIA

- 21 - F. C. Hoehne: Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI - (Pesquisas e contribuições).
- 77 - C. de Melo-Leitão: Zoologia do Brasil - Edição Ilustrada.
- 92 - C. de Melo-Leitão: A Biologia no Brasil.

- 12 — Wanderley Pinho: Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Colégio — Ed. ilustrada.
- 38 — Rui Barbosa: Mocidade e Exílio (Cartas inéditas, Prefaçadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. Ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orléans, comentadas por Max Fleury) — Edição Ilustrada.
- 109 — Georges Harders: D. Pedro II e o Conde de Gubiñeu (Correspondência inédita).
- 142 — Francisco Veríssimo Filho: Euclides da Cunha e seus Amigos — Edição Ilustrada.

DIREITO

- 110 — Nina Rodrigues: As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil — Com um estudo do Prof. Afonso Pinheiro.
- 165 — Nina Rodrigues — O Alieno no Direito Civil Brasileiro — 3.ª Edição.

ECONOMIA

- 90 — Alfredo Ellis Júnior: Avaliação da Economia Paulista e suas Causas — Edição Ilustrada.
- 108 e 108-A — Roberto Simonsen: História Econômica do Brasil — Ed. Ilustrada em 2 tomos.
- 152 — J. F. Normazo: Avaliação Econômica do Brasil — Tradução de T. Quartim Barbosa, R. Prake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
- 155 — Lemos Brito: Pontos de partida para a História Econômica do Brasil.
- 160 — Luiz Amaral: História Geral da Agricultura Brasileira — No triplícipe aspecto Político-Social-Econômico — 1.º volume.
- 162 — Bernardino José de Souza: O Pau-Brasil na História Nacional — Com um capítulo de Artur Nova e parecer de Oliveira Vianna. Edição Ilustrada.

EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 1.º volume — 1923-1953.
- 87 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.º volume — Reformas do ensino — 1854-1888.

- 21 — Primitivo Moacir: A Instrução e o Império (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.º volume — 1884-1899.
- 147 — Primitivo Moacir: A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1925-1959 — 1.º vol. Das Amazonas às Alagoas.
- 147-A — Primitivo Moacir: A Instrução e as Províncias (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1925-1959 — 2.º Volume: Sergipe, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato Grosso.
- 99 — Fernando de Azevedo: A Educação Pública em São Paulo — Problemas e discussões (Inscrito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

ENSAIOS

- 1 — Batista Pereira: Figuras do Império e outros ensaios — 2.ª edição
- 6 — Batista Pereira: Voltos e episódios do Brasil — 2.ª edição.
- 26 — Alberto Rangel: Rumos e Perspectivas.
- 41 — Jerô-nimo Belo: A inteligência do Brasil — 3.ª edição.
- 43 — A. Saloia Lima: Alberto Torres e sua obra.
- 56 — Charles Expilly: Mulheres e Costumes do Brasil — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penha.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: Conselho de Civilização Brasileira.
- 82 — C. de Melo-Ledão: O Brasil Visto Pelos Ingleses.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: A Província — 2.ª edição.
- 151 — A. C. Tavares Bastos: Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
- 116 — Ayrton Augusto de Miranda: Estudos Piauenses — Edição Ilustrada.
- 160 — Roy Nash: A Conquista do Brasil — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição Ilustrada.

ETNOLOGIA

- 33 — J. Roquette Pinto: Rondônia — 3.ª Edição (comentada e Ilustrada).
- 41 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste (com 16 gravuras e mapas) — 1.ª Edição.
- 112 — Estevão Pinto: Os Indígenas do Nordeste — 2.º Tomo (Organização e estrutura social dos Indígenas do nordeste brasileiro).

62 - General Couto de Magalhães: O navegador — 3.ª edição completa, com parte original Tupi-guaraní.
69 — Emílio Rivarola: A vida dos índios Guaicurus — Edição Ilustrada.
75 — Afonso A. de Freitas: Vocabolário Nheengatu (verbalizada pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-Guaraní (com 3 ilustrações fora do texto).

92 - Almirante Antônio Alves Câmara: Enxerto Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil — 2.ª edição Ilustrada.

101 — Herbert Haldus: Ensaios de Etnologia Brasileira — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Edição Ilustrada.

139 — Angilene Costa: Migrações e Cultura Indígena — Ensaios de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. Il.

164 — Carlos Fr. Phill Van Martius: Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros (1814) Trad. Prefácio e notas de Picaia da Silva. Ed. Ilustrada.

163 — Major Lima Figueiredo: Índios do Brasil — Prefácio de General Rondon — Edição Ilustrada.

FILOLOGIA

25 — Mário Marroquim: A fênica do Nordeste.

46 — Renato Mendonça: A influência africana no português do Brasil Ed. Ilustrada.

164 — Bernardino José de Souza: Dicionário da Terra e da Gente do Brasil — 4.ª edição do "Ornamentum Geral da Geografia Brasileira".

FOLCLORE

61 — Flusino Rodrigues Vale: Elementos do Folclore Musical Brasileiro.

103 — Souza Carneiro: Mitos Africanos no Brasil Edição Ilustrada.

GEOGRAFIA

30 — Cap. Frederico A. Rondon: Pelo Brasil Central — Ed. Ilustrada, 2.ª edição.

33 — J. de Sampaio Ferraz: Meteorologia Brasileira.

35 — A. J. Sampaio: Fitogeografia do Brasil — Ed. Ilustrada, 2.ª edição.

53 — A. J. de Sampaio: Biogeografia dinâmica.

45 — Basílio de Magalhães: Expansão Geográfica do Brasil Colonial.

63 — Raimundo Moraes: Na Planície Amazônica — 6.ª edição.

80 — Osvaldo R. Cabral: Santa Catarina — Edição Ilustrada.

56 — Aurélio Pinheiro: À Margem do Amazonas — Ed. Ilustrada.

91 — Orlando M. de Carvalho: O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco — Edição Ilustrada.

57 — Lima Figueiredo: Oeste Paranaense — Edição Ilustrada.

104 — Araújo Lima: Amazônia — A Terra e o Homem — (Introdução à Antropogeografia).

106 — A. C. Tavares Bastos: O Vale do Amazonas — 2.ª edição.

105 — Gustavo Dault: Desejção das Rios Parnaíba e Gurupi — Prefácio e notas de Gustavo Daltrozo — Ed. Il.

GEOLOGIA

102 — S. Fróes Abruc: A riqueza mineral do Brasil.

124 — Pandiá Calógeras: Geologia Económica do Brasil — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tomo 3.º. Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

HISTÓRIA

10 — Oliveira Vianna: Evolução do Povo Brasileiro — 3.ª edição Ilustrada.

12 — Vicente Lucílio Cardoso: A margem da História do Brasil, 2.ª Ed.

14 — Pedro Calmon: História da Civilização Brasileira — 3.ª edição.

40 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 1.ª Edição — Espírito da Sociedade Colonial — 2.ª edição. Ilustrada (com 13 gravuras).

83 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 2.ª Edição — Espírito da Sociedade Imperial. Ed. Ilustrada.

173 — Pedro Calmon: História Social do Brasil — 3.ª Edição — A Época Republicana.

15 — Pandiá Calógeras: Da Regência à queda de Dezas — 3.º volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").

42 — Pandiá Calógeras: Formação Histórica do Brasil — 3.ª edição (com 3 mapas fora do texto).

23 — Evaristo de Morais: A escravidão africana no Brasil.

26 — Alfredo Ellis Júnior: O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano — 2.ª edição.

37 — J. P. de Almeida Prado: Primeiros Povoadores do Brasil — (Ed. Ilustrada), 2.ª edição.

- 47 — Manoel Bomfim: O Brasil — Com uma nota explicativa de Carlos Marz.
- 48 — Urbino Viana: Bandeirões e seta-
distas brianos.
- 49 — Gustavo Barroso: História Militar
do Brasil — Ed. ilustrada (com 50
gravuras e mapas).
- 76 — Gustavo Barroso: História secreta
do Brasil — 1.ª parte: "Do desco-
brimento à abdição de Pedro 1." —
Edição Ilustrada, 3.ª edição.
- 64 — Gilberto Freyre: Subrões e Ma-
cambos — Decadência patriarcal e rari-
dade no Brasil — Edição Ilustrada.
- 69 — Prado Maia: Através da História
Naval Brasileira.
- 82 — Coronel A. Lourival de Moura:
As Fregues Armadas e o Destino His-
tórico do Brasil.
- 93 — Seraphim Leite: Páginas da His-
tória do Brasil.
- 94 — Saleção da Vasconcelos: O Fico
— Minas e os Mineiros da Indepen-
dência — Edição Ilustrada.
- 103 — Padre Antônio Vieira: Per Bra-
sil e Portugal — Sermões comenta-
dos por Pedro Calmon.
- 111 — Washington Luiz: Capitania de
São Paulo — Governo de Rodrigo
César de Menezes — 2.ª edição.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: Trata-
do Descritivo do Brasil em 1587 —
Comentários de Francisco Azeite
Varnhagen — 3.ª edição.
- 123 — Hermann Wätjen: O Domínio
Colonial Holandês no Brasil — Um
Capítulo da História Colonial do Sé-
culo XVII — Tradução de Pedro
Cebal Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: A Corte de Por-
tugal no Brasil — Notas, documen-
tos diplomáticos e cartas da Impera-
triz Leopoldina — Edição Ilustrada.
- 125 — João Dornas Filho: O Padreão
e a Igreja Brasileira.
- 137 — Ernesto Eanes: As Guerras nos
Palmares (Subsídios para sua histó-
ria) 1.º Vol.: Domingos Jorge Velho
e a "Tróia Negra" — Prefácio de
Alonso de E. Taunay.
- 122 e 123-A — Almirante Custódio José
de Melo: O Governo Provisório e
a Revolução de 1893 — 1.º Volume,
em 2 tomos.
- 132 — Sebastião Pagano: O Conde dos
Arcos e a Revolução de 1817 —
Edição Ilustrada.
- 146 — Aurélio Feres: Homens e fatos
do meu tempo.
- 149 — Alfredo Valadão: Da aclama-
ção à maioridade, 1822-1840 — 2.ª
edição.
- 158 — Walter Spalding: A Herança
Ferreopitã (História popular da
grande década — 1835-1845 —
Edição Ilustrada.
- 159 — Carlos Seidler: História das
Guerras e Revoluções do Brasil de
1824-1835 — Trad. de Alfredo de
Carvalho. Prefácio de Silvio Crato.
- 163 — Padre Fernão Cardim: Tratados
da Terra e da Gente do Brasil —
Introduções e Notas do Balthazar
Caciano, Capitão de Abreu e Rodolfo
Garcia — 2.ª edição.
- 170 — Nelson Werneck Sodré: Panora-
ma do Segundo Império.
- 171 — Basílio de Magalhães: Estudos de
História do Brasil.
- 174 — Basílio de Magalhães: O café
— Na História, no Folclore e nas
Belas-Artes.

MEDICINA E HIGIENE

- 20 — Josué de Castro: O problema da
alimentação no Brasil — Prefácio
do prof. Pedro Escudero. 2.ª edição.
- 51 — Otávio de Fritius. Doenças atri-
tanas no Brasil.
- 120 — Afrânio Peixoto: Clima e Saúde
— Introdução bio-geográfica à civili-
zação brasileira.

POLITICA

- 3 — Afelides Gentil: As idéias de Al-
berto Torres — (síntese com índice
remissivo) — 2.ª edição.
- 7 — Batista Pereira: Diretrizes de Rui
Barbosa — (Segunda textos escolhi-
dos) — 2.ª edição.
- 21 — Batista Pereira: Pelo Brasil
Maior.
- 16 — Alberto Torres: O Problema Na-
cional Brasileiro, 2.ª edição.
- 17 — Alberto Torres: A Organização
Nacional, 2.ª edição.
- 24 — Pandiá Calógeras: Problemas de
Administração, 2.ª edição.
- 67 — Pandiá Calógeras: Problemas de
Governo — 2.ª edição.
- 74 — Pandiá Calógeras: Estudos His-
tóricos e Políticos — (Res Nostre...) —
2.ª edição.
- 31 — Azevedo Amaral: O Brasil na
crise atual.
- 50 — Márcio Travares: Projeção Conti-
nental do Brasil — Prefácio de Pan-
diá Calógeras — 3.ª edição ampliada.
- 55 — Humberto Azeite: O Reconhe-
cimento do Brasil pelos Estados Uni-
dos da América.
- 131 — Uildebrando Azeite: Limites do
Brasil — A fronteira com o Para-

- gual — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.
- 84 — Orlando M. Carvalho: Problemas Fundamentais do Município — Ed. Ilustrada.
- 96 — Orório da Rocha Diniz: A Política que Convém ao Brasil.
- 116 — A. C. Tavares Bastos: Cartas do Solitário — 2.^a edição.
- 122 — Fernando Saboia de Medeiros: A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.
- 141 — Oliveira Vianna: O Idealismo da Constituição — 2.^a edição aumentada.
- 169 — Helio Lobo: O Pan-Americanismo e o Brasil.
- 172 — Nestor Duarte: A Ordem Privada e a Organização Política Nacional (Contribuição à Sociologia Política Brasileira).

VIAGENS

- 3 — Augusto de Saint-Hilaire: Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822) — Trad. e prof. de Afonso de E. Taunay. — 2.^a edição.
- 53 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem à Província de Santa Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.
- 69 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 1.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
- 76 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiás — 2.^o tomo — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.
- 126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem pelas províncias de Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição Ilustrada — Tradução e notas de Cláudio Ribeiro de Lessa.
- 167 — Augusto de Saint-Hilaire: Viagem ao Rio Grande do Sul — 1820-1821 — Tradução de Leonam de Azeredo Pena — 2.^a edição Ilustr.
- 18 — Afonso de E. Taunay: Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII), 2.^a edição.
- 25 — General Couto de Magalhães: Viagem ao Araguaia — 4.^a edição.
- 22 — C. de Melo-Letão: Visitantes do Primeiro Império — Ed. Ilustrada (com 19 figuras).
- 62 — Agênor Augusto de Miranda: O Rio São Francisco — Edição Ilustrada.
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: Viagem ao Brasil — 1845-1846 — Trad. de Edgard Suesskind de Mendonça. Edição ilustrada.
- 113 — Gastão Cruz: A Amazônia que eu Vi — Obidos — Tumuc-Humac — prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.^a edição.
- 178 — Von Spix e Von Martius: Através da Baía — Excerços de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas de Maria da Silva e Paulo Wolf.
- 180 — Major Frederico Rondon: Na fronteira Ocidental — Ed. ilustr.
- 145 — Silveira Neto: Do Guráá aos Saltos do Iguaçu — Ed. Ilustrada.
- 156 — Alfred Russel Wallace: Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — Tradução de Orlando Tórres e Prefácio de Basílio Magalhães.
- 161 — Rezende Rubin: Reservas de Brasilidade — Edição Ilustrada.

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

Edições da

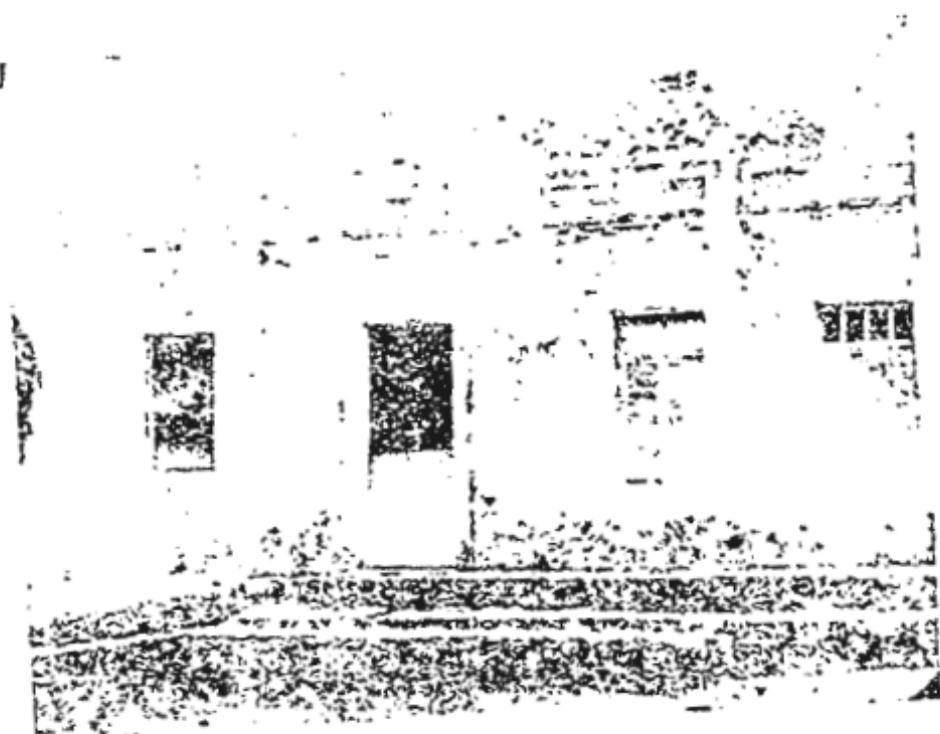
COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo.



FARIAS BRITO

(Fotografia segundo o quadro de Jordão de Oliveira, cópia do Sr. Gulmann Bicho, para o qual o próprio Farias Brito serviu de modelo em 1916 no Rio)



A casa em que nasceu Farias Brito, em S. Benedito, serra da Ibiapaba, Ceará.



D. Ana Bastos, primeira esposa de
Farias Brito.

(Retrato tirado em 1897).



A segunda esposa de Faíns Brito,
D. Ananélia Alves.

(Retrato tirado em 1901).



Farias Brito e sua segunda esposa
D. Ananélia Alves.

(Retrato tirado em 1901).



Farias Brito no Pará em 1905



Julio Maria

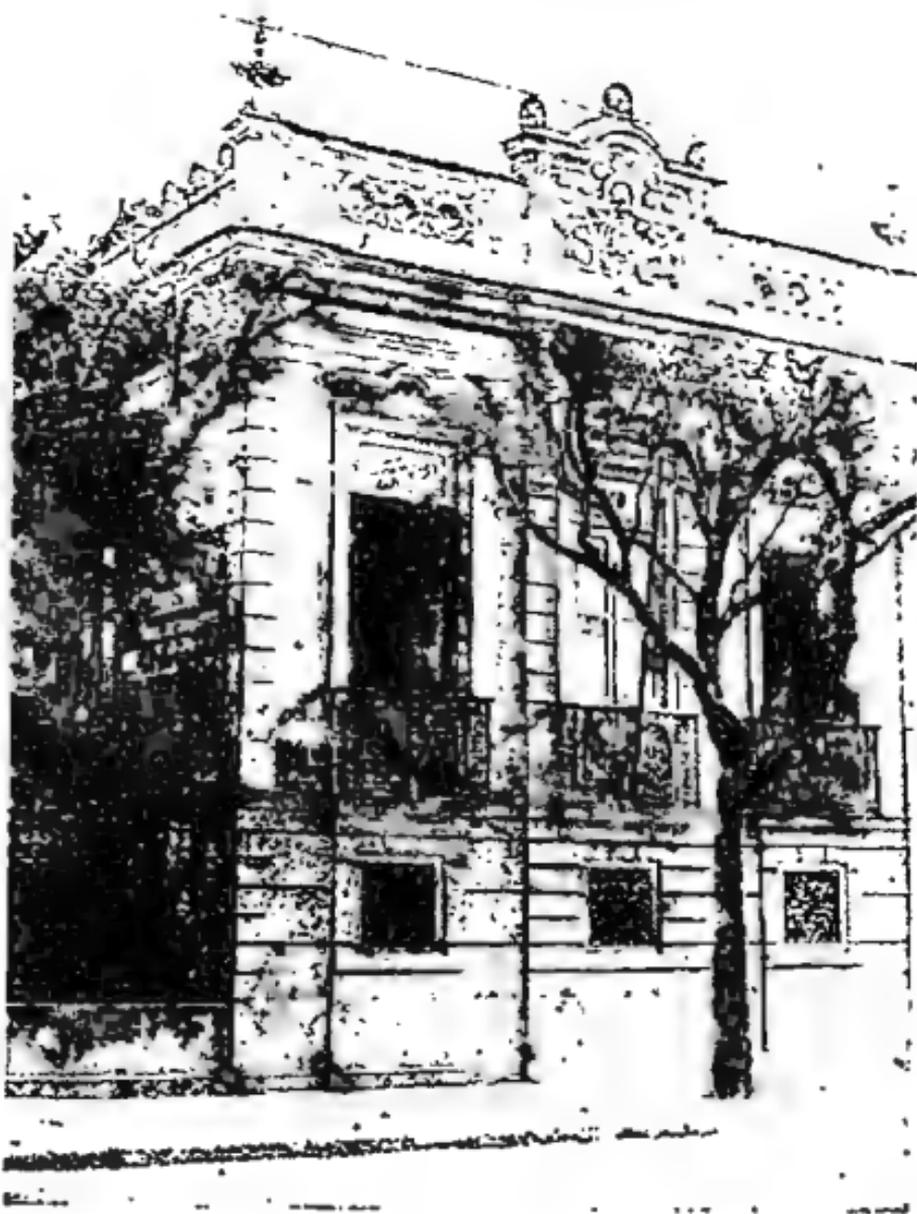
FACULDADE DE DIREITO DO PARÁ



PRIMEIRA COLAÇÃO DE GRAU, EM 1903

<p><i>Da direita para a esquerda:</i></p> <p>PROFESSORES:</p> <p>Farias Brito Napoleão de Oliveira Santos Estanislau Erasmo Chaves Augusto Borborema Arius Lopes Amazonas de Figueiredo Paulo Pinheiro Avertano Rocha (Secretário)</p>	<p>(Fotografado)</p> <p>"</p> <p>"</p> <p>"</p> <p>"</p> <p>(Fotografado)</p>	<p style="text-align: right;"><i>Em pé:</i></p> <p>PRIMEIRA ORDEM:</p> <p>Acauançu Nunes (Fotografado) Ferreira de Sousa " Batista Moreira " Eliezer César "</p> <p>SEGUNDA ORDEM:</p> <p><i>Reservados:</i></p> <p>Augusto Carvalho Martinho de Castro Polya Menezes Castelo Branco</p>
---	---	--

(Fotografia e legenda devida à gentileza do Sr. Dr. Amazonas de Figueiredo, — Belém).



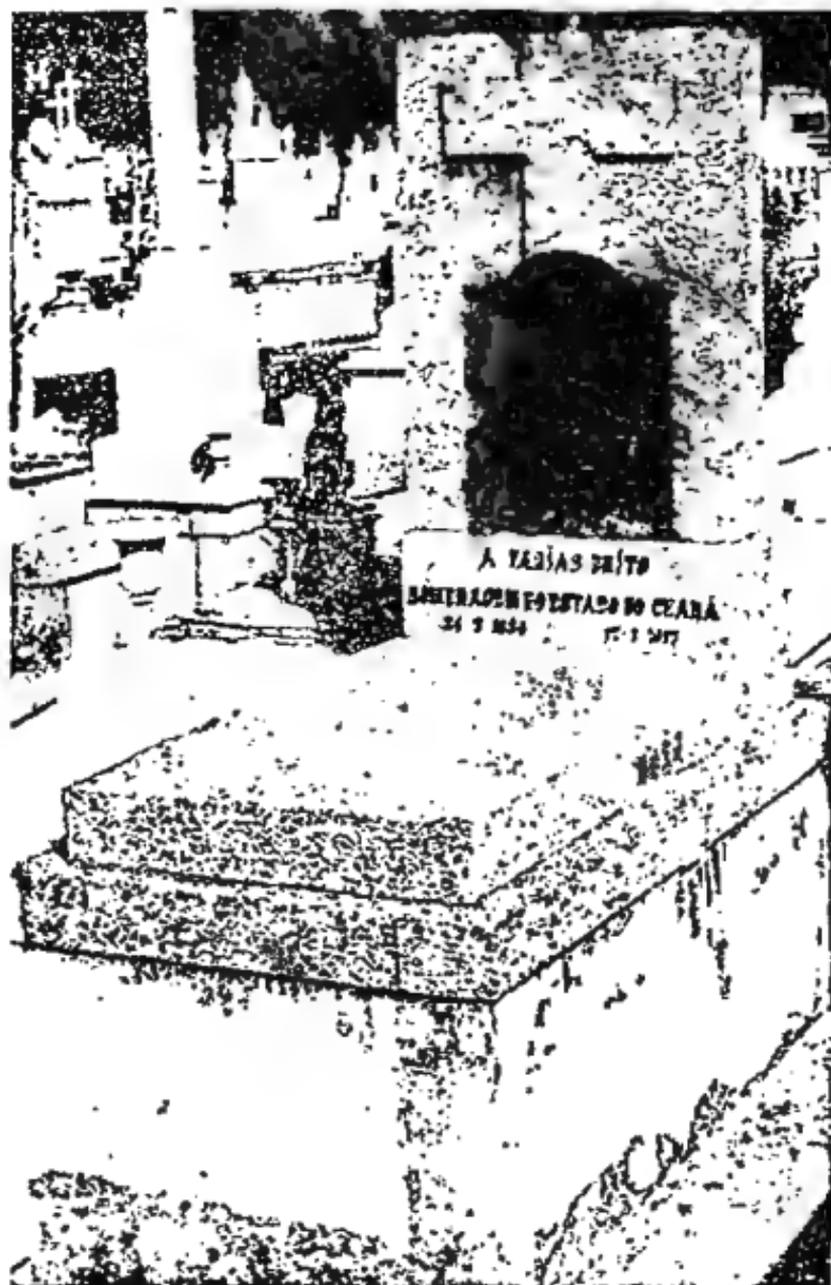
Rua de S. Cristóvão n. 180 (hoje Joaquim Palhares, 695) onde residia Farias Brito quando fez o concurso de Lógica em 1909.



Jackson de Figueiredo



Raymundo de Torres Brito



O túmulo de Farias Brito, no Cemitério de S. Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, antes de ser emendada a data do seu nascimento. (Ainda se pode ver a data 1864).



O túmulo de Farias Brito, no Cemitério de S. Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, já com a data 1862.



Grupo tirado em 16 de Janeiro de 1939, na matriz de S. Cristóvão, vendo-se, entre os presentes, várias pessoas da família de Farlas Brito, amigos e admiradores.



Fotografia tirada a 16 de Janeiro de 1939, junto ao túmulo de Fariás Brito, no Cemitério de S. Francisco Xavier, no Rio de Janeiro, já tendo sido emendada para 1862